

OS PÓS MODERNOS
OU
A CIDADE, O SECTOR JUVENIL E AS DROGAS
ESTUDO TEORICO-METODOLÓGICO E PESQUISA DE TERRENO

Luís Fernandes

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade do Porto

272

Centro de Psicologia do Comportamento Desviante
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação
Universidade do Porto
1990

OS PÓS MODERNOS OU A CIDADE, O SECTOR JUVENIL E AS DROGAS

- ESTUDO TEORICO-METODOLÓGICO E PESQUISA DE TERRENO -

José Luís Lopes Fernandes

*Trabalho realizado para efeitos de Provas de Aptidão
Pedagógica e Capacidade Científica, sob a orientação do
Prof. Cândido da Agra.*

112 TEN/79

Este trabalho integra-se no projecto *Comportamento auto-organizado dos sistemas psíquicos*, dirigido pelo Prof. Cândido da Agra e financiado pela Reitoria da Universidade do Porto

ÍNDICE

	Pág.
INTRODUÇÃO.....	VI
✦ PARTE A: DAS FIGURAS DISCURSIVAS DO FENÓMENO DROGA	1
 CAPITULO I: NOVIDADE E DISPERSÃO 1.	2
✦ 1. NOVIDADE E DISPERSÃO !.....	3
✦ 2. ALGUNS ESCLARECIMENTOS TERMINOLOGICOS	6
 CAPITULO II: ABORDAGENS DESCRITIVAS E TEORICO-EXPLICATIVAS DO FENOMENO DROGA	20
✦ 1. CLINICA DAS TOXICOMANIAS	21
↓ 1.1. Os principais quadros clínicos	23
✦ 1.2. A personalidade do toxicómano	24
- Toxicofilia -	24
- Estados-limite -	25
1.3. Compreensão psicanalítica do toxicómano	28
- Epidemia: o antes e o depois -	29
- Depressão, regressão, identificação -	31
- Kleinianos -	33
- Lacanianos -	34
- Instâncias parentais -	34
2. TEORIAS COMPORTAMENTALISTAS E COGNITIVISTAS	38
✦ 3. PARA LA DO INDIVIDUO	42
✦ 3.1. Do clínico ao histórico-social	44
✦ 3.2. Antropo-história psicadélica: o uso integrado das drogas	47
✦ 3.3. Microsociologia e antropologia urbana psicadélicas: usos desviantes das drogas	50
3.3.1. novas direcções investigativas e crítica do conceito de patologia	52

↓ 3.3.2. subculturas	57
- o que é uma subcultura?	59
- subculturização -	61
- subculturas das drogas -	62
- "como fumar erva" -	66
 CAPITULO III: NOVIDADE E DISPERSÃO 2.	74
↓ 1. SINTESES CRITICAS DA DISPERSÃO DAS ESTRATÉGIAS TEORICAS	76
1.1. Redefinir a teoria reorganizando os métodos	76 x
1.2. A imaginação investigativa	78
↓ 1.3. Dos discursos que dizem a droga ao que a droga diz dos discursos: a toxicodepen- dência, um analisador epistémico	81
1.4. Níveis de integração	89
2. NOVIDADE FENOMENAL E NOVIDADE DO OBJECTO	92
 PARTE B: DAS FIGURAS PERCEPTIVAS NO FENÓMENO DROGA	97
 CAPITULO I: ENQUADRAMENTO TEORICO-EPISTEMOLOGICO DA METODOLOGIA	99
1. Posições perceptivas dominante e proximal	101
- o olhar clínico e o olhar naturalista	103
- pluridimensionalidade e conjunturalidade	108
 CAPITULO II: METODOLOGIA	118
1. A materialidade do objecto droga	119
↓ 2. Recortar o objecto, definir o método	123
3. Uma pesquisa de terreno sobre o fenómeno droga em contexto urbano-industrial	128
↓ 3.1. A pesquisa de terreno	128

3.2. Estudar o fenómeno droga na rua	128
3.2.1. a observação	136
3.2.2. as histórias de vida	143
3.2.3. documentação	150
3.2.4. instrumento de listagem de preferências musicais e de associações música/drogas	153
3.2.5. selecção da unidade de estudo	158
 CAPITULO III: RESULTADOS	162
1. O Porto: do portucálem dos romanos à cidade industrial de hoje	163
2. Ribeira-Barredo concentrador juvenil: um espaço quente	169
3. Características de alguns dos relacionamentos do sector juvenil urbano com as drogas: o "junkie" e o "freak flauta"	175
4. Elementos para uma subcultura da "ganza"	183
4.1. A droga como tema nos bares e esplanadas	184
4.2. O paradoxo espacial das drogas: omnipresença e disseminação ínfima	189
4.3. Sistemas de leitura óptica: os visuais juvenis, ou o corpo como emissor de sinais	193
- As sensibilidades juvenis -	193
- As semiologias subculturais juvenis -	194
- categorizações por leitura óptica -	196
4.4. Rock e drogas	200
5. Uma trajectória do fenómeno: da "ganza em círculos restritos" ao "junkie" dos anos 80	206
A - antes do 25 de Abril de 1974	209
B - depois do 25 de Abril de 1974	212
- entre 1977 e 1979: a "onda speed" e "fazer farmácias" -	214
- 1980: a eclosão da heroína	217
 ANEXOS	222
 BIBLIOGRAFIA	262

*'Mas com os pós modernos nada complicados
sentimo-nos realizados*

*Ah! Os pós modernos agarram na angústia e
fazem dela uma outra indústria'.*

Rui Reininho, Pós Modernos

Procurar estados de consciência alternativos àquele que é dominante e designamos por palavras como "lúcido", "normal", etc. é uma velha conduta dos homens. Mas a instalação progressiva desta velha conduta no sector juvenil, sob formas e usos mutantes que a afastam das ancestrais raízes psicadélicas, é um fenómeno só com algumas décadas. A cidade é o palco privilegiado deste novo hábito de intoxicação que se expande por uma grande quantidade dos nossos contemporâneos, que utilizam uma gama de produtos psicoactivos naturais, refinados e sintéticos - a cidade é o palco dos *pós modernos*. Este trabalho debruça-se sobre eles, sobre esta nova conduta do sector juvenil e procura elementos para a caracterização da sua ecologia.

INTRODUÇÃO

O texto que agora introduzimos é o produto com aspecto relativamente ordenado daquilo que constituiu, ao longo de alguns anos, um exercício de investigação: teórica e empírica. As grandes divisões que o cindem - PARTE A e PARTE B - relacionam-se com esta distribuição: a PARTE A dá conta duma investigação teórica, feita sobretudo da identificação, análise e posicionamento crítico em relação ao segmento legitimado como científico do campo discursivo do objecto droga; a PARTE B, começando ainda com questões teóricas da epistemologia e dos fundamentos que fornece para uma crítica e uma tomada de decisão sobre os métodos de investigação a seleccionar, prolonga-se depois com a descrição dum trabalho empírico realizado a partir duma determinada posição teorico-metodológica escolhida.

Talvez possamos reformular dum modo mais simples a sequência do texto e dizer que não foge, afinal, àquela regra bastante clássica de proceder à síntese do campo teórico sobre um objecto, de seleccionar, justificar e pormenorizar um método e de terminar com a apresentação dos resultados. Daí termos começado por dizer que ele é um alinhamento relativamente ordenado, o que é sempre a imagem final que oculta o processo de construção e é por isso em certa medida algo enganosa. Quando vemos o edifício pronto já não nos damos ao trabalho de recordar os andaimes, as gruas, as guias de suporte, a areia no chão e o tijolo partido - nem nos ocorre que aquele edifício podia servir para contar a odisseia dos operários, o absentismo que foi atrasando a obra e, mais drasticamente, os trambolhões dos andaimes abaixo... Quisemos, por isso, também contar algo do processo de construção do trabalho de investigação, procurando que transparecesse no texto - se um dos sentidos dumas provas é avaliar a capacidade científica, então deve relatar uma trajetória, deve relatar um itinerário e resistir à tentação de mostrar só o produto final. Gostaríamos mesmo, se tal não fosse bizarro dentro do contexto académico que enquadra este

trabalho, de incluir um anexo final com os sucessivos manuscritos de guiões da investigação (ideias a desenvolver, planos de terreno a executar, hipóteses a trabalhar, procurar quem para tal informação, ir aonde...); seria o anexo que registava os rabiscos, as ideias falhadas, as hipóteses que depois se revelavam fantasistas. Se cada texto científico que se produz contivesse um anexo destes poderíamos dar-nos a nós próprios uma outra imagem da ciência, em que a sua trajectória, tal como no-la descreveu Paul Feyerabend, apareceria "tão complexa, caótica e cheia de erros como as ideias que contém. E estas serão tão complexas, caóticas e cheias de erros e divertidas como as mentes de quem as inventou". Guardemos para o início da PARTE B o discurso crítico sobre a ciência e agora prossigamos com a introdução.

Depois de concluído (demo-lo várias vezes por concluído...) acabámos por concluir que o sítio onde se decide concluir é sempre arbitrário. Por isso omitimos aquele capítulo final obrigatório no ritual dos textos que é a conclusão. Terminamos singelamente com um ponto final na última frase que se nos ofereceu escrever sobre os resultados da investigação. Modo seco de terminar - voltando ao edifício: pusemos as telhas, mas não as envernizámos. Este não é ainda portanto o texto perfeito, aquele que gostaríamos de mostrar como símbolo da capacidade individual de realizar o produto intocável. Esse está por escrever - e tranquiliza-nos aqui o exemplo dos grandes mestres da ciência e do pensamento, que fazem da obra seguinte a revisão das provas em que sempre se torna a obra concebida anteriormente. As provas servem para provar, que é um acto que legitima um começo, e não um patamar de acabamentos.

Só que os próprios começos não começam duma vez. Os objectos que a ciência elege, ensinou-nos Foucault, não preexistem ao entendimento, esperando quietos que os saltos da ciência os libertem do anonimato. Antes se constróem como objectos, que é o mesmo que dizer que ascendem à possibilidade de serem aquilo que uma prática discursiva se obsecciona em dizer. Assim o objecto se contorna de enunciados, assim os conceitos o recortam, assim as teorias o fixam

na epistemo-história. Todo o começo, pois, exige dizer-se. Retomamos a necessidade de falar da construção. O início da PARTE A e grande parte da B falarão deste começo e desta construção. Falarão da forma como o objecto científico não possui a exterioridade absoluta dos sólidos no vácuo e se liga aos percursos epistémicos da ciência e aos ontogénicos do investigador. Dupla tomada de consciência, pois: epistémica e biográfica. Objectivamo-la dentro do possível para que façamos das nossas opções no campo científico escolhas mais de razão do que flutuações do acaso, seguindo com cuidado as recomendações de Bachelard sobre a necessidade de psicanalizarmos o nosso espírito científico, ou as de Cândido da Agra para que sejamos capazes de tomadas de consciência epistémica.

Reparamos agora que já falámos em vários nomes. Estaremos a falar de indivíduos com quem contraímos dívida intelectual? Sem dúvida, e seria agora altura de encetarmos outro momento habitual na introdução dum trabalho, que é o de enunciar a lista dos indivíduos sem os quais ele teria sido impossível. Deveríamos talvez começar pelo pessoal dos cuidados materno-infantis, que nos vigiou o crescimento encefálico, e prosseguir lembrando alguns indivíduos, muitíssimo anónimos, cuja sabedoria impediu que sucumbíssemos aos choques do mundo. De modo que é tão incomensurável a tarefa de agradecermos, que nos limitamos a anunciar com prazer que estamos vivos e que o ponto possível em que nos encontramos é o resultado disso mesmo: o lugar construído por uma multiplicidade de interacções e encontros, alguns dos quais decisivos no instaurar de novos caminhos, e cuja indeterminação é a garantia de que não há nenhum sistema de racionalidade capaz de construir um mecanicismo que nos congele a liberdade e a diferença. Ou seja, talvez afinal não haja dívidas e isso não passe dum infernal hábito de agradecermos que nos vem desde o "muito obrigado minha senhora" dos rebuçados da infância. Quem se sentir implicado nas interacções, nas tais decisivas, e sinta que alguma parte daquilo que faço não seria igual sem o encontro consigo, poderá talvez chamar-me a atenção para tal

singularidade. Passaríamos então a escrever introduções que conteriam uma lista não de agradecimentos mas de encontros vitais e fixassem assim os momentos criadores da nossa individualidade.

Mesmo assim não podemos deixar de reparar que referimos críticos da ciência - o que é natural, uma vez que apresentamos um trabalho que versa sobre construções científicas (as teorias sobre um objecto; os métodos de investigação; os resultados duma investigação particular); e, dado que o objecto é a droga, talvez também tivesse sido natural referirmos especialistas da droga. Correndo o risco de ser pouco originais, seríamos obrigados a falar do encontro com a obra de Olievenstein - pela autenticidade e pela sabedoria que encerra, pela paixão que revela. Reparamos agora que, mais do que os conteúdos, foi a atitude aquilo que dela retivemos. Mas os especialistas da droga que mais intensamente nos marcaram foram os próprios consumidores de drogas, aqueles que nos permitiram aperceber o fenómeno de perto, sem desconfiarem das intensões que o meu estatuto universitário teria na manga, aturando pacientemente aquela curiosidade excessiva que faz dos investigadores pessoas incomodativas e despropositadas e ensinando-me a ver a cidade, o consumo de drogas e os comportamentos ditos desviantes através duma outra possibilidade perceptiva. Depois de tal possibilidade vi-me obrigado a mediatizar as mensagens dum "combate à droga" como imperativo nacional e como requisição de serviço aos técnicos das ciências humanas, sempre que elas correspondem à manifestação do nosso próprio medo perante sinais de transformação das formas de socialidade actuais e à manifestação da nossa própria intolerância perante margens da cidade que fantasiámos ninhos de todos os vícios. Talvez esta tivesse de ser a matéria da conclusão que não escrevemos: a reflexão sobre o estado de governo das nossas sociedades urbanas, que a droga permite ler, enquanto objecto-paradigma da reacção às formas mutantes de existência. E as principais mutações continuam a estar, ainda hoje, não no registo genético induzidas pela submersão no caos das

fugas nucleares, mas no registo psicológico da programação/desprogramação dos estados de consciência de que a droga é o potenciador.

De que fala, afinal, então este trabalho? Já anunciámos genericamente os objectivos da PARTE A e da PARTE B. Especifiquemos agora, para terminar, cada uma delas.

Na PARTE A inicia-se o I CAP. constatando a dificuldade de operar uma síntese do adquirido sobre o fenómeno droga, pois ele manifesta-se discursivamente através de dispersões; haverá linhas que, por sob esta dispersão, lhe organizem a sua manifestação? O CAP. II realiza a passagem pelas diferentes teorias do fenómeno droga, tendo um carácter sobretudo descritivo e procedendo a um primeiro nível crítico de cada um dos grandes grupos teóricos apresentados. No CAP. III retoma-se a questão em aberto desde o início - daí repetir-se o título do CAP. I -, respondendo-lhe a partir do material fornecido pelo CAP. II.

Que nos abre como possibilidade o exercício descritivo e crítico de toda a PARTE A? Em que pode informar a nossa inscrição como sujeitos produtores de discurso no campo enunciativo que acabámos de analisar? Eis o programa da PARTE B, ao longo dos CAP. I e II, secção 1. As secções 2. e 3. do CAP. II, bem como todo o CAP. III, são a materialização, no acto de investigação, do exercício teórico-epistemológico anterior.

Apenas mais um esclarecimento: na PARTE A, CAP. I, secção 2., introduzimos um espaço destinado à precisão terminológica e à definição cabal de conceitos centrais ao longo de todo o texto. Hesitámos, então, em escrever um capítulo básico, no capítulo que fornecesse "as bases das drogas": os conceitos habitualmente manipulados (é o termo...) a seu respeito, uma classificação das substâncias consideradas drogas, uma descrição dos efeitos de cada uma... O carácter, chamemo's-lhe enciclopédico, duma secção que se propusesse esta exaustividade alargaria em demasia a escrita, mais não fazendo além disso do que

repetir o que se encontra em inúmeros textos básicos sobre o tema. Definimos pois aquilo que nos pareceu indispensável para não deixar margens de (muita) ambiguidade à linguagem que se emprega, e no resto optámos por considerar que o texto, pelo próprio contexto institucional que o motiva e pelo público restrito a que se dirige, dá como certo que tal plateia dispensa maiores preâmbulos. Eis-nos, pois, chegados às águas exigentes em que navega o círculo dos especialistas - e abra-se sem mais o debate, que é aquilo para que deve servir um texto.

PARTE

A

DAS FIGURAS DISCURSIVAS DO FENÓMENO
DROGA

CAPÍTULO I

NOVIDADE E DISPERSÃO 1.

1. NOVIDADE E DISPERSÃO

Quisemos começar este texto traçando dum modo claro, nas suas principais linhas de força, as grandes direcções investigativas e as grandes aquisições explicativas do discurso da ciência sobre o uso de drogas e a toxicodependência.

Teríamos assim uma primeira parte cuja limpidez enunciativa nos deixasse perante aquilo que os cientistas dos fenómenos humanos sabem hoje sobre o uso e abuso de drogas. Tarefa de cronista, a nossa - balanço do deve/haver do conhecimento científico sobre o tema. Enquadraríamos depois o modesto contributo que o labor investigativo próprio trouxe ao conhecimento de tão complexo assunto - e frizaríamos esta complexidade, ritual do início de todo o texto científico através do qual o autor pede desculpa à realidade. Teríamos assim a matéria dos capítulos seguintes - e da tarefa de cronista passávamos à de cientista, dando-nos por cumpridos os objectivos.

Infelizmente este modo alinhado de proceder revelou-se rapidamente impossível. É que os outros indivíduos que, como nós e antes de nós, decidiram que estudariam o fenómeno, têm-no feito a partir de *dispersões*:

. *dispersão do objecto*: "droga" não quer dizer sempre a mesma coisa. Não há correspondência unívoca entre o nome e a(s) coisa(s) que designa. "Uso de drogas" é, por sua vez e muito frequentemente, conceptualizado como se designasse "toxicodependência".

. *dispersão do enunciado*: os indivíduos com preocupações/estatuto científicos produzem com demasiada frequência enunciados valorativos, com carga ideológica, com função de controle social; e os indivíduos com preocupações/vocação humanitária, policial, terapêutica, jornalística, de "cruzada", tendem a produzir com frequência enunciados que se pretendem científicos.

Donde, então, partir para o resumo? De todo o saber sobre drogas e quem as usa? Se assim fosse, isso equivaleria a incluir o discurso dos mass media, o discurso da ordem (regulamentos, leis, disposições), o discurso moral, o do senso comum... Enfim, equivaleria a determo-nos sobre o dispositivo discursivo do uso de drogas e da toxicodependência; ou partir apenas do segmento desse saber que se passou para cá do limiar de cientificidade?

.dispersão da teoria: da bioquímica (estudos sobre neuromediadores, sobre as endorfinas, sobre a neurofisiologia da dependência), da medicina geral (efeitos das drogas sobre os sistemas do corpo; dependência física; clínica da abstinência), da psiquiatria (associação do uso de drogas com síndromas psiquiátricos), da psicanálise (relações de objecto no toxicómano, estruturas adictivas/traços funcionais do adicto, economia do afecto depressivo, perturbações da identificação, regressão, relações precoces), da epidemiologia (incidência; factores de risco), da psicologia (comportamentalistas - reforço negativo/reforço positivo no abuso de psicoactivos; investigações descritivas e estatísticas com base em escalas, inventários, questionários, testes), da sociologia (microgrupo adolescente, macrogrupo societário, factores sociológicos holísticos da toxicodependência), da antropologia cultural (ritos e mitos das plantas psicoactivas, dimensão tribal dos estados alterados de consciência, farmacopeia psicadélica), das sociologia e antropologia urbanas (a cidade, o bairro, a ecologia urbana delinquente/drogada, a subcultura toxicodependente, os movimentos juvenis urbanos - neo-tribalismo psicotrópico -, os bandos), do direito penal (leis específicas da toxicodependência; tráfico e abuso de estupefacientes; agravantes/atenuantes da toxicomania; tratamentos previstos pela lei penal; influência da toxicodependência sobre o sistema penal).

.dispersão do lugar institucional: a universidade, os centros de profilaxia da droga, os hospitais psiquiátricos, os hospitais gerais, as polícias, os tribunais, as prisões, as comissões de peritos...

. *dispersão de vontades*: de descrever, de explicar, de intervir, de responder ao pedido social de controle do desviante, de reprimir, de excluir, de reforçar o poder científico-institucional (os líderes dos dispositivos da droga), vontade voyeurista (o drogado gera ambivalência repulsa/rejeição versus atracção de lhe espreitar a diferença), vontade masoquista (acreditar a "decadência dos valores" a partir do sinal revelador que seria a "decadência" do drogado, ou sofrer o mundo através da "desgraça", da "praga", do "flagelo" da droga), vontade exibicionista (a proliferação dos "especialistas" dos mais variados quadrantes, e concretamente proliferação de conferências, sessões de sensibilização, jornadas anti-droga...)...

. *dispersão de processos*: investigando, sintetizando a experiência clínica, especulando (não há aqui, sempre, mútua exclusividade de processos; mas há dominância de alguns deles sobre os outros).

Há, pois, uma aparência de desordem nos esforços interventivos, de carácter discursivo ou não, em torno do fenómeno da droga - o que torna a sua sistematização artificial e, provavelmente, sujeita à arbitrariedade e ao reducionismo involuntários. Limitar-nos-emos a um exercício de sistematização dos discursos *clínico, psicológico e psicopatológico*. e abordaremos brevemente contributos da *antropologia* e da *sociologia* às grelhas de leitura do fenómeno droga, de modo a podermos esboçar uma visão de conjunto. Deixaremos, por sua vez, de lado as ciências da infraindividualidade, como a bioquímica ou a neurofisiologia, e as da supraindividualidade, como o direito penal ou a epidemiologia - que, desenhando o risco das populações e delimitando populações de risco, informa as estratégias sanitárias e de prevenção do fenómeno.

A acrescer à dispersão discursiva, ela própria um fenómeno de que faríamos objecto se isto fosse um ensaio de epistemologia, vem ainda complicar a tarefa a que, ao início, chamámos de cronista, a ausência duma perspetivação

histórica. Com efeito, a toxicodependência e o uso de drogas só se recortam como objecto nomeado numa forma sistemática pelo discurso das ciências há relativamente pouco tempo - os anos 60 aparecem como o arranque para uma produção científica assinalável, e, se nos reportássemos a Portugal, teríamos de esperar pela segunda metade dos anos 70. O objecto droga tem um carácter de novidade, tem uma aparição recente no campo perceptivo dado aos investigadores das ciências humanas. Estamos no momento quase inicial, no instante ainda pouco claro em que as direcções se tentam - impossível o recuo perspectivante, se o quisermos muito límpido e lúcido. Alegremo-nos, porém: se perdemos em clareza, ganhamos ao menos o privilégio de nos sentirmos no centro da história - desta história particular.

Que prepara, afinal, esta constatação das dispersões de objecto, de enunciados, de teorias? Antes, precisamos de percorrer as abordagens descritivas e teorico-explicativas do fenómeno droga - um exercício em que se procurará a clareza da síntese e a economia descritiva e que ocupará todo o capítulo seguinte. Precisamos também de encontrar um consenso na linguagem, para que assentemos já de início o léxico que serve de instrumento a conceitos centrais de todo este texto - a secção seguinte deter-se-á sobre alguns esclarecimentos terminológicos, de modo a que façamos corresponder a cada nome (p.e. o de droga, o de toxicodependência...) uma e a mesma coisa. E retomaremos então, no CAP. III, sentidos possíveis para esta primeira constatação.

2. ALGUNS ESCLARECIMENTOS TERMINOLÓGICOS

Começemos por aquilo em que todos os estudiosos do fenómeno droga estão de acordo: se bem que a utilização de drogas seja uma conduta quase tão velha como os homens - há evidência histórica de que em todas as épocas se

utilizaram substâncias indutoras de estados alternativos da consciência - a utilização das drogas pela juventude é um fenómeno recente.

Tal como Boring dizia da psicologia, estamos perante algo com um longo passado, mas com uma curta história. Mesmo curta, é volumosa - tal a produção científica (entre outras) que tem suscitado.

São as grandes linhas desta produção que tentaremos tornar visíveis: realizando o exercício da contracção sintética, em poucas páginas, do discurso produzido por sujeitos com preocupações e estatuto científicos - e sempre que este discurso tome centralmente o indivíduo, seja no seu funcionamento psicológico e na experiência de si com os outros, seja no seu enquadramento social e, mais geralmente, cultural.

Antes, porém, entendamo-nos sobre algumas palavras-chave que designam conceitos centrais a utilizar: *droga*, *toxicodependência*, *uso de drogas*, *toxicodependente*. Estas, por sua vez, obrigam-nos a breves explicitações doutras: p.e., qual a diferença entre *consumo* e *uso(s) de drogas*? O que é o *síndrome de abstinência*? E a *dependência física*? E a *tolerância*? Qual a utilidade do conceito de *carreira* ou *itinerário* de toxicodependente? Quem constitui o *sector juvenil*? Quanto ao termo *escalada*, será definido durante a secção 1. do capítulo seguinte, por razões de organização do texto.

. *droga*: "é um termo vago, equívoco, que inclui substâncias perfeitamente heterogéneas, imprecisamente definidas, impossíveis de reunir sob uma única etiqueta, ao mesmo tempo que exclui indevidamente outras. Por outro lado o termo está carregado de conotações negativas irracionais" (Jervis, 1977). A afirmação de Jervis sintetiza bem uma problematização presente no discurso de muitos especialistas relativamente àquilo que parecia ser uma coisa simples - saber o que é a droga. Se ela é em primeiro lugar uma substância procurada pelas suas propriedades químicas, talvez lhe devêssemos encontrar a definição partindo desse facto; foi, de resto, o caminho seguido tanto pela UNESCO, em textos informativos sobre o "problema da droga", como pela OMS:

droga "é toda a substância que, pela sua natureza química, afecta a estrutura e o funcionamento do organismo" (Kramer e Cameron, citados por Comas, 1985; Nowlis, 1975). Tanto Kramer e Cameron como Nowlis propuseram esta definição em textos difundidos pela OMS e pela UNESCO em 1975. Ela poderia ter a vantagem de eliminar as conotações negativas irracionais a que Jervis se refere - a linguagem denotativa da farmacologia assegurar-lhe-ia a neutralidade. No entanto, a demasiada generalidade e o referencial exclusivamente farmacológico da definição retiram-lhe operatividade. Se a droga se pudesse definir no plano estritamente farmacológico deveríamos falar dela sempre no plural e dizer, p.e., "o problema das drogas". Com efeito, a procura de substâncias psicoactivas incide tanto sobre produtos euforizantes como sobre os seus contrários, incide tanto sobre estimulantes como sobre os seus contrários, incide tanto sobre produtos cujo efeito dura prolongadas horas como sobre outros que "duram" cinco minutos... Pelo lado das propriedades químicas a procura das drogas pareceria incoerente e dispersa, submetida a padrões contraditórios por vezes no mesmo indivíduo e durante o mesmo dia...

Jervis avança com uma definição para além da farmacologia: droga é todo o conjunto de substâncias químicas "introduzidas voluntariamente no organismo com o fim de modificar as condições psíquicas e que, enquanto tal, criam mais ou menos facilmente uma situação de dependência no sujeito" (Jervis, 1977). Seleccionámos esta definição de entre as várias disponíveis nos textos da especialidade por ser aquela que, em relação à definição proposta pela farmacologia, sem negar a necessidade do facto químico em si, o subordina ao plano psicológico: a substância retira a sua qualidade de "droga" ao ser manipulada voluntariamente por um indivíduo com o fim de interferir nas suas próprias vivências psíquicas. É, parece-nos, na desprogramação dos estados psíquicos habituais e na reprogramação de estados alternativos que emerge a primeira conotação irracional, retomando a expressão de Jervis, ligada à palavra

"droga"⁽¹⁾. Descentrando-a da possibilidade de se objectivar farmacologicamente, recentra-a na relação com o indivíduo: a "droga" é sobretudo um comportamento que utiliza instrumentalmente um produto químico determinado.

Parece-nos, pois, que ela se define desde logo em função dum primeiro nível transgressor: o psicológico. O indivíduo interferiria na sua programação psíquica, pagando o custo duma futura situação de dependência.

Esta possibilidade de criar dependência no sujeito, contida na parte final da definição de Jervis, tem sido tomada tradicionalmente como delimitadora do que é a droga. A *dependência física*, que segundo a OMS é o estado de adaptação que se manifesta por transtornos físicos internos quando se suspende a administração da droga, teria a sua manifestação mais visível no *síndrome de abstinência*: conjunto dos sintomas físicos e psíquicos resultantes da supressão brusca da ingestão duma droga da qual há dependência física. Entre dependência física e síndrome de abstinência há, pois, circularidade: para este se manifestar é preciso haver dependência, esta reconhece-se se aquele se manifesta. A *tolerância*, por sua vez, e ainda segundo a OMS, é o estado de adaptação caracterizado por diminuição de resposta a uma mesma quantidade duma droga determinada. Consequência: para se continuarem a experimentar efeitos semelhantes é necessário aumentar a dose, facto que não acontece, porém, com todas as substâncias classificadas como drogas.

As noções de dependência, tolerância e síndrome de abstinência encontram-se já descritas na obra pioneira de Louis Lewin (1850-1929), fundador da farmacologia moderna das drogas e estudioso de aspectos antropológicos das substâncias psicoactivas em contextos culturais diversos. Em 1871 descreve pela

(1) A opção por estados psíquicos alternativos é ligada pelas representações sociais do fenómeno à desordem mental, à desrazão e ao descontrole. A droga seria a primeira loucura investida de desejo na história do Ocidente (Agra, 1982 b). Desenvolveremos esta temática no CAP. III secção 1.3. A reacção social repressiva em relação à "política do êxtase" (Cooper, 1974) que afirmava uma posição existencial e política a partir da vivência das drogas alucinogéneas (encontramos elementos da "política do êxtase no movimento hippie) é a este respeito paradigmática.

primeira vez um caso de dependência da morfina, a que chamou "morfinismo"; em 1879 publica OBSERVAÇÕES SOBRE 110 CASOS DE DROGADICÇÃO, "que marcaram o início da preocupação pública, médica e política pelos problemas relacionados com a dependência de drogas" (Comas, 1986); em 1924 publica PHANTÁSTICA, "um texto de grande difusão que depressa se considerou a 'bíblia' das drogas". Estabeleceu também a noção de *efeito principal* característico de cada droga, entendido e descrito em termos psicológicos: euforizante, alucinogéneo, embriagante, narcótico e excitante. O modelo lewiniano generalizou-se: passando os limites da farmacologia e da medicina, determina ainda hoje as concepções sanitárias dominantes no campo das drogas e é responsável pelos estereótipos do que se entende hoje em dia por droga. Comas (1986) adverte para a curiosidade de "a definição de droga, apesar dos grandes avanços científicos, se ajustar ao estado da ciência de há um século"...

A capacidade duma substância causar síndrome de abstinência observável em indivíduos concretos e no nosso meio sociocultural pode, pois, ser tomada como critério daquilo que é uma "droga", de acordo com a perspectiva clássica imposta pelo modelo lewiniano. Domingo Comas, adaptando para todas as substâncias capazes de causar síndrome de abstinência a definição de dependência de álcool proposta pela OMS⁽²⁾, avança com uma definição: "Droga é toda a substância que ao ser usada por indivíduos provoca em alguns deles síndrome de abstinência, percebido pelo próprio indivíduo, o seu envolvente grupal ou a sociedade como tal. A aparição dum síndrome de abstinência depende das propriedades farmacológicas da substância ao interaccionar com um organismo vivo" (Comas, 1983). O autor acrescenta, após a definição, que a compreensão da interacção indivíduo-substância exige a superação do modelo lewiniano: enquanto neste a farmacologia esclarecia a interacção (principalmente

(2) OMS (1977). INCAPACIDADES RELACIONADAS CON EL CONSUMO DE ALCOHOL. Ginebra.

a noção de efeito principal, que determinava efeitos universais para todos os sujeitos com cada tipo de droga), hoje há condições para complexificar a concepção desta interacção, englobando codificações culturais, componentes simbólicas e determinantes socio-históricas. No capítulo seguinte deter-nos-emos sobre estes aspectos, que ficam por agora apenas nomeados. No entanto, avançaremos desde já que eles se apresentam como importantes operadores do próprio conceito de "droga"; obtemos assim uma definição que, parecendo tautológica, se nos afigura a mais esclarecedora: "droga é só aquilo a que se chama droga. Enquanto uma substância não for denominada como droga não é droga, e inclusivé uma substância pode ser, em certas ocasiões e circunstâncias, droga e noutras não" (Comas, 1984).

O conceito de droga e as práticas que proliferam a propósito de si enraízam num plano socio-histórico determinado - a "droga" só existe enquanto "problema" porque é uma entidade codificada culturalmente e detentora de constelações simbólicas próprias. Se atrás a tínhamos visto definir-se em função dum primeiro nível transgressor - o psicológico -, vemo-la agora fazê-lo em função dum segundo nível transgressor: o socio-cultural. *Mutantis mutandis*, poderíamos agora falar de desprogramação e reprogramação já não individual, ao nível psíquico, mas colectiva, ao nível socio-cultural ⁽³⁾.

A definição avançada sugere que a "droga" se identifica por meios mais socio-culturais do que farmacológicos. "Evidentemente, tal posição continua a implicar propriedades farmacodinâmicas comuns, mas já não necessariamente determinantes na delimitação das drogas e seus efeitos" (Comas, 1985). Assim, ao manancial das "drogas teóricas" descritas pela farmacologia corresponde-se um reduzido número de substâncias culturalmente codificadas como "drogas". E é com estas que um indivíduo concreto, num contexto socio-histórico concreto, pode chegar a criar uma identidade que inclua a componente "drogado" e ser

(3) Reencontraremos esta temática no CAP. III, secção 1.3.

etiquetado socialmente como tal. São estes os indivíduos que interessam ao nosso trabalho, é sobre as substâncias que as sociedades ocidentais seleccionaram mais ou menos consensualmente como "drogas" que nos debruçaremos. Este é, pois, um trabalho sobre o "fenómeno droga" enquanto realidade contemporânea que diz respeito ao uso e abuso de substâncias que a nossa formação social identifica como "drogas"⁽⁴⁾. Adoptaremos por isso a definição de Comas. Deixaremos de lado, nos interesses e nos objectivos deste trabalho, o álcool, o tabaco e os psicofármacos e seus respectivos utilizadores. E centrar-nos-emos sobre as substâncias, na sua maioria ilegais, que configuram o "problema da droga" no discurso colectivo: a cannabis (sobre as formas correntes de erva ou liamba e de haxixe), os alucinogéneos, a cocaína, os opiáceos (especialmente o mais difundido actualmente, a heroína) e algumas substâncias de consumo mais limitado e menos centrais no problema, como o crack e os solventes orgânicos. Consideraremos ainda os casos dos psicofármacos que, sendo de venda legal por prescrição médica, existem num circuito paralelo de tráfico e atingiram estatuto desviante quando consumidos sob certas formas (p.e. as benzodiazepinas quando ingeridas em combinação com o álcool - ou o curioso fenómeno de duas substâncias de consumo legal se associarem para produzir um combinado que é "droga"...; p.e. as anfetaminas de administração oral quando consumidas por via intravenosa...)⁽⁵⁾. Os psicofármacos assim consumidos fazem parte da panóplia

(4) O discurso dos especialistas tende hoje a assimilar o álcool, o tabaco e os psicofármacos ao conceito de "droga" - com o objectivo de chamar a atenção para a necessidade preventiva face à perigosidade toxicológica destas substâncias, que sob este aspecto seriam "drogas". Mas o plano profundo que sustenta este discurso continua a manter a clivagem entre o legal e o ilegal - um alcoólico ou um adicto ao tabaco não são ditos "drogados". Não sustentam por isso o mesmo tipo de reacção social. Uma mesma substância é, assim, hoje no discurso dos especialistas uma droga farmacologicamente mas um produto sem conotação desviante do ponto de vista social. As "drogas" são hoje ao mesmo tempo drogas e não-drogas, facto que não favorece muito a clarificação do problema...

(5) Voltamos ainda ao tema da nota anterior: a questão da divisão tradicional das drogas em legais e ilegais. Dentro das legais há algumas cuja procura e tipo de consumo torna "ilegais" - mais ainda, torna objecto de tráfico não só o produto como as receitas médicas que permitem obtê-lo legalmente. Por sua vez, opiáceos de síntese como a metadona podem ser obtidos legalmente por consumidores de drogas ilegais em centros especializados. Portanto, o critério que faz duma substância remédio ou

das "drogas" e são parte da constelação de produtos presentes nas situações de politoxicod dependência.

. *toxicod dependência*: segundo a OMS é "um estado psíquico, e por vezes também físico, resultante da interacção entre um organismo vivo e um produto tóxico, caracterizando-se por modificações do comportamento, e por outras reacções, que incluem sempre a compulsão para tomar drogas dum modo contínuo ou periódico, a fim de experimentar efeitos específicos ou de evitar o mal estar da privação" (6).

Esta definição subordina o comportamento de consumo a um "estado psíquico, e por vezes também físico", que se deve à interacção do tóxico com o sujeito - como se neste encontro se engendrasse uma modificação comportamental que levaria à situação de toxicod dependência. Sem entrarmos ainda na discussão teórica, que deixaremos para mais tarde, sempre diremos desde já que esta definição da OMS presta-se a uma leitura linearista do fenómeno: encontro sujeito-droga ----> estado psíquico e físico ----> modificação do comportamento ----> toxicod dependência. Ora, a determinação duma toxicod dependência não provém linearmente do efeito químico da droga sobre o sistema físico do sujeito, nem duma modificação comportamental tão absoluta provocada pela droga, mas do comportamento do sujeito em relação aos psicoactivos - é este comportamento, que pode enraizar em modalidades de funcionamento do sujeito prévias, que, em etapa posterior, pode determinar dependência. Só este comportamento permite afirmar que há uma situação de toxicod dependência. Dum modo mais esquemático, podemos dizer que a droga não determina mais do que a intoxicação; o desejo dela é que faz o toxicod dependente. Pode haver assim muitas cambiantes na relação do indivíduo

veneno - os dois sentidos originais do termo "pharmakos" - é pouco claro do ponto de vista farmacológico, prendendo-se sobretudo com o tipo de uso e as codificações culturais que origina.

(6) OMS (1969) Série de Relatórios Técnicos nº 477, Comité OMS de especialistas de farmacologia. Genebra.

com o químico: um comportamento toxicodependente em relação a uma droga de baixa toxicidade e um comportamento de consumo ocasional em relação a uma droga "dura".

A terminologia actualmente empregue com respeito à dependência de drogas é algo confusa: os termos "adictividade" ou "adicção", "toxicomania", "toxicodependência" e "farmacodependência" vêm-se muitas vezes aplicados sem distinção entre si. Por vezes "hábito" utiliza-se também para significar toxicodependência. No sentido de reduzir a dispersão terminológica, a OMS tem dado directrizes específicas. Mas verifica-se que as próprias directrizes variam conforme o ano do relatório - ou seja, conforme o comité de especialistas. Assim, p.e., pode ler-se a recomendação dos termos "toxicomania" e "adictividade" para as formas graves de dependência e o de "habituação" para as formas leves (que são as que não incluem tolerância à droga, síndrome de abstinência por supressão daquela nem tomada compulsiva, mas apenas desejo intenso de consumo). Pode ler-se igualmente a recomendação da substituição do termo "toxicomania" pelo de "farmacodependência" - recomendação, diga-se, pouco acatada pela maioria dos autores. Enfim, há ainda a recomendação do termo genérico de "dependência" para as situações em que não seja óbvia a distinção entre uma situação de toxicodependência e uma de habituação; mas também se fala de "dependência" como o termo que recobre a dispersão dos outros, citados acima.

Que posição tomar? Perante a profusão de termos que circulam nos textos da especialidade, fácil se torna concluir que a própria OMS não tem logrado unificar a linguagem. Temos assim de optar, utilizando um critério que se mantenha constante em todo o texto. Utilizaremos *toxicodependência* como o termo que se ajusta às situações que nos interessam: as dependências criadas em relação a um produto cujo tipo de utilização torna tóxico⁽⁷⁾. Não utilizaremos o

(7) Vincar-se-á assim a distinção em relação a outras situações de dependência em que o objecto não é um tóxico - como por ex. situações de dependência afectiva identificáveis na relação amorosa (cf. Fernandes, 1987).

de "farmacod dependência" pois a palavra "fármaco" generalizou-se na linguagem corrente para os medicamentos de utilização e controle medico-legais ⁽⁸⁾ - o seu emprego resultaria assim restritivo. Reservaremos o termo *toxicomania* para quando, sobretudo no capítulo II, nos movermos no referencial clínico, que é o da sua origem.

. *toxicodependente*: "aquelas pessoas (normalmente uma minoria nos consumidores de drogas) cuja vida está centrada na dependência duma substância a tal ponto que produz consequências como (1) sérios transtornos físicos ou psicológicos; (2) impossibilidade ou dificuldade de livrar-se da dependência, inclusivé quando ela é vivida como destrutiva; (3) eventual aparição do síndrome de abstinência." (Jervis, 1977). Olievenstein propõe uma definição de acordo com a observação clínica: "Consideraremos como toxicómano todo aquele que, a partir dum produto de base, faz a escalada para um outro ou outros produtos, e/ou os utiliza quotidianamente ou quase" (Olievenstein, 1973).

. *consumo/uso/relação com drogas; carreira ou itinerário*: os trabalhos iniciais sobre o fenómeno da droga, ou os de carácter introdutório, dedicavam grande debate à necessidade de ser distinguido o contacto, ainda que regular, com drogas, da dimensão toxicómana que poderia vir a revestir⁽⁹⁾. Bastará de momento sublinhar que consumir drogas não é ser toxicodependente, nem tão-pouco é ter necessariamente uma probabilidade muito dilatada de o vir a ser. O conceito de *carreira* ou *itinerário* parece-nos útil a esse respeito, pois esclarece a relação dos indivíduos com as drogas não em termos de comportamento mecânico com valor absoluto em si, mas em termos de percurso - séries distintas

(8) O que não impede que sejam utilizados como droga, no sentido em que a definimos atrás - assim, alguns toxicodependentes são sobretudo "farmacodependentes", como nos exemplos típicos da dependência de metadona e da de benzodiazepinas ("drunfos" tipo rohypnol).

(9) Esta distinção, bem como a distinção consumidor/traficante, óbvias hoje (ainda quando sabemos em certos casos a distinção ser inexistente) procuravam diferenciar os graus de envolvimento com as drogas, evitando meter tudo no mesmo saco e racionalizando o regime de penas a aplicar em cada uma das classes diferenciadas. A distinção proposta por H. Nowlis entre consumidor experimental, ocasional, regular e compulsivo é provavelmente a mais conhecida e operacional (Nowlis, 1975).

e complexas de comportamentos, processos, relacionamentos específicos. Assim, se em vez de falarmos de *consumo de drogas* - comportamento pelo qual um indivíduo introduz uma droga no organismo - falarmos antes de *relação com drogas* estaremos a sugerir a necessidade de compreensão dum itinerário, formado por relações sucessivas e sobrepostas do indivíduo com estruturas de que faz parte e em relação às quais a droga desempenha um papel e induz reacções. Estaremos não só a falar do comportamento imediato, mas do significado simbólico e social das condutas que incluem a droga, centralmente por vezes. Estaremos ainda a falar do modo como o sujeito se chega a perceber a si próprio e é percebido pelos que o rodeiam como "drogado" - momento fulcral para o desenvolvimento da carreira de toxicodependente.

Concluamos, dizendo que o "síndrome de dependência é uma fase mais do utilizador de drogas, aquela na qual alcança o estatuto de toxicómano" (Comas, 1983). É, portanto, um ponto do itinerário, uma dimensão específica do relacionamento com drogas. Um ponto que pode nunca chegar a vir, que pode vir rapidamente, que pode vir e ir-se.

Distinguimos também *consumo de uso* (a distinção britânica entre "take" e "use drugs"): o uso designa uma situação que vai muito mais além do que o mero encontro dum indivíduo com um químico. Um mesmo consumo duma mesma droga presta-se a usos muito diferentes. Esta situação fica bem ilustrada com o exemplo da subcultura hippie: no contexto desta subcultura consumia-se cannabis ou alucinogéneos para se ficar "head" - estado de auto-percepção interior exploratória dos limites do eu, estado alucinogéneo de "trip", estado de comunicação especial com o grupo. Um mesmo consumo por um indivíduo exterior à subcultura hippie não o poria "head", mas apenas "stoned" (experiência imediata do efeito da droga, sem o enquadramento simbólico "head").

. *sector juvenil*: por esta expressão designamos uma faixa da população que tem vindo a constituir-se ao longo deste século e principalmente desde os

anos 60 como grupo social consistente⁽¹⁰⁾. Não a delimitaremos por critérios temporais muito definidos: se é certo que a entrada no sector juvenil pode dar-se contemporaneamente ao início da adolescência, a saída deste para ingressar na vida adulta tem limites etários difusos, não se dá de uma vez só mas é um processo em que se podem experienciar os papéis de jovem e de adulto alternadamente e mesmo sobrepostamente. Pode inclusivé cristalizar-se numa, chamemos-lhe, posição juvenil, fazendo uma adesão maciça à cultura deste grupo social e recusando o investimento dos papéis socialmente codificados como de adulto - neste caso só se deixará de ser jovem quando os próprios jovens comecem a ter dificuldades em identificar tal indivíduo como um igual...⁽¹¹⁾

Nas sociedades industrializadas é a actividade ocupacional que determina as condições de uso da própria vida e também as relações entre jovens e adultos (Calvo, 1985). Neste sentido, podíamos dizer que, até certo ponto e dentro de dados limites etários, a vivência juvenil se define através duma certa ocupação do tempo - normalmente com grande predominância do tempo livre e dos contactos lúdicos com os iguais - que se altera radicalmente se se passa à posição de adulto - caracterizada por grande ocupação do tempo orientada por interesses

(10) A questão da diferenciação do sector juvenil nas sociedades ocidentais seria demasiado vasta para tratar dentro dos objectivos presentes. Limitamo-nos a assinalar, de acordo com a reconstrução histórica largamente consensual nesta questão, que é o desenvolvimento da civilização industrial que faz complexificar dum modo geral as repartições do ciclo de vida. "O jovem foi inventado ao mesmo tempo que a máquina a vapor" (Musgrove, citado por Feixa, 1988) - eis a metáfora que sintetiza dum modo curioso o processo de construção social da juventude. Mas, como grupo social consistente que atravessa transversalmente as classes sociais só se demarca cabalmente neste século, como ponto culminante dum processo iniciado com a emergência, séculos antes, do capitalismo, e que implica mudanças em todas as estruturas sociais - a começar pela família, unidade básica do social.

(11) A propósito da indefinição de quem pertence ao sector juvenil se o balizarmos apenas pelo critério etário registaremos dois factos: o primeiro diz respeito a diversas obras e artigos que consultámos que tinham por objecto o sector juvenil. Reparámos que muitas delas "se esqueciam" de definir o objecto, e outras, se o faziam, não falavam nos limites etários... (de Miguel, 1979; Lowney, 1984 a; Obalk, Soral e Pasche, 1984; Brake, 1985; Calvo, 1985; Feixa, 1986, 1988; Stevenson et al. 1987). O segundo diz respeito à profusão de critérios para balizar o limite superior da juventude a que assistimos hoje no discurso social: os "jovens empresários", os "jovens agricultores", os líderes das juventudes partidárias, apresentam tamanhas dispersões de idade que, nalguns casos, se é jovem quase aos quarenta anos! No primeiro dos factos tudo parece passar-se como se fosse óbvio saber-se o que é a juventude como se fosse espontânea a sua diferenciação relativamente às outras idades; no segundo, dá a impressão de que a juventude é um grupo social com prestígio e regalias, a tal ponto que se procura a identificação com este grupo até limites etários cada vez mais alargados...

como o do emprego, da promoção pessoal, da gestão particular duma série de interesses e responsabilidades. Se a posição juvenil cristalizar durante um tempo tão prolongado que o indivíduo deixa de ser percebido como um jovem, o tipo de ocupação do tempo que até aí era visto como natural passa a ser percebido pelo exterior através de qualificações negativas, como a ociosidade e a boémia, a preguiça ou a irresponsabilidade. Há, dir-se-ia, um regime do tempo que define em grande extensão o comportamento do indivíduo enquanto jovem ou enquanto adulto. Gil Calvo (1985), estudando a ocupação do tempo por grupos etários em vários países europeus, conclui que "os padrões de distribuição do tempo em função da idade são comuns a todas as sociedades plenamente industrializadas, independentemente do regime ser capitalista ou soviético".

O sector juvenil é, pois, mais do que um grupo a atravessar um período de mera transição para a vida adulta. É sim um grupo que ocupa um segmento do ciclo de vida organizado dum modo particular - daí o sentido da expressão "cultura juvenil" que começa a vulgarizar-se a partir do reconhecimento da importância dos movimentos juvenis desde a década de 50. É vulgar ver explicitada a noção de juventude falando do momento em que ela se dilui - define-se não por aquilo que é mas por aquilo que deixa de ser: "Na linguagem popular, o passo para a vida adulta expressa-se com frases que fazem referência à dimensão espacial: 'situou-se', 'colocou-se', 'tomou assento'... Aludem tanto à situação do indivíduo dentro do sistema produtivo (enquadramento laboral-profissional) como à sua integração no sistema reprodutivo (formação duma unidade doméstico-familiar própria). Ter um local de trabalho fixo e fruir dum espaço privado próprio são as duas condições gerais que a nossa sociedade atribui a uma pessoa adulta" (Feixa, 1986).

Em suma: o sector juvenil é um grupo social que, embora necessariamente balizado por critérios etários - que no limite superior são oscilantes consoante os casos individuais e as classes sociais de pertença - exige ser compreendido mais em função do desenvolvimento duma cultura própria - a

cultura juvenil, englobando uma série de subculturas -, caracterizada por um regime específico de vivência do tempo e que lhe confere a existência enquanto grupo social consistente.

Ainda um comentário final sobre a linguagem a adoptar: quando falarmos de *fenómeno droga*, *problema da droga* ou similares, estamos a aderir às designações correntes para os fenómenos da relação de indivíduos com drogas, no sentido em que as definimos atrás. Utilizaremos frequentemente as expressões *objecto droga* e *fenómeno droga* para designar tal relação quando encarada do ponto de vista das ciências humanas e das práticas clínicas. Não teremos assim como prioritárias a componente judicial, da comunicação social, do senso comum ou outras, que tecem a representação do "problema", da "epidemia", da "praga", da "peste do século" que dizem ser o fenómeno droga. Refira-se que este labor enunciativo, persistente e infiltrado nos interstícios discursivos que organizam e dizem o social, estabelece relações complexas com o próprio discurso com legitimação científica, sobre o qual aqui nos debruçaremos.

CAPÍTULO

II

ABORDAGENS DESCRITIVAS E TEORICO-
-EXPLICATIVAS DO FENÓMENO DROGA

Percorreremos a seguir as principais abordagens que descrevem, analisam e/ou propõem factores explicativos para o fenómeno da droga⁽¹²⁾.

Apresentaremos as linhas de força e os argumentos principais de cada uma delas, deixando para a secção final desta parte uma visão de conjunto, uma proposta de organização global e uma crítica destas contribuições, que se têm desenvolvido muitas vezes em contradição e em conflito entre elas.

1. CLÍNICA DAS TOXICOMANIAS

O termo preferencialmente empregue pelas disciplinas da medicina e da psiquiatria anuncia já o terreno e o propósito: *toxicomania*, ou uma "mania" (quadro da nosografia já do séc. XIX) induzida por um tóxico. Se bem que hoje o registo da sua leitura não seja o da sua ligação directa à monomania, nem mesmo o dum sintoma no sentido clássico do termo (Olievenstein e Braconnier, 1985), mantém-se a tendência a descrever quadros clínicos segundo a droga utilizada (p.e. o heroínómano), ou segundo os traços de carácter dominantes (p.e. o perverso).

A *direcção investigativa* fundamental destas abordagens é a que recorre à síntese e à interpretação do dado clínico, ora recolhido directamente no contacto terapêutico, ora recorrendo a instrumentos de avaliação psicológica. Procura-se assim avaliar a intensidade da dependência do sujeito em relação às drogas que utiliza, bem como as suas possibilidades de "cura"⁽¹³⁾.

(12) De entre estas abordagens, umas operam explicativamente através da listagem de factores de desencadeamento, da identificação de situações de risco, outras fazem-no através de modelos de natureza determinístico-causalista, outras ainda, de natureza interpretativa, propõem significações contidas nas condutas de consumo de drogas. Isto permitiria organizarmos a dispersão das abordagens a partir das regularidades explicativas em que assentam. Tal organização sugere-nos sem dúvida uma hipótese de trabalho futura, em que possamos reflectir de um ponto de vista epistemológico a construção e as coodenadas explicativas das teorias que têm incidido sobre o objecto droga.

(13) As aspas devem-se a que continuamos sem consenso sobre o que é a "cura" dum toxicodependente. Primeira dúvida: só se fala de cura se houver doença. E há (só) doença na toxicomania? Segunda

Recorre-se aos conceitos, já clássicos, de *dependência física* e de *dependência psicológica* para avaliar o grau do envolvimento do sujeito com as substâncias psicoactivas e reconhece-se que a determinação duma toxicodependência não provém do efeito químico da droga sobre o tecido celular ou o metabolismo em geral, mas do comportamento do sujeito em relação aos psicoactivos. É este comportamento que vai permitir afirmar se um indivíduo é toxicómano (Charles-Nicolas, 1987).

A *escalada*, outro conceito clássico, é um excelente indicador desse comportamento: Olievenstein e Braconnier (1985) assentam nele a definição clínica de quem é toxicómano, distinguindo a *escalada de utilização dos produtos* (drogas leves ---> pesadas, diferentes utilizações de diferentes drogas ...), *escalada dentro do mesmo produto* (aumento progressivo das doses, que, caso não aumente o efeito sentido, sinaliza o fenómeno da *tolerância*), *escalada da tendência a passagem a acto* na biografia dos toxicómanos, *escalada do mais relacional ao mais individual*, *escalada da relação consigo próprio* (passagem progressiva da contestação - haxixe - à "não-vida" - heroína -, passando pelo imaginário, a libertação e a excitação - LSD, anfetaminas), *escalada psicológica* da solidão (não só da relação com o outro, mas da regressão do objectal ao narcísico).

A noção de *escalada* carece, porém, dum consenso amplo entre os especialistas: reúne-se com facilidade evidência empírica demonstrativa de utilização regular de drogas que não conduz a escalada. Esta noção, quando tomada como inquestionável, introduz uma inexorabilidade no destino do utilizador de drogas: ele passar-se-ia inevitavelmente para drogas de maior risco, implicar-se-ia em relações consigo e com o meio cada vez mais problemáticas de gerir. No limite, as drogas representariam um caminho cuja escolha só existiria nos momentos iniciais - depois delas, um percurso inevitável se seguiria...⁽¹⁴⁾

dúvida: se é de "cura" que se trata, por que critérios avaliá-la? Médicos, ético-morais, sociais, psicológicos? Ao fim de quanto tempo deveria medir-se a cura? As dúvidas poderiam prosseguir.

(14) Esta hipervalorização da *escalada*, embora posta em causa a partir de numerosos contraexemplos, tem servido para legitimar uma ideologia oficial acerca da perigosidade das drogas. E, a haver uma escalada no tipo de produtos utilizados, ela começa no haxixe (crença habitual, mesmo entre os especialistas)? Ou deveríamos remontá-la ao álcool? Ou a hábitos do excesso de consumo mais gerais?

1.1. Os principais quadros clínicos

Os principais quadros clínicos organizam-se recorrendo à pesquisa de sintomas e ao diagnóstico de situações clínicas redutíveis aos grupos bem caracterizados na psiquiatria: o neurótico, o psicótico, o psicopata, o indivíduo com atrasos de maturação, com crise de adolescência... Veja-se por exemplo a repartição efectuada no "Traité de Psychiatrie de l'Enfant et de l'Adolescent" (Lebovici, Diatkine e Soulé, 1985).. Divide os toxicómanos *segundo as drogas utilizadas*: haxixe (indutor de "síndrome de amotivação" em consumidores crónicos, psicoses agudas e psicoses canábicas crónicas), aluciogéneos (indutores de alterações da percepção, de vivido de despersonalização, ansiedade aguda, baforada delirante, psicoses crónicas dissociativas...), calmantes, opiáceos, anfetaminas, cocaína, solventes orgânicos, diversos tipos de medicamentos (segue-se, para cada um destes grupos, descrição de efeitos psiquiátricos induzidos). Divide-os em seguida *segundo os indivíduos* - não distinguindo no entanto toxicómanos de simples utilizadores... Aparecem assim a) psicóticos, pré ou para-psicóticos; b) psicopatas e desequilibrados (problema: a verificação clínica tem dificuldade em discernir se o papel das drogas é desencadeador, associado ou consequência destes estados); c) atrasos de maturação (papel das drogas no adiamento, pela indução do sonho e do prazer contínuos, do confronto com a resolução das tarefas existenciais próprias da passagem ao estado adulto).

O toxicómano é, assim, assimilado à racionalidade repartidora e ordenadora das desordens psíquicas, anulando-lhe a especificidade própria e alinhando a interrogação que constitui pelas respostas que já existem: arrasa-se-lhe a diferença devolvendo-o à sistematicidade classificatória. A divisa deste procedimento clássico é a de que toda a nova desordem emergente pertence afinal a uma ordem que lhe pré-existe - e o toxicómano é o actor mais central das novas figuras da desviância, sem dúvida.

1.2. A personalidade do toxicómano

O conceito de *personalidade*, procurando dar conta das especificidades organizativas de cada indivíduo e das suas modalidades de funcionamento, permitiu abrir uma *direcção investigativa* própria sobre o fenómeno da droga. Esta direcção investigativa surge determinada pelo problema: há uma personalidade pré-toxicómana? Há uma organização predisponente à toxicomania? Ou, não havendo aquela, haverá uma que se associe com regularidade a esta?

O conceito de personalidade parece ser aquele que nos transporta do estaticismo rígido do quadro clínico ao dinamismo mais ágil doutras abordagens clínicas. Com efeito, surge do seu lado "estático" como operador para a organização de tipologias próximas da classificação nosográfica, surgindo também do lado "dinâmico" procurando dar conta duma especificidade toxicómana em torno dum funcionamento peculiar, marca individualizante do sujeito. O toxicofílico e o "border-line", bem como toda a secção seguinte (CAP. II 1. 3.), ilustrar-nos-ão a este respeito.

TOXICOFILIA

A toxicofilia é "menos um estado psicopatológico definido do que um modo de organização instintivo-afectiva muito elementar que impele certos sujeitos a encontrar na embriaguez duma "droga" satisfações profundamente regressivas, logo, no sentido psicanalítico, neuróticas" (Durand, citado por Ingold, 1986).

Durand considera assim que a neurose toxicomaniaca pressupõe a existência duma "personalidade toxicofílica" - o toxicofílico, encontrando a droga (processo mais ou menos casual), passa-se a um novo estado: o de toxicómano. Os

toxicofílicos representariam as únicas toxicomanias verdadeiras⁽¹⁵⁾, distinguindo o autor ainda outras três: a) sujeitos normais tornados acidentalmente toxicómanos; b) psicóticos com toxicomania associada; c) neuróticos com derivação toxicomaniaca.

ESTADOS-LIMITE

Não fugindo à lógica classificatória própria da racionalidade medico-psiquiátrica (o termo "border-line", ou estado-limite, aparece incluído no DSM-III), este síndrome clínico, desenvolvido pela psicanálise, propõe uma série de "nuances" que o aproximam duma compreensão própria à racionalidade psicológica das desordens.

Sem entrarmos em detalhe, diremos que a nosso ver a hipotética ligação dos estados-limite à toxicodependência, proposta sobretudo a partir dos anos 60, procedeu à fusão entre a vontade classificatória e patologizante (o drogado pode ser afinal um "border-line", recolocámo-lo assim na topografia das desordens, donde andava perdido - acto de pôr cobro à desordem do desvio fazendo-o alinhar numa ordem das desordens) e a vontade duma compreensão do significado dum funcionamento psicológico peculiar (o drogado é esquadrihado no seu funcionamento mental, nos seus modos de apreensão do real, na sua afectividade, nas suas perturbações de identidade, nos imagos parentais, na sua sexualidade...).

Este perfil psicológico peculiar apresenta funcionamento semelhante ao das personalidades neuróticas, tendo porém uma vertente de registo psicótico manifestada em episódios transitórios. Segundo Kernberg, citado por Salvado-Ribeiro (1986), a personalidade "border-line" apresenta sinais de fragilidade do Eu (p. e. redução de tolerância à frustração), mecanismos de defesa específicos (p. e.

(15) A designação "toxicomanias verdadeiras" é frequentemente empregue na literatura da especialidade (p. e. Olievenstein) referindo os indivíduos que mantêm com a(s) droga(s) relações intensas, passionais, exclusivistas, compulsivas, demarcando-os dos que têm relações mais moderadas ou simplesmente uma não dependência. Os escritos clínicos não efectuam, normalmente, uma distinção nítida das duas situações, referindo-se, por omissão, às toxicomanias "verdadeiras" - tomando, reducionisticamente, esta parte pelo todo.

clivagem, projecção e identificação projectiva), relação de objecto específica, conduzindo à perda de prova da realidade, e regresso aos processos primários de pensamento. Segundo Wolberg, ainda citado por Salvado-Ribeiro, apresentaria, entre outras características, um carácter insaciável das necessidades, um sentimento de falta, de solidão, de vazio, ligados à angústia de abandono, reacções hostis com profundo sentimento de culpabilidade e comportamentos de auto-punição.

A ligação entre estados-limite e toxicomania tem um alcance menor, no entanto, do que aquele com que foi expectada ao início. Apenas se poderá aplicar a uma percentagem limitada de indivíduos (que por sua vez são já em si uma percentagem limitada: a daqueles que recorrem à ajuda terapêutica). Mesmo dentro das amostras clínicas o consenso sobre o papel das personalidades "border-line" nas toxicomanias varia. O ponto desta situação em Portugal é exemplar do que acabamos de afirmar: Amaral Dias (1987) refere "é nossa impressão que a relação indivíduo-droga é diferente nos vários grupos descritos (neurótico, estados psicóticos, estados-limite, crise da adolescência), destacando-se os indivíduos "border-line", nos quais a adesão à droga é mais estável e o tratamento mais difícil e prolongado"; Domingos Neto (1988) diz que "a maioria dos toxicodependentes não têm personalidades "border-line" nem psicóticas, mas sim neuróticas, com amplas possibilidades de cura total"⁽¹⁶⁾.

*

*

*

A síntese sobre o adquirido científico em torno das questões levantadas pela personalidade do toxicómano coloca os especialistas de acordo, reconhecendo a modéstia dos resultados e (por vezes) as conclusões contraditórias que os diferentes estudos exibem. Bergeret refere que "não existe nenhuma estrutura

(16) Amaral Dias foi até 1988 o director do Centro Regional do Centro, e Domingos Neto é director do Centro Regional do Sul, do Centro de Estudos da Profilaxia da Droga - eis como no interior duma mesma instituição as crenças sobre o valor da hipótese "border-line" se podem manifestar opostas.

psíquica, profunda e estável, específica da adicção. Qualquer estrutura mental pode conduzir a comportamentos de adicção (visíveis ou latentes) em certas condições afectivas íntimas e relacionais" (Bergeret, 1981). Reconhece no entanto que, não modificando a adicção a natureza específica da estrutura profunda, afecta-lhe o modo de funcionamento secundário.

Por sua vez, Amaral Dias, reflectindo sobre a revisão a que procedeu de trabalhos descritivos e estatísticos que, sobretudo desde os anos 70, procuraram dar conta da caracterização psicológica do toxicómano através da sua avaliação psicométrica, utilizando por vezes amostras de grandes dimensões, concluía que "se torna óbvia a inexistência duma estrutura de base única" (Dias, 1980). Criticava, indo mais longe no seu pessimismo sobre tal achado, a própria atitude de o procurar: será legítimo tentar fixar tal estrutura, cujos elementos definiriam uma arquitetura da personalidade dos toxicómanos? Pois se estes são na maioria adolescentes, como falar em estrutura numa personalidade em devir? "O devir adolescente é antinómico do conceito de estrutura, pois que, antes da aquisição do carácter ou da identidade, o que há são mecanismos estruturantes".

Reconhece, ainda, com base na sua experiência clínica, "a enorme variedade nosográfica no mesmo indivíduo quando posto em diferentes circunstâncias". Finalmente, citando trabalhos em regiões tão diversos como a Finlândia, o Reino Unido e a América do Sul (todos com base no IPE de Eysenck), verifica que não diferenciam, do ponto de vista da personalidade, toxicómanos de não-toxicómanos⁽¹⁷⁾.

Concluiremos com a afirmação categórica e algo desconcertante de Richard Bucher - autêntico manifesto do direito à ignorância nos cientistas: "A personalidade do toxicodependente permanece enigmática: não se sabe dizer por

(17) Se nos reportássemos à investigação apoiada em escalas, testes, inventários e demais instrumentos de avaliação psicológica, em aspectos como o auto-conceito, auto-estima, auto-controle, resistência à frustração, asserção, agressividade, papel da droga na economia emocional do indivíduo, pesquisa de factores etiológicos..., verificaríamos o carácter muitas vezes não concordante ou pouco conclusivo dos resultados, e mesmo a contradição entre eles - constatação só por si inviabilizadora, de momento, do traçado de perfis psicológicos coerentes que nos definissem quem é o toxicodependente. Cf. Amaral Dias (1980) A INFLUENCIA RELATIVA DOS FACTORES PSICOLOGICOS E SOCIAIS NO EVOLUTIVO TOXICOMANO, Coimbra, FPCE, obra em que procede a uma revisão deste tipo de estudos.

que é que, em determinado momento, um jovem começa a drogar-se - nem por que é que outros páram, em determinado momento, de o fazer" (Bucher e Costa, 1986). Acrescenta que, em oposição à estrutura neurótica, não se evidenciou até hoje uma estrutura ou um carácter predisponente à dependência de drogas, do mesmo modo que nenhuma causalidade directa ou exclusiva pode ser responsabilizada.

Se as tentativas de fixar uma estrutura de personalidade responsabilizante pelo fenómeno da adicção parecem não abrir vias explicativas importantes - afinal toda a estrutura de personalidade pode aparecer implicada numa toxicomania, e *toda* a aparência de estrutura estável "é acelerada e desacelerada prodigiosamente" pelo toxicómano (Olievenstein, 1985) - já é possível reconhecer traços de funcionamento comuns às diferentes estruturas implicadas na toxicomania. Concretizaremos esta afirmação na secção a seguir (CAP. II.1.3.)

1.3. Compreensão psicanalítica do toxicómano

A atenção ao percurso biográfico do jovem toxicómano, à história das suas relações precoces, do seu vivido quotidiano - particularmente na fase do desenvolvimento adolescente -, da sua relação na família, transporta-nos de abordagens de carácter mais estático (p.e. o estabelecimento de quadros clínicos) para uma outra de carácter mais dinâmico.

As grelhas teórico-explicativas da psicanálise têm sido particularmente activas no labor de assimilação do fenómeno droga à sua ordem paradigmática de compreensão dos desvios⁽¹⁸⁾. Dentro da própria teoria psicanalítica, no entanto, a

(18) Em Portugal é vincadamente notório este facto: desde o início da nomeação do fenómeno droga como "problema social", os dispositivos de prevenção e de tratamento da toxicodependência têm na psicanálise e nos psicanalistas o seu suporte teórico-interventivo quase exclusivo - hoje, não sendo exclusivo, é ainda dominante. Se incidirmos a nossa atenção sobre as publicações em revistas científicas poderemos observar que os escritos pioneiros são igualmente de psicanalistas (p.e. Dias Cordeiro), e que as revistas da medicina geral vêem, a partir da segunda metade da década de 70, nas suas páginas aparecer com crescente frequência artigos de teor psicanalítico sobre a toxicodependência (dados de um levantamento que realizamos com C. da Agra em 1986 sobre a produção bibliográfica acerca do fenómeno em Portugal).

dispersão de quadros de referência complica a tentativa de síntese. Para procedermos a um esboço de sistematização utilizaremos em primeiro lugar aquele que foi proposto por Amaral Dias (1980), propondo em seguida o nosso próprio esboço, centrado ora no referencial psicanalítico específico - kleiniano, lacaniano -, ora nos conceitos-chave que organizam, parece-nos, a compreensão do fenómeno: os de regressão, de identificação e de depressão.

- EPIDEMIA: O ANTES E O DEPOIS - (19)

A. Dias (1980), numa revisão à literatura clínica analítica, distingue entre as teorias anteriores à manifestação epidémica da toxicomania e as que lhe são posteriores. Situa o ponto de separação nos anos 60, considerando a dependência de drogas "um fenómeno que permaneceu em latência (...) e que em determinadas condições psicossociais se tornou epidémico" (20)

Diríamos, duma forma global, que as primeiras - anteriores à epidemia - se centram no carácter regressivo e oral do funcionamento psíquico, por

(19) *Epidemia* é um conceito da Saúde Pública, situando-se num referencial investigativo e interventivo - a epidemiologia - não só diferente do da psicanálise como, por vezes oposto. P. e. enquanto esta se centra na individualidade do doente, aquela centra-se na doença enquanto entidade própria que se propaga numa população; na investigação epidemiológica o doente, na sua complexidade, desaparece - destaca-se sim uma determinada patologia, que é pensada em termos de um conjunto de circunstâncias, adstritas a um espaço e um tempo específicos, que é objectivada em termos de interacção entre a população e o seu meio. (Para a problematização do conceito de epidemia e do campo da epidemiologia, cf. Thill, J. e col. (1980) *L'INVENTION SOCIOÉPIDÉMIOLOGIQUE*, Tome I, Namur, Facultés Universitaires de Namur; Kaplan, C.; Grund, J. (1989) *EPIDÉMIOLOGIE ET ETHNOGRAPHIE*, in *Rétrovirus - la revue du SIDA*, nº 3).

A questão não está em saber se a toxicodependência é ou não uma epidemia - de facto configura hoje características que a permitem recortar como tal: tem uma ocorrência claramente superior ao número normal esperado para a mesma comunidade e em relação ao mesmo período de tempo, com base na sua incidência anterior habitual. A questão está, sim, na sua conceptualização enquanto epidemia, o que a situa numa problemática investigativa e interventiva que ultrapassa a psicanálise. Poderá o enxerto dum conceito noutra referencial que não aquele em que é operante simbolizar, neste caso, um deslocamento do clínico para o epidemiológico? O que seria, subliminarmente, reconhecer a insuficiência da racionalidade estritamente psicológica na abordagem do consumo de drogas e da toxicodependência.

(20) O anos 60 são duma descontinuidade mais vasta do que a que A. Dias assinala na produção discursiva da psicanálise: referem-se à própria manifestação socio-histórica do fenómeno droga, que nos anos 60 conhece um momento de ruptura que funda o carácter de "problema social" do uso de drogas ilícitas ligado a vivências juvenis emergentes nesse período. Alguns dos principais especialistas, como Ingold (1984) e Olievenstein (1983) em França, Jervis (1976) em Itália e Comas (1985) e Romani em Espanha, problematizam esse ponto de ruptura para além da sua redução ao binómio latência/manifesto (ver secções 3.1. e 3.3 CAP. II).

dificuldades de elaboração da posição depressiva. As teorias posteriores ao surto epidémico partem da crise aguda da adolescência, centrando-se essencialmente nos problemas de identificação de que os comportamentos adictivos podem ser reveladores. Assim, a compreensão da toxicomania é indesligável, a partir dos anos 60, da compreensão da própria adolescência.

O autor constata ainda, na sua revisão bibliográfica, que é possível agrupá-la à volta do conceito de *depressão*. Não tanto a depressão da psiquiatria clássica (ligada a estruturas e perfis psicológicos bem desenhados), mas o *afecto depressivo*: sendo quase uma constante nos toxicómanos, "não está ligado a uma estrutura, mas a uma mudança de estrutura" (Dias, 1978). Esta mudança implica uma perda, que exige um luto: a perda do objecto amado, dos imagos parentais. Adolescência e depressão - depressão juvenil normativa - ligam-se assim dum modo natural à toxicomania.

A. Dias, sempre com base na revisão da literatura, explora ainda as condições de agravamento do ser-se adolescente hoje (p.e. o aumento do tempo de dependência em relação à família): "vivemos num mundo em que os processos normativos habituais de identificação se encontram perturbados" (Dias, 1979) - refere-se por ex. à alteração do papel da mãe, ao pai ausente, à crise da família, apoiando-se em autores que têm tratado estes temas. Condições sociais específicas, então, "preparam o terreno para o desenvolvimento da toxicomania moderna, epidémica", porque alteram/complicam as condições normativas do desenvolvimento libidinal, aparecendo a droga como sintoma do mal-estar e da depressão no adolescente.

O conceito de *depressão* deve a sua centralidade ao facto de ser sobre ele que constantemente, ao longo do tempo, os autores montam o fio descritivo e as tentativas de compreensão do toxicómano. Se bem que se pudesse recuar a Freud, que já se referiu a este problema, situa-se em Rado, no ano de 1933, o início duma análise sistemática a partir deste conceito. O trabalho de Rado tem, para os psicanalistas, estatuto fundador: "o melhor e o mais clássico sobre a toxicodependência publicado por um psicanalista" (Dias, 1980). Salientava Rado

que o fenómeno da dependência se instala sobre perturbações psicológicas anteriores, das quais destaca a depressão ansiosa, caracterizada por grande ansiedade dolorosa e elevado grau de intolerância à dor. O prazer farmacogénico, que pode ocorrer casualmente nos momento em que o Eu se mostra impotente para fazer face às frustrações, permite o reencontro com a dimensão narcísica original do indivíduo, que terá permanecido como um ideal. A droga é erradicação mágica do pesadelo e da fraqueza, que regressarão no pós-efeito ainda mais esmagadores. Daí o novo recurso à droga, inaugurando um regime do Eu em círculo vicioso: do regime de realidade ao regime farmacotímico, cuja função está em manter a auto-estima e em combater a depressão por meio duma técnica artificial.

-DEPRESSÃO, REGRESSÃO, IDENTIFICAÇÃO-

Na sistematização a que procedemos da literatura analítica, corroboramos A. Dias no que toca à centralidade do conceito de *depressão*. Mas assinalamos a presença de outros dois conceitos-chave enquanto organizadores da compreensão do fenómeno empreendida por esta corrente teórica: os de *regressão* e *identificação*. Reportemo-nos brevemente aos três:

DEPRESSÃO: de Rado até aos autores hoje mais representativos da abordagem psicanalítica - citem-se Diatkine, Lebovici ou Bergeret - tem-se mantido a tónica sobre o afecto depressivo como central na problemática em causa. O recurso à droga aparece assim como defesa no que toca à economia depressiva, fuga química à invasão do afecto depressivo comum no grupo juvenil (Bergeret, 1981, 1984). Tem sido salientado o adiamento da elaboração, no adolescente, da depressão/desilusão, devido à incapacidade que manifesta o Eu fragilizado de suportar o sofrimento e a frustração. Este carácter depressivo associado aos comportamentos adictivos reflecte-se na assinalável percentagem de suicídios de toxicómanos - para além de nos ser revelado em vários estudos psicométricos da personalidade.

A presença da depressão é de tal modo constante que, mesmo que não seja visível na sua aparência semiológica habitual, não deixa de se fazer sentir: ainda quando o comportamento manifesto aparentemente nada nos diria sobre o abatimento interior do adolescente perante processos intrapsíquicos pendentes, os psicanalistas descobrem-lha travestida em "acting out". O recurso aos químicos, solução deprimente na lógica da representação social do fenómeno, é afinal em si a própria fuga dum Eu em estagnação deprimente.

REGRESSÃO: a regressão aparece como defesa activada para fazer face à ansiedade. Cada tipo de droga permitirá um tipo de regressão, indicado para o conflito e a ansiedade em causa (Dias, 1980); assim, por exemplo o LSD relacionar-se-ia com a fase autística, os opiáceos com a fase simbiótica... (Wieder e Kaplan, citados por Dias, 1980).

O conceito de regressão aparece articulado com o de relação objectal, particularmente problemática nos toxicómanos: "o adicto nunca integrou de modo distinto as configurações do objecto arcaico na sua personalidade, pelo que a relação do sujeito com o objecto nunca se definiu globalmente" (Lopes, 1987); o toxicómano é conceptualizado como alguém que está narcisicamente atingido, desinvestido, "com incapacidade de estabelecer uma verdadeira relação objectal, em que o afecto depressivo ocupa um lugar predominante. A droga parece funcionar (...) como um meio de regressão oral narcísica, passiva" (Sampaio et al., 1978).

IDENTIFICAÇÃO: aliado aos dois conceitos anteriores, o de *identificação* é outro dos pilares da descrição psicopatológica do toxicómano. Assim, "o transtorno das identificações e o problema da identidade" (Dias, 1978), a problemática do adolescente encarada pelo ângulo da depressividade, em que a droga "adia indefinidamente a resolução da crise e a moratória psicossocial fracassa, verificando-se paralelamente uma incapacidade para encontrar uma identidade adulta" (Vicente, Cabrita e Mendonça, 1979), são salientados como

factores nucleares no evolutivo toxicómano. Retomaremos este tema um pouco adiante, quando falarmos das instâncias parentais no toxicómano.

Se nos centrarmos, por outro lado, na procura do referencial utilizado, damos conta de duas ramificações teóricas:

-KLEINIANOS-

O adicto, exprimindo "um conflito entre o desejo e a lógica da responsabilidade gravemente perturbado" (Lopes, 1987), é um indivíduo incapaz de relações objectais totais: porque "nunca integrou de modo distinto as configurações do objecto arcaico na sua personalidade" (Lopes, 1987), estando prisioneiro de identificações difusas com o mundo objectal.

Possuiria uma estrutura pré-genital, mobilizando "mecanismos operacionais muito primitivos, tais como a clivagem, a denegação, e exagera a identificação projectiva com a finalidade de proteger um self débil e, além disso, defectivo e incompletamente indiferenciado do objecto". O recurso à droga, sentida à uma como o bom e mau objecto, aparece como uma contínua passagem a acto, "defesa artificial contra afectos intensos e primitivos"(Lopes, 1987).

Operam ainda nesta conceptualização de referencial kleiniano aqueles que definimos atrás como conceitos-chave: o mal-estar que revela a depressão, a identificação (perturbada), a regressão (a fases arcaicas), a relação objectal (clivada, parcial, projectiva, fusional). O retrato do toxicómano di-lo um ser ambivalente, clivado no interior de si, subjugado por uma afectividade arcaica, mobilizando defesas muito primitivas, recusando deprimir (impossibilidade de acesso à fase depressiva), euforizando, em 'acting out' pela droga, um existir falho de coesão, ameaçado na sua fragilidade, inseguro, insaciado.

-LACANIANOS-

A fase do espelho, descrita por Lacan, que, situada entre os seis e os dezoito meses, constitui "a matriz e o esboço do que há-de ser o Eu" (Laplanche e Pontalis, 1970), é utilizada também na compreensão do toxicómano. O "espelho partido" (por oposição ao "espelho realizado" da criança normal, capaz de reconhecer a sua imagem num espelho, sinal duma unificação imaginária de si por identificação com a imagem do semelhante como forma total), é um traumatismo precoce que impossibilita a primeira identificação fundadora duma unidade do Eu. A "identidade partida" será então o pano de fundo da deriva do toxicómano (Olievenstein, 1982, 1987).

Seja, no entanto, qual for o referencial psicanalítico (por vezes ele não é nítido, utilizando-se ecleticamente e em sobreposição os diversos conceitos e descrições que esta corrente teórico-interventiva construiu ao longo da sua história), o toxicómano revela hoje, no seu sofrimento e no seu comportamento, um processo pessoal de inícios longínquos - as raízes fora da sua memória consciente. Mas processo que lhe imprimiu uma falta, sentimento que adquirirá a inexorabilidade dum destino: porque se reactualizará em angústia, porque repetirá imprevistamente o vazio. Este processo pessoal de inícios longínquos viveu-se no seio de relações familiares peculiares, que a teoria psicanalítica tenta caracterizar.

-INSTÂNCIAS PARENTAIS-

Se bem que sejam uma presença contínua na compreensão psicanalítica do toxicómano, não são, regra geral, encarados como determinantes *de per si*, mas enquanto elementos que interagem e lançam luz sobre os processos psicodinâmicos do indivíduo. São os alicerces profundos das vicissitudes do desenvolvimento, tendo um papel precocemente desempenhado nos processos intrapsíquicos e de relação objectal do toxicómano adolescente.

A leitura do dado clínico retrospectivo sobre o adicto mostra-o, frequentes vezes, elemento de famílias perturbadas:

. o *pai* é ausente, ausência física ou resultante da fragilidade da figura ou personalidade. Não há, assim, lugar para o confronto com a imagem paterna, indispensável ao processo de identificação secundária, continuando o Ideal do Eu dominado pela perfeição narcísica e fusional típica das identificações primárias - relativas à figura maternal e situadas no primeiro ano de vida. Por outras palavras: mantém-se a ilusão, não havendo adaptação à desilusão. O efeito químico é o criador mágico da ilusão da criança sem responsabilidade (Charles-Nicolas, 1987).

A falha paternal diz respeito à não introdução da lei na relação do bebé com o mundo. Uma tendência ulterior à transgressão manifestar-se-á, e a dependência instalar-se-á no lugar da lei que falta (Charles-Nicolas, 1987).

. a *mãe* induz, na relação precoce com o bebé, a "falta da falta" (Charles-Nicolas, 1987): uma antecipação ansiosa da experiência dos desejos do bebé, não deixando lugar à falta. Este modo de relacionamento ligar-se-ia à intolerância, manifestada pelo toxicómano, à frustração.

A ausência de distinção da significação dos gritos do bebé engendrará, por seu lado, resposta automática materna através do alimento, relacionável com as condutas ulteriores de incorporação no lugar dos processos de mentalização.

. a *família*: a droga pode aparecer, bruscamente, no meio familiar, vindo desempenhar um papel na economia das relações familiares. Pode ser investida pelos pais como causa única do falhanço do filho que projectaram, ao projectarem-se nele; e investida pelo filho como instrumento de oposição (Kipman, 1987).

Tem sido, em diversos estudos, salientada a frequência de condutas de intoxicação no meio familiar; e com frequência descritas as famílias com graves perturbações da comunicação⁽²¹⁾ (p.e. as famílias "soldadas" em torno duma

(21) Aproximação a uma leitura sistémica do comportamento toxicodependente, leitura no entanto pouco desenvolvida na literatura sobre o fenómeno.

missão colectiva, as que fazem rodar as interacções em volta da obsessão com a educação "cultural", racionalizando permanentemente e não lidando com o registo afectivo senão para o realinhar pelo projecto "cultural"). Estas perturbações da comunicação tenderiam a manter a criança em forte situação de dependência.

As transformações da dinâmica familiar por mutações do processos social geral - como p.e. o acesso da mulher ao mundo do trabalho, os novos papéis femininos... - podem jogar papel perturbador no estabelecimento das identificações primárias durante o primeiro ano de vida do bebé, o que se liga à dificuldade de elaboração da posição depressiva, necessária à formação dum certo número de mecanismos (Soulé, citada por Dias, 1980).

*

* *

Em síntese: a abordagem psicanalítica, aplicando os seus sistemas de conceitos a este novo objecto da desviância, opera uma descrição psicopatológica do toxicómano própria duma racionalidade psicológica: o indivíduo e as suas peculiaridades de funcionamento são o centro, e não já, como na abordagem psiquiátrica clássica, o quadro clínico como entidade repartidora dos indivíduos. Deslocação da classificação à compreensão, da perturbação ao indivíduo que a carrega, da causa do sintoma ao seu significado.

No entanto, esta coordenada semiológica do núcleo explicativo da psicanálise⁽²²⁾ não impede que este sistema teórico opere num nível determinista: o processo que, desde a marca inicial das relações precoces ao resultado final das condutas perturbadas adolescentes, esclarece o resultado singular que é a individualidade de cada toxicómano, não deixa de reflectir um esquematismo causalista no racional da psicanálise. A toxicomania é produto duma direcção

(22) Reportamo-nos aqui a C. da Agra (1989) SUJEITO, CIENCIA E PODER - ESBOÇO DE EPISTEMOPSICOLOGIA (para publicação), obra em que procede a uma análise detalhada do "núcleo e das coordenadas explicativas da psicanálise": núcleo explicativo-semiológico, constituído pela coordenada determinista, de natureza explicativo-causalista, e pela coordenada semiológica, de natureza simbólico-interpretativa. Esta análise permitiu-nos organizar dum modo coerente uma constatação que vínhamos fazendo e que nos parecia contraditória: a coexistência de dois níveis de tratamento do dado clínico tão diferentes dentro dum mesmo sistema teórico.

particular da existência do sujeito, direcção que é determinada desde os seus inícios como indivíduo e que tem, através das causas operantes no seu psiquismo, a inevitabilidade dum fatalismo. Não há escolha, na procura da droga - há culminar dum processo que o indivíduo realiza mas não elegeu.

Esta racionalidade psicológica, operando ainda com o conceito de personalidade, não tenta fixar-lhe um perfil pré-toxicómano, base estrutural fixa conducente à compulsão do consumo de drogas - tenta escutá-la na sua dinâmica, no seu jogo de conflitos, no seu crescimento. Com efeito, há amplo acordo entre os autores quanto à impossibilidade de se concluir por uma estrutura de personalidade que desemboque provavelmente na toxicodependência - já o vimos atrás. Mas, por outro lado, há amplo acordo em reconhecer-se que existirão *traços de funcionamento comuns* às diferentes estruturas. A *falta*, que engendra um sentimento de vazio, de privação fundamental (Bucher e Costa, 1986), pode inscrever-se em qualquer das áreas da estruturação humana. Pode dizer respeito ao corpo, ao psiquismo, à família; pode ser da ordem da carência afectiva, da ausência de comunicação, de projectos, de ideias ou dimensões místicas (Bucher e Costa, 1986); o conteúdo do imaginário do toxicómano verdadeiro exprime-se no modo "falhento" (manqué) de que se constitui o sentimento da sua identidade (Olievenstein, 1987). O significado do consumo de drogas aparece assim ligado ao preenchimento desta *falta*, constante nos toxicómanos, e constitui-se num mecanismo de resposta imediata, "em directo" (Bergeret, 1981), numa ausência de secundarização mental e libidal traduzida na predilecção pelas manifestações agidas em detrimento das elaborações, e responsável pela impulsividade atribuída ao toxicómano, numa busca narcísica do prazer, numa manutenção da auto-estima através dos psicoactivos - insuflação química do self (Lopes, 1987).

Apesar do acordo sobre o que seriam alguns dos traços de funcionamento, "tudo se opõe a uma descrição unívoca da psicopatologia do toxicómano" (Olievenstein, 1985) - o carácter de *mobilidade psíquica* nos seus processos psicodinâmicos parece ser uma descrição mais próxima do vivido toxicómano. Esta mobilidade psíquica, que Olievenstein caracterizava como

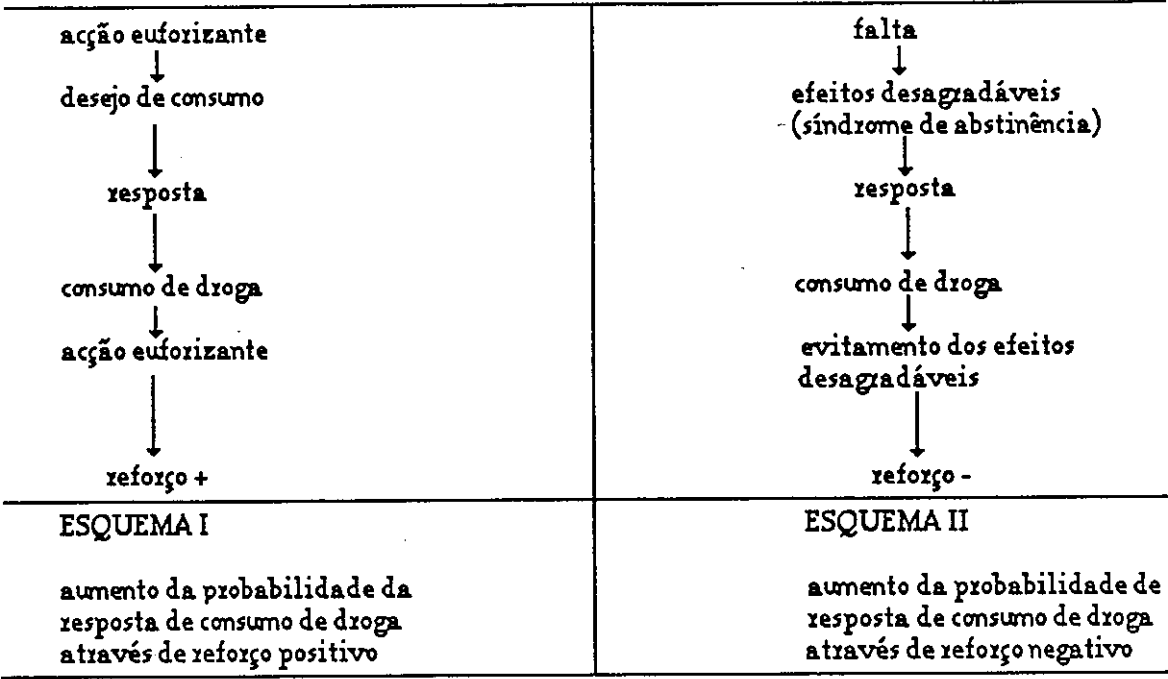
prodigiosa aceleração/desaceleração dos fenómenos mentais, o que no neurótico ou no psicótico demoraria anos a estruturar-se, é também assinalada por Bucher e Costa (1986), sob a forma de inquietante interrogação à investigação científica futura: "Existe (no toxicómano) um movimento temporal (ou pulsional) próprio e descontínuo que, no entanto, escapa à investigação científica, embora obedeça, sem dúvida, a certas leis e determinantes. Caberá a futuros trabalhos pesquisar este momento cinético específico que parece caracterizar a personalidade do toxicómano".

2. TEORIAS COMPORTAMENTALISTAS E COGNITIVISTAS

As teorias comportamentalistas têm uma escassa quantidade de produção científica em torno do fenómeno da droga, se comparada com a que vimos de expôr em toda a secção anterior⁽²³⁾. Correspondem ao deslocamento da explicação centrada no indivíduo (abordagens clínicas) para a explicação centrada na substância. É ela que produz o toxicómano, ao provocar efeitos que funcionarão como reforço, ora positivo, ora negativo. Procedendo a um traçado esquemático da concepção comportamentalista sobre as condutas de consumo de drogas, obtemos o seguinte quadro:

(23) Se atentarmos no facto de a maioria das comunidades terapêuticas - que constitui uma das mais divulgadas modalidades terapêuticas para toxicodependentes - funcionar fazendo largo uso dos princípios de punição e reforço (objectivo linearista da aprendizagem de novos hábitos quotidianos, num processo de disciplina institucional à revelia da individualidade de cada toxicodependente), verificamos o quanto o registo terapêutico pode desenvolver-se sem a conexão com o trabalho teórico-explicativo. Com efeito, o modelo comportamentalista não informa explicitamente as comunidades terapêuticas, que nalguns casos são dirigidas por não-especialistas e por ex-toxicodependentes.

Quadro 1.: Explicação comportamentalista do consumo de drogas: papel central da substância na instalação da toxicodependência



Para que a droga possa actuar como aliviador do síndrome de abstinência (esquema II), interrompendo portanto uma estimulação aversiva, é necessário que o sujeito já a tenha consumido antes. Os comportamentalistas explicam este primeiro consumo como resposta com efeitos eficazes sobre as consequências duma punição. Note-se, no entanto, que se para os opiáceos se consegue nalguns casos pôr em evidência uma dependência física breve apenas com uma tomada destes narcóticos, para os outros grupos de drogas é bem mais difícil evidenciar tal eficácia sobre o organismo - o que limita grandemente, a nosso ver, o alcance das explicações comportamentalistas com base no reforço negativo.

O estado de dependência, uma vez instalado, é mantido por respostas condicionadas e incondicionadas à droga. É possível identificar e sequenciar quatro modos de actuação do reforço, responsáveis pelo uso continuado (Sedler e Zeidenberg, 1982):

Quadro 2.: Manutenção da dependência duma droga (opiáceos, neste exemplo) através da actuação de quatro tipos de reforço comportamental (in Sedler e Zeidenberg, 1982).

	Incondicionado	Condicionado
Contingência de reforço positivo	Euforia efeito anti-ansiedade efeito analgésico	P. ex. associados com iniciação numa subcultura, com consolidação de identidade e relações com iguais
Contingência de reforço negativo	"Falta" fisiológica estados de dor	medo de descontrolo isolamento social ...

As contingências de reforço positivo podem ser primárias (prazer intenso que se segue ao consumo) ou secundárias (reforço social proporcionado por ex. pela subcultura específica); também as contingências de reforço negativo podem ser primárias (terminação do síndrome de abstinência através de novo consumo) ou secundárias (interpretação de estímulos neutros presentes na situação de 'falta', no sentido da sua vivência como sinais de abstinência).

As contingências de reforço primárias, mas mais espectacularmente ainda as secundárias, põem em evidência o *processo de aprendizagem* das condutas de uso de drogas, sendo a dependência compreendida como o resultado dum comportamento que é induzido pelas consequências da sua ocorrência anterior.

Esta concepção do processo de aprendizagem contém já em embrião o papel das expectativas (leitura de estímulos neutros e sua associação/interpretação no sentido expectado de acordo com a subcultura) e a importância das relações subgrupais, temas que serão desenvolvidos principalmente na secção 3.4., CAP. II.

As concepções cognitivistas aplicadas ao comportamento adictivo começam, de há pouco tempo para cá, a ganhar importância crescente na literatura sobre o fenómeno droga - de acordo, afinal, com a actual tendência de concorrerem com os seus modelos para o confronto de teorias com aspirações paradigmáticas nas ciências do psiquismo. Têm, no entanto, dado sobretudo relevo ao aspecto da intervenção. Referir-nos-emos, como modo de ilustração das direcções empreendidas por estes modelos, à teoria racional-emotiva da adicção proposta por Ellis e col. (Ellis, McInerney, DiGiuseppe, Yeager, 1988). O eixo central da teoria diz respeito às *crenças irracionais* que criam e mantêm o abuso de substâncias (ou outras condutas adictivas, como a do jogo ou certas condutas sexuais). Assim, os autores tentam identificar diferentes padrões de crenças irracionais, emoções e comportamentos que prevalecem no abuso de substâncias - estabelecem deste modo *padrões de dinâmica cognitiva*. Um destes padrões diz respeito à baixa tolerância à frustração ("LFT pattern"): a antecipação da dor ou do mal-estar psíquico gera um estado emocional próprio, desencadeado pela crença irracional de que a dor ou o mal estar são insuportáveis e impossíveis de tolerar. Esta crença parece ser onnipresente nos indivíduos com problemas de adicção, assumindo importância central na sua criação e manutenção. Outro padrão de dinâmica cognitiva diz respeito à adicção como forma de evitar ou escapar dos problemas. O uso de tóxicos para aliviar a situação de tensão da ansiedade que deriva do problema original tem vários efeitos negativos: a) reforço das crenças do indivíduo relativamente à impossibilidade de suportar a tensão: b) reforço do hábito de consumo de tóxicos com o objectivo de resolver os problemas emocionais; c) impede que o indivíduo aprenda outras estratégias efectivas para lidar com acontecimentos problemáticos, comprometendo o desenvolvimento de competências que poderiam, doutro modo, ser usadas e desenvolvidas. Este

padrão de dinâmica cognitiva implica um importante papel do reforço negativo: a remoção de estados indesejáveis através do consumo de tóxicos.

Parece-nos que este modelo representa uma teoria de compromisso, ao assentar no papel do reforço tal como o expusemos já atrás, combinando-o por outro lado com o papel das expectativas do sujeito a respeito do seu próprio comportamento e com padrões de dinâmica cognitiva que os autores identificam e tipificam; representa ainda um compromisso no sentido em que é admitido o contributo de predisposições biológicas na base da instalação da toxicodependência e a possibilidade da implicação de perturbações precoces da personalidade tais como dificuldades no controle dos impulsos ou no conformismo perante a autoridade.

*

*

*

No quadro 3. (ver página seguinte) procedemos ao agrupamento das abordagens referidas até agora, dividindo-as em dois grandes grupos: clínicas e psicológicas. Para cada uma apresentamos as palavras-chave que designam os conceitos centrais e uma breve descrição sumária.

3. PARA LÁ DO INDIVÍDUO

Nas *abordagens clínicas*, o *indivíduo* constitui-se em enigma, no sentido kuhniano do termo: é ele o objecto que irradia as interrogações, os problemas e as hipóteses e que faz convergir na sua direcção as escolhas investigativas; nas *teorias comportamentalistas*, a *substância* desencadeia as respostas e os reforços, produzindo o toxicodependente⁽²⁴⁾ ; faltavam - e faremos delas agora a síntese - as

(24) Tanto as abordagens clínicas como as comportamentalistas tomam por vezes em consideração factores socio-culturais - mas apenas o fazem para aumentar a nitidez ou a evidência das suas teses teóricas. Vimo-lo, p.e., quando Soulé falava na transformação social com a ascensão da mulher ao mundo do trabalho; vimo-lo também no modo como os comportamentalistas falavam no papel da subcultura.

QUADRO 3.: Abordagens descritivas e teorico-explicativas do fenómeno droga

Quadro-resumo das secções 1. e 2. A linha horizontal separa as abordagens que tomam como central o indivíduo, nas quais o conceito de PERSONALIDADE é organizador e gerador de hipóteses de trabalho (zona acima da linha), daquelas que tomam como central a substância (zona abaixo da linha)

ABORDAGENS	POSICÃO TEORICO-EXPLICATIVA	CONCEITOS CENTRAIS	DESCRIÇÃO SUMÁRIA
C L I N I C A S	NOSOGRAFICAS	QUADROS CLINICOS	Pesquisa semiológica e diagnóstico de situa- ções clínicas clássicas: assimilação da toxico- mania à racionalidade repartidora das desor- dens psíquicas.
P S I C O L Ó G I C A	PERSONALIDADES PRÉVIAS ou PREDISPONENTES	TOXICOFILIA ESTADO-LIMITE	O conceito de personalidade organiza uma compreensão comum às abordagens psico- lógicas não comportamentalistas, deslocan- do-se do diferencial nosográfico (ainda pre- sente nas personalidades toxicofílicas) para o da dinâmica individual das modalidades do funcionamento peculiares (perfis "bor- der-line")...
	PSICANÁLISE	DEPRESSÃO PASSAGEM A ACTO REGRESSÃO IDENTIFICAÇÃO ESPELHO PARTIDO	... até centrar os seus esforços explicativos nas vicissitudes da biografia do toxicómano: relações precoces, estruturação de mecanis- mos de defesa, lacunas e vazios instalados, enquadramento familiar (características das figuras paterna, materna, das condutas fami- liares); descrição psicopatológica com acento nas modalidades de gestão da angústia e no papel jogado aí pela euforia química.
	COGNITIVISMO	CRENÇAS IRRACIONAIS	INDIVÍDUO
	COMPORTAMEN- TALISMO	RESPOSTAS CONDI- CIONADAS E INCON- DIONADAS À DROGA REFORÇO POSITIVO E NEGATIVO	SUBSTÂNCIA
			Centralidade da substância na produção do toxicómano; os efeitos produzidos pela subs- tância funcionaram como reforço, ora positivo, ora negativo; Aprendizagem por condiona- mento

abordagens que procuram a explicação do uso de drogas e da toxicodependência centrando-se no *meio*.

Fecha-se assim o triângulo substância-indivíduo-meio proposto por Olievenstein para a compreensão do fenómeno droga - triângulo que ele concebia indesmembrável, de vértices indesligáveis, e que afinal, vamo-lo constatando, as diferentes teorias tomam isoladamente, operando explicativamente através de reducionismos.

3.1. do clínico ao historico-social

Atrás (ponto 1.3., título "Lacanianos"), centrámo-nos em Olievenstein a propósito da caracterização dinâmica do toxicómano - vimo-lo aí envolvido na grelha conceptual da psicanálise. No entanto, se percorrermos diferentes momentos da sua obra, seguindo-lhe a evolução temporal desde os anos 70 até hoje, constataremos que o autor não se fixou somente no sistema semiológico-explicativo psicanalítico. Por várias vezes declara a necessidade de o integrar com outras possibilidades de percepção do fenómeno da droga - se a psicanálise foi o seu lugar de partida, não foi de modo nenhum o lugar exclusivo a que o conduziram os problemas postos pelo objecto.

Voltaremos agora de novo a Olievenstein - provavelmente o autor de maior reconhecimento internacional no campo das drogas -, para, olhando-lhe a obra na sua evolução interna desde o referencial inicial lacaniano, o tomarmos como o operador duma dupla operação de deslocamento e integração. Esta dupla operação conduz-nos do clínico ao histórico-social e não nos propõe uma mera permuta de pontos de vista analíticos (troca do indivíduo pelo seu meio - o que aconteceria se apenas se realizasse o deslocamento), antes nos transporta a uma compreensão mais englobante e complexa (o que acontece porque se realiza a integração).

a) *deslocamento*: psiquiatra e psicanalista, exerce um olhar crítico sobre o dispositivo da psiquiatria, tanto ao nível geral - efeito perverso de

institucionalizar e cultivar a doença - (Olievenstein, 1982) como na sua aplicação à toxicodependência - o drogado manifesta profundas diferenças em relação ao doente mental, a toxicomania tem um carácter irreduzivelmente específico - (Olievenstein, 1979).

Retira-se do dispositivo de saber-poder da psiquiatria, na sua busca de compreensão, explicação e tratamento deste novo fenómeno mórbido (Agra, 1986). Cria então Marmottan, em Paris, que será uma nova referência no tratamento de toxicodependentes. (25)

O deslocamento que opera, a partir do seu estatuto psiquiátrico de base, é então duplo: diz respeito à estratégia de intervenção e à estratégia teórica.

Da estratégia de intervenção: recusa da aplicação imediata, 'tout court', da racionalidade da doença mental ao toxicodependente; procura dum novo modo de ajuda clínica a partir da especificidade irreduzível do dependente de drogas, com especial atenção ao seu vivido fenomenológico.

Da estratégia teórica: afasta-se da posição habitual e dominante da psicanálise, que procede a uma assimilação do objecto-toxicodependência às suas grelhas teorico-explicativas prévias; demonstra a necessidade de distinguir claramente o toxicómano do indivíduo que usa drogas ("há tanta diferença entre um utilizador recreativo de drogas e um toxicómano verdadeiro como entre a Schweppes e o vodka") (Olievenstein, 1987) e esta distinção relaciona-se com factores socio-culturais a que a psicanálise é alheia; põe em questão o carácter ilusório do prazer do drogado: não só não é da ordem exclusiva do fantasmático como pertencente ao real - é extase verdadeiro. A ilusão, afinal, é de ordem explicativa: alucina-se um eventual carácter ilusório da experiência com a droga e despreza-se o seu significado fundamental. Tal significado condensa-se numa

(25) A referência de Agra a Olievenstein aparece, não no âmbito duma análise isolada da sua obra, mas na duma análise epistémica permitida pelo objecto droga. Olievenstein aparece como um dos signos daquilo que "agoniza na toxicodependência" (Agra, 1986): o registo repressivo, por um lado, o registo clínico, por outro - "a psiquiatria e a psicanálise estão em vias de agonizar perante o novo fenómeno mórbido como instrumentos de normalização" (Agra, 1986). É o próprio Olievenstein, na reflexão sobre a sua prática psiquiátrica, quem afirma que as drogas "recolocam em questão globalmente a legitimidade da reacção repressiva e psiquiatrizante da sociedade face ao fenómeno da droga" (Olievenstein, citado por Agra, 1986). Para aprofundamento desta análise cfr. CAP. III, 1.3.)

nova forma de conduta juvenil que desafia os códigos sociais vigentes, trazendo à luz um relacionamento do jovem com o mundo que questiona e põe em causa abertamente a gestão do social, da doença (o toxicómano não é primordialmente um doente) e da individualidade (a alteração voluntária da consciência, a desprogramação/reprogramação química...); a massificação do fenómeno ao nível do sector juvenil releva de componentes culturais, sendo portanto um processo extra-individual.

b) *integração*: surge, assim, no seu modo de teorizar o problema da droga, a necessidade de empreender a resolução daquilo a que chama "uma equação a três parâmetros": o encontro do produto, duma personalidade e dum momento socio-cultural. Do lado do indivíduo, recorre à sua infância, na qual se produziram "fendas"⁽²⁶⁾; recorre à psicanálise e a Lacan, ao dar conta da especificidade do toxicómano na vivência da "fase do espelho", momento organizador onde se infiltrou a fenda (ver ponto 1.3., CAP. II). Do lado do encontro do indivíduo com o produto, descreve a fenomenologia do vivido toxicómano: o "flash", o "planeta", a "descida"... Do lado do momento socio-cultural apercebe, nos anos 60, a relação entre a emergência de movimentos subculturais juvenis e o uso de drogas. Procura a relação entre a massificação do fenómeno droga, que se inicia nesta altura, e novas exigências e expressões vivenciais juvenis. Inquietado com algo que via nascer e que o interrogava na sua prática de psicanalista⁽²⁷⁾, visita por conta e risco próprios os lugares "santos" da droga: Portobello Road em Londres, Katmandu, capital internacional dos hippies, Kaboul, Istambul, Goa, a Califórnia (onde já vai tardiamente, apercebendo-se de que S. Francisco já não possuía signos evidentes do que foi nos anos 60 - transitoriedade histórica duma dada subcultura e dum dado uso/função de certas drogas); dos lugares "santos" passa-se aos "infernais", ao *junkie* de rua,

(26) "brisures" no original, que traduzimos por "fendas" com perca de expressividade, mas para o qual não encontrámos melhor.

(27) Em LA DROGUE OU LA VIE, Ed. Robert Laffont, 1983, Olievenstein descreve a necessidade imperiosa que sentiu de saltar da sua clínica de Marmottan para os lugares de que os seus clientes, entusiasmados, lhe falavam. No fundo descreve o salto que pressentiu necessário para fora do indivíduo, ao encontro dum fenómeno generacional que exigia uma escuta da sua diferença, um entendimento da sua mensagem sociológica.

ao toxicómano dos bairros degradados, dos "boulevards" do tráfico - percorre assim a escala que vai duma subcultura da droga leve (extremo "doce" da escala), à dependência e degradação psico-física (extremo "pesado").

Se, em síntese, começa no indivíduo o fio da meada explicativa - e a ele retorna no caso das toxicomanias a que chama verdadeiras - entende porém o problema da droga como um fenómeno com determinações *histórico-sociais* (anos 60 como os anos de novas experiências juvenis em que as drogas desempenharão lugar central), com gradações de intensidade e de significado que têm menos a ver com a psicopatologia do que com os subgrupos adolescentes e suas *subculturas*, com ligações ao fenómeno *urbano*: "se falámos da cidade, é que temos plena consciência que é na cidade que se encontram respostas às questões que todos nos colocamos e que seria de todo despropositado limitar e restringir o problema da droga a questões de patologia") (Olievenstein, citado por Ingold, 1986).

Acompanhando a evolução da obra de Olievenstein, fomos passando gradualmente do campo clínico ao terreno do histórico-social - coincidência curiosa com o movimento que o nosso texto tem vindo a seguir e que nos leva a deter agora sobre as problematizações teóricas que entendem o fenómeno da droga enquanto interpelação às ciências humanas cujas respostas se situam na interacção do indivíduo com estruturas *para lá* de si.

3.2. antropo-história psiadélica: o uso integrado das drogas

As disciplinas da antropologia cultural e da etnologia partem dum dado básico: constataam a utilização de substâncias indutoras de estados alternativos de consciência, farmacologicamente capazes de provocarem dependência, em numerosas culturas e épocas históricas. Deste dado básico partem para a discussão do seu significado, que Comas (1981), procedendo a uma revisão da literatura antropológica sobre o tema, sistematizou assim:

- a) uso sagrado, mágico, ritual ou místico - religioso
- b) uso curativo - médico
- c) uso festivo socialmente aceite - lúdico
- d) uso ilegal e estigmatizante - tóxico

Estes usos podem misturar-se ou ser, algum deles, inexistente, consoante a cultura: nas culturas tribais os rituais xamânicos associam usos religiosos e médicos; na nossa cultura quase não existem os usos religiosos, enquanto se confundem os usos médicos e tóxicos (iatrogénicos).

J. Lima Barreto (1982), ao debruçar-se sobre a antro-po-história das drogas e sobre a sua etnobotânica, caracterizava o *psicadelismo*, termo que assinala um uso específico: o que faz da experiência alucinogénea elemento central da festa colectiva, acto deliberado de extensão da percepção, e da associação desta extensão perceptiva com a música de percussão - euforia dos sentidos vivida em reunião grupal⁽²⁸⁾. Esta experiência psicadélica possui um carácter funcional nas sociedades tribais - os psicotrópicos são comunitários, têm uma função integradora face aos padrões culturais. São, em si mesmos, um padrão cultural. Participam em momentos tão diversos como cerimónias de exaltação colectiva, ritos funerários, matrimoniais ou de iniciação, e em povos tão afastados uns dos outros como os índios, os sul-africanos, os siberianos, os povos da Nova-Guiné, os esquimós... (Barreto, 1982). Substâncias alucinogéneas como o cogumelo amanita, o yagé, o "fogo de Sto. Antão" (cravagem de centeio), a mesca (extraída do peiote, cacto mexicano), ou substâncias neuro-estimulantes como a coca andina (donde actualmente se extrai a cocaína), euforizantes como o ópio na Ásia e a ganja jamaicana, são elementos socio-históricos fundamentais das respectivas regiões e grupos sociais.

(28) Algumas dimensões do psicadelismo tribal são restauradas pela subcultura hippie dos anos 60 e inícios de 70 e pelo movimento estético a ela associado, o "acid rock", cujo nome atesta a associação do ácido (drogas alucinogéneas) à festa colectiva dos concertos e festivais rock. O festival de Woodstock pode apresentar-se como paradigmático a este respeito, se bem que represente apenas um dos muitos que poderiam também - e não foram - ter sido retidos pela memória da cultura dominante. Jorge Lima Barreto propõe uma interpretação do movimento rock até 1980, e encarado pelo seu lado humano, como fenómeno tribal: as ligações música/experiência psicadélica relevavam de funções comunitárias e integradoras procuradas pelo grupo juvenil, manifestando-se expressivamente como contraculturas relativamente à cultura urbana dominante que tende a provocar a distância social (tomamos a expressão de Matza, 1969) e o isolamento.

Sem nos determos em pormenor nos dados postos em relevo pelos estudos da antropologia cultural, procuraremos antes extrair a contribuição que representam para a compreensão do fenómeno droga, e que sintetizaremos a seguir:

- . a busca de estados alternativos de consciência pelo recurso a substâncias psicoactivas é *uma constante* de praticamente todas as épocas e culturas;

- . a análise do funcionamento do uso das drogas em diversas sociedades e culturas permite extrair funções universais deste uso: a *função mágico-religiosa*, em que as drogas se revelam dotadas de instrumentalidade comunicacional, dentro da cosmovisão própria à população que as usa; a *função de equilibradores subjectivos* das tensões produzidas pela existência social do homem (Romani, 1982), ou da fuga à transitoriedade e angústia que decorre dessa existência (Bucher e Costa, 1986). Ligam-se, pois, a uma vontade de transcendência dos constrangimentos variados que cada sociedade ou grupo enfrenta; a *função de procura do prazer*;

- . há um *carácter supra-individual* no recurso às drogas. O indivíduo adere a um padrão cultural disponível, que lhe pré-existe;

- . o uso de drogas participa de funções codificadas simbolicamente (p.e. a lúdica) e, como todo o padrão cultural, resulta dum *processo de aprendizagem* que lhe assinala os limites, a razoabilidade e a perigosidade, mantendo-o por este processo dentro das fronteiras dum uso, na grande maioria das vezes, não-disruptivo - um uso integrado e integrador (p.e. nos rituais de iniciação);

- . a droga enquanto entidade dotada de propriedades farmacológicas não produz o fenómeno desviante da toxicodependência - o que o produz é a eficácia simbólica (Comas, 1986)⁽²⁹⁾ que se lhe associa: as expectativas em relação aos seus possíveis efeitos, expectativas que estão culturalmente codificadas.

(29) Expressão tomada por Domingo Comas de Lévi-Strauss, que a utilizou para descrever a manipulação psicológica, aos níveis consciente e inconsciente, que os xâmanes índios Cuna (Panamá) realizavam nos casos de dificuldades de parto.

3.3 microsociologia e antropologia urbana psicadélicas: usos desviantes das drogas

As drogas, acabámos de o ver, fazem-se então entidades cuja componente farmacológica é secundária e até relativamente arbitrária (vê-lo-emos ainda melhor adiante): os seus usos participam dum universo simbólico e têm de ser esclarecidos por referência ao socio-histórico, datado em relação a um tempo, a um lugar geográfico e aos grupos que aí vivem.

O lugar, o tempo e os grupos têm vindo a mudar: as drogas exotizam-se (passam a usar-se em grupos longe do lugar geográfico de origem da droga e longe dos padrões culturais em que ela se inscrevia e reforçava) e tornam-se juvenis (passam-se do consumo por adultos para o dos jovens). Há "uma desapareição das barreiras físicas de espaço e tempo para a difusão das drogas exóticas" (López e Sanjuán, 1983).

A crescente massificação do seu consumo por determinados sectores da juventude, sobretudo a partir dos anos 60, e a reacção social de pânico e de repressão, criam em conjunto o "problema da droga", repetido pelo discurso dominante como "praga do século" e oferecido às disciplinas do humano como enigma a esclarecer.

Enquanto os seus usos se fazem usos desviantes (processo já localizável no século XIX, o século do ópio, dos morfinómanos adultos e das "fumeries" de haxixe para elites de intelectuais), o "problema social" que constitui faz-se também problema científico. Despertam uma consciência e uma vontade descritiva e explicativa sociológicas acerca do "outsider" (Becker, 1963), o indivíduo que, violando regras estabelecidas dominantes e sendo etiquetado, pela reacção social concomitante, segue uma "carreira desviante" (Microsociologia da Desviância), desperta uma consciência antropológica para o fenómeno urbano e o desenvolvimento de padrões subculturais inscritos na dinâmica cultural dos tecidos sociais em urbanização crescente (a Antropologia Urbana faz central o tema da desviância e produz literatura sobre as drogas), desperta o "troubled teen" (Sommer, 1984): consumo de droga enquanto comportamento adolescente

autodestrutivo associado a processos sociais mais gerais - os distúrbios familiares, os sentimentos de isolamento e alienação. Merton havia já há algum tempo reintroduzido o conceito durkheimiano de anomia para explicar os efeitos duma tensão estrutural na sociedade americana e utiliza-o como conceito operativo na psicopatologia da personalidade, na conduta anti-social e mesmo nas actividades revolucionárias. E o conceito de desorganização social é desenvolvido por praticamente todos os autores da Escola de Chicago ao debruçarem-se sobre as manifestações da transgressão, da marginalidade e do desvio nas grandes metrópoles dos EUA⁽³⁰⁾.

Os comportamentos do consumo de drogas, encarados desde fenómeno subcultural até conduta adolescente auto-destrutiva, encarados desde fenómeno que releva da diversidade de padrões própria a sociedades heterogéneas até condutas decorrentes da anomia, encarados sob o ângulo do microgrupo juvenil e das questões do status social adolescente ou sob o ângulo da ecologia urbana, são inscritos num racional teorico-explicativo mais geral que engloba uma dispersão de comportamentos desviantes e que faz deles objectos dados à análise das diferentes ciências humanas. O estilo de abordagem será centrado mais no *papel* das drogas e no *significado e componentes simbólicas* das condutas do seu consumo (como vimos já nas secções 3.1. e 3.2. do CAP. II) do que nos factores conducentes à patologia toxicómana (secção 1. do CAP. II). Novas concepções metodológicas darão curso a direcções investigativas que atravessam a psicologia social, a sociologia e a antropologia - os objectos da desviância e os modos de investigação sobre eles aplicados tornar-se-ão um campo transdisciplinar onde enunciados, conceitos e teorias geram fluxos comunicantes duns domínios a outros e as próprias metodologias fazem rede.

As páginas seguintes tentarão dar conta, em síntese necessariamente breve, deste processo.

(30) Os pontos de vista da Escola de Chicago, do funcionalismo (Merton) e da Nova Escola de Chicago constituem assim matrizes da teoria sociológica da desviância que, embora construídas a propósito do crime e da delinquência e anteriores (pelo menos no seu início) à expansão do fenómeno droga, lhe darão um enquadramento que continua a alimentar hoje investigação neste domínio.

3.3.1. novas direcções investigativas e crítica do conceito de patologia

O trabalho de campo e a constituição de monografias intensamente descritivas das "sociedades primitivas" tratavam em pormenor aspectos da vida social: "meio ambiente, características sociais, demografia, estatísticas vitais, tecnologia, economia, organização social, ritos de passagem, leis, religião, magia, mitologia, folclore, passatempos, etc." (Evans-Pritchard, 1972). Pelo próprio alcance holista do tipo de abordagem, a antropologia cultural coloca-se como disciplina de charneira nas ciências humanas, "condição sine qua non de eficácia explicativa para um número cada vez maior de investigadores" (Silva e Pinto, 1986). A análise decorrente do material de campo, instaurando o nível abstrato e formal a partir do concreto descritivo, conduz o método antropológico ao questionamento de problemas sociológicos. E a sociologia, investigando já não no terreno "selvagem" do antropólogo mas no terreno nativo do próprio investigador, recorrerá a uma abordagem semelhante à antropológica na tentativa de compreensão proximal da realidade social em estudo.

É este movimento de interpenetração que teremos de ter presente se quisermos perceber, a partir dos anos 20, o esboçar de *novas direcções investigativas*: um intenso trabalho de campo recorrendo à etnografia descritiva e, apoiado nela, ao estabelecimento das características significativas de sistemas de actividades sociais. Este objectivo e o próprio método de o conseguir aproximam antropologia cultural, sobretudo a partir dos trabalhos de Malinowski, e sociologia, sobretudo a partir da Escola de Chicago, das suas análises do processo da desviância e das características subculturais dos "mundos desviantes".⁽³¹⁾ O próprio Malinowski, em 1926, tinha já iniciado o estudo do crime nas "sociedades

(31) O movimento de fluxos comunicantes entre as disciplinas das ciências humanas não se resume a este exemplo. As ligações entre antropologia e psicologia são estreitas na Escola Culturalista Americana - cuja designação alternativa, Escola Cultura e Personalidade, deixa bem expresso o movimento intelectual tentado nos anos 20 e 30. No final dos anos 30, Kardiner, psicanalista, apoiado sobre os inquéritos etnográficos de Ralph Linton, escreve um "ensaio de antropologia psicanalítica" no qual procura "descobrir no coração da psique a marca inconsciente das instituições sociais e no coração da sociedade o traço dum sujeito que seja o referente de todas as significações subjectivas" (Kardiner, 1939). Desenvolverá, nesta análise, os hoje clássicos conceitos de personalidade de base, instituições primárias e instituições secundárias.

selvagens" (Malinowski, 1966) - e o crime é um dos objectos que será privilegiado nos trabalhos da Escola de Chicago⁽³²⁾.

Durante os anos da depressão americana a juventude emergiu como problema social importante. Atingida pelo desemprego, sobretudo a das periferias de concentração operária, é figura central do ghetto e da violência urbana. A universidade de Chicago toma estes "mundos desviantes" como campo e, no trabalho de campo, tomará a juventude e os seus desvios como objectos (sobretudo a juventude delinquente das classes trabalhadoras).

O modelo de Chicago baseia-se na ecologia das plantas adaptada à vida nas cidades: "como as plantas, os seres humanos vivem juntos num estado de simbiose, como diferentes espécies vivendo no mesmo habitat" (Brake, 1985). Multiplica os meios de observação social então institucionalizados na sociologia, inspirando-se nos trabalhos antropológicos: grande utilização da observação directa e participante, utilização de documentos, histórias de vida, pesquisa de terreno sistemática nas zonas urbanas de concentração de delinquentes, prostitutas, "hobos" (homens sem lar que se concentravam em "hoboémia", zona específica de Chicago que reunia trabalhadores em regime deambulante, mendigos...), consumidores de drogas...

Faz uma abordagem destas *culturas urbanas desviantes* através da "apreciação" (Matza, 1969), atitude naturalista de estudo em directo no contexto de ocorrência dos fenómenos e baseada no próprio ponto de vista dos indivíduos, "em oposição à atitude de neutralidade fomentada pela filosofia das ciências" (Matza, 1969). Elabora-se uma sociologia participante (Ferrarotti, 1981), com grande atenção ao habitat natural de modo a centrar no contexto que é o delas as condutas consideradas de transgressão - colocar o indivíduo desviante "na sua luz própria, que é uma luz humana" (Matza), descrever com precisão "a anatomia social antes que possamos exactamente saber que fenómenos são os que vemos" (Becker, 1963).

(32) Interessante constatar como Malinowski, que estudou psicologia em Leipzig, se refere com frequência, em *CRIMEN Y CUSTOMBRE EN LA SOCIEDAD SALVAJE*, à "teoria sociológica"; e como é frequente encontrar nos sociólogos de Chicago "inspiração antropológica"...

Constrói-se assim a *ecologia urbana*: os "mundos desviantes" estão sempre ligados a uma base ecológica - as figuras da desviância movem-se nos palcos que são os seus. Concentração centrípeta dos actores em volta do seu espaço particular, e o efeito desta concentração analisa-o a microsociologia de Chicago: dando conta da emergência de organizações sociais peculiares - ligadas, pois, a uma matriz ecológica particular. "Esta noção é o laço, precoce e persistente, que une o que podem parecer dois produtos incompatíveis da Escola de Chicago: a etnografia e a ecologia" (Matza, 1969).

O estilo de abordagem desta escola no que respeita aos fenómenos da desviância está sintetizado com clareza nos dois excertos de Atkinson e Hammersley (1983) que transcrevemos:

"Desenhando uma analogia com a ecologia botânica e animal, documentam os padrões de vida muito diferentes encontrados na cidade de Chicago: da 'alta sociedade' da Gold Coast até aos bairros pobres e Ghettos como Little Sicily. Mais tarde, a mesma abordagem aplicou-se às culturas das diferentes ocupações e grupos desviantes (...). Descrever tais mundos testa suposições e cria teoria."

"(a sociologia de Chicago) alimentou-se dum exercício cartográfico, estudando Little Sicily, Jewish Ghetto (...) os bairros pobres (...) e os gangs da cidade. Cada destas áreas era tratada como um mundo simbólico criador e perpetuador duma organização social e moral distinta. Cada um era sujeito a uma análise interpretativa que tentava reproduzir os processos desta organização". (Rock, citado por Atkinson e Hammersley, 1983).

A descrição detalhada do fenómeno desviante com a preocupação de penetrar a visão do mundo do próprio indivíduo aí envolvido e a atenção conferida à organização social na diversidade dos settings, se por um lado aproxima a sociologia - via procedimentos da Escola de Chicago - da antropologia, afasta-se por outro da psicologia: "preocupam-se menos do que a maioria dos psicólogos com a localização dos factores sociais ou pessoais que se supõe levam as pessoas ao desvio. (...) Têm uma fé muito menor na eficiência causal de tais factores" (Matza, 1969).

A percepção em profundidade da *diversidade social* gera um tipo de compreensão que afasta o recurso ao conceito de *patologia individual*. Baseando-se num modelo de sociedade em equilíbrio (pelo recurso à noção de ecologia e

pela aproximação aos procedimentos e a uma visão naturalistas), resolvem o problema dos comportamentos desenquadrados do equilíbrio com o conceito de *desorganização social*: em certas condições dos settings urbanos o balanço cooperação/competição destrói o equilíbrio - desorganizam-se os valores e padrões culturais. Acontecimentos específicos como fluxos migratórios, crises económicas, tempo de guerra ou o crescimento urbano acelerado fazem quebrar a solidariedade e o controle sociais (Brake, 1985) e alteram as condições de equilíbrio.

A *desorganização social* contém em embrião as ideias de *tensão* e de *anomia*, que serão centrais na sociologia funcionalista ao debruçar-se sobre os comportamentos desviantes (p.e. Merton, 1938; Clinard, 1985); mas, afinal, tal conceito corresponde sobretudo ao deslocamento do conceito de patologia do indivíduo para o grupo. A Escola de Chicago ainda se não libertaria do racional da patologia - só que ilibou daí o indivíduo...

A continuação duma atitude, tomemos a expressão de David Matza, naturalista, com o seu compromisso com a integridade dos fenómenos e o assumir do risco epistemológico de tomar a subjectividade do actor social como dado, prolongar-se-á na sociologia para além de Chicago. Os funcionalistas e a nova escola de Chicago darão continuidade a esta atitude e radicalizarão a crítica do conceito de patologia. É visto como generalização abusiva do orgânico (onde tem a sua cabal aplicação e utilidade heurística) ao social e ao existencial, "injustificável desde que a ideia de determinismo biológico deixou de ser determinante" (Matza, 1969). Tal generalização, argumenta-se, apenas confunde os dados sobre os fenómenos da desviância: uma patologia é uma mudança inviável - evolução do mórbido, tem no limite o mortal; e precisamente o que ressalta da observação dos comportamentos desviantes se tomarmos o ponto de vista do sujeito implicado neles é a crença na suficiente viabilidade da empresa desviante - "a patologia ignora a óbvia viabilidade e durabilidade do projecto desviante e esquece também a capacidade subjectiva do homem para criar novidade e confrontá-la com a diversidade" (Matza).

No lugar do patológico individual, e mesmo do patológico social dos sociólogos de Chicago, aparecem os conceitos de *variação natural*, *diversidade cultural*, *desviância normativa*. É com eles que temos de associar o termo *desviância*, se quisermos desligá-lo de conotações valorativas desenvolvidas pela tradição disciplinar e normalizante que, na vontade de gestão da vida, fez emergir dispositivos de controle das desordens.

A posição metodológica e conceptual que acabámos de sintetizar inscreve-se e co-produz um deslocamento na racionalidade da antropologia (da antropologia positivista das "sociedades primitivas" à antropologia urbana) e da sociologia (da sociologia quantitativa e formal à sociologia de Chicago, aos funcionalistas, ao interaccionismo simbólico e às teorias processuais). Tal deslocamento confronta hoje as configurações clássicas das ciências humanas e da sua divisão e exige-lhes um debate reorganizante, do qual são signos, p.e.:

- a) crítica epistemológica das relações sujeito-objecto
- b) crítica da racionalidade que tem fundado os métodos de investigação dominantes
- c) renovação destes métodos; reutilização doutros, relegados antes como "pouco objectivos"
- d) crítica dos campos enunciativos e conceptuais em relação aos objectos da desviância
- e) desenvolvimento de novas séries de interpretações e conceitos teorico-explicativos aplicados a esses objectos.

Aproximemo-nos de novo do nosso objecto - e daremos conta de como o discurso que o nomeia participa do discurso mais geral sobre a figura do desviante. Ocupemo-nos então da figura particular do consumidor de drogas e vejamos como participa do discurso teórico que atrás deixámos entrever. Antes, porém, registaremos as duas ideias que se nos afiguram centrais quando procedemos à revisão de literatura a que, para evitar rótulos disciplinares onde há sobretudo fusão de fronteiras, chamaremos das abordagens *para lá* do indivíduo:

1. autores clássicos como R. Merton, A. K. Cohen, H. Becker, D. Matza, K. Garfinkel, E. Goffman, referências à Escola de Chicago, aos funcionalistas, à Nova Escola de Chicago, às teorias processuais com a centralidade do conceito de carreira desviante, são frequentes. Esta frequência, às vezes sem referência explícita a nomes, detecta-se não como argumento histórico, recurso retrospectivo a enfeitar os trabalhos actuais, mas como alimentação directa de aspectos específicos do trabalho científico de agora (ver p.e. Hall, 1969; Willis, 1983; Lowney, 1984a, 1984b, 1984c; Romani, 1985; Brake, 1985; Clinard e Meier, 1985; Stevenson et al, 1987).

2. o conceito de *subcultura* aparece-nos como central; é possível organizar as abordagens *para lá* do indivíduo em torno de si do mesmo modo que essa organização era possível em torno do conceito de *personalidade* nas abordagens centradas no indivíduo.

O desenvolvimento teórico centrado na subcultura permite também, a nosso ver, um enquadramento compreensivo dos conceitos de variação natural, diversidade cultural e desviância normativa que referimos atrás.

3.3.2. subculturas

Alguns sectores da juventude anglo saxónica, primeiro, e da juventude dos principais países ocidentais, em seguida, desenvolvem a partir do final dos anos 50 formas de participação social e estilos de vida cujas configurações permitem falar duma cultura própria - a cultura juvenil. Cultura no sentido antropológico da produção e socialização de condutas, valores, ideais, objectos materiais⁽³³⁾; juvenil porque desenvolvida neste estrato da população, em confronto generacional com o estrato adulto, veículo da cultura dominante. A

(33) A cultura juvenil é profusamente material: na circulação das formas de arte (veja-se p.e. o mercado discográfico da pop), nas formas de lazer (os sítios com 'décor' juvenil, as actividades físicas...), no investimento do corpo (panóplia pronto-a-vestir, modas de cortes de cabelo, "visual" da moda...); a apropriação económica dos aspectos materiais da cultura juvenil criou importantes sectores de mercado - o próprio mercado ilegal das drogas é um filão mercantil dum dos aspectos centrais dessa cultura: o das drogas, precisamente.

emergência duma cultura juvenil dá lugar pela primeira vez na história a uma individualização muito marcada, no plano socio-cultural, duma faixa etária cujo nascimento e posterior papel fulcral no tecido social se ligam à própria história do movimento de racionalização que atravessa desde a Idade Moderna as sociedades ocidentais. As formas dominantes desta cultura - que é na realidade uma sucessão rápida de grupos detentores de posicionamentos expressivos e estilos de vida que a memória colectiva retém sob rótulos como "rockers", "teddy-boys", "mods", "hippies", "freaks", "punks"... - prendem-se não tanto com ideários explícitos (do tipo por ex. dos grupos revolucionários) mas com possibilidades *experienciais* várias.

Stuart Hall (citado por Romani, 1985) propõe a distinção entre pólo expressivo e pólo activista: o expressivo assenta no estilo e o activista na estratégia; o primeiro acentua o pessoal, o psíquico, o subjectivo, o cultural, o privado, o estético, o boémio - elementos do espectro das emoções e das atitudes; o segundo acentua o político, o social, o colectivo, o compromisso com a organização, a finalidade pública - elementos do espectro da actividade. Segundo Hall é da dialética entre estes dois pólos que se desenvolvem muitos movimentos na materialização dum projecto revolucionário.

Se bem que os movimentos juvenis emergentes a partir do fim dos anos 50 contenham uma componente activista ("new left", algumas expressões políticas do movimento hippie...) é precisamente o acento no pólo expressivo que caracteriza os estilos de vida juvenis. Os 'love ins', os 'free speeches', o 'free love', o 'flower power', as 'vibrations', as atitudes 'cool', a 'trip', o estar-se 'stoned', a 'experience': referências generalizadas em largos sectores juvenis com o auge nos anos 60 e grande parte dos 70 e que sintetizam atitudes sociais e programas de vida, feitos sobretudo de possibilidades experienciais. Sensações, fruição, escuta interna, vivência estética, entrega imediata - a cultura juvenil emergente é narcísica, adopta padrões interaccionais e vivências grupais em ruptura com os estabelecidos, desenvolve signos de reconhecimento e identificação externos - *os elementos expressivos* - particularmente úteis na



operacionalização das diferentes subculturas: a música, os locais e a apresentação públicos, o 'visual' (vestuário, cortes capilares, panóplia decorativa...), aspectos linguísticos particulares...

A hipertrofia dos elementos expressivos anuncia a "sociedade psi" da atomização social e da socialidade baseada no primado narcísico do sujeito (Lipovetsky, 1988). Tal como a crescente utilização de drogas por certos sectores da juventude ocidental: vivência intrinsecamente "psi", gozo narcísico, inscreve-se em relações sociais que possibilitam a afirmação individualista duma diferença: as subculturas. Com a emergência da cultura juvenil (leia-se da inter-relação dinâmica e sucessão de subculturas juvenis) a vivência psicológica da crise adolescente passou a dispôr de soluções "psi" - de elaborada codificação simbólica e expressiva ao nível grupal. E parece-nos este o seu mais profundo significado, mesmo se hoje o papel que desempenham se esbate visivelmente.

O tema do papel que as drogas desempenham na funcionalidade duma subcultura tem sido explorado sobretudo por antropólogos e sociólogos (Becker, 1963; Hall, 1969; Romani, 1982, 1985; Romani e Funes, 1985; Barreto, 1982; Willis, 1983; Lowney, 1984a, 1984b, 1984c; Olievenstein, 1983; Stevenson et al, 1987). As drogas, afinal, como elementos do pólo expressivo, incorporadas e vividas subculturalmente. Avançar nas consequências desta afirmação obriga à questão:

- O QUE É UMA SUBCULTURA? -

Em qualquer sociedade complexa e estratificada aquilo que habitualmente designamos por cultura não tem uma expressão homogénea: "(...) os sistemas de valores distribuem-se como um espectro; as variações do sistema central de valores oscilam desde a hiperafirmação de alguns dos seus componentes até à recusa extrema de certos elementos capitais (...). São estas variantes e os seus graus de variação o que mais importa aos que tomam o termo subcultura" (Wolfgang e Ferracutti, citados por Romani, 1984).

As subculturas reflectem a pluralidade dentro duma cultura e veiculam formas alternativas de expressão cultural. O conceito de subcultura, instrumento

da antropologia e mais tarde (anos 40) da sociologia utilizado para focar os efeitos da socialização dentro de subgrupos culturais numa sociedade pluralista, é desenvolvido pelo funcionalista Robert Merton em ligação com o conceito central de anomia, que restaura de Durkheim. Analisa os comportamentos transgressores de jovens americanos à luz da "subcultura delinquente". Será no entanto A. K. Cohen quem utiliza a subcultura como instrumento teórico fundamental na compreensão da delinquência nas classes trabalhadoras dos E.U.A.. Depois de identificar uma série de problemas relacionados com o estatuto adolescente (p.e. a tensão entre estatuto normativo da classe média, oferecido como modelo, e a necessária adesão da juventude trabalhadora à sua cultura de classe) e com a estrutura de oportunidades (processos de aspirações, de exclusão social...), considera a *subcultura delinquente* como solução colectiva, como modo de encarar o mundo. "Por um processo de formação reactiva a subcultura delinquente subverte o sistema de valores da classe média e oferece uma solução colectiva" (Brake, 1985). Brake salienta o recurso de Cohen a um processo psicossocial (a formação reactiva) como resposta a um problema estrutural.

Dentro da subcultura delinquente procede a diferenciações. Uma delas, a "*drug addict subculture*", é desenvolvida como meio utilitário para obter acesso às drogas.

Na tradição dos trabalhos de Cohen, M. Brake desenvolve investigação sobre sociologia das subculturas juvenis nos E.U.A., Canadá e Grã-Bretanha, e considera que elas aparecem "como tentativas para resolver problemas experimentados colectivamente, resultantes das contradições na estrutura social, e que geram uma forma de identidade colectiva através da qual uma identidade individual pode cumprir-se à margem da classe social, da educação ou da ocupação" (Brake, 1985). O desenvolvimento de subculturas é, pois, uma solução que atravessa transversalmente o tecido social nas suas repartições sociológicas clássicas, e que tem a sua unidade em elementos expressivos e estilos de vida compartilhados por indivíduos pertencentes a estratos diversos. Neste sentido,

subculturas são sempre "sistemas de significações (...) desenvolvidos por grupos em posições subordinadas, como resposta aos sistemas dominantes de significações" (Brake, 1985).

A *cultura juvenil* é "um complexo caleidoscópio de muitas subculturas, de grupos de diferentes idades, distintamente relacionadas com a posição de classe em cada uma delas" (Brake). Aliás, isto pode ser generalizado para a cultura "tout court": "a cultura das sociedades complexas pode considerar-se como sendo formada por um conjunto dinâmico e hierarquicamente entrelaçado de subculturas, definida cada uma delas a partir de manifestações culturais básicas específicas" (Romani, 1984).

- SUBCULTURIZAÇÃO-

O processo de formação de subculturas tem sido esclarecido através da sua ligação com os modos de organização espacial e arranjos sociais correlativos. Esta ligação foi percebida já nos trabalhos da Escola de Chicago e acentuada por A. K. Cohen.

Cloward e Ohlin (citados por Brake, 1985) relacionam a organização social dum arredor urbano com o sistema de oportunidades local. O desenvolvimento de subculturas tem a função de veicular sistemas de oportunidades específicos: subcultura criminal, gerada habitualmente nos bairros estáveis da classe trabalhadora - fornece uma aprendizagem para o crime adulto; subcultura do conflito, gerada em bairros desorganizados, que oferece os outros adolescentes como modelos e organiza gangs conflituosos; subcultura do refúgio, que assenta no consumo de drogas em indivíduos que falharam tanto as oportunidades legítimas (meios institucionalizados de reconhecimento e sucesso sociais, metas convencionais) como as ilegítimas (proporcionadas pelas diferentes subculturas desviantes).

Fischer (citado por Brake, 1985) sugere que a subculturalização é o resultado do urbanismo: quanto mais urbano é o "setting", mais variedade há de subculturas. Este efeito encontra-se maximizado nas grandes metrópoles, em

cujas periferias vários "outsiders", "tais como adictos às drogas, casais inter-raciais, estudantes, artistas, (...) comunidade homossexual, (...) constituem um submundo boémio de mistura com o lumpenproletariado" (Fischer, citado em Brake, 1985). Eis um dos efeitos da concentração em áreas urbanas com populações heterogêneas e densas, onde os laços interpessoais estão enfraquecidos e frouxos as estruturas sociais primárias e o consenso normativo (Fischer, citado em Brake, 1985; Morris, 1969).

Romani (1982; 1984) acentua, no processo de formação das subculturas, a vivência diferencial, pelos diferentes indivíduos e grupos numa sociedade, dos seus padrões culturais dominantes. A identificação de uns indivíduos a outros com atitudes idênticas em relação a tais padrões desenvolve um estilo de vida e cria uma série de valores, normas e condutas específicas à sua situação. "Através do auto-reconhecimento como diferentes, numa racionalização ideológica, numa busca de solidariedade, de segurança, etc., chega a consolidar-se uma subcultura (Romani, 1984).

- SUBCULTURAS DAS DROGAS -

Constituintes do "complexo caleidoscópico de subculturas" que conforma, na expressão de Brake, a cultura juvenil, as subculturas que têm nas drogas elemento expressivo central detêm, desde o início dos anos 60, um importante papel na expressão daquilo que o sistema dominante de valores designa por "problema da droga". A antropologia urbana toma, de entre outros, o objecto droga para servir a análise da cultura, nomeadamente a análise das transformações ligadas ao desenvolvimento da cidade de tipo urbano-industrial.

As drogas aparecem, pois, como analisadores de processos culturais em curso - o que não obsta a que, ainda que por esta via indirecta, a antropologia urbana tenha vindo a esclarecer dum modo particularmente desmistificador o "problema da droga".

Romani (1982, 1985) salienta, na expressão tomada pelo "problema da droga" - coloca cuidadosamente as aspas -, a subordinação dos aspectos

farmacológicos e biológicos das drogas a factores de ordem socio-económica, política e cultural: a) a produção e distribuição dos produtos; b) o controle social de carácter socio-político (p.e. a crescente criminalização de variadas substâncias sob o rótulo de "estupefacientes", a fabricação do esteriótipo do "drogado", o reforço da lógica social dominante a partir da exemplaridade das medidas medico-psico-pedagógicas e jurídicas aplicadas ao "drogado"...); c) o sistema ideológico - crenças, valores, normas, ética, moral... - que determina o espectro de relacionamentos de diferentes sociedades com as drogas, determinando até, mais profundamente, aquilo que terá o estatuto de droga; d) a história da formação social em causa - que confere à função social que as drogas desempenham um carácter histórico.

Com base na pesquisa etnológica, por um lado, e no trabalho de terreno com observação participante e utilização de histórias de vida, por outro, na área metropolitana de Barcelona, identifica duas formas de uso de drogas, segundo dois modelos:

- a) uma correspondente às sociedades tradicionais (ver secção 3.3.2.);
- b) outra correspondente às sociedades urbano-industriais.

Neste segundo modelo identifica e caracteriza os dois principais grupos utilizadores de drogas no sector juvenil: os "maconheiros"⁽³⁴⁾ (legionários espanhóis destacados para África em serviço militar e que importavam daí o hábito da cannabis), que são o grupo precursor dos "hippie-freaks": grupo muito específico que tenta um modo de vida alternativo em relação ao dominante e que tem o haxixe e o ácido (este mais referenciável apenas num determinado momento) como elemento importante da sua vida.

Romani demonstra uma relação entre a introdução do haxixe em Barcelona e subculturas concretas; e o papel deste psicoactivo como redutor do mal-estar social numa sociedade sujeita a uma profunda transformação. A posterior generalização do seu consumo tem pois um valor de indicador desse mal-estar, e converte-o em uso integrado ao mesmo tempo que as subculturas,

(34) Tradução que utilizo para "grifotes", no original castelhano - de "grifa", maconha africana ou liamba.

em nítido esbatimento da sua expressividade, se diluem no seio da sociedade em geral.

A caracterização que é feita por Oriol Romani para a subcultura "hippie-freak" coincide largamente com a literatura produzida sobre os "hippies" anglo-saxónicos (Hoffman e Leduc, 1978; Willis, 1983; Obalk, Soral e Pasche, 1984; Olievenstein, 1983), testemunhando o carácter alargado do fenómeno "hippie" e o seu papel prenunciador de muitas culturas características da modernidade, inscritas nas transformações dos padrões de vida próprias à cidade urbano-industrial. Depois dos "hippies" nada ficou como dantes - pode utilizar-se o lugar-comum desta frase aplicado à juventude dos países ocidentais.

Willis (1983) cita uma série de trabalhos que demonstram os "hippies" como exemplos arquetípicos de utilizadores de drogas; salienta a natureza específica deste uso, particularmente na exibição ostentatória de signos claros de tal utilização e no impacto destas na interacção social quotidiana dos indivíduos desta subcultura.

Willis centra-se no papel da expectativa e do plano simbólico como orientadores da "vivência química": esta configura-se como experiência de liberdade, de corte com a sociedade "straight" do médio-burgês, "das cores cinzentas, da falta de estilo" (Willis) - a experiência "hip" ou "head", na gíria, cujo sentido é transmitido pelos valores da subcultura. Esta detém, pois, a indução da expectativa, e dirige, através do plano simbólico, a vivência psicadélica, a trip - cuja complexidade não está, no essencial, contida na farmacodinâmica do produto⁽³⁵⁾. Nesse caso, para que serve o produto? Para fazer com que "o sujeito sinta qualquer coisa a acontecer em si, dando-lhe então um conteúdo" (Willis)⁽³⁶⁾.

(35) Willis distingue "take drugs" e "use drugs" - o indivíduo do primeiro caso não tem o sentimento do seu significado simbólico, não é "head". Esta distinção é seguida por diversos autores (cf. Romani e Comas).

(36) É o papel da expectativa que determina que a 'trip' preparada e vivida em ambiente propício seja uma experiência fascinante - "if you want to see colour TV try LSD", escreviam os "hippie-freaks" portugueses ainda no tempo da televisão a preto e branco - e a ingestão de ácido em condições desfavoráveis possa resultar na "descida ao inferno" da 'bad trip'.

A droga é, afinal, um placebo cultural: "é a chave para a experiência, mais do que a experiência em si" (Willis).

Não pretendemos aqui caracterizar a subcultura hippie (Willis fá-lo pormenorizadamente...) ou outra qualquer. Queremos sim sublinhar as ideias centrais duma leitura proporcionada pelo *ponto de vista analítico da antropologia urbana*:

- . "A importância crucial das drogas está, não nas suas propriedades farmacológicas, mas na sua apropriação por um muito maior sistema simbólico" (Willis, 1983), apropriação que pode revestir formas variadas (p.e. a droga elemento-rebelião constituinte duma barreira experiencial, como lhe chama Willis, demarcadora dum estilo de vida de contornos contraculturais);

- . a relação entre a introdução de drogas no sector juvenil e subculturas concretas; tal introdução destaca o haxixe e outras drogas como elementos centrais de tais subculturas (os "hippie-freaks" descritos por Romani, os "head's" descritos por Willis, o "Wall gang" descrito por Lowney, os "mods" descritos por Stevenson et al., os "estudantes boémios" descritos por Young...);

- . o papel jogado pelas drogas é interpretado pelos autores deste tipo de direcção investigativa de forma consistente entre eles: as propriedades das drogas são definidas culturalmente, as suas manifestações nos psiquismos dependem do plano simbólico em jogo; para Romani elas são equilibradores subjectivos do psiquismo, redutores do mal-estar numa sociedade em transformação acelerada dos seus padrões profundos de vida; para Young (citado por Brake, 1985) são veículo para alternativas a uma cultura que se tornou inadequada para resolver os problemas dum grupo particular (p.e. a alternativa "boémia" que valoriza a expressividade através da procura duma estética não violenta e do hedonismo, dum modo "cool" de prazer - "uma nova cultura emerge, estruturando e seleccionando os efeitos duma droga específica" (Young); em Willis as drogas surgem como possibilitadores de áreas experienciais ligadas à hipervalorização contemporânea do universo pessoal, da "pessoização", da vivência "psi", do

sentimento de autonomia, e à rejeição da determinação do homem pela estrutura; em Cohen (citado por Dias, 1980), o haxixe, veiculado por uma subcultura, é um multiplicador dos contactos sociais e proporciona o recrutamento de novos membros; em Oppenheim (citado por Dias, 1980), aderir a uma subcultura é uma estratégia adaptativa ligada à alteração ou negação de expectativas.

A questão subcultural nas drogas implica a compreensão do *processo* pelo qual alguém adere a determinado comportamento desviante e o elege como *carreira*, e ao processo pelo qual é julgado pelos outros e *etiquetado* como desviante. Implica pois a atenção aos *processos psicossociais* que ocorrem no grupo.

Becker (1963) sugere uma via que virá a revelar-se frutuosa na compreensão da desviância, e particularmente no uso de drogas, através da análise de tais processos. Examiná-lo-emos a seguir, detendo-nos em *OUTSIDERS*, o seu estudo mais clássico.

- "COMO FUMAR ERVA"⁽³⁷⁾ -

A atenção de Becker aos comportamentos desviantes não os interroga a partir da sua eventual morbidez, mas da sua manifestação natural; não procura o patológico como pano de fundo da transgressão, antes procede à descrição detalhada das suas características, da sua evolução, da sua plausibilidade.

O autor penetra proximalmente os fumadores de erva, utilizando técnicas ao estilo da escola de Chicago, nomeadamente a observação participante. Descreve então o processo que leva alguém a tornar-se um utilizador de marijuana, tipo particular de "outsider". E o que é um "outsider"? "Quando uma regra está estabelecida (num grupo social que a produziu) a pessoa que é suposta ter quebrado a regra pode ser vista como um tipo especial de pessoa, alguém que

(37) Retiramos este título da sugestão humorística de David Matza acerca da obra *OUTSIDERS*: deveria chamar-se *COMO FUMAR ERVA*, tal a quantidade de informações sobre como entrar na erva, aprender-lhe os efeitos, aderir ao estilo do grupo. Diríamos nós poder também chamar-se *DO IT YOURSELF* ou, versão portuguesa, *VÁ PELOS SEUS DEDOS...*

não pode ter a confiança para viver segundo as regras acordadas pelo grupo. É visto como um outsider" (Becker, 1963). Obviamente, a pessoa assim rotulada pode ter um ponto de vista diferente e pôr em causa a regra enquanto regra, bem como a legitimidade dos outros para o julgar. O juiz passa, aos olhos dele, a "outsider"... Para haver um problema não basta uma pessoa, são necessárias duas partes com perspectivas em conflito - eis da moeda a outra face, que chama a atenção não apenas para o acto desviante em si, mas para a produção das regras (por um grupo social) e para a produção dum julgamento. "É fácil observar que diferentes grupos julgam diferentes coisas como sendo desviantes. (...) Se os cientistas ignoram a variável carácter do processo de julgamento (...) limitam os tipos de teorias e o tipo de compreensão que pode ser obtida" (Becker).

A desviância, enquanto infracção a regras consensuais, é sempre um processo e um produto da *interacção*: "os grupos sociais criam desviância fazendo as regras das quais a infracção constitui desviância (...). Ela é um produto da transacção que tem lugar entre alguns grupos sociais e alguém que é visto por este grupo como um violador de regras" (Becker). É, pois, uma criação das sociedades - o que, encarado deste ponto de vista, tem um alcance muito diferente de saber se as causas da desviâncias estão localizadas no sistema social ou em factores individuais que expliquem a acção: "estarei menos preocupado com as características pessoais e sociais dos desviantes do que com o processo pelo qual chegam a ser pensados como outsiders e as suas reacções a este julgamento" (Becker). Este processo de interacção envolve um passo essencial: a *etiquetagem* (labelling) do actor que violou a regra: "deste ponto de vista, desviância não é uma qualidade do acto cometido, mas a consequência da aplicação pelos outros das regras e sanções a um 'delinquente'. O desviante é aquele para o qual o rótulo obtém sucesso quando aplicado; o comportamento desviante é o comportamento que as pessoas assim classificam" (Becker).

O processo de classificação é, pois, parte do fenómeno: em vez de pretender esclarecer o enigma (como nas classificações nosográficas) faz parte do problema...(38).

Becker desenvolve um *modelo sequencial da desviância* a partir da análise do comportamento dos fumadores de marijuana. Inicia com a questão: como se chega a fumador de marijuana? E conclui pela crítica dos modelos psicológicos que fundam tal comportamento numa necessidade de fantasia e escape de problemas psicológicos que o sujeito não pode enfrentar. Inverte o raciocínio: não é a motivação que produz o comportamento, mas este que produz uma motivação desviante. A interpretação social da experiência com marijuana transforma um comportamento ocasional do seu uso em padrões de acção definidos, que se desenvolverão à medida que os comportamentos de uso aumentem.

A utilização de marijuana desde um nível ocasional até se converter em padrão significativo e dotado de centralidade na vida do indivíduo implica uma *carreira*: desde a aprendizagem, no seio do grupo de iguais ou em algum de referência em que a entrada se dá, da experiência física imediata da droga (ao início o próprio reconhecimento do prazer é ambíguo e depende largamente da aprendizagem) até à socialização nas técnicas de enrolar e fumar o charro (o cigarro de marijuana), até à sequência de mudanças na atitude e na experiência que conduzem ao "estado da marijuana", marcado pela centralidade desta droga no estilo de vida do indivíduo.

Processos de aprendizagem em grupo e atribuições simbólicas aos comportamentos (organização de padrões estáveis de condutas) sublinham, também em Becker, a importância da *subcultura* como instrumento que opera tais processos e serve de suporte ao desenvolvimento sequencial de comportamentos que configuram uma *carreira* ou *itinerário*. Este modelo

(38) Regressamos aqui a B. Malinowski e a CRIMEN Y CUSTOMBRE EN LA SOCIEDAD SALVAJE para constatar como Becker reconhece neste antropólogo o primeiro desenvolvimento duma teoria processual do desvio, ao identificar nos nativos das Trobiand Islands a medida da desviância dum acto indesligável da reacção, bem como a enorme variação no grau de resposta a um acto desviante.

sequencial contrapõe-se ao modelo simultaneísta, que concebe a actuação concomitante de todos os factores possíveis de isolar para a produção do fenómeno. O que o conceito-chave de *carreira* releva é justamente o oposto: "as causas não operam todas ao mesmo tempo e necessitamos dum modelo que tome em linha de conta o facto de os padrões de comportamento se desenvolverem numa sequência ordenada" (Becker, 1963).

Em síntese: gangs, delinquentes, criminosos, lumpen, vadios, artistas boémios, homossexuais, toxicodependentes: eis a dispersão dos desviantes na dispersão e no estilhaçar dos vínculos interpessoais na periferia urbana; a proliferação de figuras das margens a partir da proliferação do bairro, o crescimento dos "outsiders" a partir do crescimento acelerado das cidades em direcção ao padrão industrial. Desenvolvem-se os discursos da sociologia e da antropologia em torno da figura do drogado, emergem áreas novas onde ela aparece também como central (sociologia da desviância, ecologia urbana, antropologia urbana da marginalidade...). A partir de agora o objecto droga participa do discurso geral da desviância, remete para os temas esboçados a propósito do delinquente, reforça-os e renova-os: a ecologia da cidade, as suas bolsas de desorganização social, os seus espaços de subculturalidade, os seus ghettos de comportamentos desviantes, a anomia - os temas que, desde a Escola de Chicago aos funcionalistas e aos mais recentes teóricos do social (p.e. teorias da etiquetagem, interaccionismo simbólico) vemos desenvolver-se na crítica às clássicas abordagens do "porque fazem eles isso?", "que factores de personalidade os compelem?", "que factores sociais causam as manifestações mórbidas do indivíduo?" (abordagens centradas no indivíduo e na sua psicopatologia).

Teorias da subcultura: as subculturas desviantes enquanto superfícies para a identificação com sujeitos ou grupos que vivem como centrais, vitais e quotidianos comportamentos habitualmente vistos como transgressores; a formação de subculturas como processo inscrito na dinâmica da densidade e heterogeneidade sociais, da diversificação das condutas por referência ao sistema dominante.

Conjunturalidade historico-social da função das drogas: reconhecida tanto no seu uso ritual e socialmente integrador (antropologia cultural) como no seu uso desviante - uso "head", uso "cool", uso "hard", uso "boémio", uma profusão de usos na profusão das possibilidades de identificação juvenis, de selfs grupais, de respostas colectivas através da profusão de subculturas, de respostas privadas, politoxicomanias e "overdoses" inscritas na profusão das condutas auto-agressivas e auto-destruidoras. A droga e o drogado desdobram-se em múltiplas possibilidades de relacionamento, participam e provocam a diversidade das existências sociais, a dispersão de estilos de vida, das organizações da identidade, das motivações e interesses - cidadania do heterogénio, da vivência diferencial do espectro dos padrões culturais.

A carreira de utilizador de drogas, a etiquetagem dos comportamentos: o que as teorias processuais põem em relevo é a interacção do pequeno grupo, possibilitadora da aprendizagem das motivações e das expectativas e da própria interpretação dos estímulos químicos duma droga. É o domínio destes meios e a progressiva organização duma auto-imagem desviante que transforma o ocasional do contacto com droga em carreira. E em carreira de carácter desviante por causa do processo reactivo do corpo social, do modo como interage com a conduta, a condena e a etiqueta - ser-se "drogado" releva do processo de julgamento social do acto. E prosseguir-se sendo releva das sucessivas auto-reinterpretações em função da participação subcultural, das reinterpretções dos progressivos contactos com a droga e com os outros utilizadores - este contínuo processo de revisão das interpretações funda a acção (interaccionismo simbólico).

Estamos agora em condições de poder ver a transversalidade que o conceito de subcultura opera.

Advertimos, porém - e o aviso fica para nós próprios em primeiro lugar, restando o entusiasmo pelas sínteses teóricas demasiado coerentes... - que esta transversalidade é posta em evidência a partir duma leitura do conceito que é, de qualquer modo, uma reconstrução a partir da dispersão de sentido e de níveis de

análise em que tem sido utilizado. A sua utilização pelos investigadores responde a necessidades práticas da pesquisa, tem portanto um nível instrumental; reconstruir o que tem sido tal utilização é um exercício teórico que lê um sentido provavelmente ausente ao nível imediato da pesquisa. Mesmo com esta advertência, que permite dizer tal reconstrução? Permite, parece-nos, pôr em evidência uma transversalidade:

- . transporta-nos da psicologia S-R do condicionamento clássico e operante (ver secção 2. CAP. II) à identificação de contingências de reforço de tipo secundário que introduzem mediações interpretativas (ver quadro 2.) e à aprendizagem social de técnicas (de manipulação das drogas), expectativas (dos efeitos, do prazer, da 'viagem') e símbolos (da carreira desviante);

- . transporta-nos do plano farmacológico (estímulo químico/efeito da droga) para o plano antropológico (leitura cultural do estímulo, eficácia simbólica);

- . transporta-nos dum plano estritamente psicológico (jogo das identificações, motivações) para o plano psicossociológico (escolha das referências no processo da busca de identidade) e microssociológico (actualização grupal dessas temáticas; grupos de iguais e de referência - rituais de entrada, etc.).

Talvez tornemos mais nítido este efeito de transversalidade se pusermos em evidência a *integração* que o conceito estaria apto a provocar:

- . integração teórica: dos diferentes níveis de análise utilizados pelas diferentes ciências humanas

- . integração do funcionamento individual: desde o nível psicológico (redefinição/actualização da personalidade pela acção no seio do subgrupo, da cognição pela assimilação/participação no plano simbólico, expressão da emocionalidade e da identidade que a subcultura pode proporcionar) ao nível social (interacção; subgrupo; socialização de determinadas condutas) e ao nível cultural (super-estrutura simbólica, padrões subculturais organizadores de sentido). Cada um destes níveis é mais vasto e reorganiza o anterior⁽³⁹⁾

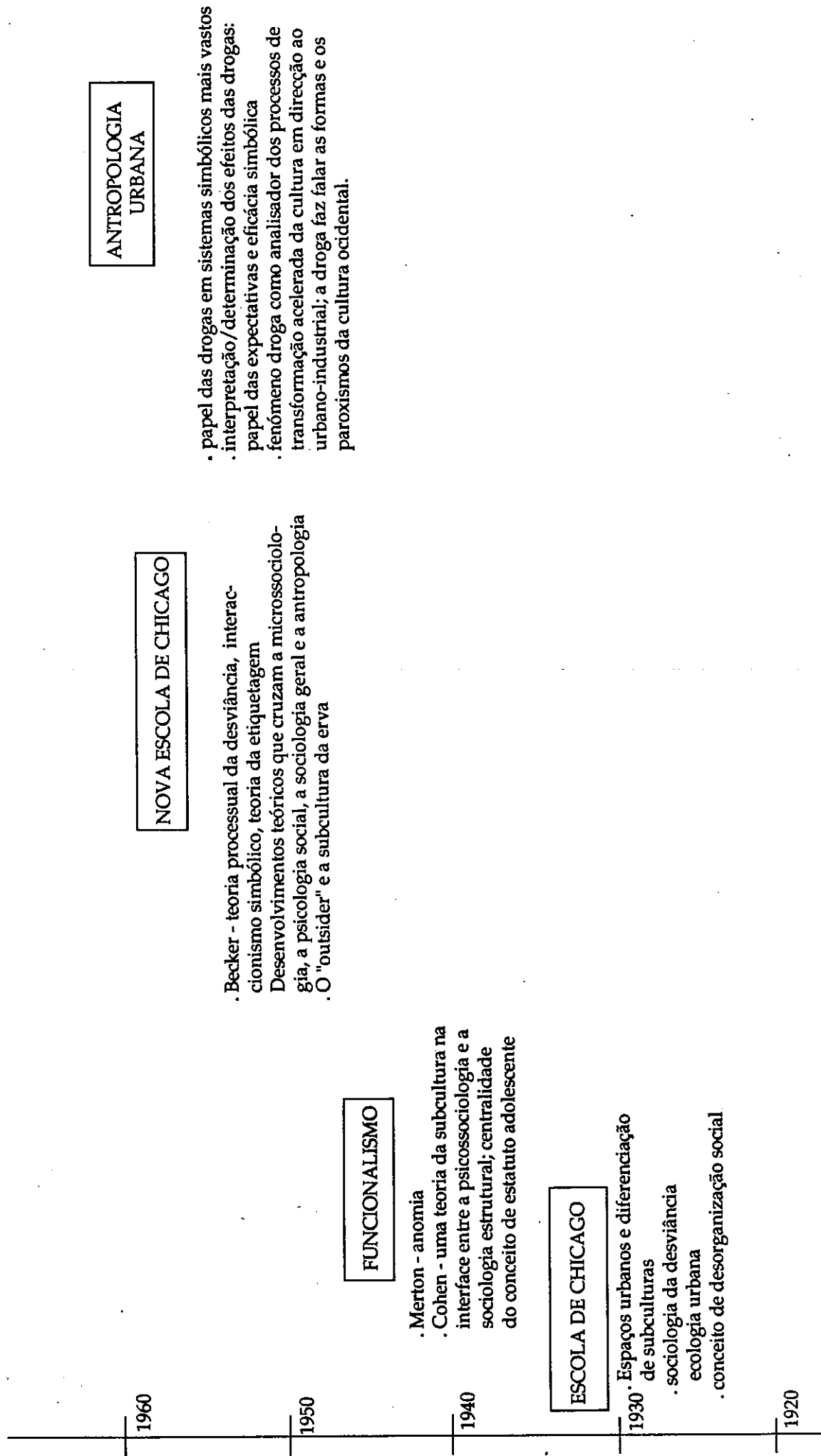
(39) A *integração dos níveis do funcionamento individual* que aqui referimos é empregue por analogia com os *níveis de integração psicológica* propostos por Agra (1987) enquanto constituintes dum dos três

No quadro 4., no qual se dá uma visão de síntese de toda a secção 3., relevamos a transversalidade deste conceito.

sistemas de objectos que, segundo o autor, têm organizado a dispersão da investigação na psicologia. É, pois, o estilo de análise que é tomado de empréstimo, não o objecto.

QUADRO 4.: Abordagens descritivas e teórico-explicativas do fenómeno droga.

Quadro-resumo da secção 3. Centralidade da *subcultura* enquanto conceito organizador duma dispersão descritiva e compreensiva, e enquanto revelador dos fluxos comunicacionais - de ordem metodológica, conceptual, teórica e da atitude epistemológica - entre as diferentes disciplinas.



CAPÍTULO III

NOVIDADE E DISPERSÃO 2.

Percorremos durante todo o CAP. II o campo enunciativo que tem por objecto o indivíduo que usa drogas (secções 1. e 2.) e a relação deste com o seu meio envolvente - percurso do psicossocial ao social-cultural (secção 3.). Procurámos discernir-lhe a segmentação disciplinar, entrever-lhe a distribuição - constatámos estratégias teóricas que o organizam. E, procurando nestas uma ordem discursiva, uma lisura talvez em que umas fossem o complemento ou a extensão inclusiva das outras, o que encontrámos foi bem diferente: comunicações fragmentárias do psicológico ao sociológico, incomunicações do individual ao cultural, recobrimento parcial duns níveis por outros, crítica reducionista dos reducionismos cometidos pelas teorias do pólo oposto, sociologia espontânea nas teorias clínicas, clínica ingénua nas sociológicas; encontrámos sobretudo o reforço do discurso individualizante de cada disciplina através da apropriação dum novo objecto - a droga - às suas figuras explicativas. "Digamos que os diferentes ramos do saber científico tiveram oportunidade de afirmar o seu poder discursificando-se, reforçando-se, tomando como objecto e pretexto a toxicomania, teorizando um fenómeno a partir de teorias elaboradas na análise de fenómenos que nada têm a ver com a toxicomania". (Agra, 1978). Enfim, vimos a tentativa de reinar através da compulsão do explicativo, ora ignorando o reinado do vizinho ora desbaratando-lhe os argumentos teorico-metodológicos - a desordem das ciências nas ciências das desordens⁽⁴⁰⁾.

Percorridas as teorias, voltámos pois à dispersão de que havíamos partido ao início. Com efeito, chegou o momento de voltarmos à análise que se começava a preparar no CAP. I. Como encontrar então as condições para uma síntese? Feita a tarefa analítica de discernir os modelos teóricos actuais sobre o fenómeno droga, onde a possibilidade de lhes desenhar, em tarefa sintética, a configuração geral? - eis a questão que a análise das dispersões iniciadas no CAP. I

(40) Tomamos aqui o trocadilho linguístico de Cândido da Agra no texto do programa de mestrado em Psicologia do Comportamento Desviante da F.P.C.E.U.P. (dactilografado).

1. SÍNTESES CRÍTICAS DA DISPERSÃO DAS ESTRATÉGIAS TEÓRICAS

1.1. redefinir a teoria reorganizando os métodos

R. Ingold, psiquiatra encarregado pelo Ministério Francês dos Assuntos Sociais e do Emprego de proceder à avaliação do funcionamento do dispositivo sanitário de prevenção e tratamento das toxicodependências, inicia o relatório respectivo procedendo à organização crítica deste campo de estudos. Começa por constatar que "as concepções científicas da toxicomania são aparentemente muito numerosas e não se prestam a um consenso" (Ingold, 1986), propondo o seu agrupamento segundo três rubricas, que sintetizamos no Quadro 5.

Quadro 5. - Abordagens teórico-explicativas do fenómeno droga.

Elaborado com base na caracterização das "abordagens científicas da toxicomania" que, segundo Ingold, organizam a dispersão das teorias.

TEORIAS		
SOCIOPÁTICAS	MÉDICAS	COMPORTAMENTALISTAS
- Recortar os <i>factores de risco</i> da desviância (difíceis de discernir dos específicos da toxicodependência) - Estudar comparativamente amostras de toxicodependentes, doutros desviantes e de jovens de idade escolar <i>Objectivo:</i> não explicam o fenómeno, mas desenharam uma visão mais precisa das condições que favorecem a sua aparição e propagação <i>Estratégia:</i> prevenção; identificação, a partir dos factores de risco psicológicos e sociais, dos "drogáveis".	- Busca do retrato psicopatológico do toxicómano, da sua descrição clínica, da personalidade predisponente; toxicofilia. - Psicanálise: "toxicomania sem droga" (Fenichel), narcisismo e toxicomania (khout), toxicomania e P.M.D. (Rosenfeld), toxicomania e perversão (Freda).	- Compreensão das toxicomanias à luz das teorias saídas do pensamento de Skinner; condicionamento, reforço, punição. - Substância como principal agente responsável - desencadeador/reforçador de respostas.

Relativamente às *teorias sociopáticas*, Ingold levanta o problema da fragilidade decorrente duma abordagem que é sobretudo estática e da falta de

Relativamente às *teorias sociopáticas*, Ingold levanta o problema da fragilidade decorrente duma abordagem que é sobretudo estática e da falta de evidência do vínculo entre os sujeitos de alto risco e os toxicómanos; e reconhece a importância do recente incremento de estudos epidemiológicos de tipo longitudinal, que permitem uma abordagem dinâmica dos mesmos factores.

Inclui a psicanálise e os primeiros trabalhos de Olievenstein nas *teorias médicas* e considera os psicanalistas "pouco preocupados com os toxicómanos enquanto tais", mas sim com as suas ligações ao narcisismo, à perversão... As teorias médicas "ignoram voluntariamente as dimensões sociais, económicas e culturais da dependência; têm tendência a considerar o toxicómano na sua dimensão estritamente biológica ou estritamente psicológica e fazem voluntariamente da toxicomania uma doença crónica e incurável" (Ingold, 1986).

Quanto às *teorias comportamentalistas*, a dependência "é um fenómeno incontrolável e que não deveria ter fim possível".

Teorias médicas e comportamentalistas partilham da tendência das ciências "a reduzir os fenómenos humanos a uma série de causas e efeitos" (Ingold, 1987).

Ingold situa a concepção que defende como afastada e crítica relativamente às três rubricas que caracterizou, embora, saliente, sem pretender anulá-las - chama-lhe *ponto de vista antropológico*.⁽⁴¹⁾ Funda-o nas consequências que extrai duma constatação: a maior parte dos trabalhos sobre a toxicomania são realizados a partir de observações conduzidas com toxicómanos hospitalizados ou encarcerados, sem procederem à relativização necessária de tais dados. Esta tarefa de relativização deveria ser capaz - e raramente o é - de salientar a ligação da figura do toxicómano à existência e vivência de tal estatuto social, e à

(41) Curioso deslocamento de estratégia operado por um psiquiatra: retira-se da racionalidade do dispositivo medico-legal, adopta uma abordagem naturalista do fenómeno que ele próprio reclama antropológica considerando-se mais adequada à relação epistemológica com o objecto em causa, e regressa ao dispositivo inicial injectando-lhe a informação no sentido da reorganização da política assistencial para a toxicodependência.

influência que o sistema assistencial específico tem sobre o próprio comportamento de dependência.

Defende, "na esteira dos etnógrafos, uma resposta encontrada no terreno" (Ingold, 1987), que descreva do interior, a partir do meio natural dos toxicómanos, a dependência enquanto *processo* e não enquanto estado (fisiológico ou psicológico) - processo obedecendo a leis gerais, etapas comuns que no conjunto desenham a *gestão da dependência*. O trabalho investigativo de Ingold tem salientado as dimensões da dependência económica neste processo de gestão (Ingold, 1984, 1987), que põe em evidência, no caso dos heroinómanos, um espaço social particular e um espaço mental correspondente de perca mais ou menos profunda "daquilo a que poderíamos chamar o senso moral" (Ingold, 1984); a resignação, pelo heroinómano; à aceitação da sua própria servidão (revelada, sobretudo, na dependência económica), "não pode ser senão a expressão duma concepção desesperada do mundo".

Reorganizar as abordagens metodológicas do fenómeno, por um lado, e alargar o conceito de dependência a significações mais gerais, sugerindo tratar-se dum fenómeno do qual a toxicodependência é somente a dimensão levada em conta (porque percorre a escala do mórbido desde o *bios* ao *socius*, é processo investido de perigosidade pelos discursos médico-psicológico e jurídico-moral) - eis as propostas de fundo encerradas no trabalho de Ingold.

1.2. A imaginação investigativa

Domingo Comas, antropólogo social espanhol, procede à revisão e à avaliação dum grande número de investigações sobre uso de drogas, propondo a sua sistematização a partir das estratégias metodológicas empregues:

a) *investigações psicossociológicas* a partir de amostras completas de toxicómanos internados ou em tratamento e/ou detidos; utilização do referencial clínico e de técnicas psicológicas. Salienta os problemas de generalização implicados, pelo próprio modo de reunir os sujeitos em estudo, e o "abuso" da quantidade destes estudos, que se limitam a utilizar toxicómanos "à mão". O

valor destas investigações, úteis no estudo dos resultados dos tratamentos terapêuticos e no aprofundamento das diferentes fases clínicas duma história toxicómana, depende sempre da sua eventual inclusão num contexto de investigação mais amplo.

b) *inquéritos de opinião* com grandes amostras, passados a grupos muito definidos, normalmente estudantes do secundário. Salienta a queda frequente "no ritual quantificador de obviedades", as "meras reificações quantitativas da ideologia social da droga" e a coarctação da espontaneidade verbal, desprezando o facto de "as opiniões dum toxicómano serem parte da sua conduta, que é o objecto a investigar" (Comas, 1981). Destaca todos os problemas habitualmente apontados à técnica do inquérito e reconhece como única vantagem a replicabilidade deste tipo de estudos, útil na avaliação das variações do consumo de droga na população. Pesados os ganhos científicos comparados às limitações da técnica e às mistificações ideológicas a que se tem prestado, decide-se pela recomendação do abandono puro e simples deste tipo de abordagem...

c) *análise sociológica mediante questionário*, com amostras amplas e estratificadas em função de diversas variáveis. Mantêm-se aqui muitos dos problemas presentes na alínea anterior. E acrescentam-se uma série de complicações adicionais pelo facto de o objecto ser a toxicodependência - independentemente do inquestionável rigor e sofisticação metodológicos hoje possíveis de empregar. As complicações são de vários tipos: (1) dupla moral e ambivalência social no que respeita ao uso de drogas, com largo reflexo nas opiniões expressas; (2) retenção da informação prestada pelos que usam drogas, pela perigosidade que tal reveste face aos códigos sociais - mentira, segredo e conformidade à expectativa da resposta são os principais reflexos disso; (3) invalidez das regras de aleatoriedade necessárias a esta metodologia face ao carácter próprio dos fenómenos microsociais em grupo fechado (no caso da toxicodependência, as próprias condições de distribuição das drogas ilegais geram grupos fechados, desigualmente distribuídos em relação a variáveis mensuráveis). Conclui pela inadequação da técnica no estudo da

toxicodependência, se o quisermos libertar dos pressupostos do referencial ideológico dominante.

d) *análises dinâmicas e antropológicas* de grupos específicos. "Não cabem dúvidas de que os seus resultados, de alta fiabilidade, podem trazer-nos muito na compreensão do fenómeno da toxicomania. Por causa do custo pessoal, dificuldades e pouca consideração institucional que merecem, sempre se realizaram muito poucos, mas estes deveriam ser de leitura obrigatória para todos os técnicos" (Comas, 1981). São, segundo o autor, os únicos que proporcionam dados concretos sobre as carreiras dos toxicómanos. São os únicos que captam o contexto e o processo dinâmico implicados. E têm um papel criativo considerável: através de metodologias proximais (p.e. observação participante) penetram contextos impossíveis de atingir doutro modo e fundam intuições que posteriormente serão aplicadas noutra tipo de investigações.

Posto em evidência o falhanço das metodologias mais clássicas na captação empírica dum fenómeno que lhes resiste, opondo a sua opacidade e o seu carácter de transgressão que se oculta, escondendo a evidência do objecto, Comas interroga-se sobre esta resistência. E conclui pela própria especificidade inerente ao objecto: não poderá ser correctamente focado sem ter em conta o processo histórico de construção dos conceitos sociais de droga e de toxicodependente; permanece incompreensível sem uma perspectiva transcultural; tem obstáculos epistemológicos importantes à sua desopacificação, como por exemplo os esteriótipos hegemónicos circulantes àcerca da droga e do drogado.

Em 1985, numa monografia sobre o uso de drogas na juventude espanhola encomendada pelo Instituto de Juventude do Ministério da Cultura, tece considerações, no balanço que faz do campo das toxicodependências próximas, das que Ingold produzira num relatório semelhante: "a confusão metodológica e o espontaneismo sociológico de muitos dos trabalhos fazem malograr a obtenção de resultados comparáveis" (Comas, 1985); ambos os autores consideram os estudos de carácter antropológico aqueles que mais

adequadamente contornam obstáculos epistemológicos colocados pela especificidade do objecto; procedem à crítica dos reducionismos com que cada modelo da "legião de teorias" (Comas) tenta anular os restantes, o que, na sua análise, traz à luz "o vazio teórico, a necessidade de reorganizar todo o saber do social (...) e a busca duma teoria abrangente" (Comas, 1981). Termina com um apelo à imaginação investigativa: "num tema como a toxicodependência ir superando as limitações às quais nos conduziria um esquema demasiado rígido de modelos de investigação (passa por) deixar aberta a porta da imaginação sociológica"...

1.3. Dos discursos que dizem a droga ao que a droga diz dos discursos: a toxicodependência, um analisador epistémico

Cândido da Agra percorre as diferentes direcções do discurso sobre o fenómeno droga, discernindo-lhe as configurações: que escolhas teóricas revela e realiza? Que racionalidade as sustenta? Que ordem do discurso se desenha neste discurso da desordem do drogado? E que reforço da ordem social é justificado pela afirmação científica da desordem? - plano da intervenção médico-psico-pedagógica no fenómeno, cruzamento das estratégias de saber e de poder: dispositivo de saber-poder da toxicodependência.

Propõe-nos então uma síntese crítica das modalidades teorico-explicativas e interventivas em torno da figura do toxicómano e suas desordens (Agra, 1980). O Quadro 6. sistematiza essa proposta: organizámo-la dividindo-a nas hipóteses compreensivas, na racionalidade de suporte e nas estratégias interventivas presentes a cada uma das abordagens (ver página seguinte).

Mas o trabalho analítico que desenvolve para lá deste primeiro nível de aparência do discurso - o da sua organização visível, o da sua distribuição disciplinar e teórica - introduz uma outra superfície de leitura do fenómeno, que é, à uma, desocultação da sua existência científica (genealogia dos saberes-poderes da droga) e desocultação das relações mais gerais que governam a produção das ciências humanas, a relação que guardam com a vontade de gestão eficaz do

Quadro 6 - Abordagens teórico-explicativas do fenómeno droga.

Elaborado com base na síntese crítica das diferentes direcções que distribuem a sua dispersão enunciativa com legitimação científica, segundo Cândido da Agra.

Modelos teóricos/ Abordagens explicativas			
	Psicanálise	Psicossociologia	Sociocultural e política
1. Hipóteses compreensivas	. Semelhança entre o estado maníaco-depressivo e a toxicomania . Fraqueza do Eu - clivagem Eu/Eu . Ideal - instabilidade da depressão - reacção maníaca com a ajuda do consumo de drogas . Circulo vicioso toxicomaniaco: necessidade - culpabilidade - depressão. . Dificuldade de identificação parental - incapacidade do trabalho de luto do imago parental. . Oralidade fixada na avidez compulsiva - introjecção - busca de drogas.	. Fenómeno droga como manifestação da "décalage" entre as instituições (escolas, famílias...), os jovens e as sociedades em transformação acelerada.	. Interpretar o significado e a função do discurso sobre a droga: droga como objecto, entre outros da nossa cultura, que é erigido em mito; rituais aí implicados, com a função de reforço de toda a espécie de poderes. . Analisar o papel simbólico que joga a droga nas nossas sociedades, (o são, o patológico, a doença, a saúde; o bem e o mal; a transgressão e a norma; o caos e a ordem...) . Analisar a função da droga (reforçador do poder político, económico e médico).
2. Racionalidade	. Modelo psicológico da desviância: a toxicomania participa do campo de objectos do mórbido através de modelos explicativamente por tal modelo.	. Entre a psicologia e a sociologia, a toxicomania é fenómeno psicossociológico - desindividualização das espécies científicas, hibridação dos domínios. Modelo psicossociológico da desviância.	. Modelo sociológico da desviância, sobretudo sociologia positivista americana; discurso exibidor e rememorador da existência e da legitimidade do instituído
3. Estratégia	. Médico-psicológica de prevenção e intervenção na desviância juvenil.	. Prevenção; atenção à informação, à educação, aos tempos livres, à formação, ao emprego... . Estratégia geral sob o signo "detectar e prevenir".	. Multiplicar o discurso social/sociológico da droga, multiplicar os especialistas: organização duma liturgia esconjuratória que exorcisa todo o poder estranho. . A droga, necessária ao nível do fantasma - porque força equilibradora do sistema.

corpo, do psiquismo e do corpo social, as interdeterminações dos planos científico e jurídico-moral, as suturas entre ciência, ética, cultura e política na construção do discurso da individualidade e dos seus desvios, as relações entre o clínico, o penitenciário e o pedagógico, entre a prevenção, o risco, a patologia, entre o normal e o patológico. A droga faz-se objecto informacional: revela formas (de saber), traz à luz estratégias (de poder).

a) droga-razão: dos saberes sobre a droga

Dado primeiro: o da centralidade da droga e do drogado enquanto objectos de saber, nas últimas três décadas - emergência duma nova figura da desviância e da antissocialidade, novidade do objecto de agora em diante epicentro do discurso sobre a ordem e a desordem, a saúde e a doença, superfície de projecção dos medos irracionais da degenerescência, da perigosidade, reactualização do tema do bem e do mal.

Dado seguinte: as determinações inconscientes de tal saber inscrevem-se numa racionalidade mais geral oferecida à ciência, uma racionalidade comunicacional-sistémica. O discurso sobre a toxicodependência participa da pós-modernidade do regime das ciências que as faz interferidas, comunicantes, nós numa rede de fluxos, de mensagens, de comunicações - regime enciclopédico e sistémico do saber (Agra, 1982a, 1982b, 1986a, 1986b).

Com efeito, a toxicodependência revela-nos este momento epistémico - converte-se em analisador epistémico (Agra, 1982a, 1986). Analisador epistémico, por um lado, dos fluxos comunicantes que dissipam as barreiras disciplinares, interferindo os métodos e os níveis de explicação do real: "(a toxicodependência) opera, pela sua própria natureza, a interferência do biológico e do sociocultural" (Agra, 1982b); analisador, por outro lado, da transdisciplinaridade dos registos explicativos, ao nível das grelhas de análise, dos modelos e dos conceitos: modelo dos sistemas auto-organizadores, dos conceitos de programação, informação, mensagem, código, comunicação...

Assim, o comportamento toxicómano é à uma descomunicação e comunicação, engendra esta a partir daquela:

. descomunicação: do toxicómano com um dado sistema social ou microsocial (etiologia comunicacional da toxicomania via correntes sistêmicas; mas também psicossociologia, investigação epidemiológica dos factores de risco ao nível da relação do drogado com os micromeios envolventes). "A toxicomania enquanto doença é ruído num sistema de comunicações entre o corpo drogado e o seu meio" (Agra, 1982b). Mas é também descomunicação em relação ao biológico: a tomada de psicotrópicos reprograma quimicamente o organismo, destina-se à modificação voluntária do comportamento e do pensamento através da sua base neuroquímica.

. comunicação: engendrada pelas condições de existência a que tem de se adaptar o toxicómano, resultante do contexto de interdição e repressão sociais face às drogas. "Existe de facto um sistema de comunicação dos toxicómanos, sistema desviante e clandestino, na medida em que se afasta dum sistema de comunicação normal". Comunicação, ainda, no sentido das reprogramações geradas: "(a tomada de psicotrópicos) é em si mesma comunicação e informação, constitui uma reprogramação organísmica das relações entre o consumidor e o seu meio, entre o consumidor e ele próprio" (Agra, 1982b).

Eis como o microbiológico interfere com o sociocultural, eis como se desenvolve um sistema de comunicações-incomunicações entre o biológico, o social e a cultura. A toxicomania é desviância biológica, "comportamento transgressivo dos corpos drogados" (no limite: transmissão genética da afinidade organísmica para a heroína), é desviância social (droga-delinquência, droga-crime), é desviância cultural (subculturas juvenis, droga-rebelião). O drogado é "um duplo mutante: sociocultural e biológico. (...) Ele faz comunicar, através das suas incomunicações, as desordens socioculturais e biológicas" (Agra, 1982b).

O discurso sobre a droga "legitima uma nova configuração do discurso sobre a doença e a saúde, uma bioantropossociopatologia. Com efeito, não se fala de psicotropos, nos seus mecanismos e nos seus efeitos, sem falar da família da

escola, da sociedade, da adolescência, da juventude, da cultura, do oriente e do ocidente, da revolução e do fascismo..." (Agra, 1982b).

É o diagrama da microfísica de gestão do social que é convocado. Ninguém está isento (do risco), ninguém está livre (da culpa), ninguém está dispensado (do combate). Um chamamento à convergência de estratégias contra a desordem e a transgressão - a droga faz-se fenómeno de paixão.

b) droga-paixão: dos poderes da droga

O "mundo da droga" do imaginário colectivo: uma territorialidade da ordem do outro mundo, "um algures, uma outra ordem oposta à estabelecida deste mundo, desta sociedade" (Agra, 1982b).

O "drogado": expressão dum poder anticultural e anti-social, ameaça à civilização e à ordem estabelecida.

O "combate à droga", o "flagelo da droga": a vertente mítico-emocional do fenómeno, o revelador da carga emotiva associada à representação que sustém este discurso e às práticas que promove. Os poderes da droga estão do lado duma química oculta, dum efeito descontrolador do pensamento e dos comportamentos - são perversos, demoníacos, ameaçadores. "A toxicomania seria a primeira loucura investida de desejo na história do Ocidente (...) o crime de se destruir a si e aos outros pela produção desejada da loucura" (Agra, 1982b). O fenómeno inscreve-se, através da representação colectiva inconsciente que faz dele "o mundo demoníaco do século XX", numa lógica de fantasma persecutório. Onde, as suas condições para desempenhar o papel de bode expiatório relativamente a todo o acontecimento, desordenado ou fora das expectativas, nas esferas do social e do cultural: a droga investida de paixão pelas práticas reguladoras do social torna-se o fenómeno irracional (porque oculto e demoníaco) que explica a irracionalidade de certos episódios do devir colectivo - irracionalidade da irracionalidade.

Eis-nos chegados ao segundo vértice da droga-poder: a convergência de estratégias de controle e ortopedia sociais, "uma espécie de estratégia de urgência,

excepcional, que adaptando-se à natureza da ameaça coloca-se também sob o referencial do poder: a unificação dos poderes da ordem contra a desordem". Ou o reforço da ordem social contra as desordens bioquímicas, operando a transferência "dum certo número de princípios científicos para a ordem do mítico e do fantasma persecutório": estratégias gerais da prevenção, adolescência em risco, programas medico-psico-pedagógicos - o dispositivo de intervenção nas drogas e seus actores, enfim. Cruzamento do discurso científico com as práticas difusas de gestão do social, que nos anuncia a alínea seguinte:

c) droga-razão: uma questão de paixão (dos saberes-poderes da droga)

A droga fenómeno de razão tinha-nos servido de analisador epistémico das condições actuais do saber: a estrutura da ciência contemporânea é transdisciplinar, os domínios interferem-se nos fluxos de conceitos, teorias e metodologias. O fenómeno droga, beneficiando da epistemé actual, exige "uma nova racionalização socio-antropológica" (Agra, 1982b).

A droga fenómeno de paixão tinha-nos servido de analisador da natureza do poder do controle social. Dispositivos disciplinares tradicionais (prisão, clínica, médico-educativo) integram-se numa rede de controle difusa e mais vasta que penetra o tecido social. Os dispositivos desdobram-se, interferem-se, comunicam (as terapias proliferam na prisão, a prisão invade as comunidades terapêuticas, a escola vigia o risco, previne o desvio, detecta o mórbido...).

A emergência do objecto droga enquanto enigma oferecido à ciência tem as suas regras produtoras mostra-nos C. da Agra, na esfera dos poderes de gestão do social: entra na ordem do conhecimento científico ao permitir e legitimar o reforço da ordem social⁽⁴²⁾.

(42) Em *DEVIANCE JUVENILE ET TOXICOMANIE* (1980), C. da Agra particulariza esta análise para o caso português: o fenómeno droga em Portugal, antes de ter expressão evidente traduzida no número de consumidores existiu como arma política (revelada pela análise das funções das campanhas oficiais contra a droga). A invenção política da droga forjou uma representação social do fenómeno a partir da qual se elaboraram uma vontade de saber, uma vontade de experimentar e uma vontade de reprimir: escalada dos especialistas, dos novos consumidores e das polícias especializadas e agentes do controle social. A "toxicoleitura da realidade" processada na representação social dum fenómeno demoníaco, força oculta e poderosa, gera o pedido social de intervenção: criação das instituições especializadas.

O que nos revela a análise genealógica do discurso sobre a droga é então a reacção de defesa perante "a força estranha e ameaçadora do poder duma força existencial diferente" (Agra, 1978):

. a reacção do lado da razão (científica) é afinal uma razão afectada de paixão: o poder-saber científico é "refúgio dos aflitos apavorados perante a diferença do que se transforma incessantemente, independentemente das leis e dos modelos científicos, independentemente das leis e dos modelos jurídico-morais" (Agra, 1978). Com efeito, constata-se (já o vimos atrás, com outros autores) a inoperancia dos diferentes modelos da ciência - da psicanálise às ciências biomédicas, da psicossociologia à sociologia - ao teorizarem um fenómeno "a partir de teorias elaboradas na análise de fenómenos que nada têm a ver com a toxicomania" (Agra, 1978).

O discurso sobre a toxicodependência não a percebe, não a explica. O objecto é resistente à dominação que aquele lhe quer impôr. Porque proliferam nesse caso tantas figuras discursivas a propósito da droga? Vejamos:

. a reacção do lado da paixão (de controlar o que tresmalha) utiliza o discurso da razão enquanto "liturgia obsessiva de esconjuração do mal e da desordem (...), ritual apaziguador da ansiedade perante o que transgride" (Agra, 1978). As acções de combate à droga constituem-se em terror interventivo⁽⁴³⁾ que necessita da legitimação dum saber como estratégia à uma securizante (mito da eficácia daquilo que é científico) e justificador: "o fenómeno da droga é necessário, presta um enorme serviço ao sistema de governação da vida dos homens. Tudo pode legitimar, desde os poderes mais duros aos mais leves. Constitui uma desordem radical que legitima os dispositivos de ordem mais radicais. (...) Há acréscimo da ordem a partir do ruído" (Agra, 1982b). O terror interventivo força o terror explicativo - a urgência do primeiro exige pressa no segundo. E, na pressa da compreensão, "os paradigmas tradicionais da psicologia vêm gorados os seus esforços por assimilá-lo (ao fenómeno droga) através dos seus modelos explicativos e técnicas de intervenção." (Agra, 1986b). Dupla agonia: a dos

(43) Expressão utilizada ultimamente por Cândido da Agra em várias comunicações públicas.

dispositivos da psiquiatria e da psicopatologia "enquanto estratégias que preenchem o vazio entre ciências e individualidade", a da dicotomia normal/patológico, a partir de agora a requerer nova configuração que ligue o molecular biológico e o molar sociocultural; e agonia dos dispositivos tradicionais de normalização: o médico-psico-pedagógico, o jurídico, o penitenciário, o clínico.

Eis, pois, o que agoniza na droga: estratégias de saber-poder tradicionais, disposições disciplinares de controle. E aquilo que emerge? Que nova ordem paradigmática nos permite a desordem provocada nas ciências pela desordem dos drogados? O que se engendra na provocação lançada pelo fenómeno? - dupla provocação: social e epistemológica.

Emerge em primeiro lugar uma nova figura: o drogado. Ele não é como as outras figuras do desvio - ou antes: convoca-as a todas, sintetiza-as em si. O toxicómano é um objecto de objectos: da patologia médica, da antissocialidade, da desprogramação psíquica; detém um novo estatuto na galeria dos personagens da desordem, exige um novo olhar porque, sendo um pouco de cada um deles (delinquente, prostituta, traficante, louco...) não é como nenhum em particular.

Emerge em segundo lugar a possibilidade duma nova ordem paradigmática, a partir da reorganização imposta à psicologia por este actor híbrido, objecto de objectos e a partir da pressão epistémica que exige novas configurações/relações dos saberes.

Aquilo que emerge na droga anuncia os objectos da preocupação dos trabalhos subsequentes de C. da Agra. Não os desenvolveremos porém aqui - ultrapassariam largamente o objecto e os objectivos deste texto.

Em síntese: interrogando a toxicodependência, desocultaram-se estratégias de saber-poder, desconstruíram-se conceitos e teorias - recuo desde o objecto às formas de o dominar/conhecer; a partir do reconhecimento da natureza deste novo objecto de objectos, interroga-se sobre a reorganização do saber da individualidade, do psiquismo e seus desvios - avanço desde o objecto a

novas figuras explicativas permitidas pela configuração actual da ciência, cujo desenho precisamente a droga-analisador epistémico tinha trazido à luz.

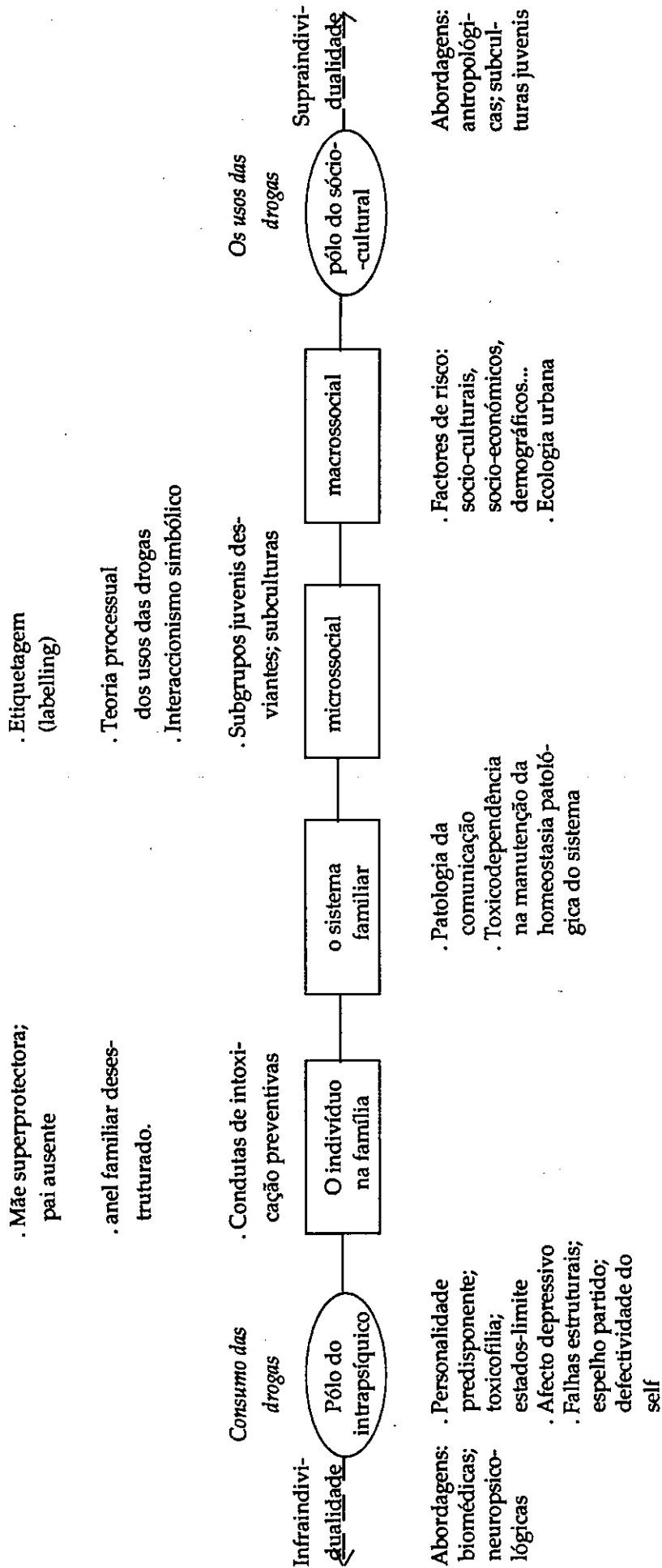
1.4. Níveis de integração

Poderemos também nós procurar e propôr uma ordem para as linhas descontínuas e dispersas que distribuem o campo enunciativo sobre o objecto que nos ocupa? Que nos diz o nosso próprio percurso pela literatura do fenómeno droga?

Parece-nos poder destacar uma linha ao longo da qual se distribuem quer leituras explicativas quer disciplinas científicas - chamar-lhe-emos *linha dos níveis de integração* e representamo-la no Quadro 7.

Seguindo a progressão nesta linha, a droga é primariamente fenómeno de infraindividualidade. De facto, a primeira constatação sobre o uso duma droga é a dos seus efeitos, cuja explicação remete para a neuroquímica; e a primeira preocupação que lança é a dependência que causa: dimensão biomédica da dependência física e do síndrome de abstinência. Mas a verdadeira dimensão do estado de dependência é de ordem subjectiva: dependência psicológica. Segunda constatação: a da presença de uma individualidade psicológica possuidora de desejo, investida de motivações; e segunda preocupação: porque chega o indivíduo à situação da tomada compulsiva de psicoactivos? Que tendência patológica encerra para se deixar conduzir a uma conduta autoagressiva e antissocial? O fenómeno da droga não se confina ao mundo das moléculas ou à neuropsicologia - exige progressivamente uma compreensão a partir do indivíduo, da sua personalidade e do seu desenvolvimento, dos seus estados psíquicos, da economia dos seus afectos e dos seus desejos; exige a compreensão do indivíduo no seio do anel familiar; mas, chegados à família, estamos aptos a outro limiar de visibilidade sobre o fenómeno, agora noutro nível para lá do lugar das relações do toxicómano com as figuras parentais, dos jogos de identificação... Ela é o primeiro dos sistemas a partir dos quais as teorias vão dissolvendo a centralidade do indivíduo numa rede: comunicacional e

Quadro 7. Linha dos níveis de integração: do indivíduo e suas patologias à sua progressiva diluição em sistemas cada vez mais amplos; do consumo de drogas (conduta individual) aos seus usos (determinados culturalmente).



descomunicacional (patologia da comunicação nas quais a toxicod dependência se faz sintoma reequilibrador, garante da homeostasia dum sistema incapaz de se adaptar a mudanças drásticas), grupal (aprendizagem social de condutas e simbologias desviantes, microsociologia das redes significativas onde o sujeito se posiciona e organiza), eco-social.

Exigência, pois, da integração progressiva do indivíduo em sucessivos sistemas, que aumentam não só de tamanho mas sobretudo na incomensurabilidade das variáveis em jogo. É como se de cada vez que se estacionasse num nível compreensivo/explicativo rapidamente se perdesse, desse sítio, a visibilidade e se procurasse num nível mais global o conjunto das relações implicadas no fenómeno. Cada sistema surge como paliativo para o falhanço do anterior e rapidamente o perde, deixando-o para trás - a progressão na linha dos níveis de integração não tem implicado reorganização do discurso científico do fenómeno droga, mas apenas integração mecânica do nível anterior. Justaposição de teorias, incomunicação de disciplinas.

A linha representada no Quadro 7. prolonga-se assim até às leituras mais holistas, micro e macroculturais, geralmente críticas em relação ao que consideram o psicologismo dos níveis de leitura anteriores (micro: subculturas juvenis e sua integração no conjunto e transformação das formas culturais, "modas" das drogas e sua simbologia; macro: uso ritual nas culturas tradicionais, uso desviante nas sociedades urbano-industriais, "toxicomanias de massa", "toxicomanias étnicas"...). Deslocamo-nos, através da linha dos níveis de integração, progressivamente do problema do consumo de drogas (conduta da relação dum indivíduo com um psicoactivo) para o problema dos usos das drogas (papel específico, no seio dum dado sistema cultural, de um ou de vários psicoactivos a que determinados grupos de indivíduos conferem uma ou várias funções e simbologias). Num dos pólos, o problema diz respeito ao indivíduo e suas vicissitudes psico-familiares; no outro, ele não toma a palavra - a cultura diz tudo por si.

Em síntese: toda a secção 1. se ocupou de visões de conjunto da dispersão das teorias sobre o objecto droga. Estas tentativas de organização são, no entanto, reconstruções - propõem sequências coerentes ao discurso, seja baseando-se num organizador teórico (ponto 1.1.), seja num metodológico (ponto 1.2.), seja, analisando as próprias condições de constituição dos enunciados científicos sobre o fenómeno em causa (ponto 1.3.), seja, finalmente, utilizando um nível de progressão do infra ao supraindividual (ponto 1.4.). Poder-se-iam certamente ter utilizado outros critérios. Traduziriam de qualquer modo apenas uma ordenação *a posteriori* do discurso. Representariam também uma reconstrução que é própria da operação realizada: a síntese. E revelariam ainda uma vontade de ordem a sobrepôr-se às sinuosidades do discurso. Mas não devem servir de camufladores da dinâmica real deste discurso particular, talvez a dinâmica de todo o discurso das ciências no momento da sua emergência: a sua desordem, a proliferação dos enunciados e das teorias, a sua rápida substituição, o seu reaparecimento, a crítica reducionista dumas por outras, a imposição de exclusivos à leitura do real... Saliente-se que esta dinâmica se processa independentemente dos produtos lógicos da actividade científica, da sua qualidade ou da sua verdade⁽⁴⁴⁾.

2. NOVIDADE FENOMENAL E NOVIDADE DO OBJECTO

Falávamos no final da secção anterior da emergência dos discursos; e é duma emergência que aqui se trata: a do recorte e definição dum novo objecto (a droga, o consumidor de drogas), a das tentativas da sua objectivação no e pelo discurso científico, a da sua dominação através das figuras teorico-explicativas e das práticas intervenientes por elas legitimadas. Com efeito, o fenómeno droga - vimo-lo através dos diferentes especialistas - é dotado dum carácter de *novidade*: "fenómeno sociologicamente novo enquanto conduta de massa e enquanto

(44) Ver p.e. as análises do desenvolvimento das ciências empreendidas p. T.S. Kuhn, K. Popper ou P. Feyerabend.

fenómeno adolescente" (Olievenstein e Braconnier, 1985), novidade das toxicomanias juvenis e da constelação de associações patológicas que em torno de si gravitam, ou da constelação de novas organizações de existência (subculturas juvenis, p.e.).

Há, pois, uma novidade no facto em si - chamemos-lhe *novidade fenomenal*; e há depois uma outra: a da sua aparição no discurso com legitimação científica - *novidade do objecto*, portanto. Dum objecto proposto ao saber, sobre o qual convergem visibilidades perceptivas (as técnicas de recolha de dados sobre a droga e o drogado) e do qual irradiam possibilidades enunciativas (a assimilação do objecto às teorias da ordem e da desordem biológicas, da normalidade e das patologias psíquicas, da ordem e da transgressão sociais, da mudança e da transformação culturais). Biopsicossocioantropologia, portanto - esta a sua outra novidade (ver CAP. III, 1.3.); depois da sua aparição no campo do discurso sobre o normal e o patológico, sobre a ordem e a transgressão, cruza-o, atravessando-lhe transversalmente as diferentes disciplinas que têm tratado isoladamente estes temas. Exige e revela o regime transdisciplinar das ciências contemporâneas, torna nítida a inoperância dos procedimentos metodológicos e teorico-explicativos encerrados na lógica dos regimes disciplinares incommunicantes, individuados a auto-suficientes.

Chegamos, assim, a outra das constatações dos especialistas que têm procedido à síntese crítica do discurso sobre este objecto: depois de lhe salientarem a dispersão ("as numerosas teorias científicas", a "falta de consenso" - ver CAP. III, 1.1.), depois de lhe trazerem à luz a novidade (fenomenal, de objecto, resistência às metodologias tradicionais de investigação), constataam a exigência que ele provoca - exigência duma *dupla reorganização*:

. *reorganização teórica* (ver CAP. III, 1.1. a 1.4.): a novidade de objecto, por um lado (fenómeno bioantropossociopatológico) e por outro a epistemé da ciência actual (estrutura comunicacional-sistémica), exigem uma reorganização teórica. A linha dos níveis de integração (CAP. III, 1.4.) deixa precisamente ver este facto: se bem que se trate o fenómeno da droga em diferentes limiares de

integração, o salto entre cada limiar é normalmente feito à custa de rupturas, bloqueando a reorganização do saber sobre o objecto em causa que teria de se produzir se houvesse integração complexificante. Esta reorganização implicaria a emergência duma teoria abrangente biopsicossocial.

Porque não acontece então tal integração complexificante? Porque não se tem processado a reorganização que parece possível? Questão, certamente, com possibilidade de resposta através do próprio comportamento da comunidade científica: a tendência para o funcionamento em grupos fechados em torno das teorias, métodos, crenças e valores vigentes em torno de cada disciplina e, dentro desta, vigentes em torno de cada domínio próprio. Cada um destes gera, ainda, grupos rivais, circunscritos a escolas e/ou paradigmas divergentes ou antagónicos⁽⁴⁵⁾ A construção de teoria a partir dos procedimentos particulares de cada disciplina toma o objecto toxicodependência como mais um objecto dentro da sua ordem paradigmática. As grelhas vigentes nele são-lhe assim mecanicamente aplicadas, encarando-o como um *enigma* - interrogação formulada segundo as regras do paradigma e para a qual é legítimo esperar que encontre solução de acordo com ele (Kuhn, 1970) - e não como *anomalia* - interrogação fora das soluções paradigmáticas, por se tratar dum facto duma ordem diferente da ordem de factos de que o paradigma dá conta com êxito.

. *reorganização das posições perceptivas* (ver sobretudo CAP. III, 1.1. e 1.2.): o comodismo metodológico que consiste em utilizar os toxicómanos "à mão" (Comas, 1981), ou seja, os que recorrem aos serviços especializados ou os que estão encarcerados, esquece que "é necessário sublinhar a propósito dos utilizadores de drogas que as constatações dos especialistas devem ser relativizadas, tantos são os sujeitos que não passam pelos circuitos médicos" (Olievenstein e Braconnier, 1985). Este comodismo está na base dum enviesamento: o referencial clínico desses lugares institucionais, por um lado, e a motivação do toxicodependente ao recorrer a uma assistência que sabe funcionar

(45) cf. Kuhn (1970). cf. também Agra (1986d) e a sua proposta de desenvolvimento dum vector de análise dos saberes a que chama psicologia da epistemologia e que tem por objecto os parâmetros psicológicos da produção científica.

nesse referencial, contribuem à patologização do fenómeno. O dado clínico faz-se onnipresente, provoca-se uma compulsão na leitura do dado patológico do toxicodependente, que é só um dos lados (quando existe; existirá sempre?). Só que este lado é tomado pelo todo - reducionismo contido numa operação que, paradoxalmente, lhe deveria ser oposta: a generalização...

Pôs-se já também em evidência o falhanço das metodologias mais tradicionais na captação dum objecto que é dotado de algumas características que elas não tomam em conta (ver CAP. III, 1.2.); e salientou-se a necessidade da "imaginação investigativa" (Comas, 1981), da adopção doutros procedimentos metodológicos. Dizemos bem, ao falar em adopção: de estratégias que nasceram ou fazem parte da tradição doutras disciplinas, mas que contêm potenciais de utilização ao serviço doutros objectivos. No regime comunicacional-sistémico dos saberes as metodologias fazem parte dos fluxos comunicantes entre os domínios, perdem também a individualidade disciplinar própria da lógica, hoje em declive, do "reino da vida das ciências" (Agra, 1986). A aproximação a possibilidades perceptivas proximais, p.e. "uma resposta encontrada no terreno, que descreva do interior (...)" (Ingold, 1987), tem vindo a ser apontada crescentemente como alternativa.

Esta visibilidade através de técnicas mais adequadas à natureza do fenómeno, a que chamaremos *posições perceptivas proximais*, deverá igualmente permitir evitar um escolho: o da distância a que ele é olhado (clivagem mundo normal/"mundo da droga") que as abordagens no modelo médico têm alimentado. Toda a distância introduz fantasia, abre lugar à construção mítica acerca do que nos é estranho ou bizarro. O objecto droga tem estado permanentemente sujeito a esta construção mítico-ideológica que erige estereótipos. Os estereótipos, mantidos pela distância entre sujeitos detentores do discurso e objecto, têm-se constituído, a nosso ver, como um dos principais obstáculos epistemológicos ao saber sobre as drogas e os seus actores.

Poderemos, a partir da crítica levada a cabo nas secções anteriores, organizar um plano de investigação sobre o fenómeno das drogas que tome em conta os obstáculos epistemológicos identificados? Poderemos já construí-lo informado das reorganizações a encetar? - ou seja, podemos instalar o nosso trabalho de investigação num limiar possibilitado pela tomada de consciência obtida no exercício da análise teorico-epistemológica prévia? Esta questão conduz-nos ao percurso a empreender na PARTE B.

PARTE

B

DAS POSIÇÕES PERCEPTIVAS NO FENÓMENO
DROGA

Edward Hall, no prefácio ao seu livro *A DIMENSÃO OCULTA*, afirma que "existem hoje dois tipos possíveis de livros: uns põem a tónica no conteúdo e visam a comunicação dum saber particular, outros referem-se às estruturas, ao modo de organização dos factos" (Hall, 1966). A PARTE A deste texto pôs a tónica no conteúdo e visou a comunicação em síntese dum saber particular, iniciando na sua parte final uma reflexão sobre a estrutura (cf. CAP. III); a PARTE B dará seguimento a esta preocupação com a estrutura - com diferentes possibilidades de estrutura, a que correspondem diferentes visibilidades sobre o fenómeno aqui em causa e que determinam as configurações com que é codificado no discurso científico. Esta será a matéria para o capítulo I. No capítulo II abordaremos um dos modos possíveis de recolha, organização e tratamento dos dados sobre o objecto droga. Referir-nos-emos aos métodos qualitativos, particularmente algumas das suas técnicas que justificaremos como mais adequadas à especificidade do objecto. Com esse arsenal de instrumentos levámos a cabo o trabalho de investigação de que o capítulo III dará conta - poremos então de novo a tónica no conteúdo visando a comunicação dum saber particular.

CAPÍTULO I

ENQUADRAMENTO TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICO
DA METODOLOGIA

Que todo o objecto de discurso não se constitui imediatamente a partir de um conjunto de dados mas é fruto duma delimitação, dum recorte e duma construção, é uma afirmação hoje amplamente consensual na filosofia das ciências. "O objecto existe sob as condições positivas dum feixe completo de relações" (Foucault, 1969) - relações materiais, repletas de historicidade, que se situam desde o plano institucional que legitima os sujeitos detentores do discurso, que define, nomeia e apropria o objecto multiplicando-lhe os sentidos através da rede enunciativa, até ao arsenal de técnicas com que o vai dissecar. O objecto ganha a sua existência no e pelo sistema de conceitos e teorias que o dizem. "As condições para que apareça um objecto de discurso são numerosas e pesadas. (...) Isto não significa que estejamos perante um obstáculo cuja função seria impedir a descoberta. Significa simplesmente que o objecto não preexiste a si mesmo, esperando pelas condições em que será libertado" (Foucault, 1969). Aquilo que podemos ver e dizer do objecto vem determinado, portanto, pela visibilidade e pela dizibilidade permitida em cada arranjo epistémico - "o que quer dizer que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época (...); não é fácil dizer qualquer coisa nova" (Foucault, 1969).

Que a relação do sujeito com o objecto, particularmente nas ciências humanas, não é uma relação de exterioridade absoluta que seria o garante da objectividade do conhecimento, nem é uma relação marcada pela "asepsia" do método, que, revolvendo o objecto, não lhe inflingisse marca e o captasse todo naquilo que é, faz parte também dum consenso actual na filosofia das ciências: o da desmontagem da ilusão positivista que desde o século XVIII se tem oferecido como a racionalidade dominante da ciência.

Estas afirmações introduziriam sem dúvida um percurso pela epistemologia, com o qual nos sentiríamos a tomar parte na reflexão que a comunidade científica actualmente mantém sobre o conhecimento científico: "uma reflexão de tal modo rica e diversificada que, melhor do que qualquer outra circunstância, caracteriza exemplarmente a situação intelectual do tempo

presente" (Santos, 1987)⁽⁴⁶⁾. Não nos pretendemos no entanto a uma exposição alargada nesse domínio - tão-somente tomaremos dele aquilo em que nos socorre no elucidar das nossas escolhas: do objecto de estudo e do método. Exercício pois da tomada de consciência das oposições que, podendo parecer ditadas pelas regras externas relativamente inquestionáveis que regem a comunidade científica⁽⁴⁷⁾ resultam igualmente da trama difusa das relações do investigador com a realidade circundante, de que também é parte. A "ciência do sujeito" (Agra, 1989) - a matriz das condições de possibilidade das ciências humanas - não suspende o "sujeito da ciência". Pelo contrário, convoca-o enquanto agente da produção científica, enquanto participante duma historicidade sua contemporânea.

Se começamos por referir dois temas particulares - o da construção do objecto e o das relações sujeito-objecto - é porque nos parece que a discussão que os epistemólogos têm realizado sobre eles é particularmente relevante se quisermos entender o nosso envolvimento, ao longo dos últimos anos, com a investigação que em capítulo posterior apresentaremos. É também importante para que possamos esclarecer os posicionamentos que os investigadores do fenómeno droga têm adoptado e conseqüentemente o direccionamento dos seus trabalhos e as concepções com que tecem o objecto.

1. POSIÇÕES PERCEPTIVAS DOMINANTE E PROXIMAL

Escolher um ponto de partida, os contornos que fixem o lugar donde se

(46) Esta reflexão é levada a cabo predominantemente pelos próprios cientistas, interessados dum modo crescente na problematização da sua prática: "depois da euforia cientista do séc. XIX e da conseqüente aversão à reflexão filosófica, bem simbolizada pelo positivismo, chegámos a finais do séc. XX possuídos pelo desejo quase desesperado de completarmos o conhecimento das coisas com o conhecimento do conhecimento das coisas. Isto é, com o conhecimento de nós próprios" (Santos, 1987). C. da Agra (1986 a) refere-se também ao carácter autorregulado da ciência contemporânea, "cruzamento da epistemologia e da ciência, introjecção, deslocamento da primeira para a segunda"; considera-o mesmo "a característica mais espectacular daquilo a que M. Serres chama o novíssimo espírito científico".

(47) Mas as regras estão também sujeitas a mudança, que não é circunstancial na ciência mas antes estrutural (Cf. p.e. Kuhn, 1970).

parta - eis como surge a delimitação do objecto. No nosso caso: as drogas e os seus actores. Os usos das drogas ilícitas. O sector juvenil enquanto segmento mais implicado com esses usos. A toxicodependência.

A espessura do objecto, por um lado - irreductível pela sua própria especificidade a uma visibilidade aberta que o fizesse rapidamente apreensível -, e por outro lado as diferentes racionalidades que informam as concepções do trabalho científico, produzem só por si diferentes possibilidades perceptivas sobre aquilo que se quer analisar.

Recuemos ao nosso próprio percurso - não por vontade de auto-contemplação, mas naquilo que ele nos puder elucidar sobre o modo como nos acercámos do objecto e lhe fomos enfrentado a espessura⁽⁴⁸⁾ "Hoje sabemos ou suspeitamos que as nossas trajectórias de vida pessoais e colectivas (enquanto comunidades científicas) e os valores, as crenças e os pré-juízos que transportam são a prova íntima do nosso conhecimento, sem o qual as nossas investigações laboratoriais ou de arquivo, os nossos cálculos ou os nossos trabalhos de campo constituiriam um emaranhado de diligências absurdas sem fio nem pavio. No entanto este saber, suspeitado ou insuspeitado, corre hoje subterraneamente, clandestinamente, nos não-ditos dos nossos trabalhos científicos" (Santos, 1987). Este excerto ilustra perfeitamente algo que, dum modo difuso, já sentíamos: há um saber prévio, um "conhecimento tácito" (Polanyi, citado por Kuhn, 1970) que informa ou direcciona os esforços ordenados e sistemáticos que caracterizam o conhecimento científico. Jean Copans (1974) considera que a maior parte dos trabalhos científicos contém "um vício epistemológico grave: desconhece-se em absoluto as condições da sua elaboração: o contexto da investigação, o modo como os materiais são recolhidos e depois tratados, os obstáculos encontrados pelo investigador, as particularidades do seu campo".

(48) Este recuo tem também um efeito de elucidação pessoal: "a investigação é um esforço permanente e disciplinado para conferir um sentido e uma ordenação aos fenómenos da experiência subjectiva. (...) Foi assim que acabei por considerar ao mesmo tempo a investigação e o processo de construção teórica como tendo por objectivo encontrar uma ordem interna nas experiências significativas" (Rogers, 1985).

Tanto o excerto de Santos como o de Copans nos falam dum escolho que queremos evitar: o aspecto acabado do texto científico opacifica o seu processo de construção, ilude muitas das determinantes reais do trabalho de investigação e encobre o papel do seu autor enquanto agente activo - e portanto transformador - da extracção do conhecimento. Há duas consequências principais, a nosso ver, que daqui decorrem: o texto oferece a ilusão da sua própria auto-suficiência - começa e acaba em si, contando apenas o acréscimo de saber que resulta do rigor e da objectividade do seu conteúdo; o texto nega qualquer possibilidade de se constituir como pedagógico, pois que ao esconder a história das suas intuições, das suas escolhas, das suas sinuosidades e dos seus fracassos recusa o papel de testemunho real de investigação. Nada ensina, para além do que ensina o seu conteúdo⁽⁴⁹⁾.

- O OLHAR CLÍNICO E O OLHAR NATURALISTA -

Da primeira vez que investimos a posição de técnicos do fenómeno droga, tratava-se de o fazer no papel de agentes de prevenção e de tarepeutas, no contexto institucional dum centro para toxicodependentes. Tivemos assim a iniciação prática ao *olhar clínico*. Retomemos Foucault:

"As posições do sujeito definem-se pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objectos: é sujeito-que-questiona segundo uma certa grelha de interrogações explícitas ou não e que ouve segundo um certo programa de informação; é sujeito-que-anota segundo um tipo descritivo e que observa segundo um quadro de traços característicos; está situado a uma distância perceptiva óptima cujos limites demarcam a parcela de informação pertinente; utiliza intermediários instrumentais que modificam a

(49) Lembra-nos isto a frase de Foucault (1969): "as margens dum livro jamais são nítidas ou rigorosamente contadas"... A unidade e linearidade com que se conta uma empresa científica não resulta da sua natureza, mas das regras de construção do texto, que o limpa das circunstâncias "não-científicas" que o teceram. A isto não é estranha a imagem que a ciência tem junto dos profanos: a da eficácia e do rigor, a da objectividade e certeza.

escolha da informação, deslocam o sujeito em relação ao nível perceptivo médio ou imediato" (Foucault, 1969).

Através da iniciação ao exercício deste conjunto de posições aprendemos a participar dum campo perceptivo particular. Chamemos-lhe, ainda utilizando Foucault, o olhar clínico. Esta aprendizagem consiste em grande parte em "efectuar uma adequação entre natureza e símbolos"(Kuhn, 1970) nos quais se exprime um dado domínio do saber. O aprendiz modifica assim o seu olhar sobre as situações, considerando-as "sob a mesma forma que os outros membros do seu grupo de especialistas. Não são para ele as mesmas situações que encontrava dantes. No intervalo, assimilou uma maneira de ver autorizada pelo grupo e aprovada pelo tempo" (Kuhn, 1970). No limite, podemos sintetizar a aprendizagem "como sendo a tarefa de resolver um trabalho de representação, que não se situa ao nível dos fenómenos mas dum discurso sobre os fenómenos" (Feyereisen, 1985).

Primeira inquietação: rapidamente se produziu uma não coincidência entre o olhar clínico - e o discurso que o suporta e lhe confere existência e estatuto - e uma série de dados de que dispunhamos sobre o objecto droga. Estes, chegavam-nos dum outro lugar: o da nossa própria existência enquanto cidadãos duma urbe de características predominantemente industriais, que nos fazia (faz) interseccionar quotidianamente os espaços concretos da cidade real, assistir/participar na trama das interacções sociais, constatar a densidade e a heterogeneidade populacionais e a diferenciação de subgrupos que produz, interferir episodicamente alguns deles (com destaque para subgrupos juvenis), ter relances, também episódicos, nos quais nos achámos no mesmo espaço de consumidores de drogas, de noctívagos, de pequenos traficantes - ao sabor da ida a um bar, a um café, a uma esplanada, ou simplesmente pela presença numa praça, numa rua...

A percepção a partir dos espaços naturais de ocorrência foi assim constitutiva dum "conhecimento tácito" (retomemos Polanyi, citado por Kuhn,

1970): o conhecimento que se forja, antes da lei (da codificação simbólica dos dados do real segundo regras paradigmáticas, p.e. as regras do olhar clínico), através da oportunidade de manejar situações e exemplos concretos. Chamemos-lhe *olhar naturalista* ⁽⁵⁰⁾. Foi precisamente o conjunto das percepções que pudemos ter das drogas e seus actores nos espaços naturais em que ocorre a interacção entre ambos, foi a visibilidade a partir da inserção na matriz ecológica urbana, aquilo que constituiu a fonte duma série de dados empíricos e duma série de intuições que nos interrogaram *para além* daquilo a que dava acesso o olhar clínico. Talvez que esta afirmação, se não é problemática ao nível da extracção do dado empírico, o seja contudo ao nível das intuições geradas - obrigando-nos assim a situar rapidamente o papel da intuição no processo do conhecimento.

Não nos remetemos aqui à intuição como forma de conhecimento próxima da adivinhação ou do sexto sentido, irrupção brusca dum sentido que independe do facto - não nos remetemos à crença estabelecida que faz dela o veículo da irracionalidade e da subjectividade. Se a intuição fosse um processo simplesmente individual, não a excluir do campo da ciência podia equivaler à aceitação da irracionalidade ⁽⁵¹⁾. Mas ela depende sempre da formação teorico-metodológica prévia - não existe a possibilidade do olhar "naif" ou profano para quem foi socializado nas regras da ciência (cf. ainda Kuhn, 1970). A intuição não é

(50) O termo *naturalismo* percorre vários domínios disciplinares e é empregue por vezes significando coisas divergentes. P. e. tanto designa o carácter cientista e mecanicista das ciências da natureza nos séculos XVIII e XIX, de que a experiência e o laboratório são os expoentes - aqui naturalismo designa ruptura com o teológico e o metafísico -, como designa o abandono do laboratório em favor do contexto natural, a observação do fenómeno intacto em vez da sua manipulação pela experimentação...

(51) Instauraríamos outro debate: o do papel da irracionalidade na racionalidade científica. Constataríamos p.e. a onipresença do irracional nas teorias aceites pela comunidade científica: "As teorias fracassam sempre na tentativa de reproduzir adequadamente certos resultados quantitativos e são qualitativamente incompetentes num grau surpreendente (...). Para conseguir este milagre todas as dificuldades são encobertas mediante aproximações *ad hoc* (...). Os metodólogos podem assinalar a importância das falsificações, mas usam alegremente teorias falsificadas" (Feyerabend, 1975). Constataríamos também p.e. que as teorias mais sólidas fazem assentar todo um conjunto de explicações racionais (hipotético-dedutivas) num "princípio explanatório, (...) que é uma espécie de consenso convencional entre os cientistas para a certo ponto poderem parar de explicar coisas" (Bateson). Gregory Bateson cita como princípios explanatórios os exemplos clássicos da gravidade e do instinto.

E se em vez de citarmos exemplos da desordem das teorias fizéssemos referência às teorias da desordem que fazem a inscrição do caos, do irracional, do ruído, do acidente, da indeterminação, nas propriedades fundamentais da matéria e das manifestações do vivo? (Cf. Prigogine, 1979).

um acesso obscuro de irrupção de hipóteses ou "insights", mas um processo que se aprendeu através da interiorização das regras do grupo científico de que se faz parte. O seu papel tem sido destacado pela importância que assume nos avanços qualitativos da ciência: "os protagonistas da revolução tiveram a noção clara de que a prova íntima das suas convicções pessoais precedia e dava coerência às provas externas que desenvolviam" (Santos, 1987).

Regressemos ao olhar clínico: com ele, tínhamos a impressão de contemplar o fim dum trajecto. O processo e a dinâmica dos utilizadores de drogas nas suas vidas, a história particular das suas existências enquanto cidadãos, permaneciam ocultos. Contados diferidamente na relação clínica, quando muito - mas, deste modo, já reconstruídos pelo sujeito de acordo com o seu estatuto de toxicómano. E que dizer do imenso número de indivíduos que não recorrem a centros especializados?

O olhar clínico produz o útil ensinamento do que se passa com aqueles que, embrenhados no consumo compulsivo de drogas duras, projectam uma paragem no seu processo de degradação biopsicológica e de progressiva ruptura com as relações grupais convencionais. São, infelizmente, uma amostra demasiado terminal para percebermos a partir deles o percurso e as cambiantes globais dum fenómeno do qual os casos graves de toxicodependência são só uma das dimensões. Ocorre outra vez a imagem clássica da ponta do iceberg - e os que recorrem às estruturas assistenciais para toxicodependentes são a ponta que ora revela, ora ilude o subaquático⁽⁵²⁾.

Regressemos também ao olhar naturalista. Aquilo que ao princípio era uma atenção flutuante - estar aberto ao desenrolar do fluxo social, às situações

(52) Já nos referimos a este problema na PARTE A, CAP. III, secção 1.1., quando sublinhámos a relativização que raramente é feita do dado clínico. Ela passaria por ter em conta aquilo que o estatuto de "toxicómano" determina na vivência da droga. Ou seja, a influência do sistema assistencial sobre o comportamento de dependência. Coloca-se ainda o problema da generalização abusiva das teorias assentes no dado clínico a toda a realidade do utilizador de drogas, que é extremamente heterogénea e se vê assim reduzida a uma das suas dimensões - precisamente aquela que tem determinado mais fortemente a representação social do "drogado". Olievenstein e Braconnier (1985) escrevem, a esse propósito: "É necessário sublinhar relativamente ao consumidor de drogas que as constatações dos especialistas devem ser relativizadas, tantos são os sujeitos que não passam pelos circuitos médicos".

correntes perfeitamente anódinas, ao facto diverso, sempre que de algum modo se relacionassem com drogas - foi-se transformando em preocupação permanente. Foi-se sistematizando, ganhando contornos de método. Passámos a ocupar-nos daquilo a que Pareto chamava "resíduos", e que M. Maffesoli definiu eloquentemente: "é de facto nos interstícios da vida oficial, momentos ou espaços que são reapropriados duma maneira a que chamei minúscula ou, segundo a expressão de A. Moles, 'em contrabando', que se exprime da melhor forma a intensidade do estar-em-conjunto" (Maffesoli).

De como a atenção à "clandestinidade da existência"⁽⁵³⁾ se transformou em procedimento mais sistemático - conjunto de técnicas articuladas pelo método da pesquisa de terreno - daremos conta no CAP. II. E retomemos por agora a não-coincidência aludida atrás entre o olhar clínico e este olhar exercido no terreno.

Sem dúvida que o primeiro efeito produzido foi o da crítica daquele que nos parecia o mais parcelizador em relação ao objecto: fazendo-o signo de morbidez psíquica individual, aprisionava-o dentro das possibilidades perceptivas próprias ao lugar institucional detentor/produtor do discurso: tais possibilidades vêem uma realidade clínica, daí a conceptualização em torno dos estados-limite, das estruturas adictivas, da dependência do self, da deficiente estruturação precoce do Eu, da gestão do afecto depressivo, da moratória juvenil... Não negámos o valor heurístico desta leitura do fenómeno. O problema aparece quando se toma a parte pelo todo, reduzindo a interrogação das drogas a uma realidade apenas clínica - parcelização do objecto, redução das suas significações múltiplas a um significado único.

O segundo efeito produzido conduziu-nos, em vez da crítica dum dado modelo, à reflexão do que representa *conhecer* um objecto. Parece-nos crucial, em vez de clivar as leituras do real em "boas" e "más", perceber a lógica que rege a

(53) Recorremos ainda à linguagem de Michel Maffesoli, estendendo aqui o significado original que o autor dá à expressão à própria circunstância de a utilização das drogas ilícitas ser uma ocorrência necessariamente clandestina, por força da fuga à lei e aos múltiplos agentes do controle social.

sua multiplicação e denunciar a mudez meta-científica - não se discutem as regras e pressupostos implícitos a um dado modelo, simplesmente porque se considera inquestionável e irrepreensível. Quando se discutem, é com a finalidade de relevar o modelo em causa relativamente aos outros - a mudez dá aqui lugar à megalomania.

- PLURIDIMENSIONALIDADE E CONJUNTURALIDADE -

Contornando o obstáculo da divisão dos procedimentos e das teorias em "bons" e "maus", salientamos em primeiro lugar a pluridimensionalidade - e portanto a complexidade - dos factos sobre os quais o olhar científico se debruça (54) A diversidade das ciências humanas deve-se, não ao facto de estudarem realidades diferentes (haveria assim factos exclusivamente sociológicos, psicológicos, etc.), mas à circunstância de partirem de pontos de vista analíticos diferentes, de perspectivas teóricas distintas, que não seriam possíveis se os objectos sobre que se debruçam não fossem pluridimensionais e complexos. Este processo reproduz-se no próprio interior de cada disciplina. Conhecer o objecto é sempre multiplicar-lhe as leituras.

Salientamos em segundo lugar a conjunturalidade do objecto: aquilo que ele mostra, e portanto aquilo que ele é, depende da grelha que prepara o olhar. O conhecimento não é a propriedade de captar, através do artefacto que é a ciência, as propriedades da realidade, não consiste em fixar factos do mundo no momento privilegiado em que podemos fazer da nossa experiência sensível uma experiência científica (como no estádio positivo de Comte), é antes uma elaboração intelectual que estrutura a experiência sensível mediante categorias próprias à mente que procura conhecer, (sabemo-lo desde Kant). "Ao

(54) É natural ver esta frase repetida em inúmeros preâmbulos aos textos dos especialistas das diferentes disciplinas. Isso não significa, geralmente, que haja a intenção de perspectivar a investigação em função do afirmado, ou de reconhecer a impotência da ciência perante um real demasiadamente polifacetado - significa apenas que se prepara o leitor para as limitações do texto. Como quem anuncia que vai trabalhar no arame mas realiza a precaução de ir colocando a rede...

procurarmos conhecer a realidade social vamos construindo, a respeito dela, e mediante quadros categoriais, operadores lógicos de classificação, ordenação, etc., mediante processos complexos influenciados ainda pelas nossas necessidades, vivências, interesses - vamos construindo instrumentos que nos proporcionam informação sobre essa realidade e modos de a tornar inteligível, mas nunca se confundem com ela" (Silva e Pinto, 1986).

Aquilo que se acredita ser a sua estrutura é, afinal, uma conjuntura - eis o que nos revela a análise de qualquer objecto, eis o que nos revela a própria história das ciências humanas, "cuja configuração global é o resultado conjuntural duma história que continua" (Silva e Pinto, 1986). A empresa científica é a história da descriptagem dos factos do mundo. Mas é também "descriptagem das suas ilusões nativas" (André, 1986). A primeira destas ilusões foi a que absolutizou o conhecimento das ciências naturais, acreditando na sua coincidência com a realidade. O ponto de vista epistemológico que hoje prevalece situa-nos o discurso científico na sua historicidade: as grelhas que organizam a inteligibilidade do real não têm uma estrutura necessária, estão, sim, (in)determinadas pelo devir.

Em síntese, a pluridimensionalidade e a complexidade do objecto, por um lado, e por outro os diferentes pontos de vista que sobre ele podemos convergir, contribuem dum modo importante para a dispersão das suas diversas delimitações e para a dispersão dos discursos que lhe conferem existência científica. Estes diferentes pontos de vista são habitualmente desenvolvidos por disciplinas diferentes - mas podem também sê-lo por racionalidades da ciência antagónicas dentro duma mesma disciplina. As racionalidades irradiam normas sobre o que deve ser, p.e., uma relação sujeito-objecto "adequada", ou sobre que tipo de relações deve estabelecer a prática empírica com a teoria - determinam deste modo as distâncias perceptivas "lícitas" entre investigador e realidade⁽⁵⁵⁾.

(55) De cada vez que se produz uma descontinuidade de fundo entre uma racionalidade dominante da ciência e outra que está a emergir ocorre uma alteração profunda destas normas. Foucault assinalou-as referindo que "nos cortes há possibilidade de novas situações perceptivas emergirem para o sujeito" (Foucault, 1969); também T. Kuhn as assinalou, considerando que um dos efeitos produzidos por uma revolução científica é a transformação da visão do mundo (pelo menos aquela que se possuía

A não-coincidência entre o que do fenómeno droga deixam ver o olhar clínico e o olhar naturalista deve-se em grande parte à posição perceptiva ocupada pelo investigador em cada um dos casos. Talvez convenha deixar explícito que uma posição perceptiva é, de qualquer modo, também uma posição teórica: exerce-se a partir duma grelha de interrogações, ouve e anota segundo um tipo descritivo e codificando a informação de acordo com indicações teóricas prévias, utiliza intermediários instrumentais que são parte do arsenal paradigmático duma dada disciplina e que têm portanto o uso definido e validado teoricamente.

À posição do olhar clínico chamaremos *posição perceptiva distal*: porque mediatizada pela instituição, que em certo sentido produz uma separação da realidade social ao estar investida da função de a corrigir e lhe recolocar ordem, mantendo a sua organização e objectivos à custa da clivagem técnico/utente, especialista/desviante, clínico/doente; à do olhar naturalista chamaremos *posição perceptiva proximal*: porque anula ou reduz ao mínimo tais clivagens, porque redefine dum outro modo as relações sujeito-objecto, aceitando o risco da proximidade a troco duma outra possibilidade para o olhar.

As posições perceptivas distais têm sido dominantes, até ao momento: quer a recolha do dado clínico, quer a recolha do dado através das técnicas de inquérito têm constituído a base do material empírico sobre o objecto droga. Se nos centrámos até agora no campo clínico foi em razão do nosso próprio percurso, que fez dele o primeiro lugar donde nos sentimos questionados - foi também daí que se impôs o primeiro discurso com legitimação científica sobre o toxicodependente em Portugal. A acessibilidade dos sujeitos que recorrem a instituições para toxicodependentes, por um lado, e por outro a standardização

no sector particular da ciência onde se processa a revolução): "as mudanças de paradigma fazem com que os cientistas, no domínio das suas pesquisas, vejam tudo com um outro olhar. (...) Guiados por um novo paradigma, adoptam novos instrumentos e os seus olhares orientam-se numa direcção nova" (Kuhn, 1970). Assim, e como o próprio Kuhn sublinha, os paradigmas não são só os elementos constituintes da ciência - são também elementos constitutivos da natureza.

dos procedimentos do inquérito, convertendo-os em instrumentos credíveis à luz duma certa concepção das ciências sociais e ao mesmo tempo de fácil aplicação em populações de fácil acesso (é típico na investigação das drogas a aplicação do inquérito em amostras de jovens estudantes do secundário), ajudam a compreender o recurso a estas modalidades de posições perceptivas distais.

No caso do olhar clínico, não basta invocar a acessibilidade do material empírico. Outra razão, não circunstancial mas de fundo, se combina com esta: a medicina e a psicopatologia têm-se historicamente constituído como instâncias de decisão do discurso sobre a desordem e a patologia. Estas instâncias, quando conjugadas com outros vectores do diagrama da microfísica dos saberes-poderes do social, têm legitimado até agora o estatuto do discurso sobre a desordem, a transgressão, o desvio e o patológico.

No caso das técnicas de inquérito, seja por questionário seja por entrevista com diferentes graus de estruturação, não basta também invocar o seu carácter prático, reforçado hoje pelo tratamento informático que, simplificando-lhes a manipulação, as complexifica. Também uma razão de fundo tem determinado o recurso maciço à sua utilização: a inscrição do estudo dos fenómenos humanos num esteriótipo da concepção da ciência que hipervaloriza o quantitativo, não por razões heurísticas (o que seria intocável e desejável), mas por uma, chamemos-lhe, compulsão à cientificidade. O prestígio atingido pelas ciências da natureza tem constituído uma atracção irresistível para as ciências humanas, na procura duma legitimação aos olhos da comunidade científica. As ciências da natureza tconstituem-se assim em autênticas "ciências duras"⁽⁵⁶⁾: o seu consumo pelas ciências humanas engendra nestas um estado de dependência que lhes compromete a identidade e o devir autónomo.

A consequência mais visível desta dependência tem sido - e como é próprio dum estado desses - a incapacidade de produzir. Com efeito, há uma desproporção entre o engenho e o rigor das técnicas quantitativas e o pouco

(56) Expressão tomada de M. Maffesoli.

ganho real da sua utilização para o conhecimento dos fenómenos humanos. Particularmente o clássico processo da psicologia do questionário, através do qual as populações expiam os seus hábitos, confessando-os e convertendo-os em cruzes de escolha múltipla, em registos binários de sim/não, verdadeiro/falso, etc., em gráficos, tabelas, percentis e percentagens, produz a redução do fenómeno social total⁽⁵⁷⁾ à sua caricatura esboçada nos limites espartilhados da conduta sim/frequentemente/às vezes/quase nunca/não. Este modo de dissecar os fenómenos tem como consequência quase nunca se saber se às vezes os que dizem não frequentemente fazem sim... (Isto é particularmente verdade se o fenómeno em estudo é, como no caso das drogas, pouco pacífico e com enormes margens de ambivalência).

Deste olhar - o que vê através do questionário - vislumbramos curvas, cruzamentos de variáveis, gráficos de barras. Levados pelo prestígio intocável atingido pelo algarismo numa sociedade que move a sua estrutura económica e tecnológica assentando-a na previsão do comportamento dos números, julgamos, lendo-os, ler o comportamento dos indivíduos. Eis "um rigor que quantifica e que, ao quantificar, desqualifica, um rigor que, ao objectivar os fenómenos, os objectualiza (...), que, ao caracterizar os fenómenos, os caricaturiza. (...) O conhecimento ganha em rigor o que perde em riqueza" (Santos, 1987).

A discussão sobre métodos quantitativos *versus* métodos qualitativos - que é um dos sinais da crise permanente das ciências humanas, se tomarmos "crise" no sentido de Thomas Kuhn - deve-se, na sua superfície visível, "à demasiada técnica para demasiado pouca intervenção sobre a sociedade em movimento" (Ferrarotti, 1981); ou, recorrendo a uma citação de Goethe utilizada por Maffesoli, "o vosso cesto de pão é escusadamente complicado, pois não conseguis abrir a fachadura"... Assiste-se assim, nas últimas décadas, a uma "desilusão com os métodos quantitativos, que durante muito tempo detiveram a

(57) Marcel Mauss, com o estabelecimento da hoje clássica noção de *facto social total*, estabeleceu dois princípios: "qualquer facto (...) é sempre complexo e pluridimensional (...); todo o comportamento remete para e só se torna compreensível dentro de uma totalidade" (Silva e Pinto, 1986).

posição dominante na maioria das ciências sociais" (Atkinson e Hammersley, 1983).

Mas, para além da superfície visível, onde está a dimensão profunda que alimenta este ponto particular do debate actualmente em curso nas ciências humanas? Afloraremos a questão na secção seguinte.

2. O CONFRONTO ENTRE RACIONALIDADES CIENTÍFICAS

Teremos então de retomar a questão que já vem de trás - a questão da divergência entre racionalidade científicas: porque é ela que cliva argumentos e alimenta tradições da concepção do trabalho científico em confronto.

"Desde a origem da psicologia, pôs-se a questão dos seus fundamentos epistemológicos, suspeitando uma profunda incompatibilidade entre os métodos das ciências exactas e os fenómenos humanos. O dilema da psicologia seria o de ter de escolher entre o Homem e a Ciência. Tentar captar o indivíduo na plenitude da sua humanidade, na singularidade do seu destino, na irredutibilidade do seu discurso. Neste caso, trata-se de fundar uma nova racionalidade do individual e da síntese, que se opõe à empresa científica, geral e analítica. Ou tentar que a psicologia adopte a atitude reducionista das ciências naturais, destinada a perder o homem. Este é o debate entre uma psicologia humanista dita da 'compreensão' e uma psicologia científica explicativa" (Feyereisen, 1985).

O debate a que se refere Feyereisen radica, para lá da psicologia, na questão mais geral que opõe duas vertentes: a primeira, que é dominante, aplica "na medida do possível ao estudo da sociedade todos os princípios epistemológicos e metodológicos que presidiam ao estudo da natureza desde o século XVI; a segunda, durante muito tempo marginal mas hoje cada vez mais seguida, consistiu em reivindicar para as ciências sociais um estatuto epistemológico e

metodológico próprio, com base na especificidade do ser humano e sua distinção polar em relação à natureza" (Santos, 1987). Na primeira das vertentes "parte-se do pressuposto de que as ciências naturais são uma aplicação ou concretização dum modelo de conhecimento universalmente válido e, de resto, o único válido" (Santos, 1987). Os fenómenos humanos devem, nesta óptica, ser estudados tal como se faz para aqueles sobre que as ciências da natureza se debruçam. Para a segunda das vertentes, tal pretensão ignora a especificidade destes fenómenos. No caso da psicologia, "o seu objecto de estudo difere fundamentalmente do das disciplinas científicas tradicionais: é o sujeito humano em situação e não o sujeito tal como é definido pelas experiências de laboratório. (...) O sujeito é um corpo vivo num mundo de significação intencional (Thinès, 1978). A acção possui sempre um sentido, não é um encadeado de comportamentos que fosse externamente captável pelos procedimentos objectivistas clássicos.

A argumentação em favor dum estatuto epistemológico próprio acompanha, de resto, a psicologia desde a sua individualização como disciplina. O debate entre esta concepção cientista e fisicalista é assim constitutivo dos dilemas e das contradições presentes à fundação e ao devir histórico da psicologia. Critica-se à concepção cientista o tomar o homem como objecto e o esvaziá-lo num mecanicismo e num determinismo por obediência ao ideal positivista da objectividade. Ter-se-ia, deste modo, arrasado o indivíduo e a acção humana no que têm de irredutíveis e de incontornavelmente subjectivos. Critica-se-lhe a importação do princípio da causalidade das ciências naturais, que apareceria assim enxertado num campo "no qual não pode provar-se que os mecanismos causais existam como algo natural, excepto se nos restringirmos ao campo vizinho da fisiologia"⁽⁵⁸⁾ (Thinès, 1978). Esta importação faz-se "mediante uma

(58) Georges Thinès justifica assim que a primeira psicologia com estatuto científico e assento universitário tenha sido a "Psicologia Fisiológica", na linha de Helmholtz e de Wundt: ela aparece "como um modelo absoluto no preciso momento em que a psicologia estava a tentar livrar-se das suas cadeias filosóficas. Se durante séculos a psicologia foi realmente 'escrava' da filosofia, agora só trocou de senhor. Deve acrescentar-se que a referência fundamental à fisiologia, que impediu fundamentar uma ciência psicológica autónoma, era em si uma opção filosófica".

decisão arbitrária, não em virtude de alguma propriedade epistemológica inerente às ciências que tratam do homem". Esta crítica confronta a psicologia com o seu oportunismo histórico: para aspirar à autonomia, fez a transposição dos métodos da física ao campo da investigação da individualidade psíquica e da subjectividade. Uma manobra para se legitimar segundo o modelo dominante da ciência, fazendo-se também ciência por adesão aos modelos próprios às que se legitimaram com enorme sucesso e eficácia antes de si (daí ser, na origem, *psicofísica*, *psicometria*, *psicologia fisiológica*). A vontade de legitimação em plano de igualdade com as ciências naturais verificou-se também nas outras disciplinas (lembremo-nos da proposta duma "física social" para a sociologia) e, quando se realizou pelo enxerto acrítico dos procedimentos e da visão sobre os fenómenos daquelas correspondeu a uma redução grosseira dos factos humanos e sociais às suas dimensões externas, observáveis e mensuráveis.

Na alternativa a esta subordinação às ciências da natureza desenvolve-se a defesa do estatuto epistemológico das ciências humanas baseado na especificidade irreduzível destas, conferida em primeiro lugar pelo objecto que lhes é próprio. E é próprio dele que não se limite a ser objecto, pois possui capacidade causal, possui actividade, reflecte sobre si e sobre o mundo, "tem as suas lutas periódicas para transcender, em vez de sucumbir, às circunstâncias que se supunha que o condicionavam e o conformavam" (Matza, 1969). Em suma, o objecto faz-se sujeito⁽⁵⁹⁾.

Esta alternativa defende o recurso ao qualitativo como estratégia de adequação às características deste objecto-sujeito, propondo o abandono das relações sujeito-objecto que caracterizavam as ciências naturais na racionalidade estritamente positivista - questão epistemológica que legitima uma emancipação

(59) Esta concepção continua a afirmar, tal como o positivismo, a distinção polar sujeito/objecto. Fá-lo é com argumentos diferentes: as ciências da natureza visam o objecto e o seu mundo é de facto de objectos; o nível fenoménico em que se manifestam os objectos é susceptível de manter a sua integridade ao ser estudado com os métodos das ciências naturais, daí a eficácia delas; daí, também, a ineficácia das ciências humanas quando reduzem o homem à categoria de objecto - a generalização dos procedimentos das ciências da natureza escamoteia a integridade do campo fenoménico do homem. A única solução é deixar os objectos para as ciências que os estudam e propor as ciências sociais e humanas ao estudo do sujeito.

em relação às "ciências duras" (Maffesoli). Reivindica-se a ruptura com esta racionalidade, a que Ferrarotti (1981) chama paleopositivista. Partindo do argumento de que a acção humana é radicalmente subjectiva, procura-se "um conhecimento intersubjectivo, descritivo e compreensivo, em vez dum conhecimento objectivo, explicativo e nomotético" (Santos, 1987). Sousa Santos caracteriza esta vertente como tendo "vocalização anti-positivista, caldeada numa tradição filosófica complexa, fenomenológica, interaccionista, mito-simbólica, hermenêutica, existencialista, pragmática (...). A pujança desta segunda vertente nas duas últimas décadas é indicativa de ser ela o modelo das ciências sociais que, numa época de revolução científica, transporta a marca pós-moderna do paradigma emergente". Matza (1969) caracteriza-a como crítica do experimental assente no rigor, na replicabilidade e na objectividade, como crítica do observável assente no traço externo mensurável, e chama-lhe existencialismo, fenomenologia e naturalismo⁽⁶⁰⁾.

Se nos circunscrevermos ao interior da psicologia, esta discussão move-se em torno da validade do "laboratório" e do "terreno", da "análise experimental" e da "investigação-acção", da "explicação" e da "compreensão", do "conhecimento objectivo do homem" e da "subjectividade"...⁽⁶¹⁾.

*

*

*

(60) Dedicar-se, em seguida, a provar que tal concepção do naturalismo é demasiado restrita e propõe uma concepção pessoal para esta atitude.

(61) Tanto a racionalidade positivista como a fenomenológica partem, no entanto, das mesmas distinções inconciliáveis: natureza/cultura, mente/matéria, vivo/inanimado, sujeito/objecto, subjectivo/objectivo, observador/observado. Boaventura Sousa Santos salienta que "sempre houve ciências que se reconheceram mal nestas distinções e tanto que se tiveram de fracturar internamente para se lhes adequarem minimamente". A psicologia está neste caso. E acrescenta que uma das características da nova ordem de saber que está a emergir - a que chama simplesmente "paradigma emergente" - é a de ser um conhecimento não dualista, que se funda na superação destas distinções. Também Cândido da Agra (1986 a) ao caracterizar a emergência duma epistemé contemporânea, salienta-lhe o carácter de "estrutura de comunicação-informação autorregulada" que relaciona transdisciplinarmente os saberes, e que tem como uma das características justamente a superação das distinções referidas.

Em síntese: para além das questões de superfície, expressamente formuladas em redor da querela quantitativo/qualitativo, objectividade/subjectividade..., depara-se-nos uma questão menos dita, aflorada fragmentariamente, aludida difusamente; uma questão sem dúvida mais subterrânea, mas pressentida em maior ou menor grau pela comunidade de investigadores das ciências humanas. Atkinson e Hammersley (1983) condensaram-na bem:

"Todos os investigadores do social sentem a tensão entre concepções da ciência modeladas na prática das ciências naturais, por um lado, e as ideias sobre o carácter distinto do mundo social e respectivas implicações disto para aquilo que deveria ser estudado, por outro lado. Frequentemente esta tensão é apresentada como uma escolha entre dois paradigmas em conflito".

Participaremos também desta tensão? Inquestionavelmente. Sentimo-nos destinados à escolha entre dois paradigmas em conflito? Isso implicaria a confiança total num deles e a desconfiança em relação ao outro - o que em última instância é um acto de fé... Se estivermos destinados à escolha, assentemo-la em bases que a façam escolha de razão e não acto de fé. Façamo-la assentar naquilo que, ao longo do texto, temos vindo a preparar: a identificação das limitações nas abordagens teorico-metodológicas sobre o objecto droga, o levantamento de alguns obstáculos epistemológicos que o têm opacificado, a análise de questões de fundo que clivam as opções de trabalho da comunidade científica - a interrogação, afinal, dos percursos da ciência e daquilo que nos permite agora a sua configuração actual.

CAPÍTULO II

METODOLOGIA

Neste capítulo centrar-nos-emos em duas tarefas:

. a primeira, que ocupa as secções 1. e 2., continua a questão encetada no capítulo anterior e visa responder à questão com que terminámos: como escolher entre concepções divergentes do trabalho e da investigação em ciências humanas? Restringindo a questão, trata-se em última instância de optar por um método. Deixaremos de lado reivindicações gerais e abstractas sobre a superioridade dum procedimento sobre outros, desta técnica sobre aquela... e remeter-nos-emos à materialidade do nosso objecto, pois é com ela que o método deve guardar relação. A escolha do método depende do recorte prévio do objecto, das suas especificidades e subtilezas e singularidade, depende dos seus contornos e manifestações. Mas o recorte final do objecto, que é quando ele se desdobra no discurso que o explica, depende das especificidades e subtilezas e da singularidade do método. Daí a importância da sua escolha, que deve relacionar-se menos com preceitos abstractos do que com o plano fenomenal do objecto;

. a segunda tarefa, que ocupa a secção 3., prepara o capítulo seguinte, traçando em linhas gerais o método escolhido e especificando brevemente cada técnica em particular.

1. A MATERIALIDADE DO OBJECTO DROGA

Dissemos já que o fenómeno droga, enquanto facto e enquanto facto de discurso, era dotado de novidade - duma dupla novidade, fenomenal e de objecto (cf. PARTE A, CAP. III, 2.). Esta é a sua primeira materialidade: a *espacio-temporal* (os principais países do mundo ocidental, a massificação dos usos de drogas pela juventude a partir dos anos 50-60) e a *discursiva*.

Mas a droga no sector juvenil é também um acontecimento sobretudo urbano. O espaço, aqui, releva menos do geográfico do que do ecológico. Não

significa isto porém situá-la apenas no espaço urbano - que é em todo o caso o seu espaço predominante -, significa sobretudo situá-la numa faixa de comportamentos urbanizados, ou seja, numa estrutura de acção do campo social nitidamente diversa da que existe em espaços não-urbanos. É também neste sentido que afirmamos que as subculturas juvenis são urbanas, independentemente de se manifestarem num espaço catalogado administrativamente como citadino. O urbano não é pois exclusivo do citadino, bem como existem comportamentos não-urbanos nos habitantes da cidade⁽⁶²⁾. Perceber o fenómeno droga implica pois situar o seu papel no conjunto das vivências e da expressão da existência nos sistemas de configuração (recente em Portugal) urbano-industrial, ou nos sistemas cujo sentido de transformação ou tendência de crescimento apontam para aí. Chegamos assim a uma outra característica do fenómeno, que é a que diz respeito à sua *materialidade ecológica*⁽⁶³⁾.

Esta materialidade não é, no entanto, facilmente perceptível. Pelo contrário, tem um carácter pouco visível - a droga está colocada sob o registo da transgressão e do crime, manifesta-se por isso com discrição, resguarda-se dos olhares públicos. Detenhamo-nos um pouco no processo que fez dela uma entidade desviante - o processo da sua criminalização. A sucessão dos convénios ratificados pela comunidade internacional foi procedendo à incorporação duma série de substâncias à lista dos produtos cujo consumo foi sendo penalizado pela

(62) Acrescentemos que o terreno da expansão das toxicodependências de drogas duras tem sido sobretudo o das periferias suburbanas, que são os locais onde o fenómeno é levado ao extremo e por vezes à caricatura. Infiltra aí faixas juvenis cada vez mais precocemente iniciadas e com uma importante dimensão de economia clandestina centrada no tráfico - que tem um papel de autêntica fonte de sobrevivência quotidiana em meios socio-económicos desfavorecidos. Esta constatação é consensual nos diferentes investigadores dos vários países ocidentais ou das cidades do tipo ocidental. O fenómeno droga possui curiosas analogias, de resto, com o fenómeno cidade: o abuso psicotrópico sofisticado e exótico (longe, e desaculturado, dos locais de origem do psicoquímico) é urbano-industrial; a droga e a cidade são ambas torvelinho, vigília dos sentidos, excesso, ruído - ambas acelerações dos ritmos. Ambas convocam o paroxismo de alguns comportamentos... e ambas são intoxicação química!

(63) Seria talvez desnecessário lembrar que falamos aqui de drogas ilegais e o que dizemos é apenas válido neste caso; se falássemos do álcool não seria difícil provar que o seu espaço ecológico não se confina à cidade - só que, do ponto de vista histórico-cultural, o álcool não é uma droga...

via jurídica: Conferência de Xangai (1909), Convénio de Haia (1912), mas sobretudo o Convénio Único de Estupefacientes (1961), a Convenção sobre Psicotrópicos (1971), e as reuniões regulares de comissões especializadas da ONU para o problema das drogas. A história dos convénios é a história da criminalização de certas substâncias e dos seus utilizadores - definição jurídica da "droga", que passa a ser ilegal, e do "drogado", que passa, ao usá-la, a cometer um delito. "A formação do problema das toxicomanias está intimamente ligada à emergência duma *concepção repressiva* que define os limites, conteúdos e soluções do suposto problema e que conduz a uma série de consequências ligadas à criminalização do consumidor: mercado negro, mafia, corpos policiais especializados, corrupção... que se compensam com a utilidade simbólica, as metáforas de ordem implicadas na desordem mágico-mórbida da droga e a possibilidade de poder exercer assim uma repressão indiscriminada" (Romani e Comas, 1984). A função mítico-simbólica do processo de criminalização torna-se nítida se se puser em relevo o facto de, na fase inicial, tal processo não se ligar a mudanças na forma e intensidade do consumo de drogas. Dum modo mais geral, as práticas heterogéneas que configuram o dispositivo da toxicodependência, desde a repressiva (sintetizada na figura do "combate") à preventiva (sintetizada na figura da "campanha", com amplas ligações e efeitos sobre o "combate") e à terapêutica, não guardam, no momento em que emergem, ligação com a intensidade da expressão do fenómeno que elegem alvo. C. da Agra (1980) demonstra-o, exemplificando com o caso português (e diz bem, ao chamar-lhe caso: as drogas não são um caso só do lado dos consumidores, são-no também do lado da reacção a eles...).

Também, ao catalogar e maldizer certas substâncias deixando outras por classificar, não o fez em obediência a critérios sanitários - neste caso, teria de criminalizar toda a substância que engendrasse habituação, dependência e tolerância. Enfim, perante o exposto resta-nos subscrever Jean Baudrillard: "ao mesmo tempo que os corpos e os cérebros, as drogas estupidificam o julgamento a

que as submetemos" (Baudrillard, 1987)⁽⁶⁴⁾.

A *materialidade* do fenómeno droga inscreve-se, assim, na própria construção *historico-social* do objecto. O "problema da droga" não existe só em razão de determinados produtos e de quem os consome, existe em razão também das sucessivas operações ideológicas sobre eles e que em grande parte determinaram as práticas discursivas e interventivas sobre o dito "problema". Duas importantes consequências decorrem daqui:

a) o processo de criminalização e, dum modo geral, o conjunto das estratégias repressivas geram, por parte dos consumidores, grupos muito fechados. Estes grupos são pouco visíveis, pouco penetráveis, e têm sobretudo uma profunda indiferença pela vontade de saber da legião de técnicos do social que lhe perseguem a palavra, as atitudes, os actos - a intimidade. Eis como o objecto da preocupação do cientista pode ser quase invisível, ou no pouco visível em que se oferece estar longe da acessibilidade presente nos grupos dominantes quando acedem à entrevista, solenes do contributo que dão ao avanço da ciência.

A materialidade ecológica das drogas está assim dificultada na sua visibilidade por uma ocorrência num plano microssociológico difícil de captar ao nível das metodologias clássicas. O fenómeno droga é intersticial, ocorre nos recantos do quotidiano da cidade, é dotado duma clandestinidade que lhe confere aquilo que Maffesoli, a propósito doutros fenómenos sociais, chama "centralidade subterrânea". Captá-la nas suas múltiplas manifestações significa poder atingir "faixas sociais e estruturas de comportamentos que, pelo seu carácter de marginalidade e o seu estado de exclusão social, escapam imediatamente aos dados elaborados e adquiridos formalmente" (Ferrarotti, 1981).

b) a construção histórico-social das figuras da "droga" e do "drogado", criminalizando-as, relegou-as para as margens e condenou-as à "centralidade

(64) Para uma análise dos factores socio-políticos e de factores económicos implicados no fenómeno droga, cf. Jervis (1976), Agra (1978, 1980), Barreto (1982), Romani e Comas (1984), Baudrillard (1987), Escotado (1989), Gonzalez, Funes, Gonzalez, Mayol, Romani (1989).

subterrânea". Elas são, efectivamente, centrais nas preocupações, no discurso e no imaginário do corpo social. Só que a esta centralidade não corresponde uma visibilidade na mesma extensão - daí as construções fantasmagóricas a que se presta, daí a imposição de esteriótipos sempre ambivalentes e equívocos acerca de tais figuras. Estes esteriótipos, pelas conotações valorativas intensas de que se carregam e pelos desenhos demasiado sintéticos que veiculam, revelam-se importantes obstáculos epistemológicos à investigação (cf. PARTE A, CAP. III, 1.2.)

2. RECORTAR O OBJECTO, DEFINIR O MÉTODO

Que nos exigem, então, os diferentes planos da materialidade do objecto? Como devemos combiná-los com as exigências da dupla reorganização teórica e metodológica, que ficaram evidenciadas na PARTE A?

A confluência destas duas questões permite-nos tomar decisões sobre o recorte do objecto e a escolha do método?

.materialidade espacio-temporal e ecológica: centram-nos a atenção no sector juvenil, nos usos de drogas ilegais e na toxicodependência no espaço urbano.

O carácter específico da materialidade ecológica do objecto coloca exigências duma posição perceptiva proximal, que se adegue às manifestações episódicas e intersticiais do fenómeno e à configuração fechada dos grupos em que ocorre.

.materialidade histórico-social: qual é a trajectória do fenómeno droga? - remete-nos pois para uma compreensão histórica do seu desenvolvimento. O carácter da sua materialidade histórico-social, se por um lado remete para o processo da sua construção, por outro produz uma opacificação: o objecto esconde-se no linearismo dos esteriótipos com que é dito e miticamente manipulado. Este obstáculo epistemológico pode ser contornado pelo menos de

duas formas: a) a análise da droga enquanto objecto duma prática discursiva e portanto enquanto lugar de cruzamento e de reforço de estratégias de saber-poder - foi o que fizemos, p.e., na PARTE A, CAP. III, 1.3., ao sintetizarmos os trabalhos de Cândido da Agra; b) dar a voz aos próprios actores, não a partir do seu estatuto de "drogados" ou de "toxicómanos", mas no contexto natural das suas existências - escutar-lhes a palavra enquanto produção espontânea, inscrita na trama quotidiana das suas vidas, registar o que pudermos sobre o fenómeno em causa a partir do ponto de vista dos seus actores.

. *novidade de objecto* (cf. PARTE A, CAP. III, 2.): a droga é objecto biopsicossocioantropológico, resistente às metodologias e aos esquemas explicativos encerrados em lógicas disciplinares autosuficientes, é objecto irreduzível a dimensões unilaterais de natureza biológica, ou psicológica, ou sociológica... Atravessando transversalmente as disciplinas que tratam o normal e o patológico, a ordem e a desordem do bios, da psiqué ou do socius, revela uma natureza transdisciplinar e abre-se portanto enquanto objecto privilegiado ao regime transdisciplinar que configura o sistema das ciências hoje.

Eis então, parece-nos, o sentido da sua reorganização teorico-metodológica: fazendo claudicar a lógica disciplinar tradicional, os esquematismos que lhe vasculharam nexos de causa-efeito medicalistas, psicologistas ou sociologistas, exige a superação destes obstáculos epistemológicos através do abandono de explicações imediatistas de carácter determinista e da abertura a novas formas de exploração que se inscrevem naquilo que a estrutura comunicacional-sistémica da ciência contemporânea permite. Objecto transdisciplinar, convoca a transdisciplinarização dos saberes. Rompem-se fronteiras, abrem-se passagens duns níveis de compreensão a outros.

Somos assim reenviados de novo ao nosso percurso pessoal: para constatarmos que o deslocamento que operámos do olhar clínico e distal em direcção ao naturalista e proximal (cf. PARTE B, CAP. I 1.) correspondeu, sem que na altura estivéssemos disso muito conscientes, à procura de posições perceptivas diferentes (plano metodológico) e à procura de respostas teóricas que nos

conduziram mais a linhas de cruzamento entre conceitos, mais a confluências entre teorias e áreas de saberes, do que a disciplinas encerradas sobre si próprias (plano compreensivo-explicativo). Deixámo-nos conduzir até áreas do saber que tinham no contacto proximal a sua base de trabalho - sociologia e antropologia da desviância, psicologia ambiental⁽⁶⁵⁾. E constatámos que todas elas tinham no facto urbano um ponto de cruzamento - coisa que se adequava com a materialidade ecológica do nosso objecto.

Tanto a procura de estratégias metodológicas de base naturalista como as drogas e as drogas como facto urbano apelam ao cruzamento de disciplinas e técnicas, num fluxo comunicacional teórico-metodológico que, fazendo circular a informação, informe sobre os objectos e os faça circular entre os lugares disciplinares. As fronteiras diluem-se, já o dissemos. E as disciplinas são pontos emissores de mensagens numa rede. Enquanto sujeito do conhecimento transformámo-nos em objecto destes fluxos comunicacionais. O acto do conhecimento passou a afigurar-se-nos como um nomadismo: da psicologia à antropologia, desta à ecologia urbana, à sociologia; do plano individual ao microssocial e deste ao macrocultural... Compreendemos finalmente aquilo que até há pouco só podíamos captar abstratamente: "a rede de comunicação" que a ciência configura, em M. Serres. "Uma rede constituída por uma pluralidade de pontos (nós) ligados entre eles por uma pluralidade de ramificações (caminhos). Cada ponto representa um elemento dum conjunto empírico ou uma tese. Cada caminho representa uma relação entre duas ou múltiplas teses ou entre dois ou múltiplos elementos (...). Um nó pode ser olhado como a intersecção de dois ou mais caminhos e um caminho pode ser olhado a partir da relação entre dois nós (...). Um nó é sempre plurideterminado" (Agra, 1986 a, sobre Michel Serres). É o nomadismo por entre os pontos da rede que nos parece traduzir na prática a estrutura de comunicação sistémica da ciência actual. A transdisciplinaridade

(65) Percorremos com particular atenção as linhas de trabalho e os domínios de objectos em que se especializou a Escola de Chicago e, posteriormente, a Nova Escola de Chicago e os trabalhos de psicologia ambiental que se situavam neste enquadramento.

traduz-se, ao nível concreto, no movimento que o sujeito cognoscente realiza ao perseguir o movimento dos objectos, as deslocações dos conceitos e os fluxos das teorias. Já ilustrámos estes movimentos a propósito do conceito de subcultura e das travessias de planos a que obriga. Poderíamos também ilustrá-lo com o conceito de ecologia nas ciências humanas: ambos circulam nos caminhos e estacionam nos nós, informando-os e fazendo-os emissores de informação. Ambos fluem na rede formada pelas disciplinas do humano.

*

*

*

Em síntese:

a) *do objecto*: o sector juvenil, o consumo de drogas ilegais e a toxicodependência circunscrevem genericamente o objecto.

A toxicodependência não é tomada como a entidade a isolar e a caracterizar - procuram-se-lhe antes os contornos dentro dum fenómeno mais vasto e que diz respeito a uma maior faixa da população, pois é desse fenómeno que ela nasce e, por vezes, se demarca: os usos de drogas no sector juvenil. Somos deste modo remetidos para os modos de viver juvenis em contexto urbano-industrial. Escolhemos o Porto, cidade que corresponde predominantemente a estas características.

Não isolámos a toxicodependência dos usos de drogas, pois é nestes que se desenham e demarcam os contornos daquela; não isolaremos também os usos de drogas das vivências próprias ao sector juvenil, pois é nelas que aqueles usos se desenham e demarcam.

Evitaremos o recurso ao estereótipo do "toxicodependente", recusando reforçar, através do poder veiculado pelo discurso com pretensões científicas, tal categoria unívoca, monolítica e reducionista, cujo efeito é o de imobilizar a

representação social do fenómeno em torno do seu núcleo esteriotipado, mobilizando paixões irracionais contra ele. E agiremos, sim, em função da diversidade e da mobilidade com que o fenómeno droga se manifesta naturalmente, procurando dar conta dos diferentes relacionamentos que o sector juvenil estabelece com as substâncias que, de entre todas as que farmacologicamente são drogas, uma dada formação histórico-social elege mais ou menos consensualmente como drogas⁽⁶⁶⁾.

Esta abordagem direcciona-se para três enquadramentos:

. *subcultural* . O sector juvenil - as suas vivências, os seus modos de organização; as suas diferentes sensibilidades; o consumo de drogas e as relações possíveis dos seus usos com as diferentes sensibilidades. Enfim, as drogas enquanto elemento do pólo expressivo dos jovens⁽⁶⁷⁾.

. *o ecológico*. Os seus espaços de vida: lugares dos lazes, sítios e pessoas com quem vão actualizando a sua visão do mundo, a sua personalidade, o seu acto; as drogas na rua, as drogas no pequeno grupo - os encontros e os círculos "da ganza", ou o esboço duma psicossociologia dos usos dos psicoactivos. Enfim, esboço ou contribuição para uma topografia urbana das margens.

. *o histórico-social*: a trajectória dos usos de drogas ilegais no tecido social português desde que começou a ter expressão assinalável (que é quando passa a oferecer-se a uma possibilidade macroscópica de ser referenciado pela opinião pública como "problema social"). Este enquadramento deverá desenvolver-se informado dos obstáculos epistemológicos decorrentes precisamente da materialidade histórico-social da droga.

b) *do método*: os diferentes planos da materialidade do fenómeno droga e o sentido a empreender na reorganização metodológica proposta a partir da análise das limitações e do fracasso das metodologias clássicas (cf. PARTE A, CAP.

(66) Começaria aqui mesmo uma outra questão: por que mecanismos se gera o consenso? Que papel cumpre? Que estratégias de controle social permite? Que (des)ordem social se rejeita na rejeição da "droga"? Como chegam certas substâncias ao prestígio maléfico que têm? Porque não atingem outras, igualmente psicoactivas, prestígio desviante?

(67) Tomamos a noção de *pólo expressivo* de Stuart Hall. Cf. PARTE A, CAP. II, 3.3.2. para a sua definição e enquadramento.

III), conduzem-nos à adopção de *posições perceptivas proximais*.

Passaremos então ao ponto 3., no qual detalharemos o conjunto dos procedimentos que permitem tal posição perceptiva.

3. UMA PESQUISA DE TERRENO SOBRE O FENÓMENO DROGA EM CONTEXTO URBANO-INDUSTRIAL

Reencontrámos assim sentidos possíveis, aos níveis teórico e metodológico, para as linhas de reorganização que, no final da PARTE A, se tinham demonstrado necessárias. Vimos também como se encontram relacionadas com os movimentos que a estrutura comunicacional-sistémica hoje reclama e com a materialidade do objecto em si.

Recortámos, finalmente, o objecto e definimos uma atitude metodológica com fins operativos para o nosso trabalho de investigação. Resta-nos, agora, descrever brevemente o método, para ficarmos em condições de entrar nos primeiros resultados obtidos - matéria para o capítulo seguinte.

3.1. A pesquisa de terreno ⁽⁶⁸⁾.

Invocar a pesquisa de terreno faz-nos certamente lembrar, dum modo genérico, as investigações da etnologia colonial e os trabalhos de campo da antropologia cultural. Wallace (citado por Sandays, 1979) diz que o "paradigma etnográfico" (e avisa que aplica o termo "paradigma" no sentido de Kuhn) tem as suas origens "na imagem de Franz Boas descendo do barco numa aldeia esquimó

(68) A escolha desta expressão esbarrou com dificuldades; com efeito, há uma dispersão de nomes para a mesma coisa: *trabalho de campo* (hoje por vezes generalizado a todo o trabalho de recolha empírica, e portanto pouco útil para definir o modo de recolha), *etnografia*, *recolha etnográfica* ou *método etnográfico*, *investigação naturalista*, *trabalho de rua...*; por vezes confunde-se com uma das técnicas privilegiadas e chamase-lhe *observação participante*, outras confunde-se com uma das suas características centrais e chamase-lhe *método qualitativo*. Mas uma pesquisa de terreno pode não recorrer à observação participante e ter carácter também quantitativo. Não pode em caso nenhum é prescindir do que a individualiza: o contexto natural, a rua - daí optarmos pela expressão *pesquisa de terreno*. Sempre que empregarmos outros nomes - nomeadamente o de *etnografia*, muito generalizado - fazemo-lo para não alterar a terminologia de algum autor que estejamos nesse momento a referir.

numa aldeia esquimó com a mala na mão, preparado para uma longa estadia". A importância dum contacto prolongado com a unidade em estudo e da observação participante continuam hoje a ser sublinhadas; Malinowski, em 1922, no seu *OS ARGONAUTAS DO PACÍFICO OCIDENTAL*, especificava já consistentemente o método da pesquisa de terreno; nos anos 20 e 30 deste século a escola culturalista americana utiliza-o maciçamente; e, nas mesmas datas sensivelmente, integra as novas direcções investigativas abertas pela escola de Chicago. É, parece-nos, na confluência das tradições da antropologia cultural e da sociologia da desviância que ele se solidifica (cf. PARTE A, CAP. II, 3.3.1.). Há, porém, quem recue mais longe: Kaplan (1989) diz-nos que é a mais antiga forma de investigação humana e que Heródoto foi o primeiro etnógrafo ⁽⁶⁹⁾. Dá dela uma definição ampla - define-lhe mais o estilo do que os procedimentos particulares: "a etnografia é falar, discutir, intercambiar (...). É também a tentativa de traçar os laços que unem as pessoas". Sublinha também o carácter irredutivelmente qualitativo da pesquisa etnográfica, particularmente "nas questões complexas da droga" - domínio em que desenvolve os seus trabalhos em Roterdão.

Se bem que com origens localizadas nas disciplinas citadas, começa a ser proposto em numerosos campos, "mas com considerável diversidade na sua prescrição e prática" (Atkinson e Hammersley, 1983). Firmino da Costa (1986) diz da pesquisa de terreno que "é a arte de obter respostas sem fazer perguntas. As respostas obtêm-se no fluxo da conversa informal e da observação directa, participante e continuada".

A participação do investigador, por um período longo, no ambiente e nas interacções em curso na unidade de estudo que seleccionou, a atenção ao fluxo, regular umas vezes, inopinado outras, dos acontecimentos, o contacto directo com as pessoas, configuram o estilo geral deste método. Atkinson e Hammersley

(69) Para escrever a história das guerras do Peloponeso mandava a sua assistente ir aos banhos públicos. "Encontrava aí soldados vindos da guerra com os quais trocava os seus favores sexuais pelo relato deles. Dava-os então a Heródoto, que os classificava, codificava, formalizava" (Kaplan, 1989). O autor conclui com algum humor que "hoje, os banhos públicos de Heródoto é a rua"... Sandays (1979) confirma também que o método é tão velho como Heródoto, que "registou a infinita variedade e extravagância que viu noutras culturas".

(1983) percorrem numerosos trabalhos baseados na pesquisa de terreno e propõem dela a seguinte definição:

"É simplesmente um método de pesquisa em ciências sociais, não obstante pouco usual, que se constitui através dum largo espectro de fontes de informação. O etnógrafo participa, aberta ou anonimamente, no dia-a-dia das pessoas por um período extenso de tempo, vendo o que se passa, o que acontece, ouvindo o que lhe é dito, fazendo questões, colhendo os dados que forem possíveis (...)"

Os autores consideram-na a mais básica forma de pesquisa social - não só pela sua longa história, mas "porque guarda uma grande ligação com os processos de rotina pelos quais as pessoas atribuem sentido ao mundo, no seu quotidiano".

Sintetizaremos brevemente a seguir as principais características do método, tal como as podemos delinear a partir da dispersão do que é dito na literatura que se debruça sobre ele, e também tendo em conta a nossa própria experiência de trabalho:

. **PRINCIPAL INSTRUMENTO DE INVESTIGAÇÃO:** a pesquisa de terreno é um método de investigação em que o principal instrumento é o próprio investigador. Esta é talvez a característica mais constantemente salientada pelos diferentes autores, mesmo quando se inscrevem em referenciais teóricos divergentes (Mead, Metraux, Pelto e Wolcott, citados por Sandays, 1979; Atkinson e Hammersley, 1983; Lincoln, 1985). "Os investigadores de terreno aprendem a utilizar-se a si próprios como o principal e mais fiel instrumento de observação, selecção, coordenação e interpretação (Sanday, 1979). Ele é uma fonte de dados (através da observação participante, da interacção), instrumento da sua recolha (através da escuta, da interrogação, dos registos) e do seu tratamento.

Ainda quando o investigador o não diz explicitamente, as referências que faz à progressão do seu trabalho de terreno e todos os comentários de índole metodológica deixam perceber a sua posição central enquanto instrumento e enquanto decisor permanente nas tarefas de pesquisa.

. **PEQUENAS UNIDADES DE ESTUDO:** incide normalmente sobre uma pequena unidade de estudo. Um bairro, um bar, uma esplanada, uma esquina, um grupo... Adequa-se com dificuldade a estudos de carácter macro-social, onde não pode rivalizar com as técnicas de inquérito. Para ser intensiva e relevante tem de circunscrever o espaço a estudar - requisito tanto mais importante quando um dos objectivos da investigação é relacionar a dimensão ecológica com os comportamentos.

. **HOLISMO:** os procedimentos de recolha de informação são predominantemente do tipo descritivo e debruçam-se sobre todos os aspectos da unidade em estudo a que o investigador puder ter acesso. Sobretudo se não se dispõe de estudos prévios sobre esse contexto e/ou de teoria relevante que dê sentido à dispersão do que se observa, não é aconselhável desprezar aprioristicamente nenhum aspecto que se ofereça como possibilidade de observação. Com o decorrer do tempo tornar-se-ão nítidos os aspectos a fixar mais detalhadamente, por se revelarem mais relacionados com os problemas em estudo (mas, mesmo nesta fase, sobra lugar para surpresas...).

Procedimentos vários de recolha de informação devem ser utilizados: monografias de investigação, artigos científicos, relatórios oficiais, artigos jornalísticos, auto-biografias, diários... Dum modo geral, todos os documentos relacionados com os problemas em investigação se mostram, dum modo ou doutro, utilizáveis nalguma fase do estudo. Este conjunto de fontes, advertem Atkinson e Hammersley (1983), "geram, no terreno, geralmente mais questões do que as que podem ser tratadas num único estudo".

. **"SOCIALIZAÇÃO" NO CONTEXTO:** o acesso a uma percepção holista exige uma familiarização crescente do investigador com o contexto: deambular pelo espaço, falar com as pessoas, fazer perguntas, ser alvo de perguntas, participar em actividades próprias do local, fazer-se ver na comunidade de pessoas com inserção nas redes sociais locais são importantes processos de "socialização" no contexto. Ela é fundamental para reduzir o impacto da presença do investigador enquanto "corpo estranho" e para aceder a uma percepção

proximal que possa dar conta das perspectivas dos actores sociais sobre as suas vidas, das significações que guiam comportamentos que, se vistos do exterior, parecem apenas antissociais e às vezes auto-destrutivos - como é o caso do consumo de drogas.

Se combinarmos este processo de "socialização" com as exigências do carácter intensivo da observação, explica-se o longo tempo normalmente exigido para este tipo de investigações⁽⁷⁰⁾.

. FLEXIBILIDADE: diz respeito ao largo espectro de fontes de informação e à diversificação dos procedimentos do método do trabalho de rua, essencial na sua adequação ao fluxo dos acontecimentos no terreno, que não está obviamente sob controlo do investigador. Dito doutro modo: uma realidade em curso ininterrupto, repleta de ocasional e de inesperado emergindo por sobre o fio das regularidades ou das rotinas do quotidiano da unidade de estudo, exige que o investigador utilize diferentes recursos. A pesquisa de terreno não pode ser planeada correctamente antes de ir para o campo de acordo com algum esquema pré-determinado. Talvez, melhor: o esquema pré-determinado deve conter a margem para a ocorrência indeterminada. Isto em nada invalida a necessidade duma preparação prévia, teórica e metodológica. Aliás, o carácter fluido e pouco sistemático das ocorrências em contexto natural exige precisamente uma solidez de formação e uma versatilidade do investigador que impeçam a sua dispersão ou desorientação total em relação ao que fazer.

O trabalho ocorre frequentemente em contextos em que o investigador tem pouco poder ou pouco conhecimento prévio - parecendo isto um inconveniente, revela-se no entanto em nosso entender uma vantagem. Por um lado, ordena o método em função do real e não o real em função do método - o plano de investigação guarda mais obediência à realidade do que a programas

⁽⁷⁰⁾ E, se combinarmos este longo tempo com o desconforto - para não sermos demasiado adjectivos na linguagem... - que inúmeras situações vividas no terreno acarretam, entenderemos também porque se levam a cabo tão poucas pesquisas de terreno.

prévios⁽⁷¹⁾; por outro lado, a mudança na direcção da pesquisa é fácil. Atkinson e Hammersley (1983) consideram que tal facto permite rápida triagem de ideias e problemas e por consequência construção teórica "altamente construtiva e económica".

. **INFORMALIDADE:** relaciona-se com a característica anterior e diz respeito ao estilo que o investigador adopta na rua: a participação informal em situações variadas. A nosso ver, a informalidade - característica salientada por todos os investigadores que consultámos - deve também ser entendida em relação ao estatuto do investigador: em inúmeras situações não tem o estatuto formal de "especialista" ou "técnico", limitando-se a participar anonimamente em actividades em curso (o caso paradigmático a este respeito é a observação directa sem recurso a interacção verbal em situações públicas impessoais, como estar sentado num bar). Mesmo quando (e se) o seu estatuto for introduzido, esta introdução deve ocorrer numa fase da investigação em que a "socialização" no contexto seja de molde a que ocorra uma aceitação que continue a permitir a informalidade. Anunciámos já assim a característica seguinte, relacionada com esta:

. **IMPACTO MÍNIMO:** define-se um pouco por oposição a técnicas como o questionário e a entrevista formal. Inscreve-se num debate geral que percorre todos os métodos: o da interferência do observador ou do experimentador sobre o objecto. Não nos alongaremos outra vez sobre esta questão, pois já o fizemos ao longo de todo o CAP. I da PARTE B. Limitamo-nos agora a referir que conhecer é interferir um objecto, que toda a construção de teoria é uma ordenação lógica duma realidade muito mais desordenada, e que o problema da interferência não deve ser tomado como obstáculo epistemológico, mas objectivar-se e controlar-se e relacioná-lo com o estatuto do dado produzido. Mesmo assim convém referir que há técnicas mais interferentes que outras - e que a este respeito a pesquisa de terreno, quando convenientemente conduzida, é talvez o método menos

(71) David Matza (1969) vê nisto a principal característica duma abordagem *naturalista* dos fenómenos.

interferente, o que se deve largamente às características de flexibilidade e informalidade já descritas.

Faremos ainda alguns comentários ao método da pesquisa de terreno, de modo a situá-lo mais cabalmente na sua especificidade.

Acentua a importância da descrição detalhada da experiência concreta de vida, dos comportamentos e significações que lhes atribuem os actores; "resiste a traçar modelos ou esquemas que simplifiquem demasiado a complexidade da vida quotidiana" (Atkinson e Hammersley, 1973). Compromete-se com a tarefa de *compreender*, resistindo à *explicação* assente no estabelecimento de leis universais. "Para decompôr a mistura das relações causais reais, construímos relações causais irreais" (Max Weber, citado por Maffesoli, s.d.) - eis o que o método pretende evitar.

Apresenta-se como um método que, diríamos, *abre* o campo teórico do investigador. Com efeito, o conjunto dos problemas iniciais com que se parte para o campo alargar-se-á à medida que o investigador toma contacto com factos que não previra ou que simplesmente ignorava que ocorressem. A investigação é permanentemente dinâmica, vê-se obrigada a reformular-se a si própria e tem de organizar-se em função duma realidade cuja complexidade não se mostra duma vez.

A formulação explícita de hipóteses prévias ao trabalho no terreno não se apresenta, pois, como requisito básico; pode partir-se de interrogações iniciais relacionadas com teoria já existente no domínio ou com investigações anteriores, como forma de organizar perceptivamente o que se vê - mas as questões e as hipóteses são geradas, na sua maioria, na dinâmica do terreno⁽⁷²⁾. Merton pôs

(72) A este respeito vejamos o excerto de Firmino da Costa e Maria das Dores Guerreiro (1984), na sua investigação sobre o fado em Alfama: "E acorremos a tudo quanto pudemos, de forma inevitavelmente dispersa, 'provando' aqui e ali, em todas as direcções. Depois... Caímos nas teias de Alfama, e por lá ficámos, apanhados. Durante algum tempo o fado reduziu-se a um longínquo ponto de referência, nem sempre muito presente, à medida que íamos sendo solicitados por novos e variados motivos de interesse na vida do bairro. (...) Depois, o campo de análise precisou-se, os fios da meada foram-se unindo (...)". Este movimento de abertura inicial, que os autores vivem como "disperso", obrigá-los-á a um novo enquadramento do objecto (o fado) e à reformulação parcial de ideias e problemas que traziam sobre ele.

justamente em relevo esta faceta da pesquisa ao afirmar que "encontrar a questão certa para pôr é mais difícil do que responder-lhe" (Merton, citado por Atkinson e Hammersley, 1983).

Este método possui assim importantes propriedades de gerador de problemas e hipóteses, impulsionando respostas teóricas assentes na identificação e relacionamento de variáveis e na "referência aos mecanismos e processos pelos quais a relação entre variáveis é gerada" (Atkinson e Hammersley, 1983)⁽⁷³⁾.

O dado, por sua vez, "não é apenas tomado no seu valor facial, mas tratado como um campo de interferências no qual os padrões de hipóteses podem ser identificados e a sua validade testada". (Atkinson e Hammersley, 1983). E se é certo que se afigura difícil ou ilusório proceder a controle de variáveis na tentativa de trazer o dado empírico num estado de "limpeza", é certo em contrapartida que se aumenta em muito a *validade ecológica* do conhecimento obtido; por outro lado, ao utilizar uma variedade de fontes de dados diminui a probabilidade de obter resultados método-dependentes, passé o neologismo.

Um dos procedimentos que integram a pesquisa de terreno é ainda a colecta de dados sobre o próprio processo de investigação. Este procedimento passou a ser corrente desde que William White, no seu clássico estudo sobre a "Street Corner Society" - um gheto italiano nos E.U.A. - levado a cabo nos anos 40, juntou um apêndice em que assinala a sua própria evolução no terreno, o seu papel e a forma como suscita reacções, os seus sentimentos e vivências pessoais. Todos estes dados se revelam importantes fontes de conhecimento, contrariando o papel de obstáculos epistemológicos a que foram classicamente reduzidos.

(73) O desenvolvimento de teoria é, para os autores, o principal valor da etnografia e o critério de demarcação em relação, p.e., ao jornalismo, juntamente ao papel que ela desempenha na modificação de pré-concepções (não sei se não deveríamos traduzir por "preconceitos") que os cientistas sociais trazem para a pesquisa.

3.2. Estudar o fenómeno droga na rua

Como estratégia de adaptação à pluridimensionalidade do objecto a investigar e aos seus diferentes planos de materialidade, um método que diversifique as formas de recolha de dados afigura-se como o mais adequado. Não se privilegia por isso um modo único de trabalhar, antes se utilizam vários recursos que, no seu todo, deixarão a impressão duma metodologia compósita. Nesse sentido, pode perguntar-se: por sobre a sua variedade, onde está aquilo que os organiza? O que há de comum a todos eles?

- a) a ordenação a um mesmo objectivo;
- b) a ausência do laboratorial e das técnicas de inquérito;
- c) atitude metodológica de base naturalista: perceber o objecto no sistema onde é identificado e de que faz parte através do recurso a posições perceptivas proximais;
- d) técnicas de carácter qualitativo, ditadas não pela inscrição na querela quantitativo *versus* qualitativo, mas pela necessidade de captar aspectos não quantificáveis nem manipuláveis estatisticamente.

Passaremos em revista alguns procedimentos técnicos de colecta de dados, relevando-lhes esta ou aquela faceta, salientando-lhes uma ou outra virtualidade ou limitação a partir não só do recurso à literatura sobre metodologias mas também a partir da nossa primeira experiência de trabalho com eles - é ela, afinal, que permite sentir-lhes as virtualidades e as limitações.

3.2.1. a observação

A observação directa na unidade de estudo seleccionada constituiu-se como a estratégia que, no plano metodológico, se ordenou à espaciotemporalidade e à ecologia do objecto droga (cf. CAP. II, 1.2.). Foi também a estratégia central da pesquisa de terreno - central tanto quantitativamente (aquela

que mais tempo exigiu e que mais dados forneceu) como qualitativamente (a que melhor e mais directamente permitiu uma percepção naturalista e proximal). Foi, ainda, central ao permitir identificar e ter acesso a outras fontes de informação - p.e. recrutar indivíduos para o estabelecimento de biografias.

A observação pode revestir diferentes modalidades, flexibilizando-se à variedade de situações possíveis no terreno. Poderíamos agrupá-las de diversas maneiras:

a) OCASIONAL/SISTEMÁTICA: a *observação ocasional* utiliza acontecimentos ou situações fortuitas, de ocorrência inopinada. Estas situações, às vezes de curta duração, são completamente impossíveis de programar com antecipação, exigindo do investigador uma disponibilidade permanente, na abertura a uma ocorrência deste tipo; outras vezes acontecem sem que ele, nesse momento, "seja" investigador: p.e. quando se dirige para o restaurante apenas com a intenção de almoçar, ou quando toma um táxi apenas para chegar a casa e o condutor lhe começa a descrever "o drogado" que ainda agora transportou... Estas observações captam "estilhaços" do quotidiano, são frequentemente fragmentárias - mas revelam-se particularmente fecundas quando postas em relação com outro material de terreno, como p.e. o fornecido pelas *observações sistemáticas*. Neste caso, o investigador pode planear com antecedência o local em que decide observar, proceder, em dias amostrados, a uma amostragem horária, seleccionar comportamentos seus (p.e. não recorrerá à interacção verbal, manter-se-á anónimo e distanciado).

b) UTILIZAÇÃO DE INTERMEDIÁRIO: o investigador pode realizar o trabalho sozinho ou recorrer a intermediários: indivíduos com inserção nas redes sociais da unidade em estudo. Eles permitem uma penetração no terreno, um acesso a interacções significativas com os indivíduos da zona e possibilitam a observação; são também importantes na diminuição das resistências ao investigador por parte dos microgrupos locais - o mecanismo é um pouco o da transmissão da aceitação: se o intermediário é bem aceite, o acompanhante em princípio também é; finalmente, constitui-se como *informante privilegiado* -

nome dado pelos antropólogos aos indivíduos que são permanente fonte de informação sobre outras pessoas, acontecimentos e aspectos particulares do contexto⁽⁷⁴⁾.

O papel dos intermediários é muito importante numa pesquisa de terreno. A profundidade dos dados obtidos depende em certa medida da possibilidade de ter intermediários adequados - o que se constitui num dos aspectos técnicos mais difíceis de preencher neste tipo de pesquisa. A própria economia da investigação é beneficiada com o recurso a intermediários, pois tanto a "socialização" do observador como a condução do processo de observação são razoavelmente acelerados. A escolha da unidade de estudo deve ter em conta, entre outros critérios, a possibilidade de contar com intermediários.

c) NATURALISTA/PARTICIPANTE/ECOLÓGICA: diferem no grau e no tipo de relacionamento do investigador com o contexto.

. NATURALISTA: o observador insere-se naturalmente no terreno, mas não recorre deliberadamente à interacção. Deixa-se embrenhar no fluxo dos acontecimentos da zona, observa-os, mas mantém distanciamento. Faz parte da atitude naturalista que não recuse, no entanto, a interacção verbal, quando isso implicar uma distorção menor no curso dos acontecimentos do que a "neutralidade" do silêncio.

. PARTICIPANTE: é também um tipo de observação directa. Toda a observação directa numa investigação de campo "é, antes de tudo, uma entrada em contacto directo com a realidade social. Esta entrada em contacto conduzida ao seu termo lógico implica uma investigação participante" (Copans, 1974). Apresenta-se como não selectiva⁽⁷⁵⁾ permitindo fixar inúmeros aspectos que doutro modo escapariam; é holista, permitindo obter uma visão global dos comportamentos do(s) grupo(s) que se estuda(m); é intensiva e circunstanciada.

(74) A informação que fornecem veicula mais as representações desses indivíduos, as suas visões do mundo, as suas imagens culturais do que "dados objectivos". É necessário destringir sempre estes dois aspectos - ambos fazem parte, no entanto, do estudo do objecto em causa.

(75) No sentido em que o são p.e. a observação com grelha de unidades de comportamento, a observação de acontecimentos provocados experimentalmente ou o questionário.

Dela diríamos que não é tanto uma técnica como um estilo de investigação: um acto em que o investigador se constitui como o instrumento fundamental, aceitando o desafio da inserção no contexto grupal⁽⁷⁶⁾. Neste sentido ele também é parte do grupo nesse momento. Com Firmino da Costa (1986) diremos que não se pretende minimizar a interferência que origina. Com efeito, ela é inevitável na "socialização" do investigador, processo que, ao permitir-lhe passar dum conhecimento externo a um conhecimento interno (o que os ingleses distinguem como "external" *versus* "inside knowledge"), está na base da especificidade dos dados obtidos com esta técnica - e portanto do seu interesse.

A observação participante é assim o procedimento que permite o acesso aos pontos de vista dos sujeitos, às significações pessoais das suas condutas. "Para entender o comportamento das pessoas devemos usar uma abordagem que nos dê acesso aos significados que guiam este comportamento. Afortunadamente, as capacidades que desenvolvemos enquanto actores sociais pode dar-nos um tal acesso. Como observadores podemos aprender a subcultura da população que estamos a estudar (...) a atingir uma interpretação do mundo no mesmo sentido em que eles o fazem" (Atkinson e Hammersley, 1983). É, por isso, a técnica mais comprometida com um método naturalista.

Fizemos uso da observação participante inscrevendo-nos na redefinição que a sua aplicação tem conhecido: na antropologia cultural, para o estudo das "sociedades primitivas", ela exercia-se por um longo período de tempo ininterrupto - estava-se todos os dias e todo o dia em campo. Exercia-se também em contextos culturalmente diversos dos do antropólogo (requisito básico da denominada estranheza antropológica com a qual se pretendia adquirir neutralidade sobre o que era observado); hoje, na sua disseminação por várias

(76) Vivemos ao início um dilema que a situação hipotética seguinte ilustra bem: o etnólogo que penetra numa cultura em que um dos padrões colectivos de conduta é o banquete canibal deve comer com os outros? Acabou por se resolver: sentou-se à mesa mas ficava em jejum... Fazendo como este etnólogo, adoptámos a posição de não participar no comportamento específico do consumo de drogas - a nossa atenção dirigia-se ao contexto grupal, a nossa participação dizia respeito à aceitação natural, nossa mas também do grupo, do facto de estar ali.

disciplinas (especialmente sociologia da desviância e antropologia urbana), aplica-se no próprio contexto do investigador, que é habitualmente o duma sociedade complexa, com frequência o meio urbano⁽⁷⁷⁾; e realiza-se por períodos curtos de presença no terreno, intercalados por períodos de registo e reflexão. Esta realização em segmentos temporais tem vantagens: permite actuar por amostragem temporal, deixando o investigador mais livre para outras actividades (ele não está, como faziam os antropólogos culturais, 24 horas por dia na tribo ou na aldeia); permite organizar notas de campo, organizar material, apontar reflexões, trabalhar inferências, a seguir a cada registo de observação, o que se revela mais maneável e mais fiel (menos tempo a mediar entre o que se vê e ouve e a sua reprodução mnésica) do que quando se fazem longos períodos de observação. A observação participante em meios urbanos produziria, segundo Romani (1982), uma "sensação de atomização" provocada pelo tipo de contacto com os sujeitos estudados: só se dá em certos momentos, é fragmentário. No entanto, a observação por amostragem temporal adequa-se a fenómenos que mostram dimensões temporais próprias (ocorrência a certas horas, predominância em certas estações do ano, alternância de acordo com o ciclo dia/noite...), tais como o uso de locais públicos ou certos tipos de actividade desviante.

. ECOLÓGICA: efectua uma exploração da unidade de estudo ao nível dos seus vários espaços; foca a atenção nas características ambientais destes, procurando relacioná-las significativamente com situações e comportamentos centrais que aí ocorrem.

Varia entre a observação de aspectos holísticos - características gerais do espaço físico, da malha urbana, de condições várias do habitat - e a observação analítica - p.e. a que tenta caracterizar distâncias espaciais, num local público,

(77) Ultrapassou-se assim, ao nível do objecto, a limitação da sua aplicação nos contextos rurais ou nas culturas "exóticas"; e, ao nível epistemológico, o critério positivista da neutralidade, pretensamente atingido através da estranheza antropológica. Mas, se tivéssemos de manter este critério, sempre nos veríamos obrigados a advogar a estranheza, para o investigador universitário da classe média e veiculador da cultura dominante, dos "mundos desviantes" que o mosaico subcultural urbano alberga - podemos, de facto, ficar de repente estrangeiros na nossa própria terra...

entre as pessoas, os tipos de frequentadores duma esplanada que interesse ao objecto de estudo... Pode observar-se a utilização dos espaços de rua, pô-la em relação com as funções da zona (que funcionalidade cumpre nas suas actividades? E em relação com o resto da cidade?), pode observar-se o movimento humano nos diferentes espaços da unidade e pô-los em relação com características ambientais específicas, ou caracterizá-lo em função das pessoas que protagonizam este movimento (p.e. categorias de residentes e de gente que vem de fora - respectivamente os "autóctones" e os "forasteiros"); pode atentar-se na organização do tempo (vivência do lazer, do trabalho, distribuição de actividades, ciclo das rotinas...).

A técnica fotográfica é um instrumento útil a este tipo de observação⁽⁷⁸⁾: tanto na fixação de aspectos físicos do ambiente como no relacionamento de aspectos comportamentais com os ambientais.

É uma observação que permite enquadrar na sua inserção ecológica os comportamentos que fazem parte do objecto a investigar e que constituem a preocupação central dos outros tipos de observação descritos - é devido a este facto que a designamos por observação ecológica, transportando o termo da ecologia urbana da Escola de Chicago, que o utilizou num sentido próximo deste.

O enquadramento ecológico dos comportamentos em estudo obriga por vezes à redefinição dos seus significados em função desta inserção - evitando-se embora, com esta redefinição, cair num artificialismo: o de conferir uma coerência à unidade de estudo que ela provavelmente não possui. A necessidade de vislumbrar uma *coerência* na realidade social é mais uma característica do intelecto de quem observa do que uma característica do devir ininterrupto dos factos. A realidade social é uma realidade *percebida* e é conhecida a lei da percepção segundo a qual há a tendência a procurar conjuntos estáveis e coerentes. Inscrevemo-nos no pensamento de Maffesoli quando põe em relevo "a incoerência, a labilidade, a polissemia do dado social", que ele diz "ser

(78) Ver a este respeito p.e. Collier (1973), ou Copans (1974).

amassado no lógico e no não lógico (...) A ordem e a desordem estão intimamente misturadas; trata-se pois de dar conta epistemologicamente desta relação orgânica" (Maffesoli, s.d.).

Em síntese: o tipo de observação efectuada varia conforme se adapta ao local (é diferente observar num contexto impessoal ou num local em que não se pode fugir à relação face-a-face), ao contexto interpessoal (é no seio dum grupo? É uma relação esporádica, anónima?) e ao momento. Varia assim desde observação ocasional, quase episódica, à mais sistemática, à ecológica, à participante.

O estatuto do observador é às vezes do conhecimento do grupo observado; outras vezes é conhecido o estatuto profissional (psicólogo, no caso) mas não a intenção de observar (porque por vezes esta intenção também não estava definida à partida e vai-se acentuando à medida que o que ocorre interessa...); outras ainda é anónimo (sobretudo nas observações em situações impessoais ou nas observações ocasionais). É, sempre, um estatuto em redifinição, que não pode estabelecer-se à partida "a frio" e duma vez por todas sob pena de comprometer o trabalho; é um estatuto que se vai clarificando e negociando à medida que decorre a "socialização" na zona.

As observações não são efectuadas com a mediação de quaisquer grelhas de codificação de situações ou de comportamentos, de registos de frequências de unidades de comportamento, etc. O registo escrito recorre à linguagem corrente, fazendo-se um comentário extenso e o mais preciso possível de cada situação e comportamento que se descreve e definindo-se os termos que deixem lugar a polissemias interpretativas dum modo operacional⁽⁷⁹⁾

O registo é feito o mais imediatamente possível a seguir à presença no terreno. Embora sem standardização formal, é feito segundo critérios que se

(79) Caberiam, nesta rubrica, as referências aos cuidados a ter decorrentes do efeito Rosenthal, da equação pessoal do observador, do efeito de halo, etc. Remetemos para as obras gerais de metodologia e de psicologia da percepção - deixaremos apenas dito aqui que todos estes problemas dizem respeito à formação metodológica dum investigador e constituem preocupação permanente no controle observacional.

mantêm fixos para o conjunto das observações, de modo a torná-las comparáveis e categorizáveis.

Não se recorre também a instrumentos interferentes (p.e. câmara de video). No nosso caso, realizámos por vezes levantamento fotográfico, tanto da zona duma forma global como pormenorizando pontos de observação e tentando amostrar também a variedade de indivíduos que frequentam a zona. No entanto, fizêmo-lo recorrendo a um fotógrafo com quem discutimos previamente os objectivos das fotografias; e a sua presença no terreno constituía um comportamento banal, não se revelando interferente, pois realizou-se na época alta do turismo no local, em que inúmeras pessoas passeiam munidas de máquina fotográfica, comportamento perfeitamente assimilado às rotinas do local, intensamente turístico na época própria.

Enfim, efectua-se uma permanência prolongada no terreno, constituída por uma série de segmentos temporais de observação que podem variar entre breves minutos (p.e. uma passagem de automóvel a confirmar se o ambiente tem globalmente as mesmas características do dia anterior, em que se detalhou a observação) e um dia inteiro (com almoço e jantar na zona, apreciando um ciclo diário completo); esta permanência prolongada não provoca apenas a familiarização do investigador com o local - provoca a familiarização do local com o investigador, requisito não menos importante para o êxito do estudo. Neste processo de familiarização pormenores como o do visual do investigador podem ser de grande importância: a dissonância ou consonância deste com os visuais habituais ali relaciona-se dum modo claro com as suspeitas que levanta, com as reservas que inspira ou com a "impunidade" e naturalidade com que circula.

3.2.2. as histórias de vida

As histórias de vida, ou biografias, permitem esboçar uma trajectória do fenómeno droga testemunhada pelos seus protagonistas. Ordenam-se assim ao

objectivo de contornar obstáculos epistemológicos decorrentes da materialidade histórico-social do objecto (cf. CAP. II da PARTE B, 1. e 2.). São susceptíveis ainda de contribuir com elementos para o seu enquadramento subcultural e ecológico.

Instrumento antigo da antropologia e com posição destacada na Escola de Chicago, caiu durante longos anos em desuso. É precisamente a antropologia a primeira a dar-lhe um estatuto, na procura da compreensão do ponto de vista dos actores sociais e da ligação do indivíduo à sociedade e à cultura. A seguir à II Guerra Mundial quase deixa de ser utilizada, submergida pelos métodos que respondiam mais directamente a tratamentos formais, legitimadores da tendência objectivista que então atravessou as ciências humanas (Copans, 1974; Ferrarotti, 1981). É hoje outra vez utilizada, não raro como "um novo método" - quando, na realidade, enraiza longe o seu emprego. Para esta redescoberta Ferrarotti aponta a busca de alternativas para a crise dos métodos quantitativos; Maffesoli diz que "o ressurgimento do método dito das histórias de vida pretende, quando não cai nos trilhos cientistas, responder ao sentimento de impotência formulado com graça por D. Bertaux: a verdade é que os sociólogos não sabem grande coisa das sociedades em que vivem" (Maffesoli, s.d.); ainda Ferrarotti (1981) acrescenta que "há hoje um pedido de consumir o acontecimento e a vida (...) uma fome de imagens e testemunhos" - a história de vida inscrever-se-ia na resposta a esta voragem consumista...; Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut (1983) dizem que se inscreve na recuperação do valor cultural da transmissão oral, em declínio nas sociedades industriais avançadas, e na recuperação do facto vivido e da quotidianidade, da escuta do banal - a aproximação ao real concreto. Segundo os autores, elas são reveladoras duma tendência: "(...) a colecta de histórias de vida inscreve-se numa lógica inconsciente da memória colectiva e no quadro duma evolução profunda dos métodos e princípios da criação estética e científica. As histórias de vida querem fazer falar os 'povos do silêncio'". Consideram-nas ainda como "a matéria primeira duma ciência social transdisciplinar", analisando a convergência que

realizam a história, a antropologia, a sociologia, a psicologia e mesmo a literatura em torno da recolha directa de testemunhos vividos⁽⁸⁰⁾.

Em que consiste, afinal, a história de vida? Consiste no registo aprofundado da vida dum indivíduo, tal como é apresentada pelo próprio. Pedese-lhe que se conte, que descreva a sua história pessoal.

A técnica pode variar dum modo significativo:

a) pode aproveitar como documento um registo autobiográfico - *biografias directas* -, elaborado pelo próprio sujeito, espontaneamente e sem a presença do investigador; pode basear-se exclusivamente nos dados produzidos na relação provocada entre o entrevistador e o biografado - *biografias indirectas*, habitualmente designadas simplesmente por histórias de vida;

b) Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut (1983) distinguem, na multiplicidade dos trabalhos que utilizam a perspectiva biográfica, os que se baseiam na unicidade do testemunho - *história de vida única*, com a singularidade irreduzível do relator a revelar um certo vivido social - e os que se baseiam na acumulação de biografias múltiplas - *histórias de vida cruzadas* -, mais próximas do sociologismo do inquérito;

c) distinguem também as centradas sobre a pessoa - *psicobiografias*, nas quais a pessoa se conta no interior duma trama de acontecimentos - e as centradas sobre o acontecimento - *etnobiografias*, nas quais "a pessoa é considerada como o espelho do seu tempo e do seu meio;

(80) Para a discussão teórico-epistemológica das histórias de vida e do seu significado cf. especialmente Ferrarotti (1981), que se preocupou em situar o lugar das histórias de vida na metodologia em geral, em destacar a sua singularidade e o seu valor heurístico e em justificá-las como método autónomo no centro duma concepção das ciências humanas que "ultrapassa o quadro lógico-formal e o modelo mecanicista característico da epistemologia cientista estabelecida"; cf. também Poirier, Clapier - Valladon e Raybaut (1983), que, antes de fornecerem um verdadeiro manual completo desta técnica, fazem o seu enquadramento através da análise das condições sócio-históricas do tempo presente e dos seus reflexos para o trabalho científico. Sempre gostaríamos de acrescentar que nos parece provável que a actual atracção que as histórias de vida estão a exercer sobre um número crescente de investigadores - afinal a "descoberta" é ressurreição - se ligue a uma vontade de formas de trabalho alternativas às duma racionalidade estritamente positivista das ciências sociais, o que viria apenas constituir mais um elemento no conjunto dos sinais que muitos críticos da ciência leem como reveladores duma mutação em curso na racionalidade das ciências (cf., e para citar só autores portugueses, Agra, 1986a; Santos, 1987).

d) o tipo de relação biográfica, "essa relação específica que se institui entre locutor e questionador" (Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut 1983), determina também a natureza da biografia obtida. A relação pode remeter-se a uma "anulação" voluntária do questionador ou ter nele, praticamente, um co-autor, pela forma activa como desempenha o seu papel, estruturando os momentos todos do encontro com o sujeito e dirigindo-lhe o seu processo de rememoração;

e) o papel que a história de vida desempenha no processo de investigação: tomada como *método*, ela é o objectivo central e o guia da investigação, assumindo autonomia e auto-suficiência na recolha de dados empíricos; tomada como *técnica* é frequentemente empregue como meio privilegiado de ilustração, a partir de indivíduos particulares, do conhecimento obtido com outras técnicas. O carácter pictórico, por vezes anedótico, do relato biográfico serve à vulgarização do dado psicológico, do mesmo modo que o relato em directo do paciente serve à vulgarização do dado clínico. Tanto uma posição como outra são, obviamente, formas radicais de encarar e utilizar as histórias de vida.

A riqueza e significatividade do material duma história de vida depende em larga medida da relação que for estabelecida entre o investigador e o biografado. A relação inicia-se no próprio modo como se identifica o sujeito: será diferente convidá-lo a contar-nos a sua vida depois de contactos prévios em contextos mais ou menos informais, como p.e. os efectuados durante uma pesquisa de terreno, ou quase coagi-lo aproveitando a sua presença numa instituição especializada (p.e. recorrer a um centro de droga para a biografia de toxicodependentes); tal como é diferente obter o seu contacto através dum intermediário que lhe ofereça confiança ou obtê-lo a partir da posição formal e distante de "psicólogo", ou "sociólogo", sem qualquer mediação. Depois, estabelecido o acordo para as sessões, o estilo do investigador condiciona o relato do sujeito. Uma relação conduzida com a técnica da entrevista semi-directiva, livre, aberta, em profundidade, com lugar ao anedótico e à digressão, é a mais susceptível de suscitar no indivíduo uma expressão franca, que lhe facilita a

rememoração de vivências significativas, de sentimentos, de interpretações de si e da realidade que vive, de atitudes. Este processo aberto de comunicação não deve, no entanto, perder de vista os objectivos a explorar - a existência prévia dum guião de entrevista interiorizado pelo entrevistador revela-se útil e é mesmo condição necessária quando se fazem histórias de vida cruzadas. O papel do entrevistador é o do incentivador do relato, o de coordenador e moderador. O facto de utilizar questões dum guião de entrevista é apenas um indutor de temas, "deixando toda a liberdade para lhes responder, para as iludir, para se alargar noutras, etc. Poderíamos dizer que os narradores possuem todas as respostas, mas que são incapazes de formular as questões" (Poirier, Clapier-Valladon e Raybaut, 1983).

As sessões deverão ser gravadas, efectuando-se posteriormente o tratamento do material: transcrição para manuscrito respeitando a máxima fidelidade ao discurso, operações de manipulação da mensagem através da análise e categorização de temas gerais (primeiro nível de tratamento e utilização duma história de vida), ou da sua exploração analítica através de análise de conteúdo (segundo nível de tratamento). A opção por um destes níveis depende do valor que se confere ao material da história de vida no conjunto da investigação (se for apenas o valor de ilustração doutros materiais pode não ser muito económico utilizar o segundo nível), depende do carácter mais exploratório ou mais analítico do estudo (no primeiro caso pode bastar o primeiro nível, no segundo caso utilizar-se-á o segundo). Este tratamento deve em todo o caso permitir no final "evidenciar indicadores que permitem inferir sobre uma outra realidade que não a da mensagem (...) e permitir um jogo entre hipóteses e interpretações" (Bardin, 1979).

Quando se escolhem os personagens adequados (em função das informações pretendidas e dos objectos do estudo) e se verifica o estabelecimento duma "relação biográfica" que responda aos requisitos que acabamos de citar, as histórias de vida revelam-se densas em informação - e dum tipo de informação

que, além disso, costuma ser difícil de obter de outra maneira: carregado de vivências, percepções, sentimentos, valorizações" (Romani, 1983). Realizam, de algum modo, uma "introspecção do social" (Poirier, Clapier-Valladon, Raybaut, 1983); ou, nos termos de Ferrarotti (1981), representam "uma contracção do social no individual, do nomotético no idiográfico"; numa história de vida é a singularidade duma existência que vem ao de cima - "devemos tomar no centro mesmo do método biográfico os materiais primários e a sua subjectividade explosiva" (Ferrarotti). Obtém-se assim um documento que se constitui a partir, diríamos nós também, da subjectividade explosiva dos sujeitos, incorporando no método aquilo que até há pouco era visto como obstáculo epistemológico pela racionalidade dominante das ciências: a sua subjectividade. Objectivar a subjectividade, conferindo-lhe estatuto no documento em vez de a expulsar como resíduo, corresponde a restituir ao campo do conhecimento os sentidos que os actores atribuem à vida social e a reconhecer aos sujeitos aquilo que precisamente os institui como sujeitos psicológicos: a sua individualidade e a sua subjectividade. E há conhecimento científico, pode haver ciência a partir da subjectividade? Não nos alongaremos agora sobre esta questão, a que em parte já aludimos no capítulo anterior. Deixaremos em aberto, no entanto, duas vias possíveis de resposta - a primeira, de Franco Ferrarotti; e a segunda, de Cândido da Agra:

. o valor heurístico das histórias de vida está na sua função reveladora de todo um sistema social. Ler uma sociedade através duma biografia, eis a possibilidade. E como? Deve eliminar-se a distinção entre o geral (das estruturas sociais) e o particular (da experiência dum indivíduo): "o indivíduo não é um epifenómeno do social" (Ferrarotti, 1981); é, sim, pólo activo, praxis sintética. Não reflecte o real - apropria-se dele, mediatiza-o, filtra-o, projecta-o noutra dimensão, precisamente a da subjectividade. "Cada história de vida conta uma prática humana (...). Uma vida é uma prática que se apropria das relações sociais (as estruturas sociais), as interioriza e as retransforma em estruturas psicológicas pela sua actividade de destruturação-reestruturação. (...). O nosso sistema social está

todo inteiro na história da nossa vida individual". O sujeito individualiza a história social colectiva. É uma via não linear, adverte o autor. A relação que liga um acto a uma estrutura social está fora do determinismo mecanicista - "exige a invenção de métodos e chaves novos para se deixar percorrer".

A via apontada por Ferrarotti é, em suma, a duma interacção complexa do geral e do particular, da estrutura social e da estrutura psicológica, do universal e do individual; a existência irreductível do singular e do subjectivo não nega a visão do universal e da estrutura - pelo contrário, enquanto sua síntese activa, permite-lhes revelarem-se.

. em C. da Agra a questão deixa de ser a de poder haver ciência a partir da subjectividade ou apesar dela, mas a de se deve haver, e em que condições, uma ciência da subjectividade.

C. da Agra toma a singularidade do indivíduo não como o obstáculo a contornar em direcção a um conhecimento geral do homem (ou a um conhecimento do homem geral), mas como objecto a reabilitar: a psicologia investigaria as formas de produção da individualidade e da subjectividade. Os indivíduos são fruto do jogo da determinação e da indeterminação, são fruto de causas externas que não controlam mas também da sua própria causalidade interna, sobre a qual podem tomar decisões, são produto da sua história - são singulares, irreductíveis à lógica causalista clássica e ao prognóstico fechado. Têm uma grande margem de indeterminação, a novidade está inscrita no seu devir não como acidente mas estruturalmente.

Assim sendo as histórias de vida - acrescentamos nós -aparecem como a estratégia que se empenha em captar a singularidade dum trajecto, a densidade duma história. A "subjectividade e a historicidade absoluta do material da história de vida" (Ferrarotti, 1981) poder-se-ia constituir, pensamos nós, numa matriz de análise das condições de produção da individualidade, e de exploração de lógicas explicativas que complexificam a causalidade clássica, abrindo-a à historicidade e à indeterminação.

Regressemos às histórias de vida para alguns comentários finais. Elas enraizam a sua forma de recolha de dados num estilo próximo do método clínico. À luz desta aproximação resulta difícil perceber o porquê da marginalidade desta técnica na psicologia, cujo carácter predominantemente qualitativo e intensivo tem sido preterido em favor do carácter extensivo doutras técnicas, que têm o critério da representatividade da amostra como central. Nas histórias de vida não se coloca tanto o problema da representatividade como o da *significatividade*. No caso da nossa investigação, ela é assegurada através da identificação de indivíduos cuja experiência de vida seja altamente significativa da evolução do fenómeno droga em Portugal - indivíduos que viveram desde os inícios (finais dos anos 60, princípios de 70) a progressiva expansão dos psicotrópicos no tecido juvenil português. Chamámo-lhes já os "históricos", pela concentração que se realiza em indivíduos particulares dum processo historico-social que se desenrola há ainda poucos anos na nossa formação social. A sua identificação é feita tendo em conta o conhecimento que a pesquisa de terreno nos vai dando sobre os actores das drogas, as informações que provêm das próprias redes sociais de consumidores e a "mitologia local" que retém certos indivíduos pela sua centralidade e prestígio neste campo - espécie de galeria dos heróis que ditam, a um nível local, o curso e as cambiantes do fenómeno droga. (Alguns estão já retirados duma quotidianidade centrada nos psicotrópicos, continuando no entanto a par do fenómeno pelos contactos com uma quantidade de gente que o seu passado recente lhes colocou no caminho e que continua uma "carreira desviante").

3.2.3. documentação

A utilização de documentos de vários tipos como fontes de dados tem uma tradição longa nas ciências sociais. Atkinson e Hammersley (1983) referem, curiosamente, que o uso inicial do termo "observação participante" se fazia para designar a produção de documentos pelos participantes, isto é, pelos sujeitos a

que hoje chamamos informantes. E, de facto, eles só são informantes na medida em que são observadores participantes, ainda que não possuam consciência do papel. Recuemos ainda de novo à Escola de Chicago para referir que as suas investigações estavam por vezes muito baseadas nos documentos escritos.

"Documentos escritos de várias espécies são regularmente produzidos em vários contextos nas sociedades industriais contemporâneas. A capacidade para ler e escrever é um traço essencial, por vezes, da vida quotidiana dos seus membros. Há, no entanto, culturas cujas acções colectivas raramente dependem da produção, distribuição e preservação de documentos escritos. As culturas urbanas ("hobos", prostitutas, consumidores de drogas...) são, neste sentido, iletradas" (Atkinson e Hammersley, 1983).

Com efeito, constatamos que os grupos juvenis consumidores de drogas não se exprimem frequentemente através de documentos escritos, contrariamente a subculturas juvenis microgrupais, ou grupusculares (p.e. os "punks" produzem regularmente revistas do tipo fanzine). Em todo o caso, continua a ser possível pôr em relação o sector juvenil e os usos de drogas com diversos tipos de documentos: basicamente os documentos que, não sendo produzidos por eles, os têm por objecto; e também os documentos que, produzidos por eles e não tendo por objecto imediato as drogas, as deixam ler através de referências dispersas.

Afigurava-se-nos pois de interesse a recolha duma documentação que dissesse respeito às dimensões do objecto que recortámos, de acordo com os planos da sua materialidade que previamente identificámos. Fomos assim recolhendo com regularidade documentos de dois tipos:

a) os que são produzidos pelo próprio sector juvenil ou a ele dirigidos: discografia rock (com especial atenção às letras), revistas e fanzines, algumas de circulação restrita do tipo "entrega à mão", jornais Blitz e Metro.

No que diz respeito à discografia rock, percorremos a quase totalidade dos trabalhos editados pelos principais grupos do nosso contexto genérico de investigação - a cidade do Porto⁽⁸¹⁾: Taxi, Trabalhadores do Comércio, Rui Veloso, Jafumega e GNR. Deu-se especial atenção às categorias temáticas presentes nas letras, mas também às fotos e ao *design* que compõem os trabalhos⁽⁸²⁾. Recolheu-se também algum material jornalístico que dissesse respeito a estes trabalhos ou aos seus autores (p.e. entrevistas). Na secção seguinte (3.2.4.) regressaremos com mais detalhe ao universo artístico da música rock, para explicar a razão de lhe prestarmos atenção.

Os jornais Blitz e Metro apresentavam-se como um material documental de grande adequação aos nossos objectivos. O Blitz, semanário musical e de espectáculos dirigido aos jovens, contém profusão não apenas de documentos escritos sobre as vivências juvenis, os seus espaços e os seus modos de organização do tempo, mas também de imagens e de elementos iconográficos variados que constituem material fornecedor de elementos semiológicos cuja significação permite enriquecer os dados obtidos com outras técnicas descritas atrás⁽⁸³⁾. Tem ainda uma secção de características especiais: "Pregões e Declarações", escrita, em estilo de mensagens curtas, pelos próprios jovens. É uma secção de discurso directo, que analisámos sistematicamente ao longo de todo o ano de 1988 recolhendo um jornal por mês. Fizemos igualmente a recolha de outros textos do jornal que contivessem o elemento semântico "droga" ou afim (p.e. "drunfar-se", "xuto", "trip"...). O jornal Metro-Guia Urbano do Porto é

(81) À frente deter-nos-emos sobre os critérios de escolha do contexto em que decorreu a pesquisa de terreno.

(82) Logo aqui se deu uma constatação curiosa: as imagens, em desenho e sobretudo em fotografia, da zona urbana portuense da Ribeira-Barredo são as que mais aparecem nas capas (todos os grupos analisados menos os Taxi). Ora, como explicaremos adiante, a Ribeira-Barredo foi o espaço que seleccionamos para as observações directas.

(83) Um pouco à semelhança do exercício de Roland Barthes em MITOLOGIAS, trata-se de "captar na exposição decorativa do que se dá como evidente (a linguagem da cultura de massas) significações"; trata-se de dar atenção a minúsculas presentes em materiais díspares, à espera que se produzam repetições que signifiquem: "Porque embora eu ignore se, como diz o provérbio, as coisas repetidas agradam, sei pelo menos que elas significam. E o que busquei em tudo isto foram significações" (Barthes, 1957).

"o único jornal grátis que apetece comprar", segundo a frase publicitária que traz inserta. É quinzenal e de distribuição gratuita em locais seleccionados, normalmente organizados em função do público juvenil do Porto: pubs, lojas de discos, boutiques de moda, galerias de arte, certas livrarias. É um jornal que pretende, através de sugestões, informações e persuasão, organizar os tempos livres juvenis. Informa sobre locais e actividades de lazer, contém pequenos artigos sobre a cultura juvenil, os seus ídolos, os seus espaços carismáticos. É escrito utilizando profusa iconografia e uma linguagem que recorre frequentemente à gíria e que trata abertamente temas marginais à cultura (p.e. traça, num artigo, o roteiro dos locais do Porto onde um par de namorados pode ter relações amorosas recatado das vistas, como prédios em construção, becos e quelhas, casas desabitadas, lugares escuros, etc...!).

b) os que são produzidos à cerca do sector juvenil, das drogas, do espaço urbano e diferentes relações entre estes temas - predominantemente artigos de jornais ou suplementos especiais do tipo "As drogas em Portugal", "O flagelo da heroína", "As tribos juvenis"...

Em síntese: a recolha e análise documental permite complementar e abrir novas direcções na informação recolhida com as técnicas descritas atrás. Revistas, artigos de jornal, discografia, são linguagens que encerram representações da realidade circundante e da experiência de vida nos jovens - falam-nos da sua visão do mundo, das várias sensibilidades que os organizam, dos seus estilos de vida. E são sem dúvida, numa pesquisa de terreno, parte do objecto a investigar.

3.2.4. instrumento de listagem de preferências musicais e de associações música - drogas

Na secção anterior referimo-nos aos grupos de música rock. De que modo podem interessar a este estudo?

. a música rock é uma forma de arte que exprime numa linguagem própria vivências psicológicas e sociais típicas dos jovens. É também consumida e produzida por jovens. Com a demarcação do rock como *a* cultura juvenil, criou-se pela primeira vez na história uma forma de expressão própria deste sector, que rapidamente se massificou;

. a música rock tem a sua história ligada às drogas. Algumas das correntes do rock definem-se precisamente através da droga que as marcou: o "acid-rock", em que a música é uma experiência sinestésica audio-visual conseguida através da ingestão de ácidos, ou os grupos psicadélicos; a biografia de muitos dos seus principais protagonistas é pontuada por consumo de drogas, por declarações públicas de incitamento à ingestão de substâncias que alterem os estados habituais de consciência, por poemas de exaltação dos psicotrópicos, por pseudónimos como "Sid Vicious" e por... "overdoses"⁽⁸⁴⁾.

. a música rock é de expressão urbana. Em Portugal o nascimento dos grupos rock que marcaram a implantação deste movimento entre nós dá-se nas duas cidades de características predominantemente industriais: Porto e Lisboa. Tem-se, desde os inícios (de acordo com os especialistas haveria uma "pré-história" nos finais dos anos 60/princípios de 70 e uma música rock portuguesa na viragem dos anos 80), expandido noutras cidades, particularmente do litoral e normalmente com importante crescimento do tecido industrial.

Urbanidade, sector juvenil e drogas encontram-se pois sintetizados nas metáforas artísticas da pop-rock mais do que em qualquer outra corrente da música. O papel desta semiologia musical junto dos jovens parece não ser redutível às funções de consumo artístico ou de simples forma organizadora do lazer. O seu sentido generacional tem sido destacado pelos analistas do fenómeno e pressentido pelos próprios artistas, que o erigem em tema das letras. A insistência com que se cultiva a imagem dos líderes rock (clubes de fãs, biografias,

(84) Possíveis significados do tema das drogas nos textos poéticos da música rock foram já por nós abordados em artigo próprio (Fernandes, 1987).

entrevistas, posters, camisolas, emblemas...) faz-nos pensar na centralidade que assumem no imaginário juvenil e na possibilidade de serem exemplares, no sentido em que sugerem atitudes e comportamentos - aglutinadores, de algum modo, ou expressões sintéticas, de subculturas juvenis. Por outro lado, é fácil constatar a importância da pop-rock na definição de identidades grupais (os "rockers", os "heavys", os "punks"...) e de identidades pessoais (as colunas do jornal Blitz estão assinadas por indivíduos que se auto-proclamam NunoCure, Xutos e P., Zé Morrissey, ou por indivíduos que, tendo apenas duas ou três linhas para se apresentarem aos leitores, pensam resumir-se através de mensagens curtas e sintéticas como "Curto Cure, Lloyd Cole e U2" ou "The metalmaniaco from Castro Laboreiro is back"...⁽⁸⁵⁾ Por vezes a vivência da droga integra a definição da identidade: o indivíduo que assina "O Ganzado do Metal", ou o "Chuto Xutos"; a panóplia de alcunhas que fomos registando ao longo do trabalho de campo relativas a indivíduos carismáticos do consumo de drogas parece depôr em favor deste processo: o C... Punk, o Stones, o Cheap Trick...⁽⁸⁵⁾

Fomos observando também, ao longo de observações ocasionais, a ligação estreita que por vezes existe entre pop-rock e drogas: nos concertos dos grupos rock (normalmente concentrados em Lisboa e Porto), ou em ambientes de acesso restrito (círculos "de amigos") em que o consumo de drogas e a música rock são dois dos elementos centrais possibilitadores e definidores do "clima" do encontro.

Todas estas circunstâncias conjugadas nos fizeram colocar a hipótese da importância da música em certo tipo de utilizadores de drogas - provavelmente enquanto elemento expressivo, tal como as próprias drogas, numa subcultura juvenil. Ou, colocando doutro modo a questão: é possível que em certos

(85) "heavy" e "metal" são abreviaturas correntes da vertente dura da rock, o "heavy metal"; Cure U2, Cheap Trick e Xutos e Pontapés são importantes grupos rock; Morrissey é uma vedeta rock, ex-líder dos Smiths e Lloyd Cole é líder dos Lloyd Cole & the Commotions. Stones é a abreviatura do grupo mais carismático da cena rock, os Rolling Stones, autores de Sister Morphine e de Brown Sugar (um tipo de heroína), com um dos seus elementos morto por "overdose".

indivíduos o consumo de drogas faça parte dum estilo de vida influenciado pela permanência de valores duma subcultura psicadélica que teve como central o rock⁽⁸⁶⁾. Se assim fosse, estaríamos a definir um dos relacionamentos possíveis do sector juvenil com as drogas em termos de vivência subcultural - a partir da importação mais ou menos mediatizada da subcultura estritamente juvenil da pop-rock anglo-saxónica com inícios nos anos 60 e sucessivas fases e transformações que a trazem até nós⁽⁸⁷⁾.

Se a hipótese for verdadeira, é de esperar que nos indivíduos com algum grau de identificação com tal subcultura ocorra um tipo de gosto musical específico - preferência pela pop-rock que se encontra mais próxima de veicular os valores psicadélicos desta subcultura; é também de esperar que se verifique um conhecimento mais preciso do que o dos indivíduos alheios à subcultura relativamente aos seus membros - p.e. que líderes musicais usam drogas, que grupos veiculam uma imagem em que as drogas são elemento expressivo, que drogas têm marcado os diferentes momentos históricos da subcultura...

As ligações entre a música e certas formas específicas de uso de drogas gerou-nos, pois, hipóteses de trabalho que se inscrevem no *enquadramento subcultural* do nosso objecto, por um lado, e por outro na sua *materialidade histórico-social* (p.e. através da questão que consiste em saber se um uso subcultural das drogas corresponde a alguma etapa localizada da ascensão do papel dos psicoactivos no sector juvenil).

No sentido de testar esta *hipótese subcultural* fizemos a aplicação dum instrumento muito simples: consistia em pedir ao sujeito que, numa folha de papel, escrevesse a lista das suas preferências musicais (lista "música"); em

(86) Reenviamos para a PARTE A, CAP. II, toda a secção 3.3., nomeadamente os trabalhos de Willis com os "hippies", de Stevenson et al. com os "mods" e de J. Lima Barreto que, em ROCK & DROGA, traça uma tipologia rock, enquadra-se na sua sucessão histórica e trata com pormenor o fenómeno psicadélico - ou, na sua linguagem algo hiperbólica, trata "uma cultura tribal particularizada na sociedade ocidental, (...) uma concepção do mundo aderente à epistemé psicadélica", que remonta a raízes longínquas de rituais tribais em que se procurava o êxtase através da ingestão de alucinógenos.

(87) O material de que dispomos de algumas histórias de vida confirma a verosimilhança da hipótese.

seguida pedia-se-lhe que escrevesse uma lista das figuras ou dos agrupamentos musicais que, de alguma forma, relaciona com drogas (lista "música/drogas"). A instrução que induzia a lista "música" era dada de forma a não sugerir o tipo de preferência (p.e. se o sujeito perguntava "música quê? Clássica?", apenas repetíamos a instrução); a instrução para a lista "música/drogas" não induzia explicitamente a associação de músicos ou grupos com o *consumo* de drogas, mas a associação em sentido lato com elas (deixa assim campo aberto a que o sujeito os associe às drogas a partir da sua imagem visual, da sua atmosfera sonora, de declarações dos membros da banda...). Fez-se a aplicação deste instrumento a indivíduos consumidores de drogas (grupo 1.) e a indivíduos que nunca consumiram nenhum psicoactivo ilegal (grupo 2.). No grupo 1., os contactos foram feitos durante a pesquisa de terreno, optando pela recolha das listas em contexto informal e como actividade que, embora justificada "por uma investigação a decorrer", aparecia enquadrada no momento (p.e. aproveitando-se uma conversa sobre música, ou sobre a desintoxicação de heroína de Boy George...). Era condição necessária um conhecimento pelo menos sumário do tipo de drogas e do padrão do seu uso nos indivíduos em causa, bem como elementos biográficos gerais e a sua "história" com as drogas, de modo a podermos relacionar esta informação com o tipo de listas. Dados sobre circunstâncias que rodeavam o momento da recolha eram também anotados. No grupo 2., ao fim de algum tempo afigurou-se de interesse distinguir dois sub-grupos: o dos indivíduos com largo conhecimento da pop anglo-saxónica e o dos indiferentes a este universo artístico.

Alguns dos contactos e subsequentes recolhas de listas foram efectuados por indivíduos que colaboraram connosco nesta fase da investigação. Tal como nós, aproveitaram a presença no terreno para levar a cabo a tarefa⁽⁸⁸⁾

(88) O aproveitamento de momentos propícios que não se previam de antemão leva a improvisos como aquele em que um de nós, em pleno café, recolheu as listas recorrendo ao único papel possível na ocasião: as toalhas de papel da mesa...

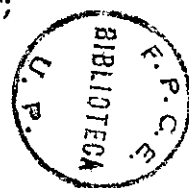
3.2.5. selecção da unidade de estudo

A pesquisa de terreno tem como referente genérico a sociedade urbano-industrial, cujo espaço mais característico é a cidade do tipo industrial. O Porto, cidade que responde predominantemente a estas características, mostra-se assim adequado como contexto de estudo: as situações que possam constituir oportunidades de observação e que ocorram nos seus diferentes espaços são relevantes para o objecto em investigação.

Os espaços da cidade têm complexa inter-relação entre si; um mesmo indivíduo pode ter como centrais na sua vida quotidiana espaços à primeira vista muito diversos (p.e. a zona residencial de luxo e o bairro degradado) pode também iniciar-se uma observação em determinado espaço e ir-se acabar do outro lado da cidade; pode estar a registar-se uma interacção em pequeno grupo no espaço A e os conteúdos da interacção dizerem respeito a ocorrências passadas há pouco no espaço B... No entanto, para efeitos de sistematização das observações e para que elas possam servir o propósito do estudo intensivo e holista que caracteriza a pesquisa de terreno, torna-se necessário restringir o campo de observação seleccionando uma zona e, nessa zona, seleccionando alguns locais que se privilegiarão. Esta selecção evitará a dispersão da investigação, que certamente se diluiria numa visão demasiado panorâmica do contexto global de estudo e que só aparentemente responde ao critério do holismo - este, para se cumprir, obriga a restringir os limites da percepção.

A selecção deve tomar em conta alguns critérios pragmáticos:

- . ser relevante para o objecto a investigar;
- . dispôr de locais com condições para uma observação o menos interferente possível;
- . haver contactos com pessoas que nos garantam uma progressiva aceitação nas redes sociais informais;
- . ser de fácil acesso (em tempo e custos) para o investigador;
- . dispôr de documentação informativa



A Ribeira-Barredo, bairro ribeirinho implantado na zona histórica do Porto, situada na baixa da cidade, foi o local que melhor respondeu aos critérios citados:

- . relevância para o objecto a investigar: é um sítio com numerosa afluência de jovens - *um concentrador juvenil*. Esta constatação pode ser feita directamente através de observações exploratórias, ou dum modo indirecto, inferindo a importância que os jovens aí têm a partir dos espaços que estão organizados em função deles (bares, pubs, esplanadas, pequenos espectáculos de música...); esta constatação está também documentada por trabalhos jornalísticos sobre os espaços portuenses mais procurados pelos jovens.

É um sítio de afluxo de consumidores de drogas e de toxicodependentes; no imaginário da população do Porto é conotado com comportamentos desviantes e com "drogados". Este aspecto reveste-se de importância: como salientaram Atkinson e Hammersley (1983), "settings não são ocorrências naturais de fenómenos, eles são constituídos e mantidos através da sua definição cultural e de estratégias sociais".

- . locais com condições para uma observação o menos interferente possível: a própria configuração topográfica do bairro permite pontos de miradouro (o caso paradigmático é o duma esplanada que permite uma vista panorâmica para o espaço de rua central - o cais e a Praça da Ribeira - e para uma outra esplanada, que se encontra por baixo desta); dada a grande quantidade de indivíduos que acorrem ao bairro (aos restaurantes, aos pubs, ao mercado de rua...), há toda a facilidade em percorrê-lo sem que seja notado "um estranho" - o mesmo é certo para a permanência em *algumas* esplanadas e bares (enquanto noutros, praticamente só frequentados por gente do bairro, uma presença não interferente só é possível na companhia dos intermediários).

- . contactos com pessoas que garantam aceitação nas redes informais:

a zona ribeirinha e continua hoje visita de famílias carenciadas do Barredo, e com indivíduos que frequentam a zona há anos - sobretudo estes tornaram possível que, ao fim de algum tempo, conhecêssemos pessoalmente alguns dos personagens principais deste espaço urbano.

. fácil acesso: situada no centro do Porto, a 10 minutos a pé das principais linhas de autocarros. Muito importante no nosso caso foi a sua proximidade do local de trabalho (a faculdade de Psicologia), que nos permitia em intervalos de aulas ou de almoço uma deslocação à zona e que possibilitava também, findo um período de observação, regressar rapidamente à faculdade, garantindo que o registo da observação se realizasse pouco tempo depois dela - condição necessária para a sua fidelidade.

. dispôr de documentação informativa: este espaço urbano foi alvo de uma operação urbanística de conservação integrada a seguir ao 25 de Abril, levada a cabo por um gabinete constituído para o efeito - o CRUARB (Comissariado para a Renovação Urbana da Área da Ribeira-Barredo. Dispõe-se assim de documentação de caracterização sociológica e urbanística relevante. Há igualmente trabalhos de teor tanto científico como jornalístico sobre a zona.

Podemos agora constatar *a posteriori* que estes critérios funcionaram na prática, possibilitando a efectivação duma pesquisa de terreno que se mostrou relevante para o objecto que recortámos; reafirmamos assim o acerto da selecção deste espaço urbano, que, desde finais de 1985 até ao momento, passou a fazer parte das nossas rotinas e a entrar significativamente na nossa vida - o que é uma das características presentes à opção por um método intensivo como a pesquisa de terreno: é a própria vida privada do investigador que fica também comprometida com o processo de investigação, tornando-o activo e transformante da sua visão da realidade. E não é esse o efeito mais espectacular do conhecimento científico - o de transformar a visão primeira da realidade?

CAPÍTULO III

RESULTADOS

Apresentaremos a partir de agora uma síntese resultante dos dados obtidos com o conjunto das técnicas que integram a nossa pesquisa de terreno. Tratou-se de pôr em prática os procedimentos metodológicos que fizeram objecto do capítulo anterior, obtendo uma primeira aproximação ao objecto que recortámos - chamemos-lhe, simplesmente, *resultados*.

A apresentação destes resultados é uma espécie de paragem no percurso da investigação: destina-se a ordenar o material de campo entretanto recolhido, e, com base nele, a produzir um primeiro discurso sobre o objecto que nos ocupou; destina-se ainda, paragem que é, a reflectir processos, a alargar hipóteses, a relançar questões e vias de investigação que fundem uma fase mais avançada deste projecto para um futuro próximo.

Esta apresentação de resultados é, ainda por outro motivo, um momento particular de algo mais vasto: o conjunto dos trabalhos em curso no Centro de Psicologia do Comportamento Desviante. Com efeito, posta em relevo até aqui a complexidade biopsicossocial do fenómeno droga, não cometemos a megalomania de querer abarcá-la numa única investigação - ilusão totalizante com que frequentemente se recobre panoramicamente um objecto, deixando-lhe por contar aquilo que realmente o singulariza. A própria constatação duma totalidade complexa deveria por si só servir para afastar projectos individualistas - tratar o complexo não se compadece com eles. Recortámos antes uma das vertentes que constituem o fenómeno - digamos que identificámos uma das suas possibilidades perceptivas e lhe adequámos um método - sabendo que isso se destina a integrar e a enriquecer, naquilo que puder, o trabalho sobre a sua pluridimensionalidade, que é tarefa para toda uma equipa.

Assim, uma parte importante dos trabalhos em curso no Centro de Psicologia do Comportamento Desviante toma o objecto droga nos vários níveis da sua pluridimensionalidade: do biológico - pólo da infraindividualidade, que acentua a psicofisiologia do estado de dependência - ao social - pólo da supraindividualidade, que acentua os processos sociais implicados no fenómeno, tais como atitudes face ao consumo de drogas, a compreensão de mecanismos que conduzem ao contacto com psicoactivos, estratégias preventivas do consumo... O nosso trabalho insere-se entre estes dois pólos, incidindo sobre a expressão eco-social da droga - procura contribuir com elementos para uma psicossociologia dos usos de drogas em ligação com uma dada eco-matriz: a urbano-industrial.

Em cada uma das várias secções em que dividimos a comunicação dos resultados faremos um pequeno preâmbulo sobre a técnica ou o conjunto de técnicas usadas na recolha de dados. Este preâmbulo, a que se chamou *nota sobre o método*, remete constantemente para o capítulo anterior, sobretudo na sua secção 3.2., na qual detalhámos o método. Esta *nota sobre o método* pode à primeira vista parecer redundante - no entanto não só pormenoriza o que foi dito antes sobre a metodologia como permite concretizar a relação de diferentes aspectos do método com diferentes vias de abordagem do objecto. É, parece-nos, também uma forma de tornarmos a investigação minimamente replicável por outros pesquisadores, o que, mesmo se não temos veleidades que venha a acontecer, é pelo menos um procedimento de controle que deve estar presente num texto científico.

1. O PORTO: DO PORTUCÁLEM DOS ROMANOS À CIDADE INDUSTRIAL DE HOJE

- NOTA SOBRE O MÉTODO -

O trabalho que estamos a realizar acerca dos usos de drogas no sector juvenil diz respeito, tal como já ficou explícito atrás, à sua expressão numa

sociedade urbano-industrial - de que o Porto e Grande Porto constituem pólo característico e em desenvolvimento. Justificam-se, deste modo, algumas notas introdutórias de carácter histórico que nos situem o Porto actual. Recorremos a textos vários para o efeito, dos quais salientamos Williams (1980), Pacheco (1984), Dias (1989), documentos fornecidos pelo Comissariado para a Renovação Urbana da Área da Ribeira-Barredo (CRUARB) dos quais destacamos um trabalho de Moura (1980), uma monografia elaborada por um grupo de estudantes do 5º ano da licenciatura em Sociologia do ISCTE (1983) e um artigo do colectivo do CRUARB (1989) apresentado num encontro internacional sobre centros históricos; salientamos também um texto do Gabinete de Planeamento Urbanístico da Câmara Municipal do Porto (1985) e vários artigos saídos na imprensa, alguns dos quais organizados em dossier - citamos como um exemplo entre vários o dossier "Porto: das guerras com Lisboa à afirmação duma identidade", publicado no semanário EXPRESSO de 26 de Julho de 1986 e que inclui um capítulo intitulado "Na Ribeira - a 'movida' à moda do Porto".

Refira-se que vários destes documentos dizem respeito especificamente à zona da Ribeira-Barredo, que seleccionámos como a principal unidade de estudo (ver 3.2. do cap. anterior).

* *

*

A importância do Porto como centro de actividades e como pólo de desenvolvimento começa a acentuar-se na Idade Média. Já no séc. XIV a sua expansão obrigava-o a transpor os limites antigos das muralhas fernandinas, progredindo posteriormente em anéis concêntricos a elas. Assim, a zona primitiva (Portucálem, da romanização) da Ribeira-Barredo (R-B), foco nevrálgico da cidade, começa a conhecer as primeiras periferias ainda na Idade Média.

Em 1623 o Porto, apenas dentro das muralhas fernandinas, contava com 12 000 habitantes. É no entanto no século XVIII que a velocidade deste crescimento se acentua. No plano urbanístico e arquitectónico a traça da cidade é fixada em muitos dos aspectos que hoje a caracterizam ainda. A praça da Ribeira e a sua periferia são o coração da cidade, o pólo da sua actividade comercial, da construção naval e da manufatura. A R-B é então, nos séculos XVIII e XIX, área residencial de grande estatuto.

Em 1864, o Porto tem 86 000 habitantes. No entanto, a construção da ponte de D. Luís (1886), permitindo o acesso rápido à colina sobre a qual se erigiram o Barredo e a Sé, e a construção da estação de S. Bento (1900) e da Av. dos Aliados com as características que hoje lhe conhecemos (1916), criam um novo centro de actividade citadina. A praça da Ribeira perde importância, os residentes do estrato mais favorecido procuram a nova zona de atracção, deixando espaço livre aos muitos imigrantes rurais que no final do século XIX afluem à cidade em busca de oportunidades. Em 1900, a cidade tem 168 000 habitantes⁽⁸⁹⁾.

A R-B, a Fonte Taurina (que prolonga a R-B pela beira-rio), Miragaia (idem) e a Sé (que, ainda na zona ribeirinha, prolonga a R-B em direcção ao interior da cidade, situando-se portanto por trás daquela em relação ao eixo do rio) serão assim rapidamente sobrehabitadas, subdividindo o "stock" do casario existente e tornando a expressão "colmeias humanas" própria para metaforizar as condições de habitat que, a partir daí e até aos nossos dias, se farão sentir.

Dados pormenorizados sobre este processo, bem como das operações urbanas sobre esta zona executadas logo após o 25 de Abril e que alterarão substancialmente o estado de coisas, encontram-se nos documentos referidos atrás na *nota sobre o método*.

Fixemos no entanto sinteticamente os seguintes dados:

- a R-B é o foco populacional primitivo, fundador, do Porto.

(89) Curioso notar que é por esta altura que o "Hospital de Alienados do Conde Ferreira" entra em funcionamento (1883). É provável que, a serem investigadas, se descobrissem ligações entre o pedido social da sua existência e os fluxos migratórios em direcção à cidade...

- tem, da Idade Média ao século XIX, um incremento que a torna num importante centro religioso, habitacional, comercial, piscatório, e da manufactura. O rio é uma importante via para a economia da cidade e do Norte em geral, a saída com exclusivo mundial para a exportação do vinho do Porto - e o cais da Ribeira o seu porto. A construção naval tem também importância aí.

- a partir do final do século XIX a Ribeira decresce em importância: o caminho de ferro reduz o papel do rio como via de comunicação, e o acesso rodoviário fácil a outras zonas da cidade, nomeadamente à actual baixa ("alta" na altura), desloca para aqui o pólo das actividades. Constitui-se assim o *centro direccional* portuense - expressão funcional e não espacial, pois tende a aumentar de forma dispersa: Av. dos Aliados - Praça da Liberdade constituem um núcleo de negócios que demarca uma área prestigiada, que alastra para Gonçalo Cristóvão, Rua Santa Catarina, Sá da Bandeira, Praça D. João I, Passos Manuel, 31 de Janeiro, Praça da Batalha, Praça Almeida Garret e Rua das Flores.

- toda a zona ribeirinha é progressivamente tornada, então, zona residencial sobreocupada por gentes rurais que afluíram à cidade; a história desta zona é a partir daí a da degradação: física - da habitação e do espaço; e humana - condições miseráveis de vida (num prédio de somente quatro andares chegaram a co-habitar 36 famílias, num total de mais de duzentas pessoas...).

- na década de 60 estas condições agravam-se: há nova afluência imigrante à cidade. Armazéns desocupados, sótãos, vãos de escada, patamares, são aproveitados para habitação. Sistemas de exploração à margem dos senhorios são postos em prática: inquilinos que alugam partes da casa a outros inquilinos, naquilo que os habitantes apelidam o "sub-aluga-suga". Tudo era alugado: móveis, louças, talheres...

As características gerais desta zona, até 1975, eram as de um núcleo habitacional (quase nada habitacionável...) antigo, densamente povoado de casario e gente, com um meio físico mal conservado (casas apenas impedidas da derrocada por escoras, ruas sem luz), quase nenhum espaço livre, com condições

de vida miseráveis e infra-humanas. Uma portaria da S. E. H. U. de 11.7.75 declara "zona degradada a Área da Ribeira-Barredo".

- esta situação vem alterar-se profundamente com a revolução de abril de 74, num dos poucos exemplos efectivos em Portugal de poder popular: a organização dos habitantes em comissões de moradores, órgãos de pressão que encontraram eco no poder político dos anos seguintes à revolução. O trabalho levado a cabo pela conjunção de vontades entre moradores e autoridades tem sido apontado como uma das características principais das quais resultou o êxito inicial da operação urbana de renovação da R-B.

- assim, à reivindicação de habitação condigna e de melhoria das condições de vida respondeu o 1º Governo Constitucional com a criação do Comissariado para a Renovação Urbana da Área da Ribeira-Barredo (CRUARB). O Comissariado, órgão criado ao abrigo do dec. lei nº 315/74 de 9 de Julho que previa estruturas coodenasoras apenas dependentes do poder central para a organização local das regiões (e cujo objectivo era desbloquear a inoperância das câmaras), iniciou assim o seu trabalho.

- depois do trabalho do CRUARB, cujos primeiros anos de labor são considerados exemplares ao nível das operações urbanas de renovação de centros históricos de cidades em toda a Europa⁽⁹⁰⁾, pode dizer-se que as condições

(90) Estas operações urbanas não são no entanto assim tão pacíficas. Senão vejamos: "Segundo Castells, a operação de *renovação* insere-se na lógica do capital monopolista traduzindo-se numa terciarização do tecido urbano. Consequentemente, as operações de renovação implicam uma expulsão para a periferia das classes produtivas e das classes trabalhadoras industriais, bem como a diminuição parcial ou total do parque edificado. O agente desta operação é o poder central, reforçando a lógica do desenvolvimento urbano capitalista. Compreender a lógica do desenvolvimento urbano significa integrá-la na lógica do desenvolvimento capitalista mais geral, suas fases e assimetrias regionais.

Na *conservação integrada* fica negada a lógica do desenvolvimento urbano capitalista, porque embora pretendendo objectivos em parte coincidentes com a *reutilização*, projecta consegui-los pela reinserção no circuito económico da cidade capitalista. A *reutilização* nega a dita lógica por via da revalorização cultural e social com permanência e participação da população na recuperação do parque físico e habitacional. Nestas operações a cidade no seu todo é tida como objecto cultural. Neste sentido a *operação urbana* levada a cabo na R-B é de *conservação integrada*, mas também contém características próprias à *reutilização*. Esta dupla inspiração releva concerteza da necessidade de amenizar processos capitalistas puros, advinda do momento político a seguir à Revolução, pouco favorável à lógica economicista típica das democracias europeias "(ISCTE, 1983).

miseráveis, infra-humanas, que durante um século assentaram arraiais na R-B, estão superadas. O mesmo não se pode dizer de Miragaia e da Sé.

Hoje o esforço de renovação urbana do CRUARB centra-se sobretudo nestes bairros, a par de trabalhos pontuais noutros pontos do Centro Histórico do Porto - vasta área urbana de mais de 90 hectares que inclui o núcleo original de crescimento da cidade.

- as profundas alterações ocorridas por acção do CRUARB transformaram de novo a Ribeira em pólo de atracção: agora já não como centro nevrálgico da economia da cidade (séculos XVIII e XIX), mas sim como lugar de lazer privilegiado: o cais da Ribeira, com as "Barracas das Vendedeiras", os bares, restaurantes, lojas de artesanato, o "Ribadouro" - barco de recreio para passeios pelo Douro com restaurante a bordo -, as ruas interiores, medievais, com os pubs nocturnos com música ao vivo e tascas rústicas, e a zona arquitectonicamente fascinante do "miolo" do Barredo.

A este respeito refere um documento do CRUARB (1989): "a 'movida' nocturna que se verifica junto ao rio - consequência das obras de renovação urbana efectuadas - caracterizada pela atracção à grande quantidade de bares e restaurantes, parece teimar em não esmorecer prolongando-se por outras áreas do Centro Histórico. Enquanto as recomendações de organizações nacionais e internacionais - como o Conselho da Europa - apelam a práticas de revitalização dos centros históricos e à necessidade da reintegração dos mesmos nas respectivas cidades, observa-se aqui que, e no decurso de cerca de uma década, tais objectivos foram concretizados". Com efeito, é sobretudo na última década que se constitui no Porto aquilo que, por analogia com o fenómeno espanhol, tem sido designado por "movida": a criação dum circuito de espaços dirigidos ao lazer dos jovens por efeito da crescente individualização duma cultura juvenil cujo peso é um dos signos mais claros das transformações sociais decorrentes do processo de urbanização crescente da cidade. Esta "movida" exprime assim um estilo novo de sensibilidade juvenil na sua relação com a cidade. O jornalismo de cariz

sociológico de alguns jornais tem constituído uma das únicas fontes escritas para documentar este processo em curso.

A R-B correspondeu, na viragem para a década de 80, ao pólo mais significativo (ao início quase único...) desta "movida juvenil". Disso daremos conta na secção seguinte. Por agora, terminaremos este breve apontamento sobre a cidade do Porto dizendo que o seu desenvolvimento revela o processo de transformação em curso na sociedade portuguesa, em muito acelerado pela mudança radical no sistema político com a revolução de 74. Tal processo diz respeito à passagem duma sociedade tradicional para uma sociedade urbano-industrial, ou seja, em termos gerais, à passagem de uma sociedade relativamente isolada, com um elevado grau de integração entre os diferentes elementos do seu sistema socio-cultural (ainda que mantida por um poder centralizado e coercivo) e uma elevada adesão aos padrões culturais por parte da imensa maioria dos membros, a uma sociedade na qual se dá um processo de especialização que gera no seu seio a existência duma grande heterogeneidade social, com uma correlativa diversidade cultural. A cidade do Porto constitui um aglomerado grande, denso e heterogéneo no seio do qual se processa um conjunto de modificações da estrutura social que conferem aos residentes um modo de vida urbano, em profunda descontinuidade com os sistemas de vida montados sobre o pequeno aglomerado, a homogeneidade social e a importância da relação face-a-face⁽⁹¹⁾.

2. RIBEIRA-BARREDO CONCENTRADOR JUVENIL: UM ESPAÇO QUENTE

- NOTA SOBRE O MÉTODO -

Esta secção centra-se na Ribeira-Barredo enquanto espaço físico e enquanto lugar de afluxo do sector juvenil. Poderíamos chamá-la "o espaço e as

⁽⁹¹⁾ Aderimos aqui ao modelo da ecologia urbana derivada da Escola de Chicago. Tomamos como referência central o trabalho já clássico de Louis Wirth sobre o urbanismo como modo de vida (tratado e criticado, p.e., em Morris, 1968).

suas figuras"; fixam-se dum modo holístico as características gerais deste enclave urbano, tentando captar o seu ambiente geral. Combinam-se duas posturas opostas mas complementares: a analítica e a sintética. A forma de as realizar serviu-se essencialmente da *observação*, através de duas modalidades gerais: a *observação directa* e a *observação por fotografia*.

a) *observação directa*

Dela falámos já no cap. anterior, ponto 3.2.1.; falaremos ainda no ANEXO 1. no final do texto, no qual daremos pormenores concretos da sua realização. Remetemos, pois, para o anexo e não nos alargaremos mais agora, senão para repetir que a observação foi quer analítica (p.e. centrada num único bar, apreciando determinados aspectos bem definidos) quer sintética (p.e. percorrer em meia-hora toda a unidade do estudo, captando uma variedade de aspectos através da "atenção flutuante");

b) *observação por fotografia*

Realizou-se um levantamento detalhado da zona, com o qual constituímos o dossier FOTOLEITURA DA RIBEIRA-BARREDO; não o incluímos na íntegra neste trabalho quer devido ao seu volume, quer pela dificuldade que constituiria a impressão tipográfica de fotografias. Deixamo-lo, como tentativa de lhe remediar a ausência, apresentando no ANEXO 2. do final do texto - tanto para que se veja como se procedeu para o constituir como para que fiquem registadas as suas virtualidades de instrumento de grande valor na pesquisa de terreno.

Ainda no sentido de tentarmos concretizar o mais visualmente possível a unidade de estudo apresentamos no ANEXO 3. um mapa da zona, comentando-o com as referências necessárias para que se compreenda a organização do espaço.

Todas as referências do texto que impliquem visualizar o espaço da unidade de estudo remetem, pois, para os anexos 2. e 3.

*

*

*

Como acabámos de ver, a R-B foi alvo, a partir de 1975, duma operação de renovação urbana decidida pelo poder central em resposta à pressão exercida pelas comissões de moradores da população aí residente, constituídas no processo revolucionário do pós-25 de Abril.

Esta operação de renovação urbana implicou como medida primeira a descompressão da densidade populacional da zona, que, desde os finais do século XIX, vinha a atingir níveis incompressíveis - atingiu-se, por vezes, os 0.8 hab/m² (Williams, 1980).

Pôde então encetar-se a recuperação do espaço físico, restituindo a habitabilidade à maioria tanto das residências como dos espaços e dos locais públicos. A procura do efeito arquitectónico integrou-se no objectivo de recuperação do habitat da zona, visando finalmente a rentabilização da R-B como espaço público integrado no funcionamento do Porto (ao nível do comércio, da cultura, do recreio, do lugar para viver).

A R-B desloca-se assim, no espaço de 6-7 anos, do "ghetto" mais degradado da cidade para o lugar de lazer privilegiado. Desde então, este enclave urbano tem vindo a constituir-se como um importante lugar de afluxo de adolescentes e jovens - a R-B é um *concentrador juvenil*. Na memória colectiva fica no entanto ainda retida a imagem da zona como "perigosa", "pouco aconselhável", "a evitar".

Esta constatação, que resultou do nosso conhecimento pessoal da zona, dum conjunto de observações efectuadas e da recolha de documentos (sobretudo jornalísticos) sobre a expressão juvenil portuense, impôs-nos a necessidade de responder à questão do porquê do afluxo juvenil. Que aspectos da sensibilidade adolescente se sentem aqui gratificados? Como se articula isto com o consumo de drogas, frequente nesta zona?

A recolha de dados de observação em locais públicos diversos, mas sobretudo na esplanada daquele que designaremos por "bar c", permitiu uma análise segundo vários critérios:

- a) análise da variação da frequência da população jovem com:
 - . a hora do dia;
 - . o dia da semana;
 - . o tempo atmosférico;
- a) descrição dos tipos de jovens mais frequentes;
- c) análise da ocupação do tempo e do espaço desses jovens;
- d) análise das características do local público (variável) em que nos encontrávamos.

A conjugação de dados extraídos desta análise permite algumas constatações e sugere algumas hipóteses acerca da R-B como lugar de concentração juvenil:

. a *quantidade de sol* é uma das características consistentemente relacionada com a densidade de jovens neste espaço, que aumenta ou diminui com os respectivos aumentos ou diminuições daquela. Tem também importante influência no padrão de estimulação luminosa e da cor no conjunto urbano da R-B, bem como na temperatura atmosférica. É nos dias de grande luminosidade e de temperatura amena ou francamente quente que a R-B regista as suas frequências juvenis máximas;

. a *mobilidade* do quadro humano no espaço de rua (o vai-vem, a massa de gente em movimento) depende da característica anterior, e soma-se a ela para assinalar a R-B como um *conjunto urbano de alto teor de estimulação visual*, singular ao nível dos espaços do Porto. As posturas dos indivíduos nas esplanadas orientam-se predominantemente na direcção em que é possível otimizar a captação de estimulação. A mobilidade realiza um forte contraste com o padrão oferecido pelo rio Douro, que possui um padrão de estimulação homogéneo, em movimento lento, quase imperceptível (mas ainda de grande

luminosidade) ao mesmo tempo que proporciona um espaço aberto pouco vulgar numa cidade de malha apertada como o Porto. Apontamos deste modo para a característica seguinte:

. o *contraste* mobilidade/fixidez, agitação/tranquilidade - há um movimento constante que se oferece à percepção visual, sem que nada pareça mover-se bruscamente: desde as águas do rio às gentes nas ruas, é o conjunto que se move lentamente. Se a rua mostra um aspecto vivo e agitado ("Parece Bombaím!", comentava uma vez um indivíduo ao pé de nós ao olhar o cais da Ribeira), a observação das pessoas em particular permite constatar um fluir lento dos acontecimentos - paradoxo observável mas difícil de traduzir por palavras. O contraste tradicional/moderno é marcante: nas pessoas (os residentes do bairro e os "forasteiros", os velhos da faina comercial da beira-rio e os jovens aderentes às últimas modas urbanas), nas actividades (o comércio tradicional da tasca, da loja, da barraca de hortaliça, do mercado de rua, dos armazéns de grossista, e o comércio do restaurante de luxo, do "pub", da passagem de modelos, do grupo rock, do teatro), no espaço físico (a traça medieval e as decorações pós-modernas dos interiores dos bares "in"), no lazer (jogar à bisca na tasca, fumar um "charro" e permanecer numa esplanada a ouvir Rolling Stones ou Xutos e Pontapés);

. o *ritmo* com que o fluir dos factos aqui acontece é nitidamente diferente do do resto da cidade - p.e. os automóveis (poucos) deslocam-se a 10 ou 20 Km/h no máximo. Dir-se-ia que a pressa na Ribeira é menos urgente. Esta característica liga-se à *vivência do tempo* nos grupos juvenis que aqui acorrem, bem ilustrada no tipo de estadia que fazem nas esplanadas: não vão *lá*, vão *para lá* - habitam-nas, preenchem-nas, investem o estar ali. (Fizemos observações noutra esplanada que é concentrador juvenil - o Molhe na Foz - e constatámos uma forma de estadia nitidamente diferente);

. a *música*, o álcool (sobretudo cerveja) e o tabaco são elementos de consumo permanentes, nos espaços de lazer; o uso de haxixe, dum modo mais discreto, é também frequentemente detectável;

. os *padrões de interacção* caracterizam-se pela facilidade com que se estabelece comunicação física e verbal.

A comunicação física diz respeito, fundamentalmente, a uma territorialidade diferente da habitual (nos bares, no espaço de rua), em que o "espaço íntimo" que Hall (1966) pôs em relevo nas suas investigações proxémicas está nitidamente reduzido, sem que isso pareça ser vivido como ameaçador. A comunicação verbal é profusa. É-se frequentemente interpelado por estranhos (a pedir um cigarro, a perguntar se há "haxe", "tens dez paus?", "pagas-me um copo?"...) e por vezes esta interacção mínima dá lugar à conversa mais demorada. A comunicação física que referimos atrás e a espontaneidade no contacto verbal são aqui características predominantes da interacção.

Por sua vez os padrões de interacção, tanto ao nível da que decorre duma utilização específica dos espaços públicos como a que decorre da comunicação verbal, mostram-nos um esbatimento do espaço privado - a esplanada, o bar, a praça, são sobretudo sítios de fusão. São públicos, restauram em certo grau a relação face-a-face, reabilitam um certo sentido comunitário que tem vindo a ser perdido nos sucessivos actos de privatizações que culminaram na cidade moderna típica da sociedade urbano-industrial. Se combinarmos isto com a função variada que o espaço público preenche - interceptam-se em simultâneo o lazer, o comércio, a atracção episódica, o artesanato, por vezes a festa, a rua como lugar de socialização das crianças da zona - chegaremos a características que o identificam com as funções que desempenhava na cidade pré-industrial. A rua aqui é espaço de vida, comporta um cenário denso de interacções, uma trama intrincada de contactos, oferece-se como desfile permanente, preenche a percepção do espectador - distrai (ainda que possa às vezes ser pelo patético: as cenas de conflito e de agressividade que frequentemente presenciámos ...). A rua, aqui, ainda não pertence aos automóveis. Estes é que, em ritmo muito lento, têm de adequar-se à zona, desviando-se de galinhas e cães ou de gente que conversa no meio da rua.

A Ribeira que atrai numerosos indivíduos jovens - a Ribeira *concentrador juvenil* - é sobretudo a Ribeira das tardes de sol, com boas condições climatéricas e muita luz. O Verão é por isso a estação privilegiada. Mas também dias de Inverno em que o sol mediterrânico faz esquecer o frio e as chuvas. Nestes dias o espaço de rua é intensamente espaço de vida. Imagens raras numa cidade industrial são aqui possíveis: contam-nos da reminiscência da urbe pré-industrial que é este enclave citadino.

A R-B parece pois configurar-se como lugar de interacção "quente" alternativa à cidade "fria"⁽⁹²⁾. A procura desta dimensão de comunicação, deste restauro do espaço de rua como espaço de vida, desta reabilitação da cidade como lugar onde é estimulante estar (na acepção puramente sensorial do termo) será assim aquilo que pode contribuir para responder à nossa interrogação inicial: porque é que ela é *concentrador juvenil*?

3. CARACTERÍSTICAS DE ALGUNS DOS RELACIONAMENTOS DO SECTOR JUVENIL URBANO COM AS DROGAS: O "JUNKIE" E O "FREAK FLAUTA"⁽⁹³⁾

- NOTA SOBRE O MÉTODO -

Ver *nota sobre o método* ao início da secção anterior.

Para esta secção foi também central a *observação participante*, nomeadamente a ocorrida em grupos de jovens que designamos por "freaks flauta" (o texto a seguir desenvolverá esta etiqueta); a análise de material documental recolhido no BLITZ, no METRO e em letras da pop-rock dos grupos musicais mais significativos do Porto, tal como ficou especificado no ponto 3.2.3.

(92) Adoptamos estas designações dos trabalhos de Hall (1966, 1981), aplicamo-las também em sentido próximo do dele.

(93) "freak flauta" e "junkie" são termos da própria linguagem juvenil, e designam esteriótipos numa tipologia mais vasta que são os próprios jovens que organizam e utilizam. Sobre os significados da emergência destas tipologias ver secções 4.3. e 4.4. deste capítulo.

do cap. anterior, veio acrescentar elementos à observação, bem como constituir material de apoio confirmatório aos dados recolhidos através dela:

. semanário BLITZ: recolheu-se um jornal por mês ao longo de todo o ano de 1988, realizando sistematicamente análise de conteúdo da secção "Pregões & Declarações"; analisaram-se igualmente outros números antes e depois deste período de recolha sistemática, sempre que apresentavam material susceptível de interesse particular.

. METRO, publicação quinzenal: analisaram-se todos os exemplares ao longo de 1988.

. letras da pop-rock do Porto:

/ Rui Veloso (1980) AR DE ROCK

Rui Veloso (1982) FORA DE MODA

Rui Veloso (1983) GUARDADOR DE MARGENS

/ Taxi (1981) TAXI

Taxi (1982) CAIRO

/ Trabalhadores do Comércio (1981) TRIPS À MODA DO PORTO

/ Jafumega (1982) JAFU MEGA

Jafumega (1983) RECADOS

/ GNR (1982) INDEPENDANÇA

Cada um destes álbuns contém em média dez letras.

*

*

*

Resta a outra questão, que já transportamos em aberto desde o ponto anterior: porque atrai consumidores de drogas?

Em primeiro lugar, basta o facto de ser concentrador juvenil para reunir fortes probabilidades de ter, entre os jovens, consumidores de drogas - puramente um efeito de distribuição estatística, portanto. Mas, se analisarmos mais de perto, dar-nos-emos conta de que "os drogados" da Ribeira, como

categoria homogénea tal como é geralmente encarada pela população, não existem... Se tentarmos descrever e sistematizar o conjunto de jovens que residem ou frequentam a R-B, só o conseguiremos fazer descrevendo uma *dispersão de tipos*: no visual, nos locais preferidos, na forma como ocupam o tempo, na forma como se relacionam com um determinado espaço... Um exemplo: há espaços que acolhem um tipo de jovens predominante, p.e. jovens adultos consumidores de drogas, desocupados ou de profissões pouco qualificadas; e interseccionam-se doutros tipos que "convivem" com este: p.e. o "freak" intelectualizado, com o seu visual típico. A este tipo de espaço já não vêm p.e. jovens "convencionais" - os que, sendo do estrato medio-burgês tal como muitos dos "freaks", aderem à zona central de comportamentos, atitudes e valores dominantes na nossa sociedade. E quando vêm não interaccionam significativamente com os outros tipos, fazem uma ocupação do espaço mais convencional (p.e. os comportamentos expectados socialmente para se estar num café) e têm uma duração média de permanência curta comparados com os primeiros.

Somos, assim, confrontados com uma distribuição de *sensibilidades juvenis* observável através de *elementos expressivos*⁽⁹⁴⁾ próprios a cada uma. Por desinteressante que isto pareça, tem pelo menos o interesse de nos ensinar que "a juventude", "as necessidades dos jovens", são generalidades de pouca utilidade descritiva, pois não lhes conseguimos fazer corresponder no concreto nenhuma categoria unívoca...

Um dos *elementos expressivos* típicos de algumas - e só algumas - sensibilidades juvenis é um determinado uso de drogas. Este uso obedece a um regime, cumpre fins e exprime intencionalidades que não são sobreponíveis a outro tipo de uso - p.e. o "freak" intelectualizado, cultor de artesanato e fumador de haxixe e erva tem poucos ou nenhuns contactos com o "junkie" de drogas duras, que faz do pequeno tráfico e do expediente a sua estratégia de existência,

(94) Damos desenvolvimento a esta noção na PARTE A, CAP. II, 3.3.2. ao referirmos os trabalhos de Brake (1985) e Hall (citado por Romani, 1985).

que eventualmente já passou pelo circuito penal e que transformou o seu regime de vida numa constante obsessão em volta de seringas, pós, xutos, "flashes". Lamentavelmente, o discurso dominante generaliza ou infere "o drogado" a partir da imagem do "junkie", cria uma categoria abstrata que não respeita a diversidade do fenómeno - as drogas figuradas não são fiéis às figuras das drogas... O "problema da droga na juventude" é uma generalidade ameaçadora e mitificante que encobre o facto real: a existência de *diferentes relacionamentos do sector juvenil com as drogas*.

O "freak" e o "junkie" são dois destes relacionamentos dominantes na R-B. Nos "freaks" as drogas estão sobretudo associadas ao lazer e ao prazer, são usufruto do tempo livre, são um dos elementos que nele conformam um estilo de vida. O seu consumo não é compulsivo, é contemplativo - ajuda a criar sintonia com um ambiente, com uma forma de estar num lugar, ajuda a habitar a tarde ou a noite e a olhar o rio e as gentes que passam no cais da Ribeira. Nos "junkies" as drogas estão no centro: da sua dependência física e psíquica, da sua subsistência através do pequeno tráfico. O seu dia organiza-se em função delas, os seus contactos sociais ocorrem por causa delas, a pretexto delas, o tema das suas conversas acaba por desembocar nelas...

Este relacionamento com drogas tipificado pelo "junkie" não é específico da Ribeira, nem sequer é tão central aqui como noutras zonas da cidade. É, dum modo geral, de todas as zonas em que as condições socio-económicas desfavorecidas possam incentivar economias subterrâneas como as do pequeno tráfico, é de todas as zonas com largo número de jovens que abandonaram cedo a escola, que não têm qualificações profissionais competitivas, há longo tempo desocupados. É nos bairros periféricos desfavorecidos, é na juventude "ghettizada", com escassos recursos culturais e educativos, que as drogas duras têm encontrado terreno favorável para a sua expansão.

Esta constatação, que resulta dos dados de observação sobre quem são os indivíduos que se envolvem com as drogas duras e dos relatos das histórias de

vida⁽⁹⁵⁾, mas também da análise das notícias de imprensa sobre os protagonistas de actos delinquentes relacionados com a angariação de dinheiro para as drogas e sobre o tráfico, é-nos amplamente confirmado por trabalhos como os de Olievenstein (1983) ou Romani e Funes (1985). Estes últimos autores descrevem a expansão, em toda a área metropolitana de Barcelona, daquilo que denominam as "toxicomanias de miséria", ligadas "à profunda e precoce marginalização e conflito".

Também um estudo de Luísa Maria Raposo, do Centro de Estudos da Profilaxia da Droga, divulgado pela imprensa (p.e. revista Saúde e Lar nº 195 de Janeiro de 89), apoia as nossas constatações: o estudo diz respeito a 351 sentenças proferidas em tribunais portugueses durante 1986, envolvendo 445 réus com processos relacionados com drogas. O estrato socio-profissional mais representado nestes réus é o que o estudo designa por "operariado" (21,8% dos traficantes, 35,2% dos traficantes-consumidores, 17,8% dos consumidores), sobretudo os que trabalham na construção civil, que representam 59,1% do "operariado"; o grupo que inclui os "desempregados" e "sem profissão" também se evidencia (10,7% dos traficantes, 13,6% dos traficantes - consumidores e 10,7% dos consumidores).

No entanto o fenómeno "junkie" não deve ser associado apenas às "toxicomanias de miséria" - é mais lato, ocorre em diversos meios sociais e tipos de habitat. É possível, dentro do tipo genérico "junkie" que diz respeito a uma relação exclusivista com drogas duras, estabelecer subtipologias específicas (Cf. Romani e Funes, 1985). Apontamos, sim, é a tendência desta figura a expandir-se através do tipo de habitat e de categorias socio-profissionais descritos atrás.

Regressando ainda ao tipo "freak", ele é um herdeiro do "hippie" - há uma continuidade dum tipo a outro tanto em elementos constituintes do visual como no sistema de padrões de comportamentos e atitudes, tanto no culto da pop-rock (no "freak" predominantemente o rock progressivo) como no tipo de

(95) Dizia-nos um dos nossos biografados que esta era a "onda Chernobyl" protagonizada pelos "kamikase kids" - esta linguagem bem expressiva contém as metáforas da intoxicação (núvem nuclear de Chernobyl) e do comportamento auto-destrutivo (a conduta celebrizada pelos pilotos japoneses "kamikase").

relacionamento com drogas. Tem, no entanto, hibridações com outras formas de expressão juvenis, o que corresponde a uma diluição do tipo "hippie", originalmente um subgrupo pequeno e bem delimitado, estendendo-se agora a um muito maior número de jovens. Hibridações frequentes deram-se com a juventude ligada aos meios artísticos, dos teatros experimentais e dos ciclos de cinema e de alguma música popular portuguesa, e também com a que se ligava, na segunda metade dos anos 70, ao activismo ecologista e mesmo a algum militantismo partidário. Nasce assim o chamado, em gíria, "freak flauta", que tem o seu auge entre 76 e o início dos anos 80 e hoje está francamente em decréscimo, dando lugar a sensibilidades juvenis derivadas das múltiplas ramificações grupusculares pós-punk⁽⁹⁶⁾.

Deste modo, tal como o "junkie" também o "freak" não é uma categoria unívoca, desdobrando-se em subtipos largamente dependentes da época em que surgem e do meio social de origem. Tem extensões em meios sociais populares e francamente desfavorecidos: Rui Veloso/ Carlos Tê fizeram entrar para o imaginário colectivo o Chico Fininho, "Freak da Cantareira" fã de Lou Reed (um "junkie" famoso no sector juvenil, autor de "Heroin"), "curtindo uma trip d'heroína (...) conhece os flipados todos de gingeira". Jovem duma subcultura marginal (bem revelada no léxico) com elementos "freak" e "junkie" hibridados - é o "freak" suburbano.

O "freak flauta" utiliza as drogas leves com funções simbólicas ligadas à afirmação duma diferença, dum distanciamento em relação aos valores da sociedade convencional. A droga associa-se a outros elementos expressivos com função idêntica - a ostentação dum visual alternativo ao dominante, o culto do artesanato e do biodegradável como denúncia do consumismo poluente, o culto da natureza como regresso a uma comunicação perdida e as ideias de simplicidade que implicam uma certa ascese pessoal, a atitude contemplativa

(96) Não queremos dizer com o "pós-punk" que tenha havido o "punk português", mas sim que alguns sectores da juventude reflectem sensibilidades que, na cultura juvenil anglo-saxónica, se manifestaram depois do movimento "punk" e como derivações "soft" deste.

como recusa da pressa e da superficialidade urbanas. Estes elementos, em conjunto, definem - recorreremos de novo à linguagem de gíria desta subcultura - uma postura "cool" perante a existência e uma atitude negativista perante o sistema produtivo de massa e o tipo de objectivos e de relações pessoais que promove. A droga faz parte desta constelação de elementos, é facilitadora do contemplativo, da postura "cool", é instrumento para um estado de consciência alternativo que permita e cultive o alheamento do sistema de valores e das exigências da sociedade dominante.

Regressemos agora à questão com que abrimos esta secção - porque atrai a R-B consumidores de drogas? A questão deve agora ser precisada: porque atrai ela *alguns tipos* de consumidores de drogas? - com efeito, os dados da observação demonstram predominantes o "freak" e o "junkie". A presença do "junkie" liga-se provavelmente à tendência apontada por vários estudos para a sua expansão: a manutenção duma economia subterrânea centrada no pequeno tráfico de rua e organizada em torno de indivíduos de categorias socio-profissionais desfavorecidos ou sem profissão, desempregados de longa data ou trabalhadores itinerantes. A R-B é um bairro que, se no seu interior não tem hoje problemas muito graves de "ghettização", tem relação funcional com bairros limítrofes com tais características, onde o "junkie" prolifera muito mais do que na Ribeira (p.e. bairros da zona da Pasteleira, Miragaia, e Sé)⁽⁹⁷⁾. A própria configuração espacial da R-B com inúmeros locais "abrigados" e guardados das vistas públicas, e o facto de ser concentrador juvenil oferecem atractivos para a actividade traficante-consumidora "junkie" - repetimos que nem mesmo assim é aqui comparável, em intensidade, à doutros bairros (confirmamo-la tanto por dados de observação como por testemunhos de informantes privilegiados).

E a presença "freak"? Vejamos: não é a R-B um espaço que convoca o tradicional? - na sua história particular, no seu testemunho arquitectónico, na

(97) P.e. o bairro do Aleixo, hoje com graves carências e problemas sociais, tem na sua população uma importante quantidade de indivíduos deslocados da R-B aquando da operação CRUARB e que continuam, obviamente, com ligações ao bairro de origem.

sua malha urbana, mas também na restauração de características de vida que a cidade industrial aniquilou (p.e. a reabilitação do espaço de rua como espaço polifuncional de vida). Constitui-se assim como espaço que contribui para a diversificação da cidade, característica fundamental para que esta se adapte à heterogeneidade dos indivíduos e dos grupos e possibilite a diferença.

Mas, para além de convocar o tradicional, faz convergir também o moderno: exactamente os dois pólos entre os quais se desloca o Porto no seu direccionamento para uma cidade de características típicas das sociedades urbano-industriais. É como se a R-B sintetizasse uma equação presente no discurso colectivo: o antigo e o moderno, o típico e o inovador, o "como dantes" e o "da moda". A R-B é ao mesmo tempo "retro" e "in" - para citar termos da gíria juvenil. Esta equação está também presente no "freak cool": procura a fuga ao intensamente urbano (daí as típicas férias à boleia em aldeias perdidas, daí a valorização das comunidades do interior rural) mas não sobrevive sem ele - é urbanizado nos seus hábitos de consumo (que curiosamente denega com frequência) e no produto cultural juvenil mais genuinamente urbano: o rock. Organiza o seu estilo de vida em função de signos urbanos que rejeita - de qualquer modo é uma organização em função da cidade...

Ainda uma outra constatação relativamente à presença do "freak" na R-B: há coincidência entre características ambientais deste espaço (rever secção 2.) e características do vivido fenomenológico do consumidor de drogas⁽⁹⁸⁾. Vimos, com efeito, atrás que a gratificação dos sentidos e uma vivência específica do tempo traduzida num ritmo particular eram favorecidas pelas características ambientais da R-B. Ora, tanto a gratificação sensorial "em directo" como um regime do tempo particular são atingidos pelo uso de psicoactivos. Eles permitem a paragem do tempo, a sua lentificação - um ritmo "cool" - associados a uma vigília sensorial muito amplificada, com hipersensibilidade a sons habitualmente insignificantes, com descoberta de novas facetas nos sons habituais, com

(98) Remetemos para Olievenstein e Bracconier (1985) para uma descrição clássica do vivido fenomenológico do consumidor de drogas.

sinestésias, "flashes" acústico/visuais (p.e. a escutar música), com hipersensibilidade a configurações ricas visualmente (daí a importância do cenário de luzes psicadélicas nos concertos rock); permitem também a extensão subjectiva do tempo, que favorece a postura contemplativa, o usufruto dum lazer que não seja feito do mesmo ritmo da pressa quotidiana.

4. ELEMENTOS PARA UMA SUBCULTURA DA "GANZA"⁽⁹⁹⁾

- NOTA SOBRE O MÉTODO

Para além das técnicas assinaladas nas *notas sobre o método* das secções anteriores, utilizaram-se ainda dados das histórias de vida realizadas. Pormenorizaremos esta utilização das histórias de vida na *nota sobre o método* da secção 5., em que são a técnica quase exclusiva para a produção de resultados, e também no ANEXO 5.

. ponto 4.3.: nos resultados referidos neste ponto acerca dos visuais juvenis, utilizámos a variação do nosso próprio visual para estudar o seu efeito nas solicitações verbais relacionadas com drogas que nos faziam: passeávamos uma mesma zona em dias diferentes, uma vez com um visual convencional e outras com um consonante com um certo esteriótipo de consumidores de drogas: o "freak".

. ponto 4.4.: utilizou-se material proveniente das histórias de vida e da análise de documentos dos jornais BLITZ e METRO, mas sobretudo analisaram-se os dados decorrentes duma primeira aplicação do instrumento de listagem de preferências musicais e de associações música-drogas que referimos no CAP. II, 3.2.4. Consideramos no entanto ainda esta primeira aplicação como pré-teste para averiguar da adequação do instrumento aos nossos objectivos - adiantaremos por

(99) O termo "ganza" circula na gíria das drogas designando várias coisas: normalmente a droga leve do tipo da cannabis, mas também qualquer droga genericamente; e designa o estado induzido por uma droga qualquer ("estou c'uma ganza"), bem como qualifica um sujeito que habitualmente consome "ganza" - é um "ganzado". Escolhemo-lo precisamente devido à sua polissemia e à sua centralidade na linguagem de gíria na unidade em que decorreu o estudo.

isso indicadores que relacionaremos com as hipóteses iniciais e não resultados finais. O ANEXO 4. dá conta do material recolhido com este instrumento.

4.1. A droga como tema nos bares e esplanadas

"Prefiro a erva e o haxixe à heroína. Com eles abro a fantasia, encontro um eu que desconheço... Nesse aspecto a cocaína deve ser o máximo. A heroína... só meti cinco ou seis vezes... dá uma onda muito tranquila. Lá, não atino muito (...) Injectada bate mais e gasta-se menos quantidade... acho que injectada é que dá."

Excerto de observação, R-B, Abril de 87

Falámos já atrás da facilidade com que se estabelece comunicação física (uma territorialidade específica) e verbal nos bares e no espaço de rua da R-B - uma interacção extensa caracteriza este espaço.

Nesta interacção está frequentemente presente o tema das drogas.

Dum modo geral, o modo como elas são faladas diverge profundamente do modo como são faladas pela cultura dominante. A título de exercício ilustrativo do que afirmamos, compare-se o excerto da observação citado atrás com a linguagem habitual dos discursos médico-psico-pedagógicos em torno da necessidade de dominar o fenómeno, ou a do discurso dos *mass media* em torno da sua perigosidade...

Tentaremos resumir nas alíneas que se seguem a expressão da vivência quotidiana das drogas a partir do modo como estão presentes na interacção no espaço da R-B. Levantaremos também algumas hipóteses a partir daí.

Como impressão geral, destacaremos o facto de elas aparecerem, nas relações quotidianas, muito menos dramáticas e "vertiginosas" do que a imagem

que delas constrói o discurso dominante. Dir-se-ia que as drogas vividas são frequentemente uma experiência natural e menos constrangedora do que o "problema social da epidemia das drogas" do discurso dos especialistas e dos vários agentes sociais⁽¹⁰⁰⁾

a) *expecta-se a fácil presença delas*. A abordagem a desconhecidos, com a facilidade e a naturalidade com que se processa, é disso exemplo:

"Vocês têm mortalhas?"

"Não tens nada prá cabeça?"

"Não tens nada pra paiar?"

Obviamente, a própria característica do léxico utilizado fala da subculturalidade do fenómeno: é necessária uma aculturação prévia nesta "cultura da ganza" para a sua descodificação.

b) *discute-se, no grupo de consumidores, como apenas mais um entre outros temas*. Surge, no fluxo duma conversação em curso, em pé de igualdade (no tom com que se discute, na emocionalidade que põe em jogo) com, por exemplo, o tema do desporto, o tema da poluição dos rios, o tema da pop-rock, do fado comparado com a música dos Xutos & Pontapés... (reportamo-nos a temas que efectivamente ocorreram durante as observações).

Esta banalização do seu falar parece demonstrar a integração que o tema tem no quotidiano do utilizador de psicotrópicos, integração que o faz emergir dum modo natural e espontâneo no fluir de outras vivências da sua existência.

A este respeito há uma profunda diferença, tanto quanto os dados que possuímos nos deixam entrever, na forma como o tema droga é falado nas circunstâncias atrás descritas ou noutro tipo de circunstâncias: as da sua nomeação pelo indivíduo com experiência toxicodependente intensa.

Neste último caso, facilmente o tema droga se converte no centro da conversa, submetendo ao seu registo todas as outras tentativas de temas que

(100) Efeito em grande parte daquilo que é dado ver: os técnicos veem sobretudo, nos contextos institucionais, os "casos graves".

despontem, servindo-se deles como pretexto para mais um episódio dos meandros da dependência.

Surge-nos, de há um tempo para cá, como muito verosímil a hipótese de que a forma como as drogas são faladas no grupo (ou mesmo no encontro a dois) é bom indicador deste tipo de relacionamento marcado pelo envolvimento absorvente e exclusivista (típico do "junkie"). Dito doutro modo: o tema droga como tema entre temas, por um lado, e o tema droga como nuclear, por outro, sinaliza dois relacionamentos diferentes entre sujeitos e psicotrópicos. O tema droga como nuclear testemunha um envolvimento emocional-afetivo importante com o produto usado, envolvimento que se sobrepõe às demais experiências quotidianas. Curiosamente, a presença do tema como nuclear dá-se tanto na fase da "lua-de-mel" com o produto - fase em que o referente básico é o prazer -, como na fase a seguir a uma ruptura deliberada com ele - e o referente é então a vitória pessoal, a análise das sensações de viver "sem ela", o recordar, com sentido crítico, as experiências passadas "com ela"... -, como, ainda, numa fase de recomeço de consumo a seguir a "ter largado as drogas".

c) *"Fala-se toda"*, mesmo entre sujeitos desconhecidos. Exemplifique-se transcrevendo uma conversa numa das esplanadas da R-B em que dialogamos com E., consumidor de praticamente toda a gama de drogas há 6-7 anos, e em que circunstancialmente travaremos conhecimento com outro indivíduo, o C.F., que apenas conhece o E. de vista e que a mim me é completamente estranho. Basta um "olá" entre ele e o E. para haver pretexto de se sentar na nossa mesa. E não demora sequer cinco minutos que a conversa esteja neste ponto:

"- Não tens uma pedrinha, meu? - pergunta o E.

- Não.

- Não se arranja mesmo nada?

- É difícil de arranjar agora haxixe. 'Tá mais fácil arranjar pó. A judite anda muito em cima, os putos daqui vivem desse tráfico e se um é apanhado "bufa" tudo - responde o C.F.

- Já, anda mau...

- *Há pouca coisa a circular. Mas pra fumar alguma coisinha ainda se arranja. Pra fazer um charrito.*
A conversa, dum modo natural, desenvolve-se no tema das drogas. Quais as que se gosta mais, quais as que se gosta menos...
- *Já experimentei várias vezes heroína. Mas não compensa. Vicia mesmo. Não chutei. Só fumei. Também já meti coca misturada com haxixe. Gosto da cocaína, mas dá muita angústia a seguir. Não causa dependência física mas dá muita angústia a seguir. - diz o C.F.*
A discussão instala-se à roda do assunto heroína - cocaína. Qual faz pior? Concorde-se em que é a heroína.
- *Eu sou viciado em haxixe. - diz o C.F.*
- *Mas isso não vicia!*
- *Por isso mesmo. Sou viciado numa coisa que posso parar quando quero. É a grande forma dum gajo não se viciar em drogas. Não tenho tendência pra me viciar, já experimentei de tudo, já estive em sítios onde era facilímo ter heroína quase de borla (fala nas suas viagens ao Afeganistão, ao Irão...). Também fumei ópio.*
Mas não tenho tendência para aquilo."(101)

A ausência de desconfiança, revelada na forma como o tema droga é falado explicitamente, tem-nos aparecido com regularidade, na pesquisa de terreno nos bares e esplanadas da R-B. Fala-se a droga, e "fala-se toda". Debate-se o tema, trocam-se *experiências e informações*, estando presente tacitamente que os conteúdos de tais mensagens não fazem perigar a segurança individual.

. trocam-se *experiências*: refiro-me ao exprimir as sensações pessoais com este produto ou com aquele. Confrontam-se a vivência individual com a cocaína,

(101) Um pormenor curioso: a meio deste diálogo (é diálogo, pois que eu pouco intervenho) o E. diz ao C.F.:

- Tem piada, isto interessa aqui a este, que é psicólogo, dá aulas ali em Psicologia e estuda comportamentos desviantes.

O C.F. não dá qualquer sinal exterior de se preocupar com isso, parece nem ter reparado: não altera a expressão facial, a postura, não altera o ritmo e o tema do que dizia... Ficamos com a sensação que faz tábua rasa do psicólogo. Talvez convenha acrescentar que o psicólogo apresentava um visual em consonância com o do C.F., pormenor que reveste grande importância numa pesquisa de terreno. A provar a indiferença que o indivíduo sentiu está o facto de nessa mesma noite passar ao E., na minha presença, um papel que embrulha uma mistura de erva e haxixe, convidar-nos para jantar... e ficará a reconhecer-me e a conversar amigavelmente comigo nas vezes seguintes em que o tenho encontrado na R-B.

por exemplo, com a vivência que dela tem o interlocutor. Fala-se o contacto com a droga com a espontaneidade e a emocionalidade próprias a temas com importante significado na vida do sujeito, mas não necessariamente com a dimensão da actividade como corolário. É, com efeito, frequente que a evocação destas experiências contenha uma carga positiva para o sujeito, sendo veiculada como importante ao nível da sua experiência de vida.

A droga enquanto problema (para a saúde, para a inserção social) não é frequentemente evocada - o principal problema apontado aparece como a necessidade de ocultar o consumo, para poder manter um determinado estatuto social.

. trocam-se *informações*: sobre os graus de perigosidade - por exemplo, compara-se a heroína com o haxixe, os "drunfos" com a cocaína, o álcool com...; trocam-se informações sobre a qualidade do "afegão" (haxixe do Afeganistão, que está para os cannabicos como o Bordeaux para os vinhos); trocam-se informações sobre a distribuição de heroína, sobre o vanguardismo dos serviços sanitários na Holanda... Reflecte-se nas consequências que isso teria em Portugal...

Se reunirmos as alíneas anteriores, juntando a especificidade do léxico corrente dos consumidores, a facilidade com que é nomeado e debatido o tema e o tipo de atitude (a sua aceitação positiva na experiência pessoal, a sua integração como tema natural entre outros temas), constataremos que o fenómeno da droga releva dum espaço experiencial e valorativo que o coloca para lá do limiar aceite pela cultura dominante. As drogas, assim expressas na comunicação, são eixos dum *espaço de subculturalidade* - no acto de falar-se falam-nos dos actos pelos quais se tornam elemento expressivo importante em certos sectores da juventude.

Este espaço de subculturalidade, revelado a partir dos temas das conversas, não é, porém, apenas um espaço que se situe no plano semântico. Revela-se também a partir doutros planos, que desenvolveremos a seguir.

4.2. O paradoxo espacial das drogas: omnipresença e disseminação ínfima

Quando falamos em *espaço de subculturalidade*, não o fazemos só em sentido figurado, mas também no próprio sentido denotativo que a palavra "espaço" tem: a expressão verbal das drogas só aparece "falando-se toda", sem medo do estigma, porque são as condições do próprio espaço em que se diz que o permitem. *Espaço da esplanada*. (entenda-se, de certas esplanadas, aquelas que identificámos como propícias para os objectivos da investigação), ele próprio detentor dum simbolismo, território delimitador duma zona de segurança. Quem co-habita das normas do estar nele é concerteza "de confiança" - sustentaremos esta hipótese, que resume (ou melhor, complica ...) a hipótese implícita que cada interlocutor tece para si quando fala ao outro - que às vezes mal conhece - da sua relação com drogas ilícitas.

A expressão verbal das vivências relacionadas com drogas revela-nos, afinal, a sintonia que os seus actores têm com um determinado espaço da cidade. O *espaço urbano* pode, pois, ser em si elemento da cultura dominante ou *elemento subcultural*. Na R-B cruzam-se ambos os elementos; sem se misturarem, exibem um certo grau de coexistência (os indivíduos da cultura dominante "pressentem" aí existências diferentes das suas, os indivíduos da subcultura da "ganza" toleram os forasteiros da cultura dominante, manifestando uma grande passividade perante as suas presenças).

Diríamos, pois, haver uma *disseminação ínfima* do fenómeno droga (*onde se fala, com quem se fala*): a *disseminação* confere-lhe uma espécie de omnipresença; mas omnipresença *ínfima*, no sentido em que é intersticial, no sentido em que ocorre discretamente, recorrendo a elementos duma subcultura da "ganza" cuja função é ocultarem-no dos olhares do cidadão médio. A disseminação ínfima realiza assim um paradoxo: ocultando as drogas, torna-as omnipresentes (fisicamente ou no discurso). Ou melhor: consegue mantê-las presentes trazendo-as ocultas.

Poderíamos concretizar o *carácter intersticial* da presença das drogas, dividindo-o em *interstícios de espaço e de tempo*.

. *de espaço*: sabe-se que as drogas estão na rua. É um dado adquirido. Mas onde estão? Como se operacionaliza esta sensação do senso-comum?

A dificuldade em operacionalizar "o lugar concreto" das drogas resulta da natureza dos interstícios de espaço: ocorrem bruscamente numa esquina, num bar, a partir dum pequeno gesto, dum olhar... Há esquinas certas, sem dúvida - mas prontamente se diluem, "limpando" a rua num minuto... O indivíduo que "fazia a esquina" (o *dealer* que aí traficava) estará já então dentro de momentos noutro local, imprevisível para um indivíduo exterior à subcultura da "ganza", mas identificável para os sujeitos que nela se movem - identificável a partir de itinerários mais ou menos conhecidos, da topografia dos "poisos", ou a partir de pequenas perguntas do tipo "viste o X...?", "o X passou com o Z?", que ocorrem quase como senhas que abrem a possibilidade de informações precisas. "Ver o X..." é um interstício de espaço. O cidadão médio não vê nunca um sujeito que procura haxixe ou heroína a encontrar-se com X..., embora possa estar bastante perto - só que não está apto a identificar o interstício de lugar. Pertencer à subcultura da "ganza" é ter uma relação directa com a toponímia dos cafés e dos snacks, é dominar a topografia de certas zonas da cidade, das suas esquinas, das rotas entre os pontos de encontro - é, enfim, saber ler a disseminação ínfima da "ganza" pelos interstícios da cidade⁽¹⁰²⁾.

. *de tempo* : dizem respeito à percepção que os indivíduos da subcultura da "ganza" têm relativamente às oportunidades que se lhes deparam para encontrar quem lhes arranje drogas, ou para encontrar quem queira partilhar a que têm; dizem respeito à eficiência de conseguirem o "timing" para o encontro. Este tempo é também intersticial: acontece às vezes no encontro fortuito, não

(102) "Da Cantareira à baixa, da baixa à Cantareira, conhece os flipados todos de gingeira(...) Fareja a judite a cada esquina" - o "freak" Chico Fininho, personagem fictício de Rui Veloso/Carlos Tê, dá-nos um bom exemplo do indivíduo que domina os interstícios de espaço da sua zona urbana de acção. Isto permite-lhe não só os contactos necessários (com os "flipados") como a protecção necessária (pressente a judiciária...). Eis uma bela metáfora daquilo que nós próprios encontramos com grande frequência durante as observações.

premeditado, na rua, no café, no bar. Outras vezes acontece com mais premeditação, sabendo os horários e os ritmos diários de certos "dealers", conhecendo a probabilidade de acertar com a altura em que há algum produto psicotrópico que se possa conseguir...

Juntemos agora os interstícios de tempo e os de lugar, traçando apontamentos sobre a sua importância na subcultura da "ganza" e depois levantando hipóteses a explorar futuramente.

Estar regularmente em contacto com as drogas e os seus actores é desenvolver aptidões de leitura dos interstícios de tempo e de espaço. Estas aptidões permitem a eficiência da participação na subcultura da "ganza", facilitam o êxito de comportamentos necessários nela - p.e. o encontro para a aquisição do produto, o encontro para trabalhar o produto ("enrolar o charro", "fazer a sopinha" de heroína...), o encontro para "curtir" (a dimensão hedonística, sem a qual se tornaria difícil explicar o porquê de tanto empenho nos comportamentos anteriores...)⁽¹⁰³⁾.

Quem dominar os interstícios de tempo (que afinal pautam uma organização específica do tempo diário baseada na disponibilização para ocorrências mais ou menos imprevistas, e portanto na pouca estruturação fixa a longo prazo) e os interstícios de espaço, conhecendo as disseminações ínfimas, tem um acesso às drogas muito mais eficaz do que um indivíduo que não domine estas dimensões - é neste sentido que dizemos que as drogas podem ser omnipresentes: depende da capacidade que se tem de adequação à sua disseminação intersticial e ínfima.

Estas constatações permitem-nos levantar hipóteses, a testar com mais recolha de dados:

. a marcação dos ritmos diários da cultura dominante (largamente dependente de marcadores domésticos e laborais) e a relação pouco intensa e

(103) Verificamos curiosamente que se esquece esta dimensão quando se fala de drogas: elas são delito, são perigo, são destruição, são sintoma de várias coisas disfuncionais na psique e na sociedade. A pergunta seguinte deveria ser: e porque se correm então tantos riscos consumindo-as?

fugidia do cidadão médio com a cidade e a rua parecem não se coadunar muito bem com o consumidor regular de drogas. Pelos *interstícios de tempo* organiza o quotidiano dum modo peculiar, que foge largamente aos marcadores da cultura dominante - o seu ritmo é desviante, neste sentido; e pode ser vivida como violenta a submissão aos marcadores familiares e laborais que por vezes se verifica. Há, parece-nos, a vivência duma tensão profunda ao tentar coordenar-se o ritmo temporal da cultura dominante com o ritmo temporal da subcultura da "ganza". Pelos *interstícios de espaço*, investe certos lugares do espaço urbano conferindo-lhes o valor territorial duma matriz ecológica que só ele (a sua subcultura) sabe ler (é por isso que o cidadão médio não "vê" os "drogados": olhando os planos lisos da cidade, escapa-lhe o interstício, ainda quando a fenda se abre perto de si...).

Cabe aqui uma curta reflexão sobre a nossa experiência de investigação no terreno: a cegueira relativamente aos interstícios de tempo e de espaço é o que caracteriza as primeiras incursões do investigador pela unidade de estudo. Por isso, quando acompanhado por um intermediário da subcultura psicotrópica, fica atónito com a sua perspicácia, com a sua certeza nos percursos que vão direitos ao "alvo" - ali onde nós agora mesmo não víamos nada que pudesse indiciar...-, com a eficácia da sua comunicação: dir-se-ia que fareja o produto, desdobra-se em encontros, quase todos fugidios e que dão a impressão de ser exercidos em meias-palavras; meias-palavras é o que fica para o observador novato - a droga, o essencial da mensagem, é quase sempre dita com as outras meias... Há uma grande economia da palavra - mas há, parece haver, frases certas, intensamente significantes, concentradas, eficazes. Fluem numa rede de encontros e cumplicidades que nos fez representar, passado pouco tempo, o enclave urbano da R-B como um espaço de encontros, denso mas também progressivamente familiar⁽¹⁰⁴⁾

(104) Gostava de deixar claro que falo aqui duma desviância "intersticial". Não pretendo negar a outra, a de evidência imediata, a que corresponde melhor aos esteriótipos do "marginal" e que, pela sua exibição mais ou menos aberta, os confirma e reforça. Esta é a desviância de extremo, e aqui falo sobretudo da de interstício, que tem também uma centralidade quotidiana mas que se expressa com discrição e manifestando-se por disseminação ínfima.

4.3. Sistemas de leitura óptica: os visuais juvenis, ou o corpo como emissor de sinais

Há ainda um outro espaço do qual vamos dar apontamento: *o espaço do corpo*. O corpo como lugar de projecção de sensibilidades específicas, sinalizadas através de elementos do traje, do penteado, do tipo e da disposição de adornos e decorações; o corpo, afinal, como lugar emissor de sinais.

Falaremos brevemente dos visuais juvenis - um tema que não diz apenas respeito aos jovens que o exibem mas também ao tecido social que sobre eles fala. Com efeito, constituem até o elemento que mais se presta à construção dum esteriótipo (p.e. o visual "do drogado", com a sua face magra e os cabelos compridos e as jeans coçadas, o visual do "adolescente violento" com a cabeça rapada e as botas da tropa e as pulseiras de espinhos...). Subscrevemos Obalk, Soral e Pasche (1984) quando dizem que "neste início dos anos 80 torna-se muito na moda falar de moda; contemplar como um espectáculo os diferentes 'looks' da juventude (...). De facto, a grande imprensa limita-se frequentemente ao estudo comparado dos 'grupúsculos marginais': skas, mods, punks ou skin-heads". Por sob estes esteriótipos, qual é a importância de que se reveste a ostentação dum visual? Avançaremos algumas direcções de resposta e algumas hipóteses a partir tanto da observação de terreno como das histórias de vida e da análise do jornal BLITZ.

- AS SENSIBILIDADES JUVENIS -

Em primeiro lugar, julgamos o tema irreduzível à mera questão da moda, se esta for entendida no sentido estrito de sucessão fugaz de estéticas superficiais mais ou menos impostas pelo marketing têxtil⁽¹⁰⁵⁾. Pelo contrário, o cultivo de

(105) Considerações àcerca da economia de mercado e da sua exploração do mundo juvenil enquanto novo espaço de lucro explicam de certo modo o interesse por determinadas modas. Mas não explicam por si só a *forma* de cada uma delas (p.e. a diferença entre a moda "freak" e a "punk" - não explicam as cambiantes duma *sensibilidade juvenil*).

determinados visuais aparece como um dos signos mais constantes e espectaculares da juventude ocidental desde a segunda metade do século e integra-se, enquanto elemento expressivo, numa série doutros elementos expressivos que ganham coerência subcultural quando vistos no conjunto e postos em relação. Comportamentos, objectos, lugares, formas de lazer, slogans sintetizadores de movimentos generacionais, consumo de determinados produtos culturais, confirmam uma constelação de expressões em que o visual, um determinado visual consoante a época ou a subcultura, se integra coerentemente. Quando falamos em *sensibilidades juvenis* estamos a designar esta constelação de elementos diversos que desenham um quadro próprio a cada movimento juvenil de cada época e mesmo ao conjunto da juventude em geral. Preferimos assim este termo ao de *moda*⁽¹⁰⁶⁾. Subscreveremos Obalk, Soral e Pasche (1984) quando avisam que o seu estudo não deveria concluir por generalidades àcerca da juventude de hoje. "A moda não está na fachada mas no facto de que uma massa de jovens fixa no mesmo momento a mesma fachada, quer dizer, escuta num mesmo momento tal ou tal música, veste-se de tal ou tal maneira, depende de tal ou tal ideia, etc.". E faz tal ou tal uso de determinada(s) droga(s) - acrescentamos nós.

- AS SEMIOLOGIAS SUBCULTURAIS JUVENIS -

Uma primeira constatação fundamental é a de que uma relação directa, ou leitura imediata, do visual ao comportamento tem fortes probabilidades de errar. Esta constatação acaba por ser evidente à luz da constelação de expressões que referimos atrás - é esta que pode ser prognosticante, e não um elemento isolado em si. Aqui, como se vê, o hábito não faz o monge... (Verificamos no entanto como o senso comum normalmente faz esta associação, agindo em função de esteriótipos). Os sinais emitidos pelo visual - que permitem um

(106) Para o desenvolvimento da sucessão das características das modas no sector juvenil, das suas funções e dos factores na sua génese, ver o excelente ensaio de Obalk, Soral e Pasche (1984).

primeiro nível de descodificação a que chamaremos *leitura óptica* - são apenas uma das componentes duma semiologia mais complexa, que engloba o plano léxico (ver ponto 4.1.), a postura e o contexto que os enquadra. O que significa que não se pode exhibir determinada postura nem se pode exprimir segundo determinado léxico em qualquer momento ou lugar - voltamos aos interstícios de tempo e de espaço. (P.e. é incongruente uma postura "cool" - termo de gíria para significar repouso, relaxamento e atitudes contemplativas - num "punk" que tenha ido parar a um bar onde se fazem festas "metálicas" - da corrente "heavy-metal").

A estética dos visuais juvenis não pode pois ser lida remetendo-a para o plano de mero exibicionismo, é antes um elemento expressivo integrante de determinadas sensibilidades. Estas não são meramente individuais - ainda que haja um modo pessoal de apropriar um visual - mas generacionais, no sentido em que se situam num contexto temporal muito localizado e numa série de indivíduos distribuídos segundo um segmento etário mais ou menos fixo, com laços de pertença conferidos pela partilha duma mesma sensibilidade. Estamos de acordo com Obalk, Soral e Pasche (1984) quando afirmam que "todas estas modas são antes de tudo para os jovens o fruto duma estratégia mais ou menos consciente para se demarcarem dos pais, do irmão mais velho, dos camaradas de classe, das outras modas, etc." - é este o sentido generacional das sensibilidades juvenis, que nos parece ser uma das suas principais funcionalidades⁽¹⁰⁷⁾.

Os visuais, enquanto elementos duma semiologia das subculturas juvenis, são verdadeiros códigos que permitem leituras através dos sinais do corpo. São, pois, dotados dum *valor comunicacional*; cumprem funções muito para lá do "exibicionismo", do "choque" ou da " vaidade". O corpo pode, apenas por si só, ser elemento da cultura dominante ou elemento subcultural.

(107) "Há quinze ou vinte anos um jovem tornava-se hippie por reacção contra os seus pais, enquanto que, desde o fim dos anos 70, a aceleração dos movimentos de moda torna-se tal que as gerações de jovens não duram mais que um ou dois anos, de tal modo que a tradicional reacção contra os pais tende a desaparecer perante a necessidade eminente de se demarcar dos mais velhos, por mais novos que estes sejam" (Obalk, Soral e Pasche, 1984).

O que esta leitura de elementos significantes - combinação de signos dotados de funcionalidade dentro do mesmo microcosmos social que é a cultura juvenil - tem de vantajoso para lá do significado generacional, é o ser prognosticador das interacções seguintes. Permite movimentos de aproximação ou de evitamento (embora com uma margem de erro razoável, própria, como sabemos, a toda a comunicação analógica nas nossas sociedades assentes na comunicação digital). Permite a percepção de se estar perante alguém com uma mundivivência comum; ou, pelo contrário, de se estar perante alguém cuja sinalização óptica através do visual prognostica a vantagem de manter distância social.

- CATEGORIZAÇÕES POR LEITURA ÓPTICA -

A descodificação de sinais a partir do código constituído pelo visual dum indivíduo é pois um processo de comunicação não-verbal. Teremos de nos debruçar sobre as características da comunicação nas sociedades urbanas para lançar uma hipótese verosímil àcerca da importância que os visuais juvenis têm assumido. Recorremos, para isso, às asserções já clássicas da Escola de Chicago sobre os processos da ecologia social do espaço urbano; Louis Wirth (in Morris, 1968) estabelece uma relação inversa de proximidade entre o contacto físico e o social: "os contactos físicos na cidade são estreitos; a maioria dos contactos sociais é superficial". Isto, segundo Wirth, conduz a que as pessoas se categorizem e conduzam em função de símbolos visíveis, "tais como os uniformes e os bens materiais".

O contacto físico estreito, aliado à multiplicação dos encontros e da sua brevidade (que é uma consequência da multiplicação...), transformam os momentos do quotidiano numa série de segmentos curtos mas sintéticos, fugazes mas intensos. Comunicar mensagens sem ocupar muito tempo torna-se uma estratégia adaptativa. As estratégias de categorização social e generacional respondem a esta pressão se se veiculam através de sinais que transmitam

informação sinteticamente. Os processos físicos - ópticos, por exemplo - mais do que os processos cognitivos - o mostrar-se psicologicamente, o expôr-se emocionalmente, o descrever-se através das peripécias da vida - dão essa resposta⁽¹⁰⁸⁾. Estes últimos processos não estão de acordo com a economia das relações sociais da urbe. Ela implica mecanismos de arrumação rápida da profunda heterogeneidade dos actores - heterogeneidade que é precisamente uma das características estruturais do espaço social das cidades do tipo industrial. Eis-nos chegados a uma das principais funções dos visuais: permitem a *categorização* rápida dos indivíduos. No seu limite, constroem uma classificação que se cristaliza em esteriótipos, cujo reconhecimento é realizado por leitura óptica. A categorização é um modo de gestão das relações, ora criando distância ora criando proximidade social. Responde a exigências postas pelo tipo de interacção no contexto urbano: a dum contacto físico proximal, mas célere e fugidio - ninguém tem tempo para se deter a radioscopar psicologicamente o outro, daí o valor dos indícios. É algo que não é eficaz na esfera pública (implica inclusivé riscos: na cidade ensina-se às crianças que "não se fala com estranhos" e que "mantenham os olhos abertos" - incitação aos comportamentos de leitura óptica) e só mantém pertinência na esfera privada. É a identificação do *ser* a partir do *ver* (visual) e do *ter* (extensões materiais do Eu: os objectos que se ostenta exprimem estilos, estatutos...). É-se não pelo que se é, mas pelo que se exhibe - ser-se não se diz, mostra-se. O relato é substituído pelo aparato. Enfim, é-se objecto como condição para se ser sujeito.

Até ao advento dos visuais juvenis, em ascensão no mundo ocidental desde os anos 50 e mais espectacularmente nos anos 60, o visual ligava-se à ostentação da posição social e da categoria profissional. Ainda hoje, parcialmente, assim é. O que acontece de novo com a eclosão dos visuais juvenis é que são

(108) Os processos físicos de comunicação são altamente utilizados nos espaços urbanos, tanto os auditivos (mensagens gravadas, megafones, slogans) como sobretudo os visuais (graffitis, cartazes, panfletos, instruções escritas nos objectos...).

transversais a esta divisão assente na classe social ou na pertença profissional, constituindo-se como elemento englobante duma totalidade que se exprime no conceito de subcultura e que se expressa numa quantidade de jovens ligados por uma identidade generacional - uma sensibilidade juvenil. Os visuais fazem parte de conjuntos de significações, são talvez o seu lado mais espectacular e o único que se dá como imediato à esfera pública, mas só adquirem significado comunicacional porque integram matrizes simbólicas que situam e confirmam grupalmente o indivíduo.

Proporemos, a esta luz, a nossa própria definição de *subculturas juvenis*: são associações particulares, configurações datadas, destes conjuntos de significações. Os elementos expressivos particulares duma subcultura, sejam visuais, sonoros ou comportamentais (e normalmente são uma combinação dos três), são instrumentos para a auto-imagem de quem nela participa e para o processo de categorização social (diferenciação/segregação das diferentes sensibilidades do tecido social e da organização generacional).

Eis porque o visual no sector juvenil urbano é tão importante, eis porque é um signo de urbanidade. É de esperar que quanto mais se agudiza o carácter urbano duma cidade (ou de qualquer aglomerado), mais condições se criam para a ostentação e diferenciação dos visuais. E isto porque aumenta em extremo a diversidade/heterogeneidade sociais, o que implica otimizar em tempo e eficácia os processos de categorização. O visual, seja o mais linear e historicamente longínquo que separa as classes sociais, as "classes laboriosas" e as "classes perigosas", seja o mais transversal e historicamente recente que organiza o sector juvenil e complica o conceito de geração, é um processo de *autorregulação ecológica da cidade* (109).

(109) Trata-se, com a categorização, de arrumar o caos de tanta gente num sítio só, que é o que de mais evidente acontece numa cidade das sociedades urbano-industriais. Mantém-se assim um equilíbrio ecológico: áreas relativamente homogêneas que simulam o processo primário de relação e fortalecem os laços de identidade, intimidade e coesão. Notar como a homogeneidade social e a unidade cultural das áreas rurais não desenvolveram processos semelhantes de categorização (o único dissemelhante está identificado por natureza: o forasteiro), havendo homogeneidade dos visuais e relativa intolerância a visuais desviantes.

Já o dissemos: nos sistemas urbanos o contacto social é fugidio, rápido, transitório. Adaptou-se-lhe então um modo de reconhecimento e categorização instantâneos, que dispensa o recurso à linguagem falada e portanto a implicação em relações pessoais íntimas, que além de menos económicas aumentariam o risco do contacto interpessoal entre indivíduos que não se encontram ligados por relações emocionais de qualquer espécie.

* *

*

Em síntese: falar no consumo de drogas no sector juvenil num dado contexto não se reduziu a um discurso sobre as próprias drogas. Pelo contrário, exigiu ir ao encontro da expressão quotidiana da vida nesse espaço, identificando progressivamente elementos duma organização subcultural que enquadrava o consumo de drogas. Esta *subcultura da "ganza"* revela-se não apenas no *plano comportamental* estrito - as condutas de procura, de consumo e de vivência dos efeitos das drogas - mas também nos *planos semântico, espacial e óptico*.

Viver uma subcultura das drogas é também transportá-las para temas que trazem à luz uma experiência e uma valorização dos psicotrópicos inteiramente diferentes das veiculadas pela cultura dominante. O simbolismo com que são vividos torna-as experiência de fuga à lógica e aos valores sociais centrais, e isto dum modo não relacionado em linha directa com o seu efeito. Perceber os usos de drogas implica ainda desvendar as relações dos indivíduos com um dado espaço - há, assim, um espaço subcultural que exige uma aprendizagem específica, distinta da do espaço cultural dominante. Tal como implica integrar os interstícios de espaço com as mensagens expressas num léxico "da ganza" e com leituras ópticas. Estes elementos constituem *gestalts*, no sentido em que são conjuntos indecomponíveis em elementos discretos. Participar duma subcultura da "ganza" é ter a possibilidade de aprender a manejar estas *gestalts*.

4.4. Rock e drogas

Uma das funções dos visuais explorada no ponto anterior foi a da pertença: a uma geração, ou a um dos vários grupos juvenis coexistentes numa mesma geração. Verificámos que a reclamação da pertença a um grupo é feita associando uma dada estética visual com as preferências musicais que definiriam o grupo - normalmente o nome por que o grupo se auto-denomina contém na sua conotação imediata um visual e uma atmosfera musical. O cultivo da imagem dos líderes musicais ou das bandas rock associa precisamente um dado carisma do visual com uma dada atmosfera musical. Desenvolvemos já estas ideias e levantámos hipóteses de acordo com elas no capítulo anterior, quando falámos da importância da música rock para o nosso objecto de estudo (ver CAP. II, 3.2.4.).

Levantámos, p.e., a hipótese da exemplaridade de certas figuras da pop-rock no imaginário ao nível da forma como veiculam atitudes e comportamentos. Vemos a hipótese reforçada na sua probabilidade de ser verdadeira sobretudo através de dois factos revelados pela análise dos dados:

. a demarcação que os elementos pertencentes a um subgrupo juvenil (sejam p.e. os aderentes ao movimento "heavy-metal", ou "metálicos") fazem em relação aos outros subgrupos processa-se através da desvalorização do visual dos outros (p.e. "são uns betos todos penteadinhos", referindo-se aos "surfistas", grupo rival) e desvalorizando a música que preferem, seguida da exaltação dos seus grupos musicais carismáticos ("Curtam mas é Iron Maden", "Os Whitesnake são os maiores", "Judas Priest forever") e do seu visual.

. nas listas "música" e "música-drogas" recolhidas, os indivíduos com uma experiência significativa de consumo de drogas identificam mais correctamente e em maior quantidade os músicos ligados às drogas do que o grupo de não consumidores (estes por vezes não identificam nenhum para além dos Rolling Stones, que são um "cliché" das drogas na opinião pública); mas,

talves mais importante, estabelecem categorias ou tipos de ligações com as drogas, discriminando uma série de pormenores que indicam um amplo conhecimento do universo cultural da pop-rock e do papel das drogas nos seus actores. Recorrem com frequência a comentários espontâneos - e houve casos em que nos "deram lições" do tema música-drogas, enchendo-as de circunstâncias biográficas dos líderes carismáticos de certas bandas que eles, por vários motivos, ligavam aos psicotrópicos.

A música e os visuais aparecem assim como *signos de pertença subgrupal*, como *sinalizadores duma identidade* e como elementos de demarcação em relação a outros subgrupos. Parece haver, na insistência com que se afirmam estes marcadores de pertença, um processo de afirmação de identidade que se realiza por demarcação dos outros grupos de iguais através da rejeição liminar dos signos subculturais que eles ostentam. A linguagem utilizada é também frequentemente agonística, afirmando uma *territorialidade* através, p.e., da crença na superior implantação do seu subgrupo e seus signos estéticos - esta territorialidade liga-se por vezes a um espaço físico (certos bares e pubs do espaço urbano que são concentradores dum dado sub-grupo), mas têm sobretudo marcadores simbólicos: a música e o visual. A referência à droga pode também aparecer como marcador, nos subgrupos em que também ela é signo de pertença ou de identidade grupal.

Deter-nos-emos agora mais de perto sobre o tema das drogas relacionando-o com a pop-rock, regressando às hipóteses que levantámos em 3.2.4..

Tínhamos então constado a associação frequente entre ambas: nos concertos rock, nas reuniões privadas de convívio em que realizámos observação participante... Confirmámo-la ainda através da análise histórica das correntes pop-rock e dos seus principais protagonistas. Colocámos a hipótese de, em certas faixas do sector juvenil, ser a música, tal como a droga, um elemento expressivo integrador duma subcultura - fariam parte dum estilo de vida aderente a valores que permaneceram duma cultura psicadélica que teve o rock e um uso de drogas

específico como centrais. Se a hipótese fosse verdadeira, deveria ocorrer nesses indivíduos um conhecimento do universo da pop-rock e seus actores e da presença das drogas nele superior ao dos sujeitos exteriores a esta subcultura e não consumidores de drogas, bem como deveria ocorrer um padrão de gosto musical diferente.

Fizemos então a aplicação da lista indicada no capítulo anterior nos dois grupos de indivíduos; apresentaremos de momento, não resultados finais, mas indicadores relativos a uma primeira análise - consideramos esta primeira aplicação ainda uma fase de pré-teste para testar sobretudo a adequação do instrumento à hipótese (ver ANEXO 4.). Sem nos determos em análises da diferenciação por sexos ou por segmentos de idade dentro do sector juvenil - coisa que deixaremos para fase posterior de aplicação do instrumento e de análise dos resultados - daremos sobretudo conta de algumas diferenças entre as duas divisões fundamentais que interessa considerar: os consumidores de drogas e os não-consumidores.

. LISTA "MÚSICA": o grupo dos consumidores apresenta em média mais grupos ou figuras musicais do que o dos não consumidores; apresenta também com maior frequência grupos ou figuras menos conhecidas do grande público: apresenta na sua maioria preferências apenas dentro da área da pop-rock, enquanto o grupo de não consumidores apresenta maioritariamente preferências distribuídas por várias áreas musicais (p.e. música ligeira, música brasileira, jazz, rock) - chamámos a isto o *índice miscelânea*, que é uma das diferenças mais constantes entre os dois grupos: o dos consumidores normalmente não o exhibe.

. LISTA "MÚSICA-DROGAS": os consumidores apresentam maior número de grupos ou figuras indicadas como associadas às drogas do que o grupo de não-consumidores; nunca responde "não sei", resposta que aparece com alguma frequência nos não consumidores; faz associações para além das que são já "clichés" culturais, ao invés dos não consumidores, que dão sobretudo este tipo de resposta (o "cliché" mais frequente e quase exclusivo é "Rolling Stones").

Mas uma diferença significativa entre os dois grupos prende-se com aspectos qualitativos ligados à situação criada com o pedido de elaboração das listas, e ao aspecto final das listas (ou seja, com o que elas nos dizem para além duma mera enunciação de nomes, que é o único pedido explícito): enquanto no grupo de não consumidores há simplesmente uma obediência às instruções que lhe são dadas, no grupo dos consumidores a elaboração das listas é por vezes apenas um pretexto para encetarem uma descrição do universo da pop rock, com aspectos biográficos peculiares dos seus actores, das peripécias que alguns tiveram com as drogas... Remetemos para o ANEXO 4., onde cremos que esta diferença qualitativa entre os dois tipos de listas fica bem ilustrada. Nas listas aí apresentadas pertencentes a consumidores, parece estarmos em presença dum folheto da cultura "underground"!

Interpretamos as diferenças obtidas nas listas entre os dois grupos no sentido da confirmação daquilo a que chamámos atrás a *hipótese subcultural*. Há, no grupo dos consumidores, um maior conhecimento do universo artístico da música rock; há também um maior envolvimento, revelado nos aspectos qualitativos das listas e em aspectos particulares da situação em que foram recolhidas; e há um padrão de preferência musical mais homogéneo, revelado pela ausência do *índice miscelânea* e pela inclinação por figuras e grupos musicais que chamaremos do rock "filão puro": aqueles que não se afastam da semiologia nuclear da música rock e que se constituem como os seus principais expoentes; existe igualmente um conhecimento superior da presença das drogas, presença que no caso de alguns músicos marcantes do movimento rock foi mesmo letal. Eis-nos perante outro facto curioso revelado pelas listas: a galeria de figuras vítimas de "overdose" é sempre nomeada pelo grupo de consumidores, ao mesmo tempo que, através de comentários e evocação de memórias dessas figuras, é manifestado um afecto positivo, por vezes mesmo admiração e idolatria. (Um dos indivíduos, ao listar figuras e grupos relacionados com drogas, indica nos cinco primeiros lugares mortos de "overdose" e só depois passa aos vivos!).

A partir destas constatações julgamos possível reforçar a *hipótese subcultural* e precisar mais a ideia lançada atrás sobre a exemplaridade de certas biografias, convertendo-a também em hipótese a testar com investigação posterior (é, talvez melhor, uma das ramificações da *hipótese subcultural*): certos actores centrais da cena rock poderiam actuar como autênticas *figuras de modelagem* de comportamentos e atitudes, bem como desempenhar um papel de desculpabilizadores de condutas fortemente reprovadas socialmente⁽¹¹⁰⁾. Levantamos ainda a hipótese de haver um padrão de resposta às listas que seja indicador, senão de consumo de drogas, pelo menos duma atitude mais liberal perante elas e menos marcada pela fantasia da sua perigosidade do que se verifica no discurso da cultura dominante. O investimento afectivo em figuras musicais ligadas às drogas - ou melhor, a valorização duma subcultura em que a estética artística é uma estética psicadélica - pode explicar largamente esta atitude em relação às drogas. A redução da dissonância cognitiva gerada por atitudes de sinal inverso em relação ao músico e ao seu comportamento no campo do consumo de drogas, poderia pelo menos em parte relacionar-se com a adopção de tal posicionamento; ao mesmo tempo, a verificação, através do conhecimento da biografia de tais personagens, de efeitos e consequências das drogas diversos dos que são veiculados pela cultura dominante, poderia também fornecer uma importante prova reforçadora desse posicionamento⁽¹¹¹⁾.

(110) É, parece-nos, esta a hipótese latente na campanha televisiva recente que pretendia prevenir o consumo de drogas convidando a afirmar "Diga Não à Dependência". Colocava líderes rock nacionais a produzir mensagens de aviso sobre os perigos das drogas utilizando o potencial que estes personagens têm para provocar condutas e atitudes. Só que a modelagem procurada é neste caso a inversa da que referimos. Certamente que algum "double bind" se terá produzido nos nossos jovens, ao verem mensagens daquelas proferidas por tão subaculturados protagonistas, heróis da saga dos concertos rock, em que o ambiente não costuma ser propício a dizer não à dependência. Notemos que dois dos grupos intervenientes nesta campanha, os XUTOS E PONTAPÉS e os GNR, foram com alguma frequência associados pelos nossos sujeitos às drogas - independentemente, como é óbvio, da verdade que haja nisso, o certo é que respiram uma imagem que produz tal associação...

(111) Mesmo as clássicas mortes por "overdose" dos míticos Jimmy Hendrix, Brian Jones, Janis Joplin ou Jim Morrison (os mais citados nas listas) não parecem conduzir a uma leitura directa da perigosidade inquestionável das drogas. Com efeito, as "overdoses" aparecem nestes músicos ligadas (ou percebidas como tal pelos sujeitos) ao desenlace extremo duma posição radical e coerente perante o "establishment" - a subcultura psicadélica fornece sentidos de leitura positivos para a "overdose", próximos do sacrifício romântico por ideais, ou do desespero transformado em posição existencial de grande carga rebelde (no caso especialmente de Jim Morrison) e portanto elevada ao estatuto de conduta heróica.

Em síntese, interpretamos os indicadores extraídos da análise dos dados respeitantes às ligações entre rock e drogas como susceptíveis de sustentar a hipótese segundo a qual tanto esse tipo de música como o uso de drogas seriam elementos expressivos duma subcultura juvenil. Esta subcultura define assim um dos *relacionamentos possíveis com drogas* no sector juvenil urbano, marcado pela inclusão das drogas num sistema mais vasto ligado a estilos de vida herdados, à distância e em diferido, do psicadelismo anglo-saxónico. As drogas vêm deste modo associadas a significações que lhes conferem um sentido e uma instrumentalidade - a nossa *hipótese subcultural* encontra assim apoio empírico, permitindo reafirmar o *enquadramento subcultural* (cf. cap. anterior) como um dos vários enquadramentos em que deve ser equacionado o fenómeno droga.

Queremos salientar no entanto que a identificação deste tipo de relacionamento não pretende fornecer a leitura do fenómeno droga; fornece sim elementos para a compreensão de uma das suas manifestações, constituinte dum mosaico que conforma a materialidade complexa do objecto droga. Mesmo se nos centrarmos só sobre este aspecto será ainda assim necessário, com investigação posterior, detalhar a extensão e os contornos deste tipo de relacionamento. Alguns dados poderão ser avançados desde já:

. uma primeira análise das listas faz pensar que os indivíduos integrantes desta subcultura são de várias pertenças socio-económicas e profissionais. Reafirmamos a verosimilhança da hipótese da transversalidade das subculturas juvenis relativamente às categorias sociológicas clássicas, que nos parece constituir um dos aspectos mais desconcertantes do fenómeno dos movimentos juvenis relativamente à lógica tradicional com que se conceptualiza a organização do tecido social⁽¹¹²⁾. A hipótese desta transversalidade tem sido sugerida por vários autores (cf. PARTE A, CAP. II, 3.3.2.) e constatada pontualmente no nosso trabalho de investigação.

(112) Fornece também alguma luz sobre a rápida expansão inicial das drogas desde uma camada mais favorecida (que as "importou dos seus contactos directos com a cultura anglo-saxónica) para os jovens de praticamente todos os estratos sociais, expansão que se mostrou "indiferente" às primeiras tentativas dos especialistas para a balizar através das variáveis sociológicas clássicas. Na secção seguinte desenvolvemos este tema.

. esta subcultura parece ter tido papel importante na forma particular de expansão das drogas no sector juvenil. Com efeito, se tentarmos estabelecer uma *trajectória do fenómeno droga em Portugal*, verificamos que os "históricos", que viveram praticamente desde o início as suas vicissitudes, têm uma importante ligação a esta subcultura, manifestam profundas evocações dos valores da cultura psicadélica anglo-saxónica e reconstituem o fio diacrónico do fenómeno de acordo com esta direcção. Dedicaremos a secção seguinte precisamente a este tema.

5. UMA TRAJECTÓRIA DO FENÓMENO: DA "GANZA EM CÍRCULOS RESTRITOS" AO "JUNKIE" DOS ANOS 80

- NOTA SOBRE O MÉTODO -

A técnica fundamental sobre que assentam os dados desta secção é o estabelecimento de histórias de vida. Das características e da aplicação da técnica, bem como do modo de seleccionar os sujeitos que interessam ao nosso objectivo, falámos já no capítulo anterior, ponto 3.2.2. - chamámos-lhes aí os "históricos", justificando tal etiqueta e situando o interesse que revestiam as suas biografias.

Acrescentaremos agora que, para a análise de conteúdo do material das histórias de vida, procedemos à adaptação duma grelha utilizada em anteriores trabalhos do Centro de Psicologia do Comportamento Desviante. Partimos assim de algumas categorias fixas e fomos criando outras que se foram revelando necessárias - o produto final é uma grelha de análise de conteúdo que reproduzimos no ANEXO 5.

Consideramos que a adaptação desta grelha e a verificação da sua operatividade através do exercício da sua utilização constitui um dos resultados práticos da aposta na técnica das histórias de vida, até pela possibilidade da sua

utilização futura nas investigações do Centro de Psicologia do Comportamento Desviante.

Optámos por uma *análise de conteúdo categorial temática qualitativa* (cf. Bardin, 1979). Das diferentes modalidades técnicas à disposição esta é a que, de acordo com a literatura sobre análise de conteúdo, se encontra mais indicada para:

. *a fase da investigação*, que é ainda de abertura de vias e alargamento de hipóteses;

. *o tipo de material*, produto de entrevistas não-directivas dotadas, cada uma delas, da sua unicidade.

A opção por uma análise do conteúdo qualitativa prende-se, para além destas razões, com as linhas gerais que guiam a nossa investigação, já desenvolvidas no cap. anterior.

Na apresentação dos resultados não incluimos todas as inferências susceptíveis de formalizar a partir da grelha de análise de conteúdo, mas apenas as que foi possível efectuar em relação ao objectivo de estabelecer uma trajectória do fenómeno droga. O material das histórias de vida foi assim explorado num dos itinerários possíveis, constituindo um "stock" de informação disponível para outros itinerários, de acordo com o argumento teórico a desenvolver.

* *
*
* *

Um primeiro interesse em estabelecer uma trajectória do fenómeno droga a partir da reconstituição feita por quem a viveu prende-se com a possibilidade de dar voz activa àqueles que menos têm sido ouvidos na proliferação actual dos discursos sobre a droga. Com efeito, apenas se lhes pede a palavra para a converter no sintoma (clínica das toxicomanias), no caracterizador e indicador de tendências (epidemiologia do consumo de drogas) - dum modo geral para a traduzir nalguma das vertentes medico-psico-pedagogico-jurídicas. São elas que, transformando o fenómeno em objecto de discurso e cruzamento de práticas (aquilo a que chamámos a sua materialidade histórico-social, cujo efeito

secundário é opacificar o objecto), o tornam entidade reduzida a esteriótipos e, assim representado, presta-se a operações de manipulação (a que já fizemos referência na PARTE A, CAP. III, 1.3.).

Trata-se então agora de registarmos a diacronia do fenómeno em causa a partir do ponto de vista dos seus actores, para que possamos sobrepôr uma outra versão dos acontecimentos àquela que é habitualmente aceite como a evolução do "problema da droga". entre nós. No limite a nossa ambição seria fazer participar tal versão do campo de elementos que pontuam a materialidade histórico-social das drogas - para que a sua presença, provocadora de tensão nas imagens culturais dominantes, pudesse instalar outras direcções de debate e portanto novas aberturas em tais imagens culturais.

Um segundo interesse em estabelecer a trajectória do fenómeno, verificado *a posteriori* como resultado da tarefa, consistiu no facto de se ter tornado nítida a mobilidade das suas manifestações, traduzida na dispersão dos relacionamentos do sector juvenil com os psicoactivos através do tempo e das diferentes pertenças grupais. Esta mobilidade, a nosso ver, deve alertar para a ineficácia das tentativas de caracterização da toxicodependência enquanto entidade homogénea, pois que tal entidade assim arrumada num contorno único não existe⁽¹¹³⁾. Os usos de drogas neste sector etário (e social) não se submetem a um padrão simples, antes apelam para uma heterogeneidade de abordagens no que toca aos factores indutores do consumo, ao seu papel funcional, ao seu significado, às suas consequências. O grupo juvenil é por sua vez uma dispersão de subgrupos que distribuem uma variedade de sensibilidades próprias. O conjunto dos relacionamentos referidos constitui uma tipologia, que, aliada à

(113) Estamos afinal a dizer doutro modo aquilo que foram as conclusões da PARTE A - o percurso que fizemos pelas diferentes teorias explicativas demonstrou o fracasso em captar a toxicodependência enquanto entidade homogénea, redutível a um único sistema caracterizador e explicativo. Agora, a partir dos dados da investigação, confirmamo-lo por outra via. Já depois de termos redigido a PARTE A tomámos contacto com uma obra recente cuja tese é justamente a demonstração da veracidade deste ponto de vista, através da análise do percurso histórico-social da entidade "toxicomania". O seu título é já em si revelador: L'INCONSISTANCE DE LA TOXICOMANIE; e o primeiro parágrafo quando se abre o livro diz o seguinte: "Este pequeno livro propõe-se reforçar uma tese que, se não é nova, é muito pouco sustentada porque escandalosa, dada a carga emocional que envolve o fenómeno do consumo de drogas: a toxicomania não existe" (Delrieu, 1988).

emergência dos tipos, nos permite traçar a trajectória do fenómeno em Portugal. Salientaremos no entanto a expressão esbatida da sua manifestação, se comparada à amplitude e exuberância da que envolveu nos países mais industrializados. De facto, uma parte considerável da população juvenil não participa de nenhum subgrupo adolescente de características subculturais urbanas; o controle do meio familiar sobre o jovem e factores culturais ligados à manutenção de hábitos e comportamentos próprios duma sociedade ainda largamente tradicional são apontados pelos "históricos" como impedimentos às generalizações de padrões/valores/atitudes tipicamente anglo-saxónicos.

Esta tipologia tem também um carácter comprimido no tempo. Será sobretudo depois do 25 de Abril que uma tipologia juvenil se esboça e é referenciável pela opinião pública. Daqui decorre uma compressão temporal na sucessão dos tipos, que faz coexistir sensibilidades em linha directa do antigo movimento hippie (1965 - 70 nos EUA) com sensibilidades hibridadas com a nossa cultura - p.e. o militante de esquerda, ecologista, fumador de erva e amador de música popular portuguesa de intervenção - ou com sensibilidades inspiradas mais ou menos no "punk" britânico e ramificações decorrentes.

Esboçaremos dum modo muito sintético alguns elementos, ainda dispersos, que falem duma diacronia do fenómeno droga entre nós, com o correr paralelo dos tipos juvenis. Só um maior número de dados, principalmente os obtidos com histórias de vida dos "históricos", permitirá traçar um contorno seguro à trajectória.

A - ANTES DO 25 DE ABRIL DE 1974

Os "históricos" começam os seus primeiros contactos com drogas ilegais no final dos anos 60, quando tinham entre 15 e 20 anos, numa altura em que a droga ainda não constitui uma referência colectiva nem um "problema social". Estes contactos efectuem-se em ambientes restritos (casas de amigos, festas particulares...); os participantes destas reuniões apresentam em comum

referências culturais da estética pop então florescente nos países desenvolvidos do Ocidente, muitas vezes adquirida no contacto directo nos próprios países; quando o contacto não era directo, havia pelo menos uma atracção pelos valores juvenis anglo-saxónicos veiculada através dos relatos daqueles que lá iam (em férias, p.e.), através do consumo de discos rock dos principais grupos da altura trazidos da origem em mão por eles, e através de alguns (raros) programas radiofónicos pioneiros nas notícias musicais e factuais da estética pop. A preocupação em estar a par dos ambientes "in" do estrangeiro era notória: os indivíduos destes círculos restritos que iam a Londres visitavam os clubes musicais da capital, os que iam a Amsterdão participavam dentro do possível na ambiência "hippie" da Praça Dam, meca europeia da subcultura mais marcante dos "sixties". No regresso, traziam as notícias, as aventuras, as sugestões e às vezes o ensaio e a exibição dum novo visual (o "hippie-freak" das jeans, sandálias e cabelos escorridos e longos ou frisados, armados e longos também) e, não raro, algumas drogas. Começam assim "desbundas particulares" (linguagem dos próprios) em festas de acesso restrito, mas onde uma solidariedade juvenil em torno dum estilo de vida diferente começa a forjar-se. As drogas começam a circular como o elemento mais expressivo da diferença desses encontros, sobretudo as substâncias alucinogéneas e a cannabis⁽¹¹⁴⁾. Ao início são recebidas com surpresa pelos participantes, muitas vezes com expectativas fantasistas relativamente às consequências da ingestão - as drogas eram um potencial virgem, fonte de descobertas, possibilidade de transgressão, veículo para o assumir duma posição juvenil que se autopercepcionava como diferente. O LSD era a novidade que chegava "lá de fora" normalmente por mão de algum dos "amigos do grupo" - amigos que nem sempre se conheciam muito bem: nas "desbundas" as pessoas iam aparecendo sem importar muito donde vinham. Era necessário, apenas, sintonizar o ambiente, participar dum estilo.

(114) Assinale-se que, quantitativamente, a principal droga nestas "desbundas" era o clássico álcool...

Os *círculos restritos* relatados pelos "históricos" são pois os pioneiros na ostentação de três elementos expressivos fundamentais duma primeira subcultura da "ganza":

- . visuais marcadamente diferentes dos da maioria da juventude;
- . culto dos grupos rock
- . consumo de drogas, essencialmente cannabis e LSD, vivido com uma significação que, utilizando a linguagem dum "histórico", diremos de "droga-rebelião".

Havia uma certa autoconsciência de nessas reuniões restritas se praticarem actos (formas de convívio, comportamentos específicos como "meter drogas") e se cultivarem estéticas (musicais, de dança, do visual) reprovadas pelos adultos. Para estes, o referente longínquo e difuso dos "teddy-boys" assimilava estes jovens a notícias de "frivolidade" e "perdição"...

Será em 1971 que começam a aparecer os primeiros cartazes antidroga: a campanha "droga-loucura-morte". Não parece corresponder, no entanto, a um pedido de protecção do corpo social, que não podia ainda na altura aperceber claramente aquilo que se passava em grupos bastante restritos de jovens⁽¹¹⁵⁾.

Enfim, sintetizaremos brevemente o período antes da revolução de Abril recorrendo às próprias frases dos "históricos": "Já havia trip antes do 25. Só que ainda não éramos referenciados, não havia imagem pública do drogado"; "Havia uns tipos que iam a Londres buscar uns ácidos. Não havia era ainda comércio popularizado, comércio de rua. Eram coisas muito situadas"; "Mas a droga nessas festas eram principalmente as bebedeiras. Iam aqueles conjuntos, aquilo naquela altura já era ligado à música. Aparecia p'raí então um gajo estrangeiro que trazia

(115) Erigiu-se, como já referimos noutra local, em estratégia de poder visando encenar o fantasma dum fenómeno de desordem que viesse trazer a necessidade de congregação em torno dos ideais do regime com vista à sua erradicação - a união familiar, os valores tradicionais portugueses, estavam ameaçados por esta desviância. Tornada bode expiatório, fez-se responsável de todos os acontecimentos que na altura ameaçavam o poder. A congregação que evocou permitiu a legitimação da repressão contra tudo o que relevasse da desordem: greves, movimentações estudantis, rebelião contra a guerra colonial, reivindicação de democracia. (Cf. a análise desta campanha em C. da Agra, 1980).

uma coisa esquisita que era LSD, aquilo era estranho, havia um gajo que estava p'raí três dias em LSD, isso era um bocado mito, um gajo não sabia lá muito bem como é que eram as coisas. Isto nas tais festas. Mas isto era uma sociedade perfeitamente fechada, os 'meninos-bem'; sobre a droga-rebelião: "Achava isto tão cinzento, tão chato, a solução era toda a gente tomar ácido"; "Houve uma certa altura da minha vida que pensava que era importante ter ácido nos depósitos da cidade. É claro que hoje já não penso assim".

B - DEPOIS DO 25 DE ABRIL DE 1974

Imediatamente a seguir à revolução e até inícios de 76 as drogas não aparecem no horizonte das preocupações de primeiro plano; este é o lapso de tempo em que se dá um regresso maciço dos ex-colonos a Portugal. Os "históricos" salientam este facto como ligado à facilidade com que começaram a circular o haxixe e a erva, trazidos por alguns colonos em quantidades apreciáveis e utilizados com franca naturalidade - as drogas parecem sofrer aqui o primeiro momento de banalização, quotidianizando-se em alguns grupos. Diz-nos um deles que "é uma altura muito achacada... Muito achacada! Fiz então grandes desbundas com drogas. (...) Toma lá tu e toma lá tu e eu também tenho. E a gente tinha esse material e fumava e divertia-se com aquilo. Dava pra todos".

No entanto, apesar desta vulgarização sobretudo da cannabis, nem por isso o corpo social se dá conta no imediato do que sucede em certos ambientes juvenis - a atenção encontra-se nessa altura virada para os acontecimentos políticos escaldantes vividos pelos portugueses. Mesmo em relação aos ex-colonos não se trata de saber se alguns trazem drogas ou que hábitos têm em relação a elas, mas de saber como vai o país suportar este acréscimo de mão-de-obra e o problema dos desalojados.

Mas, em 1976, o poder político monta a segunda campanha anti-droga, ainda nitidamente desajustada à extensão real do consumo de psicoactivos. "A

droga", entidade algo abstrata e pouco concretizável (todos a dizem, poucos a vêem⁽¹¹⁶⁾) aparece como uma ameaça que infiltra a sociedade e destrói os jovens. Os "históricos" recordam nesta fase dois acontecimentos: aquilo a que poderíamos chamar o "síndrome de denúncia" e a criação dum esteriótipo do "drogado" (é preciso passar a vê-lo, para concretizar a ameaça e poder objectivar o combate). O "síndrome" liga-se à campanha oficial de repressão e combate, à criação de unidades policiais para o efeito que procede a rusgas e revistas. O discurso sobre as drogas incita os cidadãos a denunciar casos concretos de tráfico e consumo. Isto obriga por sua vez a duas coisas: "robotizar" o jovem que se droga, para que possa ser identificado pelo leigo - reforça-se assim um primeiro esteriótipo do drogado, onde entra o corte de cabelo, os olhos raiados de vermelho, as pupilas dilatadas ou contraídas, a ganga coçada, os óculos escuros, pequenos comportamentos bizarros...; e refinar o processo de tráfico e consumo, na reacção defensiva perante o desencadear da vigilância e da repressão. Note-se que a respeito da facilidade do tráfico a heroína se prestava muito melhor a passar impune nas malhas do controle; conjugado isto aos lucros acrescidos que representa, entende-se o incremento rápido que conhece no final dos anos 70. As mensagens sanitárias sobre a sua perigosidade, por outro lado, não tinham grande eco no sector juvenil; os "históricos" relatam a indiferença dos grupos em que participavam perante o alarme dos adultos, e mesmo uma aprendizagem da desconfiança: se eles diziam que o efeito das drogas era X, então é porque era o oposto de X... Este tipo de discurso emocional e alarmista parece ter mesmo constituído um incitamento às experimentações com drogas, que puderam assim passar a ser o instrumento privilegiado de confronto juvenil com o "establishment" adulto. O que a biografia dos "históricos" torna sobretudo nítida é uma grande clivagem entre o discurso adulto (sanitário, médico, policial,

(116) A "droga" era tão abstrata para a população que, a despeito da perseguição movida à "praga", podiam crescer tranquilamente em plenos canteiros da Avenida Brasil, na Foz, pés de liamba, sem que ninguém desse por isso! Contou-nos um dos "históricos" que só foram detectados quando já tinham mais ou menos um metro de altura. Nessa época podia dizer-se com propriedade que, na Avenida Brasil, "don't walk on the grass, smoke it"...

educativo-familiar, religioso) a propósito dos riscos que os jovens correm e as solicitações duma subcultura, que fornece uma outra leitura daquilo a que os adultos chamam "perigo" e "risco"...

É óbvio que à medida que alastra a quantidade de jovens que contactam com drogas o fenómeno torna-se visível e as expectativas sociais sobre a eminência dum "flagelo" têm os primeiros sinais confirmatórios. Da parte de muitos jovens parece existir, por seu lado, a opção pelo "mais vale sê-lo que parecê-lo", fechando o círculo vicioso. É o "perdido por dez perdido por cem", ditados cujo alcance a psicologia social mais não fez do que passar para codificação científica... Em suma: as drogas tornam-se o instrumento eleito na tensão tanto social como psicológica (aqui ao nível do simbolismo transgressor que encerra, do desafio aos códigos valorativos adultos no processo adolescente de afirmação de identidade).

- ENTRE 1977 E 1979: A "ONDA SPEED" E "FAZER FARMACIAS" -

Portugal passa a "europeizar-se" também em questões de drogas: as rotas internacionais do tráfico começam a passar por cá. Este factor a que poderíamos chamar macro-económico e estratégico tem profunda influência na escalada do consumo e sobretudo na passagem a uma distribuição de drogas mais duras, muito mais rentáveis. Exploram-se também vias alternativas para arranjar psicoactivos, na fuga ao controle policial mas também na vontade de novas experiências psíquicas. Os produtos farmacêuticos são nesta altura ainda de fácil acesso - entra-se na época de ouro do Friganor (o "fringas"), do Preludin (o "prelo" ou "prelão"), do Dinintel... Estas anfetaminas instalam assim, em linguagem de gíria, uma "onda speed" que dá um colorido muito mais variado às "desbundas"⁽¹¹⁷⁾ - o haxixe no seu estatuto de droga quase exclusiva está

(117) A "desbunda", que já vimos existir no período lisérgico, tem no "desatino" a norma geral do grupo. É um tipo de situação que pode ser caracterizado pelo exagero, se nos reportarmos às regras habituais do estar em grupo: da altura em que a música é ouvida, do grande consumo de álcool e outras drogas, da vivência do tempo (a "directa", ou seja, a ocupação total do tempo nocturno na "desbunda") e de vários comportamentos e formas de convívio.

condenado a "envelhecer", o "freak" em linha directa do "hippie" hibrida-se com outro tipo juvenil, o "ganzadão", que elege o "vale tudo" como a melhor droga... Inaugura-se a época dos "coktails" (linguagem dos próprios) à base de drogas ilegais e de psicofármacos.

Curioso assinalar que esta passagem de drogas mais leves a uma "onda speed" tem acompanhamento na música: os encontros passam a registar menos rock sinfónico (próprio a estados contemplativos do "freak" ou a "viagens" de ácido) e mais rock em linha directa dos ritmos duros, primários e energéticos - mais "speedado", também: Tom Robinson Band, Sex Pistols, Stranglers, Clash, Nina Hagen...

Enfim, o sector juvenil urbano toma contacto efectivo com uma série de drogas. As anfetaminas têm papel de destaque, mas também o tradicional álcool associado a tranquilizantes, hipnóticos e barbitúricos. Começa já o consumo do potente hipnótico Rohypnol ("rodinhas", "drunfos", "roips", "rouxinóis") associado ao álcool, que vai expandir-se enormemente. Tem grande importância actualmente sobretudo como sucedâneo da heroína. É o período de escalada do fenómeno nas escolas secundárias e em locais públicos destinados à juventude que são nessa altura incrementados (bares, discotecas, concertos rock...). Uma tipologia juvenil já diferenciada começa a ser visível: os "freaks" são o tipo dominante, têm muitos efectivos nos estudantes do secundário, são os líderes nos padrões de uso de drogas. A heroína é uma droga ainda pouco frequente. Um outro tipo juvenil, às vezes produzido pela extremização do "freak" para limiares de consumo que entram na toxicodependência, abandonam a postura "cool" e instauram a "hard", é o do indivíduo "ganzadão", na gíria: recorre a toda a espécie de produtos químicos que consegue arranjar, desde que tenham algum efeito psicoactivo - nem importa qual. As politoxicodependências começam assim a ganhar expressão, alimentadas pelos assaltos às farmácias que entram então no dia-a-dia dos delitos urbanos mais frequentes.

Talvez valha a pena detalhar este facto, a que os "históricos" chamam "fazer farmácias" e que registam como um dos acontecimentos mais vivos dos

finais dos anos 70: "Esta fase durou enquanto duraram as farmácias disponíveis. Durou até se fazer tudo, até se dar a volta, até os gajos tomarem providências. O Q... era alto especialista, dizíamos-lhe, ó Q..., tens que abastecer o pessoal e ele ia fazer uma farmácia. Chegou a fazer a mesma três vezes."

A importância de fazer farmácias para a acessibilidade duma série de produtos foi grande: toda a gama de anfetaminas, analgésicos (inclusivamente em supositório derretido e injectado, processo de alto risco pela facilidade com que entope vasos sanguíneos), ópio (que se acumulava em reservas destinadas a misturas da farmacopeia mais tradicional; este ópio foi responsável por muitas hepatites, segundo testemunhos da época). Mas sobretudo morfina. Chegava a ser trazida em frascos, em doses enormes. Era muitas vezes partilhada sem a preocupação do lucro, por puro espírito de "desbunda". A iniciação no "xuto" (gíria portuguesa tradução de "shoot") esteve muito facilitada. "Muitos ficaram agarrados nesta altura, quando aquilo acabou andaram aí à nora..." Uma proliferação razoável de ampolas de morfina contribuiu para que os opiácios fossem ganhando terreno como a droga que, a partir de 1980, se fará a droga-tipo da toxicodependência. Uma ampola de morfina a 4% dava "xutos" para quatro indivíduos - era, na gíria, o refresco; o falhar do fornecimento normal do opiácio a indivíduos já dependentes estava na origem de alguns assaltos, para angariação de produtos farmacêuticos alternativos.

A circunstância de se ter coragem, decisão e rasgo para fazer farmácias relacionava-se com o prestígio atingindo no subgrupo utilizador de psicoactivos. "Nessa altura as histórias dos assaltos a farmácias eram qualquer coisa de mítico; os gajos que faziam as farmácias tinham uma certa projecção. Eram os heróis. Teve muita importância para a proliferação do pó."

Salientemos que este prestígio era atingido por esses indivíduos junto dos subgrupos das "desbundas", que não era de modo nenhum uma subcultura delinquente mas que integrava jovens que, fora do subgrupo, tinham existências convencionais, com adesão aos padrões de conduta vigentes. Assume assim particular significado a mitificação do assalto, acto reprovado pela cultura

dominante mas a que o subgrupo conferia um valor diferente, permitindo uma atitude que fora deste contexto seria difícil sustentar.

A época intensa dos assaltos a farmácias é controlada através de medidas especiais, como a retirada de certos produtos do mercado, a classificação doutros como estupefacientes e consequente autorização de venda mediante receitas azuis, difíceis de obter sem justificação médica importante, e a instalação de equipamentos de segurança nas farmácias. É importante ressaltar que estas medidas diminuiriam drasticamente os assaltos às farmácias mas não diminuiram absolutamente nada o consumo de drogas. Originaram até novas estratégias desviantes, como o tráfico das próprias receitas azuis... Confirmamos assim a ineficácia, apontada por vários especialistas, do processo de criminalização de substâncias psicoactivas como mecanismo de contenção do consumo.

- 1980: A ECLOSÃO DA HEROÍNA -

Desenvolve-se o mercado negro em torno deste opiáceo, muito mais lucrativo do que todas as drogas anteriores a si. A heroína vai fazer inúmeros adictos, muitos deles vindos de situações de politoxicod dependência do período anterior e a ela regressando sempre que o mercado regista falhas no abastecimento do pó. Demarca-se um tipo juvenil que fará em breve a curiosidade - mesmo o voyeurismo - dos meios de comunicação de massa, criando-se a imagem de que "o drogado" é ele: o "junkie". Dele já demos notícia na secção 3., quando o fizemos actor dum dos tipos de relacionamento do sector juvenil com as drogas. Retomamo-la agora a partir do que dele dizem os "históricos", portanto duma das representações sociais possíveis do fenómeno. Os "históricos" com quem construímos biografias não passaram, ao nível pessoal, pela vivência "junkie" - referenciam-na a partir da análise do percurso de antigos companheiros de "desbunda" que seguiram uma escalada até se tornarem verdadeiros "junkies". Representam, pois, observadores privilegiados, pela

possibilidade de percepção proximal, e informam-nos sobre uma representação social das drogas duras pouco explorada.

O "junkie" encerra em si uma das muitas contradições que envolvem os factos ligados às drogas. É por excelência o indivíduo que se instala num ciclo compulsivo do consumo, da vivência do seu efeito, da queda no síndrome de abstinência, da procura de nova dose, do consumo... É o "xuta-ressaca-compra-xuta", na gíria, que pauta os momentos fulcrais dum quotidiano sem outras actividades que não se vejam rigorosamente condicionadas por esta. Caracteriza-se pois pela toxicodependência avançada, sem que por isso seja, no visual, aquilo que a imagem do "drogado" reteve. Mas também ainda aqui não há uma regra geral: o "junkie" pode parecer o "ganzado" da fase anterior (e com efeito foi-o muitas das vezes); pode, mais raramente, assemelhar-se a um "freak-flauta" - mas sobretudo o que o distingue é a ausência dum estilo "junkie", se o procurarmos apenas em elementos do visual.

A eclosão da heroína e a ascensão do "junkie" na tipologia dos relacionamentos com drogas assinala, passe a ironia, o despontar duma nova actividade no panorama das ocupações em Portugal: ser "junkie" é gerir o tempo, os actos, todo e cada um dos espaços do dia em função da heroína. É uma actividade a tempo inteiro, "é como tratar duma fábrica de têxteis, dá muito trabalho" (duma das histórias de vida).⁽¹¹⁸⁾

(118) A confirmar esta nova ocupação registe-se a "profissão" de ex-toxicómano, que começa a ter um certo eco social e abre, por vezes, oportunidades que não se deparam aos outros jovens com tanta facilidade (p.e. o acesso a formação profissional para ex-toxicómanos, p.e. o trabalho em centros de tratamento privados...). O "junkie" reintegra assim o circuito económico, após a sobrevivência num outro circuito de economia paralela igualmente complexo. Alguns autores reconheceram já explicitamente a importância de tal circuito na manutenção da dependência (cf. Ingold, 1984, 1987). A este propósito não resistimos a transcrever aqui um excerto dum texto que dedicámos àquilo que intitulámos de *relação mercantil no "junkie"*. Advertimos que o texto, embora produzido a partir de material de observação da nossa investigação, não tinha preocupações de formalismo académico, como logo se constata pela linguagem, que utiliza a gíria "junkie".

"A relação interpessoal na droga dura é frequentemente mercantil. E a vertente mercantil - que é cada vez mais a principal vertente que alimenta o fenómeno junkie - é uma economia do malabarismo, da ratoeira, do mico, da banhada, do roubo, da transa obscura. Menos frequentemente é também directa e transparente, é alívio do precisado, é partilha da condição. Mas é sobretudo uma economia da cambalhota artística, um modo circense de arranjar/dissolver economias privadas, pecúlios, fortunas; é o conto do vigário, a fraude, a ideia súbita que permite a dependência por mais um dia - depende da imaginação do junkie, e só tem esse limite. A angariação de dinheiros para as drogas diversificou incomensuravelmente as estratégias financeiras no mundo ocidental. Os cifrões psicotrópicos são um caminho de labirintos. O junkie é um viciado de dinheiro, de troca e venda, é um

As campanhas antidroga seguintes terão como destinatário o potencial "junkie", esquecendo-se em absoluto de que os usos de drogas não se esgotam nesse perfil relativamente ambíguo hoje no centro dos desvios urbanos, dos desmandos e das desordens - regresso do fantasma ameaçador que transporta o caos e convoca estratégias alarmistas de defesa por parte dos micropoderes do social.

* *

*

Enfim, sintetizaremos brevemente o período depois da revolução de Abril recorrendo às próprias frases dos "históricos".

A aceleração dos usos de drogas em Portugal depois da revolução de 74 é mais uma invenção discursiva do que um facto em si. Os anos seguintes demonstrarão o facto em si, evidenciando a importância do discurso na sua criação. "As toxicomanias dos anos 70 aparecem com grande culpa das autoridades. A repressão aos haxes, às ervinhas todas, a paranóia da denúncia, 'veja se o seu vizinho planta erva no quintal'. Isto levou os traficantes a rentabilizar o negócio".

"Houve a fase da denúncia, lembro-me, um gajo dava umas passas, ficava um bocado em pânico, as passas eram popularizadas como se fossem um crime. 'O seu vizinho pode estar a plantar droga no jardim'. De repente houve quase um síndrome de denúncia, talvez a nostalgia pidesca... 'Veja se o seu filho - eu lembro-me de ver coisas dessas - tem as pupilas inchadas, se entra de óculos escuros em casa'; em dois ou três anos passou-se de pessoal que eu conhecia assim aí que consumia apenas haxe ou dava umas passas, para o pó. Por uma questão de assumir, 'já que me chamam drogado, já que me chamam não sei quê...". A reacção social aos primeiros indícios do fenómeno parece ter sido

dever/haver permanente - mas normalmente só deve. Transacciona tudo, e todo o objecto é raciocinado em termos de gramas de heroa. Tudo serve para trocar sempre pelo mesmo: o pó. Tudo, mas tudo, se desfaz em pó.

determinante no processo de etiquetagem e no evoluir de simples comportamentos para a sua estruturação em carreiras.

A descolonização: "Nunca vi (em 1975-76) tanta erva na minha vida, toda a gente (refere-se aos grupos de pertença) tinha sacos de plástico... quilos(...) Aquilo realmente não era nada prático, andar com um saco com erva na rua. É muito mais fácil ter taquinhos que se metam no bolso, podem fazer-se 20/30 contos por dia com uma coisa que cabe num maço de cigarros. Todos os dealers de erva, os de Gaia eram famosos, dali de Soares dos Reis, passaram num ano a ser dealers de heroína, passou o pessoal todo pró cavalo".

A "onda speed" surgiu no Porto a par com a expansão dos espaços de convívio juvenil. Vem dissolver em grande medida o carácter fechado do "período lisérgico" de que falámos atrás. "É a onda dos speeds, o speed cristal, andava tudo p'raí a speedar, com tiques, bzzzz... Aí apanhou um bocado a fase do punk, eu lembro-me, nas festas (...) speedava-se muito, no Porto. Friganor, Preludin, Dinintel. O "prelo" vendia-se na Sé, numa tasca, no meio das couves galegas. (...) Não terá havido o punk português, mas as pessoas começavam a sair mais prás ruas, prás discotecas. Havia grupos de gajos que estrilhavam, eram impedidos de entrar nas discotecas. A onda do desatino começou a vulgarizar-se: os gajos a vomitar nos WC das discotecas, gajos inanimados. (...) Nos finais dos anos 70 começaram a aparecer os concertos rock em maior número, passou a ser um hábito. O pessoal ia pra lá ganzado." É a época em que a "desbunda" se generaliza a um muito maior número de jovens, permitindo finalmente à opinião pública confirmar a figura do "drogado" e passar a associá-lo sistematicamente a uma série de comportamentos considerados indesejáveis em locais públicos (cafés, via pública...). O "desatino" e a "desbunda" vão criando uma rede de amizades ao sabor dos encontros mais ou menos fortuitos que é, nesta época, partilhada por uma heterogeneidade de indivíduos, no que toca à sua condição social. "Dava-me com todos os bandidos, havia uma unidade porreira. Andava à vontade às cinco da manhã porque era amigo dos bandidos todos"; "Aqueles gajos ali do I. (café da baixa portuense). Mas marginais mesmo -

peçoal com cinco anos de Custóias. O R..., o S..., o J... (refere alcunhas que se relacionam com uma cadastro desviante e pede sigilo sobre elas), aquilo era uma cena de rua, o peçoal começou a andar aí a girar". Estes indivíduos tinham no entanto o seu código de honra: não era arriscado convidá-los para as "desbundas", porque teriam respeito pelo património da casa. "Não tocavam em nada, eram impecáveis". Eram convidados porque "levavam o produto, os speeds. Eram os fornecedores"; depois, era a "desbunda": "alta confusão, vinte gajos na bicha pra chutar prelo (exagera o número, percebendo-se na conversa que o faz para dar a sugestão do insólito da situação), era engraçado ver, mesmo para quem não se metia naquilo".

A eclosão da heroína, a partir de 1980, "deu cabo da cena de rua, da unidade entre as pessoas. As pessoas deixaram de se encontrar. Começam a interiorizar-se, a fechar-se em casa, a vender os móveis, a assaltar a família, a vender os sapatos, ti-shirts". A figura central das drogas passa a ser o "junkie": "Começou aquele tipo de ambiente... o pó... andava toda a gente virada (...) Só conhecia "junkies", na altura. Parecia-me que toda a gente era "junkie". Era horrível. Era tudo vidrado, depois há aquela história da 'cold-wave', também tem muito a ver com a música, não é? Bowie, Iggy Pop, as pessoas são um bocado levadas pela mitologia daqueles gajos todos. O Iggy vai desintoxicar pela terceira vez, as pessoas metem-se todas pra ver como é que é desintoxicar (...). Os Ultravox, os gajos vidrados, os Bowies, aqueles gajos que não têm olhos, parecem transparentes..."

ANEXOS

1. O TRABALHO DE OBSERVAÇÃO

O trabalho de observação decorreu desde finais de 1985 até meados de 1989, tendo um carácter mais sistemático, do ponto de vista da assiduidade no terreno, entre meados de 1986 e finais de 1988.

. tempo total aproximado: cerca de 700 horas

. distribuição do tempo de observação: a maioria das observações decorreu entre as 14.30 h e o final do dia (variável consoante a estação do ano). Esta selecção do tempo foi-se dando naturalmente à medida que aumentava o conhecimento da zona. Verificou-se por exemplo repetidamente que realizar observação de manhã era infrutífero, pois os bares estavam vazios e o espaço de rua praticamente só registava movimento comercial; verificou-se que as 14.30 é a hora em que o espaço de rua começa a alterar o tipo de movimentação que conhece de manhã, iniciando-se a "enchente"; verificou-se que é a partir das 15.30 - 16.00h que há maior probabilidade de se darem interacções úteis para os objectivos da investigação (são também a partir dessa hora os momentos de maior densidade de ocupação de rua); verificou-se que, à noite, o espaço de rua quase se esvazia, à excepção das noites quentes, e o trabalho de observação só pode ser útil se realizado em contexto de pequeno grupo aproveitando os contactos que se fizeram de dia na rua; verificou-se ainda que o período do pôr-do-sol (a "tardinha") aos dias de semana é particularmente interessante: a maioria dos "forasteiros" abandona a Ribeira e concentram-se em certos bares e esquinas os "autóctones", sendo o período de tempo em que este espaço urbano apresenta, para quem chega de fora, um ambiente mais estranho ou impenetrável (ouvíamos caracterizá-lo por vezes como "pesado"). Se, nesse contexto, houver possibilidade de fazer observação através de intermediário, penetrando esses grupos, revela-se extremamente rica; finalmente, registemos que nos deslocámos à unidade de estudo em dias especiais, como o dia de consoada e o dia de Natal, os dias da Semana Santa incluindo o Domingo de Páscoa, e participámos em

momentos especiais de festejos, como por exemplo o baile da noite de S. João da Praça da Ribeira.

2. O REGISTO DAS OBSERVAÇÕES

O registo das observações comporta vários momentos: um primeiro de descrição da sequência de factos (chamemos-lhe, metaforicamente, *momento fotográfico*, pela tentativa de aproximação do registo ao rigor imparcial da fotografia); um segundo de comentários suscitados pelo momento fotográfico (p.e. ligação da observação em causa a observações anteriores que explicitam/contextuam determinados factos observados permitindo atribuir-lhes **significado de acordo com o conhecimento prévio que já se tem do campo dos actores envolvidos**); um terceiro em que se esboçam algumas inferências (Bardin chama-lhes interpretações controladas) e generalizações legitimadas por regularidades observacionais ou por raridades significativas (*momento de formalização*); e finalmente um registo das sensações e sentimentos, e mesmo de alguns comportamentos, do observador (*momento reflexivo*). Os momentos *fotográfico*, *de formalização* e *reflexivo* estruturam, em suma, o registo.

. material de registo de observações: constitui-se na sua grande maioria de *registos escritos*, incluindo mapas sumários dos espaços e por vezes das posições dos actores (p.e. a sua disposição num bar), num total de cerca de 450 *páginas manuscritas*. Este "diário de terreno", chamemos-lhe, constitui a principal base de dados da investigação.

Algumas das observações foram descritas recorrendo a *gravação em cassette*; outras têm *dois registos para a mesma observação*, devido à utilização que por vezes se fez de observadores independentes, com o objectivo de controlar os procedimentos e de testar o processo e a minúncia das observações.

Este tipo de material diz respeito maioritariamente às observações no espaço da Ribeira-Barredo, utilizando-se como locais de observação mais sistemáticos aqueles que designaremos por BAR C (o mais utilizado) e BAR CFR.; diz ainda respeito a observações em tascas, cafés e pubs, por vezes doutros espaços

que não a R-B; e finalmente a observações ocorridas em espaços privados (p.e. a casa de um consumidor de drogas).

. organização do material de registo de observações: as cerca de 450 páginas de registos foram organizadas por *anos* (registos anuais de 1986, 1987, 1988, registos de observações mais pontuais de 1985 e 1989) e por *cadernos temáticos* (p.e. o caderno sobre grupos "punk", o caderno "topografia urbana marginal"...).

Dentro de cada ano procedeu-se a uma classificação sistemática do material através da organização de mapas. Ilustraremos este processo para os anos de 1986 e 1987, classificando duas observações no primeiro e uma no segundo. O total de registos assim classificados constitui um corpo de 12 páginas que é a síntese, em sequência cronológica, das observações de terreno.

1986 - QUADRO SÍNTESE
. observações realizadas entre 27 de Janeiro. e 5 de Dezembro . tipos de observação, por ordem decrescente da sua frequência: participante, directa com interacção verbal, ecológica, ocasional com interacção verbal . mês em que ocorreram mais observações: Janeiro . mês em que ocorreram menos observações: Agosto . registos manuscritos: total de 105 páginas . registos magnéticos: correspondentes às observações de 6 de Fevereiro e de 22 de Março, num total de 45 min. de gravação

MAPA DE 1986 - OBSERVAÇÕES DE TERRENO				
Data	Lugar	Tipo	Duração	Comentários/inferências
29/Jan. 4ª feira	R. da Ma- deira (a S. Bento); túneis de peões da Pr. Almeida	Obs. oca- sional com interacção verbal	14.00 - 15.30 h	. Desloquei-me pela zona a passo lento, de modo a dar oportunidade de ser interpelado por eventuais "passadores" que sei existirem por aí; . esta observação fornece os primeiros registos sobre a ecologia social das ruas estreitas que se

MAPA DE 1986 - OBSERVAÇÕES DE TERRENO (cont.)

Data	Lugar	Tipo	Duração	Comentários/inferências
	Garret; Rua do Loureiro			situam nas traseiras das grandes artérias da baixa - chamo-lhes "as traseiras da cidade". . fornece também os primeiros registos de indivíduos que aí desenvolvem actividades económicas ilegais: venda de drogas, pistolas... . faço registos sobre as abordagens de que sou alvo por parte de indivíduos que tentam passar-me aquilo que dizem ser "droga". Fixo características sobre quem são os actores do tráfico de rua (o tipo social), sobre como ocorre o contacto e sobre o tipo de produto que é oferecido (constato que quando recuso "a droga" passam a oferecer-me "uma pistola barata"
Etc...	...	...	...	...
22/Mar. Sábado	Ribeira-Barredo Bares "CFR" e "C"	Obs. ecológica (estou acompanhado dum frequentador da zona e consumidor regular de drogas)	15.30 - - 18.00 h	. troco impressões com o meu acompanhante sobre certas ocorrências do bar onde estamos e dos acontecimentos de rua: viu o mesmo que eu? O sujeito X... é aquilo que ouvi dizer outro dia? - vou colhendo informações sobre sujeitos que estão por ali. . faço o registo das características da R-B nos dias luminosos de sol como hoje: a grande afluência de gente, a profusão de tipos sociais, a heterogeneidade, as actividades, o movimento de rua; . parece ser possível marcar "o ano da R-B" a partir da entrada da Primavera, que é quando

MAPA DE 1986 - OBSERVAÇÕES DE TERRENO (cont.)

Data	Lugar	Tipo	Duração	Comentários/inferências
				se reinicia um movimento intenso de rua; . registam-se elementos descritivos para a caracterização das várias sensibilidades no sector juvenil - a R-B concentra o heterogéneo. Como caracterizá-lo? (consultar pormenores da observação). . Bar "C": registam-se as músicas que são solicitadas à máquina automática e os visuais dos jovens presentes. Há relação entre visuais e música solicitada? . A partir dum certo momento centra-se a observação sobre um grupo de jovens de ambos os sexos vestidos de negro - elementos para a identificação duma "estética do negro" no Porto. . Idem para um grupo de "freaks" - no mesmo bar! . Inferência: a "coexistência pacífica" de estilos de vida diferentes revelada tanto nos 2 grupos jovens como no contraste entre o urbano (a cultura juvenil) e o tradicional (o tipo de bar, o espaço/as actividades da R-B. Hipótese: a "coexistência pacífica" é mais um atrator de jovens à R-B (contribui para a sua diferença) do que a consequência da grande afluência de jovens a um mesmo espaço. NOTA FINAL: esta observação procede já as primeiras sistematizações, generalizações e inferências que observações seguintes poderão ou não confirmar.

1987 - QUADRO SÍNTESE

- . observações realizadas entre 17 de Janeiro e 28 de Dezembro
- . tipos de observação, por ordem decrescente da sua frequência:
directa, ecológica, participante, ocasional
- . registos manuscritos: total de 140 páginas
- . registos magnéticos: observação de 18 de Abril, cerca de 30 min. de gravação observação de 13 de Agosto, $\pm$ 30 min.
- . dia da semana em que ocorreram mais observações: Sábado
- . mês em que ocorreram mais observações: Agosto
- . mês em que ocorreram menos observações: Maio e Julho
- . classificação das observações: ver mapa

MAPA DE 1987 - OBSERVAÇÕES DE TERRENO

Data	Lugar	Tipo	Duração	Comentários/inferências
1. Abril	Tasca na marginal do Douro à Pasteleira; Café L., baixa	Obs. participante, obs. ecológica	22.00 - - 2.00 h	. Obs. que regista o acto de fumar haxixe, a interacção (incluindo reprodução de diálogo); contém ainda descrição de valores em jovens duma subcultura particular-objectivar as suas características em obs. posteriores, já que há possibilidade de observar este lugar/este grupo mais sistematicamente . notas metodológicas sobre como é que uma observação ecológica se pode transformar em observação participante; notas sobre mudança de "settings" não programada e suas consequências para o tipo de observação. . contém reflexões finais que dão pistas para as observações seguintes.

ANEXO II

FOTOLEITURA

A observação através de fotografia

A observação de terreno realizou-se também com recurso à técnica fotográfica. Fez-se um levantamento detalhado da unidade de estudo, com o qual se constitui o dossier FOTOLEITURA: a observação através de fotografia.

Na impossibilidade de incluirmos o dossier nos anexos, não só pela sua extensão mas pela dificuldade que representaria a impressão tipográfica de cerca de 70 fotografias a cores, daremos uma ideia da sua organização interna. Recorreremos para isso por vezes a excertos de texto do dossier.

1. COMO SE OBTEVE O MATERIAL?

Discutimos previamente com um fotógrafo os objectivos de fotografar a área da R-B: explicámos sumariamente as metas do nosso estudo, aquilo que queríamos observar (aspectos humanos analíticos e globais, o espaço, as actividades...). Deslocámo-nos com ele ao terreno, deixando-o livre na tarefa de recolher fotos de acordo com o que ia achando relevante e dando-lhe por vezes indicações sobre algum pormenor que nos interessava - diríamos que se aplicou uma técnica semi-directiva, utilizando a linguagem das entrevistas.

A razão de recorrermos a um fotógrafo deveu-se ao facto de não dominarmos a técnica fotográfica. Por outro lado, acabámos *a posteriori* por verificar que o facto de se utilizar outra pessoa menos familiarizada com aquele contexto foi útil, pois captou aspectos que "já não víamos" - funcionou, no fundo, como observador independente.

Reunidas largas dezenas de fotografias, procedeu-se a um trabalho de selecção, eliminando as tecnicamente defeituosas (p.e. as desfocadas, raras, diga-se) e as que apresentavam redundâncias informativas evidentes. Retiveram-se no final 67 fotografias. O trabalho seguinte foi agrupá-las por temáticas - uma espécie de análise de conteúdo em que foram por vezes as próprias fotos a ditar a categoria classificadora.

2. COMO SE ORGANIZOU O MATERIAL?

Organizou-se um dossier - FOTOLEITURA: a observação através de fotografia - assim constituído:

Total de fotos: 67

Totais de fotos por secções temáticas

- . Figuras da R-B: 14
- . Os espaços e as figuras: 12
- . Esplanadas: 12
- . Barracas das Vendedeiras: 10
- . Casas Becos e Vieiras: 19

O dossier abria com uma introdução, da qual salientamos os excertos:

" A FOTOLEITURA: combinação da fotografia com o texto descritivo que induz (...). A fixação por fotografia revela-se um excelente processo de pormenorizar a descrição. De a tornar fiel, portanto, de a potenciar como relevante para os objectivos do trabalho. Dir-se-ia extensão mecânica do trabalho mnésico de recordar, reproduzindo na escrita uma dada observação. Mas vai muito além disso (...). A informação dada pela percepção visual não é só mais exhaustiva do que a que é contada no registo escrito: é qualitativamente diferente.

A experiência pessoal com um primeiro ensaio desta técnica trouxe-nos isto de novo: observar através do método fotográfico não é sobreponível à descrição por palavras do que se testemunhou. Não é mera ilustração do texto, é processo de indução do próprio texto".

Prosseguia-se com algumas páginas centradas nas questões éticas envolvidas neste modo de recolha de dados. Defendeu-se a ideia de que a privacidade das pessoas no espaço da R-B não seria atingida e a sê-lo era-o muito menos do que a interrogação através do inquérito. Defendeu-se também o efeito positivo que o conhecimento duma zona dita diferente e em relação à qual há preconceitos (p.e. a R-B "é sítio de drogados") pode ter na alteração dos esteriótipos negativos. Escrevemos então: (...) O documento fotográfico tem a

propriedade, se devidamente comentado, de ser um contributo para o conhecimento duma zona. E o conhecimento duma zona realizado através dos saberes analíticos das ciências sociais tem como efeito contribuir para respeitá-la no que tem de único, explicar-lhe os recantos e a identidade, assinalar à cidade o auto-respeito pelas diferenças, fazê-la perceber a função e importância dos espaços e das gentes que se têm mantido irredutíveis ao efeito massificador do padrão dominante da urbe industrial. (...) Porque não esperar que o conhecimento da diferença de alguns dos tipos humanos que frequentam a zona, e que o visual tão nitidamente faz falar, contribua para o reconhecimento do direito à diferença, mesmo ao insólito? Porque não vir a considerar-se a zona como o lugar do Porto onde a margem de liberdade no habitar do espaço de rua seja um importante factor de equilíbrio psicológico em faixas específicas da população e especificamente no sector juvenil? Conhecer por dentro significa poder alterar o ponto de vista imediato e apriorístico sobre o que se observa."

Depois da introdução, aparecia a primeira secção: FIGURAS DA R-B. É a fixação fotográfica da actividade humana de rua, da heterogeneidade social, dos tipos juvenis. Introduzíamos assim esta secção: "Dos jovens que se fotografaram nos espaços de rua da R-B pretende-se apenas ilustrar a galeria humana que aí faz da rua espaço de vida. Assim se construiu o capítulo FIGURAS DA R-B. Não os fotografámos para os catalogar - mas para que eles, ou outros se a foto fosse daí a alguns minutos mais, (o jovem X... da fotografia Z é pois aleatório, com valor amostral) digam da heterogeneidade desse sector etário que teimamos em considerar homogeneamente como "a juventude", entidade relativamente abstrata que é objecto privilegiado de discurso. Com a evidência das suas presenças e aliado isto à observação dos seus processos interaccionais, deixem vir à luz a distribuição das sensibilidades juvenis, onde a droga ilícita desempenha não raras vezes um papel.

A segunda secção, OS ESPAÇOS E AS FIGURAS, ilustra fotograficamente a rua enquanto espaço de vida. Fixam-se a organização e as relações dos elementos, as ruas, as gentes, as fachadas do casario. Retêm-se panorâmicas,

procura-se o holístico, enquadram-se os indivíduos no contexto, inserem-se no espaço. "Fotografam-se aqui conjuntos, fixa-se o holístico. São documentos para além do analítico. O texto que acompanha as fotos vai referenciando os locais, de forma a deixar o fotoleitor ir construindo o seu mapa cognitivo da zona" (citado de FOTOLEITURA).

A terceira secção, ESPLANADAS, documenta os lugares do afluxo juvenil. Completa a secção 1. e serve de testemunho aos lugares que foram os do investigador, em longas tardes de permanência na unidade de estudo.

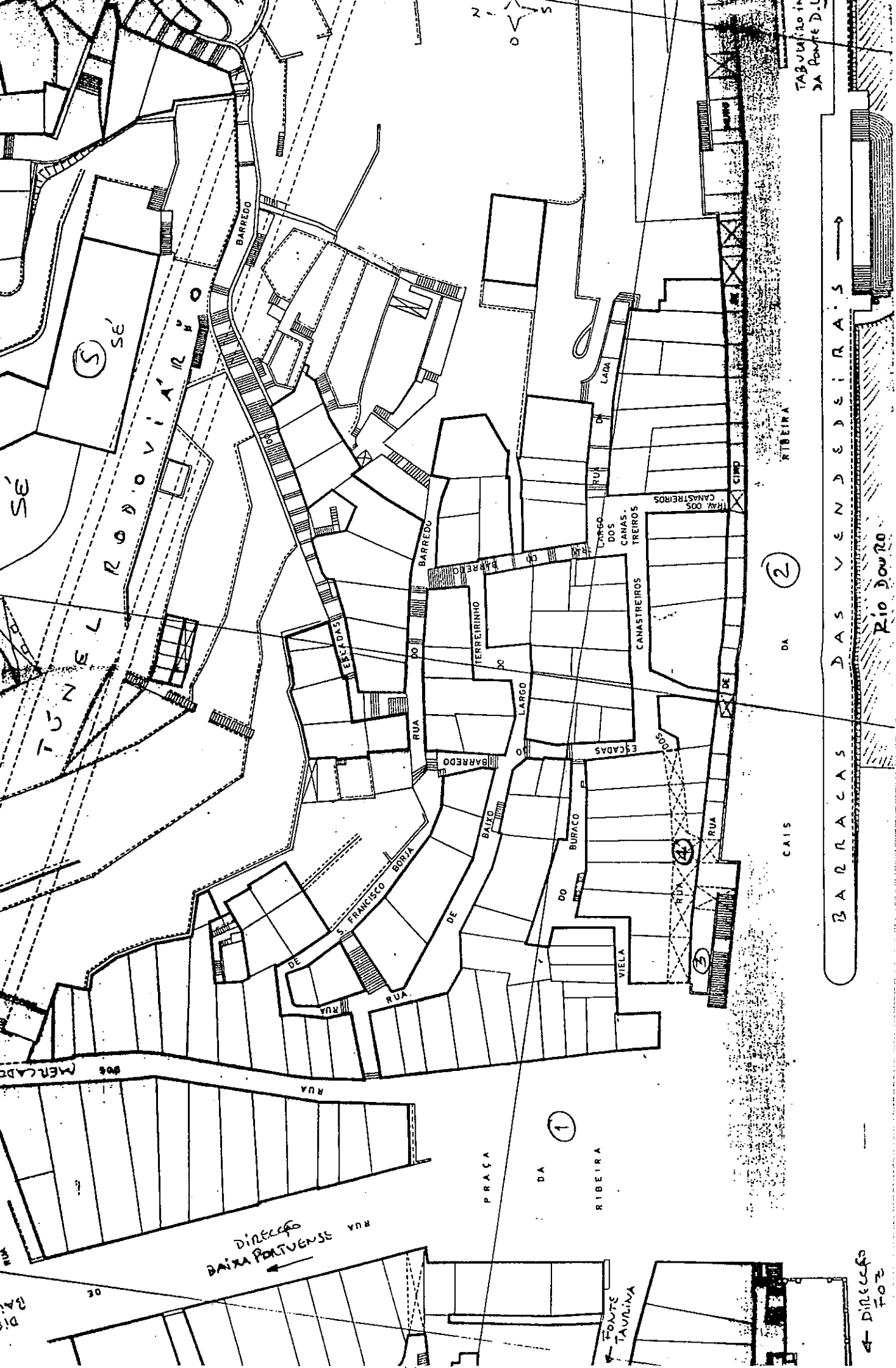
A quarta, BARRACAS DAS VENDEDEIRAS, é a pormenorização do espaço de rua, da sua função predominante - a comercial, que envolve em si a de lazer para quem se desloca "a ver compras" -, e da heterogeneidade humana. "Barracas das Vendedeiras" é o nome que figura na planta da zona em poder do CRUARB. (...) A actividade comercial estrutura as relações que os moradores da R-B - principais ocupantes das "Barracas das Vendedeiras" - mantêm com a população que vem do exterior do bairro. (...) O aspecto geral das ruas depende ainda largamente desta actividade: da quantidade de gente que afluí ao local, do modo como se movimenta e cria o ritmo e o colorido das ruas" (citado de FOTOLEITURA).

A quinta, CASAS BECOS E VIELAS, é a caracterização do espaço ao nível arquitectónico. Procura ilustrar não só o tipo de construção como o espaço artificial que é criado pelo jogo do casario. falando assim da malha urbana da zona. Centra-se menos sobre os espaços abertos (o cais, a Praça da Ribeira, já tratados em secções anteriores) e mais no intrincado e nas dobragens de ângulos que fazem da zona um lugar de sítios recatados, discretos, íntimos - propícios ao aproveitamento deste território como um conjunto de intersatícios, os *interstícios de espaço* (ver PARTE B CAP. III, 4.2.)

Agradecemos a colaboração do Eng^o Eduardo Beira (fotos) e da Dr^a Isabel Ribeiro (montagem) na realização do dossier FOTOLEITURA.

ANEXO III

MAPA DA UNIDADE DE ESTUDO



A página anterior reproduz o plano da área da Ribeira-Barredo que nos foi fornecida pelo CRUARB. Embora a planta não disponha de escala, referenciaremos as dimensões através dum indicador: do extremo-esquerdo da planta (Fonte Taurina) ao extremo-direito (acesso à Ponte D. Luís) percorre-se o trajecto pelo cais da Ribeira (assinalado com o nº 2 no mapa) em mais ou menos três minutos, em passo normal de marcha.

Os espaços assinalados com 1, 2, e 3 são espaços abertos, que têm como horizonte o rio e, em plano de fundo, a margem de Gaia. É neles que se dá a grande concentração de rua e que se situam algumas esplanadas onde decorreram observações. As "Barracas das Vendedeiras" (designação dada pelo próprio CRUARB) promovem concentração de pessoas defronte delas, por vezes congestionando a rua e obrigando os automóveis a uma circulação muito lenta - circulam em sentido único da Ponte D. Luís para a Praça da Ribeira.

O espaço assinalado com o nº 3 tem um desnível de vários metros sobre o Cais da Ribeira (e por isso se chama apropriadamente "Rua de Cimo do Muro"), permitindo uma visão panorâmica sobre os espaços assinalados com 1 e 2. A topografia da R-B, em desníveis sucessivos (o que pode ser apreciado no mapa através da grande quantidade de escadas), confere ao espaço uma grande riqueza de planos, de esquinas e de cantos recatados, permitindo sucessões de ângulos diferentes, à medida que se caminha, em que o casario ou o rio são sempre um plano de fundo.

O "miolo do Barredo" é o conjunto de ruas apertadas limitado à esquerda (poente) pela Praça da Ribeira e Rua dos Mercadores, em baixo (sul) pelo cais e em cima (norte) pelo bairro da Sé. Tem também vários pubs e casas de petiscos e regista movimento assinalável sobretudo na Rua dos Canastreiros (ver nº 4 do esquema que se inicia por um túnel onde há bares e restaurantes); à medida que o terreno sobe decresce a frequência humana e o espaço fecha-se, impedindo a vista do rio - que no entanto surge visível bruscamente ao virar duma esquina e logo desaparece outra vez.

À esquerda no mapa vê-se o início da Rua da Fonte Taurina, que dá acesso a nova zona de malha apertada, o Bairro da Fonte Taurina. Na rua do mesmo nome concentram-se alguns dos principais bares nocturnos da R-B, com intenso movimento sobretudo aos fins de semana.

Pela Rua dos Mercadores tem-se acesso ao Bairro da Sé (nº 5 no mapa), zona de malha urbana extremamente apertada, de calçadas tortuosas e de parque habitacional em estado adiantado de degradação. Existe neste momento uma diferença assinalável, captável às primeiras observações, no ambiente físico e humano entre os bairros da Sé e da R-B, o que se reveste de particular interesse para a investigação ao permitir notar a incidência de factores urbanísticos e ambientais sobre a qualidade de vida e sobre diferentes comportamentos desviantes em dois bairros contíguos e com origens e evolução sócio-histórica comuns até à operação CRUARB.

Terminamos referindo que muitas das observações que realizámos compreendiam um "passeio" geral por todo o bairro, inclusivé parte da Fonte Taurina, e assento em esplanadas das zonas abertas ou em bares das zonas de malha apertada. Por vezes, quando a permanência era mais longa, almoçava-se ou jantava-se nalgum dos restaurantes aqui existentes, ou então ao ar livre, no cais da Ribeira ou na Rua de Cimo do Muro.

ANEXO IV
RECOLHA DE LISTAS

Este anexo pormenoriza o procedimento e especifica os dados obtidos para o estudo das ligações entre música pop-rock e usos de drogas, de acordo com a *hipótese subcultural* que lançámos na PARTE B CAP. II, 3.2.4. (cf. pág. 153 e seguintes). Completa, também, a informação que é remetida para anexo no capítulo de apresentação de resultados (PARTE B, CAP. III, 4.4. pág. 200 e seguintes).

1. PROCEDIMENTO

A recolha das listas fez-se sempre em contexto natural, utilizando indivíduos dos quais o investigador possuisse informação sobre o tipo de relação com drogas, ou sobre a ausência de consumo. Esta informação provinha do conhecimento que a própria pesquisa de terreno vai possibilitando àcerca das pessoas de contextos específicos, da informação prestada pelo próprio e da prestada por terceiros. Obtiveram-se assim listas enquadráveis em dois grandes grupos: o de indivíduos consumidores de drogas, num total de 38 sujeitos, a que chamaremos grupo *com contacto*; o de indivíduos que nunca consumiram psicoactivos ilegais, num total de 21 sujeitos, que designaremos grupo *sem contacto*.

Por vezes as listas aparecem na sequência de situações de observação directa em pequeno grupo. Isto possibilitava um acesso directo à informação sobre o padrão de uso de drogas dos sujeitos, tanto pela observação como pela espontânea sobre o tema. Os dois contextos mais frequentes de recolha foram o café/o bar e o círculo restrito (p.e. a reunião de amigos em casa de alguém).

Constituímos também uma lista "música-drogas" que servisse como guia para compararmos as listas obtidas recorrendo ao *acordo entre juízes*. Para a constituir, bem como no caso de ter de decidir sobre figuras ou grupos musicais que não figurassem na lista de acordo entre juízes, recorreremos a especialistas de música (p.e. realizadores de certos programas radiofónicos) e, sobretudo, a indivíduos atentos ao universo subcultural juvenil, especialistas da pop-rock e conhecedores do fenómeno das drogas.

Apresentamos este quadro apenas para que dele se retenham alguns valores mais significativos que sirvam a uma análise que por enquanto mais não é do que exploratória. A quantidade não muito elevada de sujeitos a quem foram pedidas listas (59), bem como o desigual número de sujeitos em cada um dos grupos (p.e. com contacto há 38, sem contacto 21, e neles a divisão em função do sexo também não é equitativa) e a desigual distribuição da pirâmide de idades tornam incorrecta qualquer análise sistemática dos números, que extraísse índices conclusivos.

Porém, como primeira aproximação a um possível estudo futuro, como verificação das possibilidades discriminadoras das listas - e portanto como primeiro indicador do provável reforço da *hopótese subcultural* subjacente - cremos que a aplicação das listas se mostrou útil. Detenhamo-nos em alguns números que parecem ser bastante explícitos, mesmo considerando as limitações da aplicação.

2.1. associação música-drogas

. a média de associações música-drogas é mais elevada nos indivíduos que contactaram com drogas e muito próxima em ambos os sexos (6.1 associações por lista nas raparigas, 6.7 nos rapazes); é também um tipo de associação mais correcto (menor número de respostas "duvidosas").

. os indivíduos que mantêm contacto com drogas *nunca* respondem "não sei", quando se lhes pede a associação música-drogas, independentemente de serem do sexo masculino ou feminino; pelo contrário, no grupo das raparigas sem contacto, 1/3 respondiam "não sei"! O baixo número de rapazes sem contacto que dizem "não sei" é contrabalançado pelo número de associações "duvidosas" que enumeram (19% contra 3.3% no grupo dos rapazes com contacto). Por outro lado, no grupo das raparigas sem contacto, o baixo número de associações "duvidosas" não se reveste de importância, pois 1/3 dizem "não sei" - se, destas, uma parte enumerasse associações, tal como fez o grupo masculino sem contacto, provavelmente seriam "duvidosas". Em suma, o grupo sem contacto (masculino

mais feminino) tem mais dificuldades em produzir associações: ou não sabe ou dá respostas "duvidosas".

. é assinalável também a diferença entre o número médio de associações música-drogas nas raparigas com contacto (6.1. por lista) e nas raparigas sem contacto (1.1. por lista); a variação do número médio é pequena nos rapazes com e sem contacto, mas já vimos como estes fazem muitas associações "duvidosas";

. refira-se, finalmente, que o "record" de associações música-drogas está, para ambos os sexos, situado no grupo com contactos (um rapaz com mais de 30 associações e uma rapariga com 20!).

2.2. padrão de gosto musical

Todas as listas de preferências musicais do grupo sem contacto do sexo feminino têm *índice miscelânia*; este índice tem o seu valor mais baixo no grupo com contacto do sexo masculino: em 31 listas, 24 são homogéneas, apresentando como exclusivo padrão de gosto musical a área rock - e, dentro desta, maioritariamente grupos/figuras conotados com aquilo a que chamámos, por comodidade, "rock filão puro": aquele que continua fiel à semiologia (musical e expressiva) da pop-rock, e que continua portanto fiel à sua própria história, sem derivações de fusão com outras áreas musicais. Este índice, no entanto, só parece ser inequívoco nos dois grupos citados.

Há direcções de análise que ficam por explorar, como p.e. saber se há ligações entre o padrão de uso de drogas (p.e. um padrão "junkie", um padrão desimplicado e esporádico...) e o tipo de listas, ou se o estudo diferencial das idades dentro da variação de idades considerada revela diferenças.

3. ANÁLISE QUALITATIVA

Para além dos possíveis significados da diferença de associações produzidas, é importante sublinhar que é *exclusivamente* nos indivíduos com contacto que aparece certo tipo de associações pouco frequentes, às vezes inusitadas, mas correctas - de tal modo que houve que ir acrescentando a lista de

acordo entre juízes... Pelo contrário, no grupo sem contactos as associações produzidas são quase sempre "clichés" (Rolling Stones, Jimmi Hendrix...).

Sublinhe-se também que, na lista "música-drogas", os indivíduos com contacto (ambos os sexos) nomeiam sobretudo figuras (nomes próprios, referenciam individualidades, como p.e. Brian Jones, Sid Vicious...); o caso mais extremado ocorreu com uma jovem que, em 11 enumerações, indicou 10 nomes de individualidades. No grupo sem contacto aparecem indiferentemente individualidades e nomes de grupos musicais. Parece que, nos indivíduos com contacto, há a atenção às figuras, aos seus percursos, aos seus comportamentos (ver à frente listas 1. e 2.) - os próprios grupos são por vezes referenciados a partir de figuras (p.e. "o Keith Moon, dos The Who"; "o John Bohnam, dos Led Zeppelin"), parecendo ser percebidos como entidades que vivem do carisma dos seus elementos, estes por sua vez percebidos autonomamente, na sua individualidade.

Finalmente, e talvez o mais importante: as únicas vezes em que ocorreu quebra do protocolo, deu-se em indivíduos com contacto. A frequência com que tal aconteceu (ver exemplos de listas apresentadas à frente) faz-nos pensar, por um lado, no envolvimento que manifestam com este tipo de temática - os músicos/grupos ligados por eles às drogas parecem revestir um significado particular, evocar a memória pessoal que os sujeitos têm dum universo subcultural que lhes é familiar; por outro lado reitera-nos a ideia da importância da análise qualitativa das respostas, mesmo quando o instrumento se presta a análise quantitativa e, em princípio, parecia depender dela para produzir significados. Este instrumento pode, cremos, constituir mesmo um mediador para a exploração qualitativa, em entrevista aberta, da *hipótese subcultural*.

Apresentaremos nas páginas a seguir exemplos de listas recolhidas, que comentaremos sinteticamente. Saliente-se que as listas apresentadas foram obtidas por nós e por mais quatro entrevistadores (chamemos-lhe assim...) diferentes, que constituíram a equipa de recolha.

Agradecemos a colaboração, na recolha de listas em contexto natural, dos Drs. José Luís Teixeira, Paula Gonzalez, Susana Cardoso e Isabel Silva; e também as importantes informações fornecidas por Mário Santos, Fernando Macedo, Sérgio Castro e Rui Reininho àcerca das drogas no universo artístico da pop-rock, indispensáveis para a constituição duma lista de acordo entre juízes.

Φ. ORIGINÁRIOS

ALCOOL

1. AUTO DESTRUTIVOS + HEROÍNA
AUTO CONHECEDORES HEROÍNA

JANIS JOPLIN } PUROS ALCOOL
JIMY HENDRIX }
JOE COCKER }
SID BARRET, JAN CURTIS }
ICCY POP } TUDO NADA!

INFINITOS

DAVID BOWIE (70) - TUDO

2. REVOLUCIONÁRIOS
DESESTEIÇADOS

PATTI SMITH - NADA
JIM MORRISON (HEROÍNA TALVEZ)
BOB DYLAN (ALCOOL?)
HAXE

3. MEIGOS/TROPICAIS

BOB MARLEY - ERUA
BEATLES - LSD

CLASSICOS: DERIVADOS

TONY ROTTEN - ALCOOL

DR. FEELGOOD - ALCOOL

TOM VERLAINE - HAXE E CULTURA

DAVID BYRNE - CULTURA

FRIPP - ACIDOS DO HAXE

MALCOLM MCLAREN - POP E HAXE

LISTA 1 - Lista "música-drogas" dum indivíduo do sexo masculino, 26 anos, frequência do ensino universitário, com contacto há vários anos, menos frequente actualmente. Obtida num bar da R-B em 1986.

- (6)
- 1 - Elvis Presley → Anfetaminas, "drumpos" vários
 - 2 - Mannu Barthers → Alcool e tratamento psiquiátrico (viciado medicinal)
 - 3 - Beatles (em disputa): → John Lennon (hash, heroína e LSD)
→ P. Mc Cartney (As Leves e LSD em surto)
→ J. Harrison (Damas e Leves na Oriental)
→ R. Starr (Leves e LSD no "Allanbroom")
 - 4 - R. Stones → tudo com duas vertentes
Versão pesada: Keith Richards (de heroína ao álcool)
Versão soft: Mick Jagger (de heroína à heroína)
 - 5 - Jimi Hendrix → heroína / LSD e contactos varios
 - 6 - Janis Joplin → Cocaína (uma punição)
 - 7 - Jimi Morrison → LSD / heroína / Opio e heroína
 - 8 - Paul Simon → hash e compasso
 - 9 - Patti Smith → "Horses"
 - 10 - The Who → a sua mania dos Hard (álcool e heroína)
 - 11 - Ten Years After → heroína / heroína
 - 12 - Jefferson Airplane → Drogas, drogas, drogas de heroína
 - 13 - Lou Reed → heroína / heroína / heroína
 - 14 - Led Zeppelin → LSD / heroína (hash de 1^o)
 - 15 - Eric Clapton → "Creams"
 - 16 - Frank Zappa → "Pierrot e Tacos" americanos e base de cogumelos.
 - 17 - Neil Young → desintoxicação de heroína (actual / saudades)
 - 18 - Cream → LSD / heroína / heroína
 - 19 - Steppenwolf → a famosa "marcha" de heroína (2 elementos da grupo)
 - 20 - Jovan Armanduwing → "Back on weekends" (Rolling Stone)

LISTA 2 - Lista "música-drogas" dum indivíduo do sexo masculino, 27 anos, estudante universitário, com contacto (ex-consumidor de cocaína, actual de haxixe). Obtida em Fev. de 87 num café da zona de Soares dos Reis, em Gaia. É um dos cafés conotados com a frequência de "grupos de drogados", situado numa zona dita pela população (e por alguma imprensa) "centro de droga", desde os inícios do "problema da droga" em Portugal.

- Sex Pistols → heroína + cangaço
- Ian Dury → xutos vários com tendência para os vizinhos franceses.
- Elton John → experiências ácidas e com sintetizadores suaves.
- Devo → tudo o que termine em "ino"
- Samantha Fox → harmoniosos
- Rod Steward → cangaço e clonagem
- Pink Floyd → alucinogénios visuais (LED/vidéo)
- Elvis Costello → "craker" confesso
- Rick Lee Jones → Eccelesia
- Deep Purple → Ruidos
- Ian Gillan: cangaço quanto a acompanhados.

LISTA 2 (cont.)

~~Bob Dylan~~

~~22~~

Tanguarda

20K

Ar de Rok

3 In

3 fag 3

~~Crismal Metal~~

Regy

Jaive Bava - irina e fumos

IRON Maiden - irina

Ofimi Anderken - irina e fumos

Bob Marley - irina goana

Stones - irina

U2 ~~Katrina~~ ~~Katrina~~ irina fumos

Carlos Alberto Ferreira clorois

(43)

~~43~~

~~43~~

OPA

LISTA 3 - Listas "música" (esquerda) e "música-drogas" (direita), dum jovem de 18 anos do bairro do Viso, no Porto, com contacto. Recolhida num café da baixa portuense em Setembro de 88.

Roxy Music

~~2001~~

STEPHEN WOLF

PINK FLOYD

STATUS QUO

TANGERINE DREAM

~~ASADIANA~~

Idade - 29

Sexo - ♂

Sit. Prof. - Desempregado act.

Hab. Lit.

7º ANO ESC.

Fiandeiro
Ceramista

Hist. Cons. - 15 Anos

TUDO

PRELUDIN

17 JUN 1977

PERVETIN

1º CHUTO

* R. CALMA

* DEMEROL (FUI O ÚNICO
MAIS CHUTADOR
DISTO)

* L. POLAMIDON C

* PETIDINA

* SÓSEBON (SUP. E AMP.)

“ DEU UM CHUTO TODOS OS DIAS MAS
NÃO ME CONSIDERO LIGADO ”

(PARA MIM A LOCA É MELHOR QUE O PÓ PORQUE
É MUITO MAIS SPEEDADO)...

LISTA 4. - Lista "música" (nesta pág.) e lista "música-drogas" (pág. seg.) dum indivíduo de 29 anos, com o 7º ano de escolaridade, de profissão itinerante (actualmente desempregado), com um longo contacto - 15 anos de história de consumo. Obtida num café do Bonfim, no Porto.

(UM CHUTO A "PROFISSIONAL" É COMO
VINAGRE E NÃO LIMÃO)

(O PO' QUE ANDA AÍ LÁBE A "COMPRIMIDOS"
E POR ISSO COMO UM LIMÃO QUANDO
ACABO DE TETER) ...

(QUANDO A JOPA É MIA FERVIDA, OU
DETILADA JÁ TENTO TIDO FEBRES
DE 2 DIAS) ...

Dr. FEELGOOD.

Brian FERRY

John COLLIER.

LOCKEED.

Bob DYLAN

PETER DINK

Sid VICIOUS.

(6)

ASSOCIADA
AO
CONSUMO

- (BOOGIE WOOGIE, BLUES 20)
- RAGTIME
- JAZZ DA AMÉRICA. | CHICAGO, NEW ORLEANS |

SOUL MUSIC

- STYLE COUNCIL
- CARMEL
- DEXY'S MIDNIGHT RUNNER'S
- SMITH'S.

- HOUSEMARTIN'S

ROCK N' ROLL DE CORDOBEIRO UNDERGROUND

- VELVET UNDERGROUND
- ORANGE JUICE
- REM.
- IGGY POP

MÚSICA POPULAR EM GERAL. | DE TODOS OS CONTINENTES |

O FEELING OU SENTIMENTO QUANDO NÃO EXISTE
NA MÚSICA EM SI, PODE SER SUBSTITUÍDO
PELO POEMA, ESTE PLENO DE ~~EMOCÃO~~ ALMA.

O QUE GOSTO DE OUVIR NA CAMA.

- BRIAN ENO.
- DAVID SYLVIAN.
- OU ALGUMA COISA RELAXANTE QUE ME
PROTEGE NAS MARAVILHAS DO SON(H)O

- PEDRO CALDEIRA CABRAL. TAMBÉM NA CAMA
OU COMO COMPLEMENTO DE UM BOM LIVRO.

LISTA 5 - Listas "música" (nesta pág.) e "música-drogas" (na pág. seg.) dum jovem de 23 anos, estudante universitário (atualmente interrompendo temporariamente os estudos), consumidor regular de haxixe e de heroína e que, em dada altura, também traficou. Exibe um corte de cabelo que diz ser "à Echo & Bunniman (grupo rock britânico), com repas compridas porque estou chateado com o mundo". Listas recolhidas em Fev. de 88 num café com frequência de jovens com contacto.

LOYD COLE.
RUI REININHO
BOY GEORGE

SID VICIOUS
SEX PISTOLS *
IAN CURTIS Joy Division

EX TOXI.

DAVID BOWIE
LOU REED.
ROLLING STONES

ALAN VEGA.
NICK CAVE
CRAMPS
BAD SEEDS

APOLOGIA
DA
HEROÍNA

PUNK-PORNO.
CAGALHÕES - ORGIA
RED HOT CHILI PEPPERS.
DRUGS.

MADONNA.

BILLY IDOL - HARD PORNO.
IGGY POP.

HEAVY METAL BANDAS
BON JOVI -

PIXOTOS . CONOTAÇÃO UNDERGROUND .

IMAGEM - LENÇO AO PESCOÇO FARROTE .

PESTE E SIDA → AGRACECIMENTOS AOS AMIGOS OS "BERNIGHT"
GIRIA PARA CHAR.

XANA "RADIO MACAU"

X POSITION

"U ROY" JAMAICA.

AS LETRAS FAZEM REFERÊNCIA
A SONS TAMILARES AOS
CONSUMIDORES COMO : SNIF. RES
VOHHHH. UUUUUH.

*CHUTA-SE EM PÚBLICO
PERANTE JORNALISTAS A
IMAGEM É UTILIZADA PARA
PUBLICIDADE DO GRUPO EM T-SHIRTS.

"PODE OU NÃO SER A MÚSICA
QUE LEVA AO CONSUMO, MAS
QUANDO SE CONSUME DESEBERRA
ELA FUNCIONA COMO
ELEMENTO DE PROTEÇÃO
E SOLIDARIEDADE

MORTES POR DROGAS . ÓBITOS .

- JAMES JOPLIN
- JIMI HENDRIX.
- BRIAN JONES (STONES)
- KEITH MOON . (WHO)
- ZONH BONHAM . (LED-ZEPULIN)
- SID VICIOUS (SEX PISTOLS)
- JIM MORRISON .
- IAN CURTIS

- THIN LIZZY (LÍDER)

música / droga

Paul Simon

PLST, MÚSICA

Beatles

Nuno da Câmara Pereira

Chopin

MÚSICA / DROGAS

"É difícil... Lúcia"

Nunca pensei nisso,

7

LISTA 6 - Listas "música" (em cima) e "música-drogas" (em baixo) dum sujeito do sexo feminino, 37 anos, professora do ensino secundário, sem contactos. A frase entre aspas na lista "música-drogas" foi escrita posteriormente por quem recolheu a lista, registando o comentário espontâneo do sujeito ao ser confrontado com a instrução. Obtidas durante uma festa particular em Setembro de 87.

A lista 1. utiliza como papel um envelope, único material disponível na ocasião no contexto em que ocorreu a recolha - testemunha o oportunismo, no bom sentido do termo, que é necessário ter na pesquisa de terreno. Como aspectos qualitativos salientes note-se a grande incidência em nomes de individualidades, em detrimento dos nomes de grupos, e, facto extremamente curioso, a elaboração duma classificação do tipo de relação com drogas (autodestrutivos/ /autoconhecedores, revolucionários/desesperados, meigos/tropicais...). Esta classificação é totalmente espontânea, ocorrendo sem ligação com o pedido explícito e quebrando o protocolo. Revela um grande conhecimento do psicadelismo rock e apurada atenção às figuras salientes deste movimento subcultural.

A lista 2. fornece uma série de informações suplementares (não solicitadas no pedido) sobre as ligações rock - drogas e sobre subculturas juvenis (fala, p.e., no uso de drogas próprio da subcultura mod). Revela, tal como no caso da lista 1., um grande conhecimento das drogas, diferenciando usos vários que delas fazem uma série de figuras da música.

A lista 3. é dum jovem do bairro do Viso (periferia Norte do Porto), que, a despeito de apresentar algumas dificuldades de expressão escrita, evidencia grande destreza na atenção às relações entre a música rock e as drogas... Notar como curiosidade que, apesar de ter apenas 18 anos, referencia Jimmi Hendrix e Bob Marley, revelando consciência do desenvolvimento do movimento em períodos em que não tinha ainda idade para o ter vivido. As várias listas que recolhemos de jovens do bairro do Viso, todos "teenagers" e com contactos, todos pouco escolarizados e há alguns anos desocupados, apresentavam um padrão de gosto musical com destaque para a área "dura" do rock (a que este jovem chama "Ar de Rock" e "Evy Metal" deturpando os termos "hard-rock" e "heavy metal"). Este dado está em consonância com o estereótipo que se tem vindo a criar do "heavymetal": o da sua implantação em áreas sociais da juventude

desempregada, do operariado e das periferias (os "metálicos" ou "metaleiros") e em jovens de idade inferior a 20 anos.

A lista 4. tem a particularidade de estar registada numa toalha de mesa, pois foi obtida sem preparação prévia à mesa do café - testemunha também aquilo que já referimos para a lista 1. Os dados que se vêem por baixo das listas foram registados pelo Dr. José Luís Teixeira, que foi quem fez a recolha em causa. Saliente-se a espontaneidade com que o sujeito contou, a propósito das listas, a sua ligação com drogas, indo ao pormenor de indicar o dia em que se injectou pela primeira vez (17/Junho/77), assumindo a sua carreira e evidenciando orgulho nela ("Fui o gajo mais xutador" - a propósito do Demerol; diz também ser o único no Bonfim que "meteu" R. Calma - droga que desconhecemos...; e refere que "já meteu de tudo"). Conta também interessantes pormenores do quotidiano das drogas. Note-se, finalmente, que o seu padrão de gosto musical não evidencia o índice miscelânea e que as associações que faz com drogas incluem figuras carismáticas como Peter Tosh, Lou Reed (provavelmente o "rocker" com imagem mais ligada à heroína, dos que estão vivos) e o Sex Pistol Sid Vicious (com imagem também ligada à heroína, mas morto de overdose). É, tanto no índice miscelânea como no tipo de associações, uma lista típica do grupo masculino com contactos.

A lista 5. é dum jovem com profundos conhecimentos da música (também toca, e ouve música quotidianamente, afirmando que "sem ela não poderia viver"). A lista "música-droga" merece ser examinada com cuidado. Quebrando o protocolo, faz classificações espontâneas (p.e. o grupo da apologia da heroína, o obituário das drogas...), associa a visuais (a imagem dos Xutos e Pontapés, p.e.), destaca elementos que lhe permitem ler a droga nas músicas (ver referências a U Roy) e dá uma interpretação pessoal da associação entre a música e as drogas (ver comentário ao fundo, à direita). Revela, tal como nos casos anteriores, um grande conhecimento das várias subculturas - fala no "heavy metal", no "punk", na Jamaica (que informa, através de figuras do reggae,

importantes elementos expressivos da subcultura "freak" e do simbolismo das drogas leves).

Finalmente, a lista 6. é apresentada para marcar o que pode ser o contraste com os exemplos anteriores. O padrão de gosto musical exhibe o índice miscelânea e contém poucas enumerações (só duas na área rock, de nomes com larga audiência fora desta área e dos que mais se prestaram à apropriação pela música ligeira); não conhece associações música-drogas, e pela resposta que dá isso parece nunca ter ocupado o seu campo de atenção; a idade do sujeito (37 anos) não pode ser invocada para explicar a diferença com os tipos de lista apresentados anteriormente - temos listas de sujeitos desta idade completamente diferentes desta, assemelhando-se às listas 1. a 5. A diferença reside provavelmente na subculturação que se deu nestes e que está ausente no sujeito aqui em causa, evidenciando experiências juvenis muito diversas nos dois casos.

Concluiremos, no seguimento desta ideia, dizendo que não interpretamos os resultados exploratórios no sentido causalista que consistiria em dizer que "participação do ambiente rock leva às drogas". Pelo contrário, ao constataremos a associação música-drogas estamos a dar um indicador de caracterização do desenvolvimento duma dada subcultura juvenil que *fornece um suporte simbólico ao consumo de drogas* e que contribui provavelmente para fazer desta experiência uma vivência enquadrada e significativa, cuja perigosidade não pode ser vista como a consequência inevitável.



ANEXO V

GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO

Apresenta-se neste anexo a grelha de análise de conteúdo com que trabalhámos as histórias de vida.

Recolheram-se três histórias de vida, com 2 indivíduos de 32 anos e um de 30, cuja experiência pessoal ao longo dum grande período de tempo com drogas tornava muito significativas para o estabelecimento duma trajectória do fenómeno em Portugal. Não optámos pelas histórias de vida cruzadas, mas sim pelas histórias de vida únicas - daí termos explorado em profundidade poucas biografias, em vez de optarmos por obter um número razoável que permitisse compará-las.

Das três recolhidas, duas foram tratadas exaustivamente com análise de conteúdo, enquanto a outra serviu sobretudo para operacionalizarmos a grelha que agora apresentamos. Esta grelha é uma adaptação e um desenvolvimento pessoal (sobretudo no que respeita aos indicadores das categorias) duma grelha prévia, operacionalizada pelo C.P.C.D. em trabalhos anteriores.

Não utilizámos, para a escrita dos resultados, todas as inferências permitidas pelo tratamento das histórias de vida com esta grelha. Há, assim, direcções de análise que ficaram por explorar - mas não podíamos alargar indefinidamente o objecto de estudo. Optámos por utilizar as inferências que fossem relacionáveis com dados fornecidos com outras técnicas da pesquisa de terreno ou directamente informantes sobre os níveis da materialidade do objecto que havíamos identificado.

As três histórias de vida constituem-se assim num arquivo que pode ser retomado para prosseguir a investigação segundo outros eixos - como aliás o próprio teor das categorias da grelha deixará adivinhar.

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS	INDICADORES
TRAJECTÓRIA T		Mensagens que nos permitam esboçar uma trajetória social do fenómeno droga: elementos espaço-temporais, sociais, associações entre eles.
EXPERIÊNCIA VIVIDA E	ELEMENTOS BIOGRÁFICOS b	Referências diacrónicas ao seu percurso escolar, profissional, geral; mensagens adjetivas, indicadores subjectivos, com tonalidade afectiva; toda a referência à experiência pessoal, indicadores léxicos como "eu", "nós" ...; ritmos e hábitos de vida; implicações do consumo na organização quotidiana; iniciação/primeiros contactos/trajetória; tipos e efeitos das drogas - elementos experienciais efectivos; funções das drogas; locais de frequência; círculos de lazer;
	DAS DROGAS d	
	DOS GRUPOS JUVENIS gj	
SABER S	DAS DROGAS d	Em S cabe tudo o que releve da informação de teor cognitivo, e não, como em E do experiencial - p.e. estratégias para obtenção das drogas; sistema causal do o sistema causal do sujeito sobre o consumo/dependência; etc.
	DOS GRUPOS JUVENIS gj	Palavras/conceitos retirados do vocabulário das disciplinas científicas: farmacologia, sociologia, psicologia.
		Referência a grupos juvenis (palavras como "freak", referência aos visuais...); referência a elementos da subcultura juvenil: signos pop como locais "in", nomes de grupos rock.
ÉTICO E CULTURAL EC A	REACÇÕES SOCIAIS rs	Referências ao que pessoas ou instituições pensam de quem consome drogas; a sua consciência pessoal sobre as representações sociais dos outros acerca das drogas; referência aos seus sentimentos perante tais representações.
	IMAGENS CULTURAIS ic	
		A sua visão pessoal sobre o fenómeno droga; mensagens que impliquem julgamentos/atitude face a ele - tanto daquilo que vê como do seu próprio comport.

BIBLIOGRAFIA

- AGRA, C. da (1978). Notas sobre o congresso da problemática da droga. *Hospitalidade*, 162, 15-18
- AGRA, C. da (1980). *Déviance juvenile et toxicomanie - approches épistémologiques et historico-politiques*. Louvain: U.C.L.
- AGRA, C. da (1982 a). Epistemologia, ciência e patologia mental - desviância juvenil e toxicomania: um analisador epistémico. *Análise Psicológica*, 2, 529-546.
- AGRA, C. da (1982 b). A toxicomania: desordens bioquímicas e ordem social. *Psicologia*, 3, 71-78.
- AGRA, C. da (1986 a). *Science, maladie mentale et dispositifs de l'enfant. Du paradigme biologique au paradigme systémique*. Lisboa: I.N.I.C.
- AGRA, C. da (1986 b). Projecto de psicologia transdisciplinar do comportamento desviante e auto-organizado. *Análise Psicológica*, 4, 311-318.
- AGRA, C. da (1986 c). Adolescência, comportamento desviante e auto-organizado: modelo de psicologia epistemanalítica. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 2, 81-87.
- AGRA, C. da (1986 d). Para uma epistemopsicologia. *Revista de Psicologia e de Ciências da Educação*, 1, 17-27.
- AGRA, C. da (1989). *Sujeito, ciência e poder - esboço de epistemopsicologia*. (não publicado).
- AGRA, C. da (1987). A faculdade, a investigação e a comunidade. *Revista de Psicologia e de Ciências da Educação*, 2, Editorial.
- ANDRÉ, J. (1986). La nouvelle perplexité scientifique. *Autrement*, 82, 6-7.
- ARAÚJO, H. (1988). Procurando as lutas escondidas através das histórias de vida. Comunicação à I Conferência Internacional de Consulta Psicológica, Porto.
- ATKINSON, P. e HAMMERSLEY, M. (1983). *Ethnography - principles in practice*. Londres e Nova York: Tavistock Publications.
- BARDIN, L. (1979). *L'analyse de contenu*. Paris: P.U.F.
- BARRETO, J. (1982). *Rock & Droga*. Lisboa: Ed. & ETC.

- BARTHES, R. (1957). *Mythologies*. Paris: Editions du Seuil.
- BATESON, G. (1979). *Metadialogos*. Lisboa: Gradiva.
- BAUDRILLARD, J. (1987). La part maudite. *Le Courrier*, UNESCO, Julho, 7-9.
- BECKER, H. (1963). *Outsiders - studies in sociology of deviance*. New York: The Free Press of Glencoe, inc.
- BERGERET, T. e LEBLANC (1984). *Précis des toxicomanies* Paris: Masson.
- BERGERET, J. (1981). *Le psychanaliste à l'écoute du toxicomane*. Paris: Bordas.
- BOURDIEU, P.; CHANDOREDON, J.; PASSERON, J. (1968). *Le métier de sociologue*. Paris: Mouton/Bordas.
- BRAKE, M. (1985). *Comparative youth culture*. London e New York: Routledge & Keegan Paul Ltd.
- BUCHER, R. e COSTA, P. (1986). Questões cruciais no atendimento a toxicómanos. *Análise Psicológica*, 4, 197-214.
- CABRAL, J. (1983). Notas críticas sobre a observação participante no contexto da etnografia portuguesa. *Análise Social*, 76.
- CALVO, G. (1985). *Los depredadores audio-visuales. Juventud urbana y cultura de masas*. Madrid: Editorial Tecnos.
- CHARLES-NICOLAS, A. (1987). La dependence psychologique et ses traitements. *Science et Vie*, 160, sept.
- CLINARD, M. e MEIER, R. (1985). *Sociology of deviant behaviour*. 6ª Ed., CBS College Publishing.
- COLLIER, J. (1973) *Antropologia visual: a fotografia como método de pesquisa*. (Iara Ferraz e Solange Couceiro, trad.) S. Paulo: EPU, Editora da Universidade de S. Paulo. (Trabalho original publicado em 1967).
- COMAS, D. (1981). Para una sociologia de las toxicomanias. Panorama y alternativas metodológicas en el estudio de los aspectos sociales y culturales del consumo de drogas en España. Zaragoza: comunicação ao I Congresso de Sociologia, Set.

- COMAS, D. (1984). Las bases simbólicas de la conception del uso de drogas como enfermedad. San Sebastian: comunicação ao III Congresso da Antropologia.
- COMAS, D. (1985). *El uso de drogas en la juventud*. Barcelona: Publicaciones de Juventud y Sociedad, S. A.
- COMAS, D. (1986). Uso de drogas: del paradigma lewiniano al nuevo rol de las expectativas simbólicas. *Jano*, 30, 17-22.
- COMAS, D. e ROMANI, O. (1984). El antropólogo en el "Campo de las Toxicomanias". San Sebastian: comunicação ao III Congresso de Antropologia do Estado Espanhol, Abril.
- COOPER, D. (1974). *A gramática da vida*. Trad. portuguesa de 1979 p. editorial Presença, Lisboa.
- COPANS, J. (1974). *Críticas e políticas da antropologia*. Ed. 70, Lisboa.
- CRUARB (1989). Comunicação ao II Encontro Internacional de Municípios com Centro Histórico. Guimarães (Dactilog.)
- DELRIEU, A. (1988). *L'inconsistance de la toxicomanie*. Paris: Navarin Editeur.
- De MIGUEL, A. (1979). *Los narcisos - el radicalismo cultural de los jovenes*. Barcelona: Editorial Kairos.
- DIAS, A. (1978). Toxicomania e depressão: um modelo de compreensão nas vertentes individual e social. *Análise Psicológica*, 1, 11-16.
- DIAS, A. (1979). *O que se mexe a parar - estudos sobre a droga*. Porto: Afrontamento.
- DIAS, A. (1980). *A influência relativa dos factores psicológicos e sociais no evolutivo toxicómano*. Coimbra: F.P.C.E.U.C., tese de doutoramento.
- DIAS, A. e KEATING, M. (1987). Avaliação do programa de tratamento para toxicodependentes do C.E.P.D. de Coimbra. *Juventude e Toxicomanias*, 1, 14-20.
- DIAS, O. (1989). *O Porto a sorrir - ideias novas e recordações*. Lisboa: Editorial Caminho.
- ESCOHOTADO, A. (1989). *História de las drogas*. Madrid: Alianza Editorial.

- EVANS-PRITCHARD, E. (1972). *A antropologia social*. Lisboa: Ed. 70.
- ELLIS, A.; Mc Inerney, J.; Di GIUSEPPE, R. ; YEAGER, R. (1988). *Rational-emotive therapy with alcoholics and substance abusers*. Pergamon Press.
- FEIXA, C. (1986). Subcultura juvenil i Espai urbà - entre la casa i el pub. In Carles Feixa (ed.). *Els joves a la Lleida dels 80*. Lleida: Ajuntamento da Lleida.
- FEDXA, C. (1988). *La tribu juvenil - una aproximación transcultural a la juventud*. Torino: Editzioni d'Occhiello.
- FERNANDES, L. (1987). Relação amorosa e relação com drogas - os traços comuns das dependências. *Revista de Psicologia e de Ciências da Educação*, 2, 65-70.
- FERRAROTTI, F. (1981). *Histoire et histoires de vie*. Paris: Méridiens.
- FEYERABEND, P. (1975). *Against method*. London: NBL.
- FEYEREISEN, P. (1985). Les pratiques du psychologue de laboratoire. *Perspectives*, 5.
- FIRMINO DA COSTA, A. (1986). A pesquisa de terreno em sociologia. In Santos Silva e Madureira Pinto (Eds.), *A metodologia nas ciências sociais*. Porto: Afrontamento.
- FIRMINO DA COSTA, A. e GUERREIRO, M. (1984). *O trágico e o contraste - o fado no bairro de Alfama*. Lisboa: publicações D. Quixote.
- FOUCAULT, M. (1969). *Archeologie du savoir*. Paris: Gallimard.
- Gabinete de Planeamento Urbanístico da C. M. P. (1985). *Porto projecto cidade nova*. Porto: Inova/artes gráficas.
- GONZÁLEZ, C.; FUNES, J.; GONZÁLEZ, S.; MAYOL, I. e ROMANI, O. (1989). *Repensar las drogas*. Barcelona: GRUP IGIA.
- HALL, E. (1966). *The hidden dimension*. Double day
- HALL, E. (1981). Proxémique. In Yves Winkin (Ed.), *La nouvelle communication*. Paris: Ed. du Seuil.
- HALL, S. (1969). The hippies, an american moment. In J. Nagel. (Ed.), *Student power*. New York: Merlin Press.

- HOFFMAN, R. e LEDUC, J-M. (1978). *Rock babies - 25 ans de pop music*. Paris: Ed. du Seuil.
- INGOLD, F-R. (1984). La dépendence économique chez les heroinomanes. *Revue Internationale de Criminologie et de Police Technique*, 3, 331-335.
- INGOLD, F-R. (1986). *La prise en charge medicale des toxicomanes et le reseau sanitaire specialisé: essay d'évaluation*. Rapport au Ministre Delegué chargé de la famille et de la santé (brochura).
- INGOLD, F-R. (1987). La dépendence économique. *Science & Vie*, 160.
- ISCTE (1985). *A operação de renovação urbana da Ribeira-Barredo. Um trabalho de seminário sobre as questões urbanas na sociedade portuguesa*. Monografia final (Dactilog.)
- JERVIS, G. (1976). *La ideologia de la droga y la cuestión de las drogas ligeras*. Barcelona: ed. Anagrama.
- KAPLAN, C. e GRUND, J. (1989). Epidémiologie et ethnographie. *Rétrovirus - la Revue du SIDA*, 3, 83-89.
- KARDINER, A. (1939). *L'individu dans sa société, essay d'antropologie psychanalytique*. Paris: Gallimard.
- KIPMAN, S-D. (1987). Papa, maman, la drogue et moi. *Science & Vie*, 160.
- KUHN, T. (1970). *La structure des révolutions scientifiques*. Paris: Flammarion.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J-B. (1967). *Vocabulaire de psychanalyse*. Paris: P.U.F.
- LEBOVICI, S.; DIATKINE, R.; SOULÉ (1985). *Traité de psychiatrie de l'enfant et de l'adolescent*. Paris: P.U.F.
- LINCOLN e CUBA (1985). *Naturalistic inquiry*. Beverly Hills: Sage Publications.
- LIPOVETSKY, G. (1988). *A era do vazio*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- LOPES, E. (1987). Razões para a criação de instituições especializadas e considerações sobre estruturas adictivas. *Juventude e Toxicomanias*, 1, 21-22.

- LOWNEY, J. (1984 a). The role of a nonparticipant observer in drug abuse field research. *Adolescence*, 19, 425-434.
- LOWNEY, J. (1984 b). The wall gang. *Adolescence*, 19, 527-539.
- LOWNEY, J. (1984 c). Youth subculture. *Adolescence*, 19, 875-585.
- LÓPEZ, P. e SANJUÁN, M. (1983). *La droga - razones de su consumo por la juventud*. Madrid; Ed. Mezquita S. A.
- MAFFESOLI, M. (s. d.). *O conhecimento do quotidiano* Lisboa: Vega Editora.
- MALINOWSKI, B. (1966). *Crimen y costumbre en la sociedad salvaje*. Barcelona: Ed. Planeta - De Agostini.
- MATZA, D. (1969). *El processo de desviación*. Madrid: Ed. Taurus.
- MORRIS, R. (1968). *Urban sociology*. Londres: George Allen & Unwin, Ld^a.
- MOURA, A. (1980). Uma experiência de renovação urbana. Coimbra: comunicação ao encontro sobre a salvaguarda do património cultural.
- MOURA, A. (s. d.) Renovação urbana. Comunicação às I Jornadas Luso-Brasileiras do Património.
- NETO, D. (1988). Percurso terapêutico do toxicómano ou reflexões sobre o tratamento dos toxicodependentes em Portugal. *Juventude e Toxicomanias*, 2.
- NOWLIS, H. (1975). *A verdade sobre as drogas*. Lisboa: Edição do GPCCD.
- OBALK, H.; SORAL, A.; PASCHE, A. (1984). *Les mouvements de mode*. Paris: Ed. Robert Laffont.
- OLIEVENSTEIN, C. (1973). *Écrits sur la toxicomanie*. Paris: Ed. Universitaires.
- OLIEVENSTEIN, C. (1979). *No hay drogados felices*. Barcelona: Ed. Grijalbo.
- OLIEVENSTEIN, C. (1982) L'enfance du toxicomane. In Olievenstein (ed.), *La Vie du Toxicomane*. Séminaire de l'Hôpital Marmottan, Modules P.U.F.
- OLIEVENSTEIN, C. (1983). *La drogue ou la vie*. Paris: Ed. Robert Laffont.

OLIEVENSTEIN, C. (1987). Le destin d'un toxicomane: une histoire à la manque. *Science et Vie*, 160.

ONU (1988). *As nações unidas e a droga - documentos adaptados na Conferência de Viena*. Lisboa: Edição do GPCCD.

PACHECO, H. (1984). *Porto*. Lisboa: Ed. Presença.

POIRIER, J.; CLAPIER-VALLADON, S.; RAIBAUT, P. (1983). *Les récits de vie - théorie et pratique*. Paris: PUF.

PORTELA, J. (1985). Observação participante (reflexões sobre uma experiência). *Cadernos de Ciências Sociais*, 3, Junho.

PRIGOGINE, I (1979). *La nouvelle aliance*. Paris: Gallimard.

ROGERS, C. (1961). *Tornar-se pessoa*. Trad. portuguesa de 1985. Lisboa: Moraes Editores.

ROMANI, O. (1982). *Droga i subcultura. Una història cultural del "haix" a Barcelona (1960 - 1980)*. Tese de doutoramento, departamento de Antropologia Cultural da Universidade de Barcelona, não publicado.

ROMANI, O. (1983). *De peito aberto*. S. Paulo: Editora Brasiliense.

ROMANI, O. (1984). Cultura, subcultura i contracultura. Barcelona: comunicação aos Debats Monogràfics Preparatoires de l'Any Internacional de la Juventud, Fev. (dactilografado).

ROMANI, O. (1985). Perqué els temps estan canviat... In D. Llopart, J. Pratt, L. Prats, (ed.) *La cultura popular a debat*. Barcelona: Ed. Alta follia.

ROMANI, O. e FUNES, J. (1985). *Dejar la heroína*. Madrid: Ed. Cruz Roja Española.

SALVADO-RIBEIRO, J. (1986). *Contributo para o estudo psicopatológico da personalidade do toxicómano*. Não publicado.

SAMPAIO, D.; GAMEIRO, J.; FAZENDA, M.; CAMILO, M. (1978). Famílias de farmaco-dependentes: observações preliminares. *Análise Psicológica*, 1, 17-23.

- SANDAY, P. (1979). The ethnographic paradigm(s). In John Van Maanon (ed.) *Qualitative Methodology*. Beverly Hills/London: Sage Publications.
- SANTOS, B. (1987). *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Ed. Afrontamento.
- SEDLER, J. e ZEIDENBERG, P. (1982). The pharmacological treatment of the addictive disorders. In G. Nahas (ed.), *Drogue et civilization, refus social ou acceptance*. Paris: Pergamon Press France.
- SILVA, A. e PINTO, J. (1986). Uma visão global sobre as ciências sociais. In S. Silva e J. Pinto, *A Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento.
- SOMMER, B. (1984). The troubled teen: suicide, drug use and running away. *Woman & Health*, 9, 117-141.
- STEVENSON, B. ROSCOE, B. ; BROOKS, R.; KELSEY, T. (1987). Profiles of mod revivalists. *Adolescence*, 22, 393-404.
- THILL, J. G.; FELTZ, B.; LEGRAND, M.; MARCHAL, P. NAM, T.; SMEESTERS, P. (1980). *L'invention socioépidémiologique*. Tome I. Namur: Facultés Universitaires de Namur.
- THINÈS, G. (1978). *Fenomenologia y ciencia de la conducta*. Madrid: Ediciones Pirâmide.
- TORBADO, J. (1969). *La europa de los jovenes*. Madrid: Ed. Nova Terra.
- VALA, J. (1986). A análise de conteúdo. In Santos Silva e Madureira Pinto (ed.) *A metodologia das ciências sociais*. Porto: Afrontamento.
- VICENTE, T.; CABRITA, M.; MENDONÇA A. (1979). Transplantação, identidade e toxicomania. In *Actas do I Congresso Português de Psiquiatria da Adolescência*.
- WILLIAMS, A. (1980). Conservation planning in Oporto - an integrated approach in the Ribeira-Barredo. *Town Planning Revue*, 51, 177-194.
- WILLIS, P. (1983). The cultural meaning of drug use. In S. Hall e T. Jefferson, (Eds.) *Resistance trough rituals. Youth subcultures in post-war Britain*. London: Hutshinson.